

Sarah Wallis e Svetlana Palmer

ÉRAMOS JOVENS NA GUERRA

Cartas e diários de adolescentes
que viveram a Segunda Guerra Mundial



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sarah Wallis e Svetlana Palmer

ÉRAMOS JOVENS NA GUERRA

Cartas e diários de adolescentes
que viveram a Segunda Guerra Mundial

Tradução
Clóvis Marques



Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

We Were Young and at War

Capa

Thiago Lacaz

Imagem de capa

Latinstock/Corbis

Preparação

Diogo Henriques

Revisão

Rita Godoy

Eduardo Carneiro

Joana Milli

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W186e

Wallis, Sarah

Éramos jovens na guerra [recurso eletrônico] : cartas e diários de adolescentes que viveram a Segunda Guerra Mundial / Sarah Wallis, Svetlana Palmer ; tradução Clóvis Marques. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.

recurso digital

Tradução de: *We were young and at war*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

240 p. ISBN 978-85-390-0631-1 (recurso eletrônico)

1. Guerra Mundial, 1939-1945 - Participação de jovens. 2. Guerra Mundial, 1939-1945 - Narrativas pessoais. 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Aspectos sociais. 4. Livros eletrônicos. I. Palmer, Svetlana. II. Marques, Clóvis. III. Título.

CDD: 940.5481

CDU: 94(100)'1939/1945'

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prefácio](#)

[Primeira Parte](#)

[CAPÍTULO 1 - A invasão alemã da Polônia](#)

[CAPÍTULO 2 - A invasão alemã da Europa Ocidental](#)

[CAPÍTULO 3 - Sob ocupação alemã](#)

[CAPÍTULO 4 - A invasão da Rússia](#)

[CAPÍTULO 5 - A guerra se globaliza](#)

[CAPÍTULO 6 - O Holocausto](#)

[Segunda Parte](#)

[CAPÍTULO 7 - Depois de Stalingrado](#)

[CAPÍTULO 8 - Dentro da Alemanha](#)

[CAPÍTULO 9 - Esperando a Liberação](#)

[CAPÍTULO 10 - Dentro do Japão](#)

[CAPÍTULO 11 - A Alemanha em retirada](#)

[CAPÍTULO 12 - Os últimos meses da guerra](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimento](#)

[Bibliografia](#)

Para Miriam, Claude e Hilda
Para Ben, Eleanor, Joel, Lukas, Sergei e Tristan

Prefácio

Se por um lado o diário de Anne Frank é ainda hoje o diário infantil mais conhecido em todo o mundo, por outro, vários relatos de jovens que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial foram em grande parte esquecidos ou não são conhecidos fora de seu país de origem. Mas essas anotações esmaecidas em papel amarelado, redigidas às escondidas, longe da vigilância dos pais e do alcance do inimigo, nos dizem muito do que era crescer durante essa guerra. Em tom íntimo e muitas vezes mais direto que o dos diários de adultos, eles representavam um espaço de confidências e questionamentos, de preservação da dignidade ou da independência de espírito e pensamento.

Os diários e as correspondências que se seguem foram escolhidos pelo caráter único das narrativas pessoais e a qualidade do texto. Embora buscássemos inicialmente diários que acompanhassem os autores na adolescência e até o fim da guerra, logo constatamos que, ao contrário do que acontece na ficção, os diários da vida real nem sempre atendem a tais expectativas. Embora alguns abarquem todo o período do conflito, outros têm início mais tarde ou apresentam grandes lacunas; alguns poucos terminam de maneira abrupta, muitas vezes indicando a brevidade da vida do autor. Em alguns desses diários faltam partes; não deixa de ser um milagre que alguns deles tenham chegado até nós. Entre as cartas incluídas, muitas são eloquentes pelas próprias omissões, assim como pelo tom adotado pelo autor.

Apesar de organizado cronologicamente, este livro não pretende ser uma história da guerra. Em vez disso, é um livro conduzido pelas histórias dos autores, contextualizadas pelos fatos históricos e entrelaçadas para ressaltar os paralelismos e confrontos de ideias e emoções, não raro surpreendentes, daqueles que se viram apanhados nesses acontecimentos históricos, algumas vezes em lados opostos do conflito, ou a milhares de quilômetros de distância uns dos outros. Nenhum dos autores desses diários pode ser considerado representativo de seu país: alguns sucumbiram às ideias que lhes eram inculcadas pelos adultos ou pelo Estado, outros confundem nossas expectativas; muitos, por outro lado, talvez esclareçam por que as guerras são combatidas pelos jovens.

Depois de anos de coleta, tradução e pesquisa dessas histórias, sentimos-nos muito próximas desses memorialistas. Isto se deve não só ao tempo que passamos com eles, mas também à natureza de seus depoimentos, tão francos e com frequência tão corajosos; eles abordam temas desagradáveis e revelam muito de si mesmos.

Sarah Wallis e Svetlana Palmer, Londres, 2009

Primeira Parte

A invasão alemã da Polônia

Setembro-outubro de 1939

“Veremos o que acontece comigo...”

No verão de 1939, governos de toda a Europa contavam ainda com a possibilidade de evitar ou pelo menos adiar uma guerra. Embora a França e a Grã-Bretanha não tivessem reagido quando Hitler anexou a Áustria em março de 1938 e os Sudetos tchecos em setembro, um limite foi imposto às reivindicações de Hitler sobre a Polônia. Na esperança de que sua aliança pudesse deter o inimigo, os dois países prometeram socorrer a Polônia se a Alemanha a invadisse. Mas seu cálculo se revelou equivocado. Às 4h45 de 1º de setembro de 1939, 1,5 milhão de soldados alemães e 2.700 tanques começaram a atravessar a fronteira da Polônia.

Tendo recuperado sua independência no fim da Primeira Guerra Mundial, a Polônia era um símbolo vivo da humilhante derrota da Alemanha e das perdas territoriais que sofrera em consequência do Tratado de Paz de Versalhes, em 1919. Durante quase vinte anos, a Polônia abrigara 700 mil cidadãos de origem alemã, mas prevalecia um clima de animosidade, agravado quando milhares de alemães foram transferidos compulsoriamente para o interior ao se aproximar a guerra, para que não dessem apoio aos invasores. Agora, Hitler exortava seus comandantes a libertar seus semelhantes “arianos”, mandando “todo homem, mulher e criança de ascendência e língua polonesas para a morte, sem piedade nem remorso”. Uma vez conquistada, a Polônia seria esvaziada e voltaria a ser povoada com a “raça ariana superior e pura”.

País de muitas minorias étnicas, a Polônia também abrigava 3 milhões de judeus, a maior comunidade judaica da Europa. Ante a notícia da invasão alemã, milhares deles fugiram, conscientes das ameaças de Hitler de “aniquilar a raça judia na Europa”. Enquanto seus vizinhos fugiam, o adolescente judeu polonês Dawid Sierakowiak, de 15 anos, e sua família decidiram permanecer em sua cidade, Łódź, no centro do país. Sem economias para financiar uma fuga e inseguros quanto ao rumo a tomar, eles decidiram enfrentar seu destino na cidade.

Aos 16 anos, o adolescente polonês Edward Niesobski, da pequena cidade fronteiriça de Ostrów, no oeste da Polônia, sabia que a guerra era iminente. Integrante do Movimento de Escoteiros da Polônia, que promovia o espírito de independência nacional entre os jovens, Edward há meses vinha se submetendo a um treinamento paramilitar, esperando ser capaz de defender o país quando chegasse o momento.

Dawid Sierakowiak registrou suas ideias e experiências no diário que começara a redigir naquele verão, mas Edward Niesobski só começou a escrever no próprio dia da invasão alemã. Aguardando

instruções do chefe de seu grupo de escoteiros quanto ao plano de ação e o papel que teria de desempenhar, Edward deixou registrado o flagrante contraste entre sua imagem romântica da guerra e os fatos concretos daquele momento.

1º de setembro de 1939

A semana toda estamos esperando que algo grave aconteça. As pessoas se reúnem em grupos por toda a cidade, conversando; reservistas foram convocados; os soldados confiscam casas e automóveis. Não vamos permitir que o inimigo nos submeta sem luta. Nosso grupo de escoteiros também está em alerta total. Na tarde de quarta-feira, foram afixados cartazes alertando os cidadãos para que estejam absolutamente preparados. A mobilização começou na quinta-feira. Minha mãe e meus irmãos já deixaram a cidade, mas eu fiquei com meu pai. Hoje, por volta das cinco horas da manhã, foi disparada uma sirene; e vieram então os ataques aéreos. Já começou. Os insaciáveis guerreiros alemães tomam territórios com suas garras vazias. Eles querem tirar de nós todos os nossos locais mais queridos: a província de Poznán, a Silésia e a Pomerânia. O país inteiro levanta-se hoje como um homem só para combatê-los.

Aviões alemães fazem círculos no céu como falcões negros. Seu ronco é a voz da morte. Esta manhã, vi grandes grupos de pessoas vindo do outro lado da fronteira. Elas disseram que foram atacadas na noite passada pelos vizinhos alemães! Por isso é que deixaram suas casas e vieram para o nosso lado da fronteira, em certos casos mal tendo tido tempo de se vestir. Alguns vieram de bicicleta, outros a cavalo ou em carroças carregadas com seus bens mais valiosos. Não me surpreende tanto assim que certas pessoas que vivem na fronteira afirmem agora que são alemãs. Todo mundo tem direito de dizer quem é, e se você é alemão, é alemão. Mas o fato é que se trata dos mesmos alemães que têm comido nosso pão nos últimos vinte anos, que viveram em nosso país por todo esse tempo. Eles tentaram nos impedir de reconstruir a Polônia depois da última guerra e agora apontam armas para o nosso peito, armas que guardavam escondidas todo esse tempo. Mas nós, o povo polonês, não vamos perdoá-los. Eles deviam ter muito ódio dentro deles. Mas eu não tenho medo da guerra, pois acredito que vamos vencer e acredito que, depois de mil anos de lutas com nosso pior inimigo no Ocidente, haveremos de destruí-lo, de uma vez por todas. “Os alemães não cuspirão no nosso rosto nem tornarão alemães os nossos filhos”, diz a canção. Nossos irmãos do outro lado da fronteira não mais sofrerão sob o jugo alemão. De modo que estou realmente muito feliz.

O governo inteiro de Ostrów foi evacuado de trem. A maioria da população também fugiu. Nosso Exército move-se para outras posições. Tudo indica que Ostrów se renderá sem luta. Mas isso não me preocupa realmente, tenho certeza de que faz parte do nosso plano militar...

Já é de tarde e empacotei a maior parte das minhas coisas, só para me prevenir. No início, eu não queria deixar a cidade, mas, assim que papai voltou, tratou de juntar suas coisas, até a vara de pesca, e me convenceu de que deveríamos pegar o último trem.

Eu sei que jamais desistiremos, por mais difíceis que as coisas fiquem. Ainda assim, o que aconteceu em seguida me deixou pensativo. À noite, as pessoas já não estavam apenas partindo, mas tratando de correr para salvar próprias vidas. Por volta das 23 horas, todos os soldados que ainda permaneciam começaram a bater em retirada, destruindo todas as pontes por que passavam. As pessoas fogem sem saber para onde estão indo. Somos instruídos a fugir, mas para onde, e por quê? (...)

(...) Conseguimos pegar o último trem. Do último vagão, eles destruíam os trilhos que ficavam para trás. Todo mundo está chocado com a quantidade de armas e munições que o pessoal de origem alemã

tinha guardada. Onde é que as escondiam? Como é que nossos militares não as encontraram? Nós buscávamos pequenas pistas, mas aparentemente deixávamos passar as grandes. E agora estamos vendo os resultados de nosso descuido. O céu atrás de nós está vermelho. Ouvimos tiros a distância, e estamos quase chegando a Czekanow. E aqui vamos ficar até as três da manhã.

Enquanto as forças terrestres e aéreas alemãs atacavam simultaneamente do sul, do oeste e do norte, Edward e o pai fugiram para leste, em direção a Varsóvia.

2 de setembro de 1939

Pela manhã, chegamos a Kalisz, mas todo mundo também estava sendo evacuado. Nosso trem foi perseguido por aviões alemães o dia inteiro. Eu não estava com medo, até que vi o que eles podiam fazer. Vi esqueletos carbonizados em trens incendiados — aquelas tinham sido pessoas. Vi pessoas sem braços nem pernas, vi uma cabeça rolando para um canal, vi tripas humanas penduradas em fios telefônicos. Quando a gente ouve gemidos de moribundos, e crianças chorando, e momentos depois vê um avião bem em cima jogando bombas, só se pode mesmo esperar a morte. Não dá mais para se preocupar com os moribundos ou os órfãos. Hoje são eles, mas amanhã poderá ser a nossa vez. Fiquei muito triste de imaginar que posso ter de morrer longe das pessoas que amo. Era a única coisa que me importava.

Também houve cenas divertidas hoje. Toda vez que éramos bombardeados, um casal de jovens saltava do trem e corria para a plantação de batatas, pois aparentemente alguém lhes tinha dito para se afastarem pelo menos 300 metros quando o trem estivesse sendo atacado. Desse modo, toda vez que o trem recomeçava a andar, eles precisavam correr feito loucos para subir a bordo de novo. Passamos a noite em Sieradz.

3 de setembro de 1939

Filas de carroças puxadas por animais nas ruas, todo mundo está fugindo dos alemães, os aldeões têm mais medo deles que do próprio diabo, ou pelo menos tanto quanto. Seja como for, o diabo está sempre vestido como um alemão nas imagens que veem. Para onde vão todas essas pessoas? Elas não têm a menor ideia. E quantas voltarão, para encontrar em ruínas a casa da família?

Numa estação depois de Sieradz, nosso trem recolheu os primeiros feridos. Essas pessoas cobertas de sangue são a primeira colheita da safra da guerra — e pensar que tudo isso foi causado por uma única pessoa, Hitler. Quando se corta madeira, sempre sobram lascas, como diz o ditado.

Nosso trem para ao se aproximar de Łódź. As pessoas olham para cima para ver se enxergam no céu os mensageiros da morte, chegando para transformar nossos vagões em caixões. E então eles aparecem. Primeiro, ouvimos os motores e depois os vemos, como falcões negros. Eles estão voando em direção ao aeroporto de Łódź, ao que parece. Vemos três dos nossos pássaros prateados poloneses a persegui-los. Os pesados falcões vão subindo cada vez mais, lentamente. São nove. Nossos pássaros aproximam-se pelos lados, dois deles encostam nas caudas alemãs. Depois de algum tempo, dois aviões alemães caem, soltando fumaça; os demais fogem. Ficamos todos muito felizes. Nosso coração se enche novamente de esperança por ver o que nossos pássaros prateados podem fazer com os falcões deles. O trem começa a se mover, mas, ao chegarmos à estação de Łódź, somos novamente atacados e corremos para nos proteger. No abrigo subterrâneo ouvimos o barulho dos canhões antiaéreos, o som dos aviões e das

explosões. Aquele lugar podia ser nosso túmulo, seremos enterrados vivos se ele desmoronar em nossas cabeças. Este pode ser o fim.

Ouvimos pelo rádio que a Inglaterra declarou guerra à Alemanha, mas a notícia é um terrível choque: por que só agora? Os alemães já atravessaram o rio Varta, milhares de cidades foram bombardeadas, milhares de aviões alemães sobrevoam todo o nosso país. Vocês deviam ter socorrido a Polônia desde o início! O céu está completamente vermelho ao norte, onde a fábrica de bebidas foi incendiada. Dormimos na estação ferroviária.

A alguns quarteirões da estação ferroviária de Łódź, Dawid Sierakowiak, 15 anos, também se abrigava do ataque alemão.

3 de setembro de 1939

Meia-noite e meia, sirene de ataque aéreo. Não paro de praguejar. Lá fora está frio, escuro, horrível. No abrigo, brincávamos um pouco, mas, como sempre, as mulheres começam a gritar conosco: “Estamos em guerra, sabiam? Não é uma festa!” Saímos para a rua. Melhor enfrentar o frio e as bombas que ficar com essas megeras! Viva o humor, abaixo a histeria!

A sirene para, nós vamos dormir, mas às cinco da manhã tudo começa outra vez. Tateio em busca de roupas (está frio, ainda estou meio adormecido) e saio correndo na direção da lareira. Tudo tranquilo até nove horas, a sirene parou. Depois, estou de serviço. Esquentou. Por toda parte, as pessoas amontoam terra ao redor dos porões. Estão cavando a grama com pás. Os representantes do nosso prédio se reúnem, conversamos, contamos piadas bobas e fazemos uma vaquinha. Três de nós saem e voltam com 300 gramas de sementes. Elas são divididas fraternamente, sendo algumas oferecidas às meninas e crianças pequenas que estão por perto. De repente, soa uma sirene. Descemos para nos proteger, eu leio em voz alta meus esquetes de comédia. Começa a ficar abafado, e nós subimos ao terceiro andar. De repente, boas notícias. O rádio informa que a Inglaterra declarou guerra à Alemanha. Nós gritamos de alegria e saímos correndo para dar a boa notícia, apesar da sirene. O rádio transmite “God Save the King”, “A Marselhesa” e “A Polônia ainda não foi perdida” [o hino nacional polonês]. Uma sensação boa.

Depois do jantar, outra sirene. O primeiro grande ataque aéreo a Łódź. Doze aviões em formações triangulares romperam as linhas de defesa e estão bombardeando a cidade. Estamos de pé ante a entrada de nossos apartamentos, assistindo à batalha. Pequenas nuvens de fumaça se formam ao redor dos aviões, em consequência dos tiros disparados por nossa artilharia antiaérea. A esquadrilha consegue escapar, e vemos então nuvens de fumaça provenientes de alguma parte do centro da cidade. Bombas incendiárias! Logo vemos fumaça em outras partes também. De repente, vemos os aviões vindo em nossa direção. Aterrorizados, resistindo à vontade de ficar vendo, nos protegemos na escada e saímos de novo, repetindo esse vaivém cerca de vinte vezes em cinco minutos. Três aviões passam por cima de nossas cabeças, parece que vamos ser bombardeados, mas não. Damos um suspiro de alívio. Passam os três seguintes, que também nos deixam em paz. Os outros aviões desaparecem. O perigo passou, pelo menos por enquanto. Contamos o que aconteceu às mulheres aterrorizadas, nervosas, no abrigo. Algumas trazem crianças pequenas nos braços. É uma cena realmente comovedora. De repente, um representante da vizinhança usando máscara de gás entra correndo para informar que jogaram gás em vários pontos da cidade. O pânico se instala. Os sortudos donos de máscaras de gás levam-nas ao rosto, outros lançam mão dos estoques de gaze. Lá fora está esfriando e começa a ventar. Tocamos o gongo para soar o

alarme. Tumulto, medo, comoção. Finalmente tudo se acalma. Ficamos sabendo que o aviso sobre o gás era um alarme falso.

A notícia da noite é tão bem-vinda quanto a da manhã: a França e a Austrália entraram na guerra! E os soldados poloneses continuam resistindo em Westerplatte, impedindo que os Krauts¹ deem mais um passo sequer, muito embora estejam em inferioridade numérica. E a estação de Zbszyń foi tomada de volta aos alemães! Damos boa-noite e vamos nos deitar cheios de alegria.

4 de setembro de 1939

Duas sirenes durante a noite. Fazia um frio do cão. Juntamo-nos no abrigo, nos aquecendo uns aos outros para dormir. Essa história toda de guerra começa a ficar cansativa e chata. Hoje eu dormi até as dez da manhã. O tempo estava bom e ensolarado, depois da noite fria. Depois da terceira sirene, recebemos uma notícia chocante, mas boa. Os alemães torpedearam um navio inglês de passageiros com centenas de cidadãos americanos ricos e influentes. Morreram oitocentas pessoas! Roosevelt já disse que os Estados Unidos não ficarão neutros na guerra, antes mesmo de isto acontecer. Que dirá agora? Todas as sirenes de ataque aéreo hoje foram alarmes falsos. Eu não tenho o que fazer. Ficamos sentados conversando, flertamos com as moças — segunda-feira finalmente voltamos às aulas!

Esperando novas notícias da ajuda dos Aliados, Dawid permaneceu em Łódź. Mas o presidente Roosevelt reagiu, garantindo aos cidadãos americanos que os Estados Unidos se manteriam neutros, apesar do ataque. No dia seguinte, Edward Niesobski tentou localizar o resto de sua família.

4 de setembro de 1939

Esta manhã, comecei a procurar minha mãe. O distrito de Mazev tem 12 aldeias, de modo que tive de me informar para tentar encontrar seu endereço. Meu pai tomou um trem de volta a Łódź para se alistar no Exército. Há postos de controle em todas as pontes. Não consegui informações no primeiro lugar aonde fui mandado. A prefeitura está enfrentando o problema dos refugiados que precisam de teto, mas não parece fazer muito esforço. Havia lá um grande cartaz convocando os soldados a se alistarem. Dizia que nosso eterno inimigo ameaçava nosso direito à vida e à liberdade, convocando todos a lutar. Fez com que eu me sentisse seguro de que vamos vencer.

A busca por minha mãe não deu resultado hoje. Ela não estava em nenhuma das aldeias que visitei até agora, e então decidi passar a noite na quinta. Começo a perder toda esperança de voltar a vê-la.

5 de setembro de 1939

Voltei a Mazev esta manhã para procurar mamãe. Faltavam apenas quatro aldeias na minha busca. À tarde, tomei emprestada uma bicicleta e fui a Leczyca procurar por ela. Já devia ter percorrido uns 8 quilômetros quando de repente ouvi alguém me chamar. Voltei-me — e lá estava minha mãe!!! Minha busca finalmente chegou ao fim. Que sorte termos nos reencontrado!

Duas horas depois, voltamos a Osendowice, onde mamãe está hospedada. A primeira coisa que fiz foi tomar um bom banho, o que não fazia desde 1º de setembro! Já estava escuro quando ouvi uma voz, não uma voz qualquer, era o meu pai!!!! Ele estava à nossa procura, vinha lá de Łódź, e finalmente nos

reuníamos todos de novo. Minha irmã Krysia foi quem ficou mais feliz. Ela deve ter pensado que os alemães tinham comido todos nós. Claro que não, pois os alemães não comeriam carne magra como a nossa.

À medida que o exército alemão se aproximava de Łódź, o governo polonês convocou todos os homens com idade entre 16 e 60 anos a se alistarem na defesa de Varsóvia. Com um ano a menos que a idade de mobilização, Dawid foi arrolado na defesa antiaérea.

6 de setembro de 1939

Meu Deus! Mas o que está acontecendo? Pânico, êxodo em massa, derrotismo. A cidade foi abandonada pela polícia e outras instituições do Estado e simplesmente espera aterrorizada a entrada das tropas alemãs. Que houve com as pessoas? Elas não podem simplesmente ficar paradas, correndo em círculos por medo e confusão, trocando móveis gastos de lugar por motivo algum. Meu serviço termina à uma hora da manhã. Vou acordar Rysiek para o turno seguinte. Ele está pessimista, é por ele que fico sabendo dos supostos planos de evacuar a cidade. Ele conta que no escritório em que seu pai trabalha tudo foi empacotado e que logo vão deixar Łódź. Mas como? Fico sabendo que os alemães vão tomar a cidade a qualquer momento.

Correr, fugir, sempre mais longe, passo a passo, em travessias difíceis, chorar, esquecer — qualquer coisa para ficar o mais longe possível do perigo. Minha querida mãe, tão sensível, demonstra autocontrole. Reconforta a sra. Grodzieńska e a dissuade de seu plano enlouquecido de fuga, acalmando aos poucos a psicose de uma multidão a ponto de ser trucidada. Papai está perdendo a cabeça, não sabe o que fazer. Outros vizinhos judeus vieram conversar. Comentam a ordem a todos os capazes de carregar armas para que deixem a cidade, para não serem mandados para campos de trabalho pelo inimigo. Eles não sabem o que fazer. Discutem e acabam decidindo ficar onde estão. As pessoas estão indo embora o tempo todo: hordas de homens se encaminham para um ponto de convergência em Brzeziny. Reservistas e recrutas estão deixando a cidade. Atrás deles, mulheres carregando cobertas, roupas e alimentos em trouxas nas costas. Crianças pequenas vão com elas. Todos os nossos oficiais de comando deixaram a cidade e seus postos, e assim designamos a nós mesmos, de brincadeira, e sustentamos a coisa até meio-dia.

8 de setembro de 1939

Łódź foi ocupada. A cidade esteve tranquila o dia inteiro, tranquila demais. Esta tarde, eu estava sentado no parque, fazendo o retrato de uma das garotas, quando de repente chega uma notícia terrível. Łódź se entregou! Patrulhas alemãs estão na rua Piotrkowska. Medo, surpresa — rendição sem luta? Talvez seja apenas uma manobra tática. Veremos. Enquanto isso, não se conversa mais, as ruas estão vazias, os rostos e os corações se endureceram em ódio e carrancuda severidade. O sr. Grabiński volta da cidade e conta que os alemães de lá cumprimentam os compatriotas. O Grand Hotel, onde ficarão os generais, foi enfeitado com guirlandas de flores. Civis — rapazes e moças — pulam em tanques militares gritando alegremente “Heil Hitler!”, falando alemão em voz alta no meio da rua. Pessoas que eram tranquilas, patriotas e civilizadas mostram sua verdadeira face. As luminárias de rua voltaram a ser acesas à noite. Não há mais perigo de ataques aéreos.

Naquela noite, enquanto as tropas alemãs eram recebidas com dança e fogos de artifício em Łódź, centenas de judeus eram mortos a fogo numa sinagoga em Bedzin, pouco mais de 160 quilômetros ao sul da cidade. Dezenas de cidades polonesas estavam em chamas, mas, apesar das “medidas de limpeza” dos alemães contra milhares de poloneses e judeus, a Grã-Bretanha e a França descartaram a possibilidade de socorrer prontamente o país, pois também estavam sob a pressão da mobilização de guerra.

9 de setembro de 1939

De manhã, um aviso foi afixado em polonês e alemão (alemão primeiro!), pedindo calma quando as tropas alemãs entrassem na cidade. Assinado: Comitê dos Cidadãos de Łódź. Mais tarde, fui um pouco mais longe para ver a chegada das tropas. Muitos tanques, os soldados parecem perfeitamente normais, mas com uniformes diferentes dos uniformes poloneses — os deles são de um verde-aço. Eles têm uma expressão confiante, cheia de fanfarronice. Os conquistadores! Um tanque cheio de oficiais de alta patente e rostos austeros vem passando, rápido como um raio. As pessoas estão tranquilas, observam impassíveis. Silêncio! Voltamos aos nossos prédios e nos sentamos nos bancos, conversando e brincando. Mas que droga!

13 de setembro de 1939

O feriado de Rosh Hashanah [véspera do Ano-Novo judeu] é triste, sombrio, igual a qualquer outro dia. O mesmo pão seco com um pedacinho de arenque (a única coisa diferente dos outros dias). Chegou hoje a ordem de que as lojas abram amanhã. Para os judeus, é o pior golpe em muito tempo — as lojas abertas no Rosh Hashanah! E as sinagogas ficarão fechadas. Não teremos onde rezar juntos por misericórdia, nada. Todas as nossas liberdades fundamentais nos estão sendo tiradas. Não sou um tradicionalista e sempre achei libertador escapular das orações, mas essas ordens são dolorosas para os judeus. Agora entendo o que a fé proporciona aos fiéis — eles ficam em paz, serenos. Tirar o único consolo de um homem, sua fé, e proibir uma religião que é afirmação de vida é um crime imperdoável. O povo judeu não permitirá que Hitler saia imune disso. Nossa vingança será terrível.

15 de setembro de 1939

Pela primeira vez mamãe foi comprar pão e voltou sem nada. Ela se levanta às cinco horas e fica na fila até as sete, quando a padaria abre, distribuindo pães de um quilo. É assim há uma semana. Hoje não havia mais pão quando chegou a vez dela. Talvez seja preciso entrar na fila à uma da manhã. Na cidade, os agentes de Hitler tiram judeus das filas de comida, pois assim os judeus pobres que não têm empregada [polonesa] são condenados à morte por fome. É o humanitarismo alemão do século XX! Os Rabinowicz voltaram hoje de suas perambulações com os vizinhos. Estão com uma aparência terrível. Seus dois filhos estavam em outra carroça e não voltaram. Ninguém sabe onde estão. Eles falam de trocas de tiros, da procura por lugares para dormir, de caminhadas a pé por quilômetros, de perigos e tudo o mais. Eu fico todo arrepiado. Mas também há momentos divertidos. Em qualquer lugar é possível encontrar humor. Riso no meio da calamidade.

A própria Varsóvia estava sob constante fogo de artilharia e implacável bombardeio aéreo, e depois de duas semanas na estrada a família de Edward decidiu voltar para casa. Chegando a uma tranquila aldeia ao sul da capital, detiveram-se alguns dias para descansar.

15 de setembro de 1939

Na noite passada, os alemães ocuparam todos os lugares que abandonamos. Mandaram primeiro os tanques, que se locomoveram bem depressa pelas calçadas, evitando assim a areia que espalhamos nas pistas para atrasá-los.

Eles montaram acampamento perto da floresta, cercados de metralhadoras e tanques. Seus uniformes são feitos de um tecido verde-acinzentado. Os capacetes são perfeitamente lisos. Eles ostentam suásticas e águias e se vestem de preto e branco, as cores nacionais da Alemanha.

Os moradores das aldeias mudaram de lado com a rapidez de um raio: da noite para o dia, tornaram-se alemães. Fazem reverência quando veem um oficial alemão na rua. Os alemães olham para eles com desprezo, mas eles não parecem se importar. Os soldados alemães circulam pedindo cigarros e tabaco, e as moças da aldeia flertam com eles, empetecadas com suas roupas de domingo. Eu procuro evitar ver essas coisas, e assim durmo na estrebaria.

17 de setembro de 1939

Fomos nos deitar vestidos, mas não conseguimos dormir por causa dos tiros. De manhã, os aviões alemães haviam acuado nossa infantaria de volta à floresta. Atiraram em nossos soldados, e civis também atiraram neles. É tudo uma perfeita bagunça. À noite, eu decidi que precisava dormir um pouco. Estava cansado demais para me preocupar com o que poderia acontecer.

Enquanto Edward perdia os acontecimentos daquele dia em Łódź, Dawid registrava todas as notícias que podia, mas reconhecia estar confuso.

17 de setembro de 1939

Ficamos sabendo hoje que nosso ginásio foi na verdade dissolvido. O Ginásio Número 1 está sendo fundido com a escola de meninas. Os prédios foram ocupados. Sinto-me tomado pelo desespero. À tarde, estava caminhando com [minha amiga] Jadzia quando Marek veio correndo em nossa direção com notícias estranhas e assustadoras. A Rússia rompeu o pacto de não agressão com a Polônia e ocupou nossas regiões orientais. Ainda não sabemos os detalhes. No início, eu não entendia nada. Depois, as rádios alemã, soviética, inglesa e polonesa foram aos poucos esclarecendo a situação. O governo soviético mobilizou suas tropas por se sentir ameaçado (o que diz muito do seu pacto de não agressão com os alemães). Como já não existe um governo polonês em Varsóvia, a Rússia sente-se na obrigação de defender a Bielorrússia e a Ucrânia frente à Alemanha. O alto-comando polonês declarou que não combaterá a Rússia (de modo que esse ato de agressão é com toda evidência conveniente, apesar de tudo), concentrando todas as suas forças contra os alemães. E a rádio inglesa comentou que é evidente que o Exército russo cooperará com o Exército polonês. O que está acontecendo, então? Será que a Rússia se lembrou de que o nazismo é afinal de contas o seu pior inimigo?

Ao contrário do que Dawid esperava, as tropas soviéticas começaram a ocupar o leste da Polônia de acordo com o anexo secreto do Pacto de Não Agressão Germano-Soviético assinado em agosto de 1939. Como a Polônia era dividida em duas esferas de influência, caíam por terra as esperanças do Exército polonês de se reagrupar na região oriental do país para uma nova ofensiva. Numa Łódź ocupada, Dawid desfrutava pelo menos da volta de alguns sinais de normalidade.

19 de setembro de 1939

Fui para a escola de bonde vestindo um uniforme limpo (tive de voltar a pé e amanhã terei de ir a pé, sem dinheiro para o bonde). São 15 moças e 18 rapazes, de ambos os ginásios. Tivemos três aulas, o mesmo que ontem. Revisão, basicamente. Não tivemos notícias. Havia alguns professores novos, não muitos. Não sabemos se teremos aulas junto com as moças ou separadamente, pois está muito apertado. Se for separado, provavelmente ficaremos no turno vespertino.

Às cinco da tarde, ouvi Hitler no rádio. Ele falava de “*die befreite Stadt Danzig*” [em alemão, “a cidade liberada de Danzig”, ou Gdańsk, em polonês] depois de uma ovação da multidão. O discurso mostrou que ele não merece sua fama de grande estadista. Ele se agitava, gritava, insultava, implorava, adulava, mas sobretudo mentia e mentia. Mentiu que a Polônia tinha começado a guerra, mentiu sobre a perseguição aos alemães na Polônia (“*Barbaren!*”). Mentiu sobre suas lindas intenções pacíficas etc. Começou então uma enfiada de insultos contra as autoridades polonesas, Churchill, Cooper (Duff) e Eden. Falou de seu desejo de chegar a um acordo com a Inglaterra e a França. Falou da injustiça do Tratado de Versalhes, dizendo que a Polônia nunca existirá nas fronteiras decididas por ele. Disse que a tentativa dos ingleses de derrubar o governo alemão jamais teria êxito — a melhor prova que já ouvimos de que os ingleses estão seriamente tentando algo assim. No fim, falou de suas boas relações com a Rússia (?...) e da impossibilidade de um conflito germano-russo. Terminou o discurso com algumas frases, cheias de pathos, a respeito de Gdańsk.

Três dias depois, Edward mais uma vez atravessou Łódź, dessa vez a caminho de casa.

22 de setembro de 1939

A cidade não mostra indícios de que haja uma guerra; é a volta à normalidade. As escolas estão abertas novamente desde 11 de setembro. Há muitos cartazes alemães nos muros e bandeiras de Hitler por toda parte. Sinto-me um estrangeiro em meu próprio país. Não há muita comida em Łódź, e as pessoas passam horas na fila da batata. Nós atravessamos Łódź até a estação de trem Kalisz.

23 de setembro de 1939

Passamos a noite na estação ferroviária com trezentas outras pessoas, esperando um trem que nunca chega. Finalmente ele chega por volta das três da manhã. Desloca-se muito lentamente e eu vejo os destroços de trens queimados, além de algumas pontes que acabaram de ser consertadas. Chegamos a Kalisz às oito da noite e ficamos esperando uma hora. De lá, vamos direto para Ostrów. Às 3h30 do dia seguinte, depois de três semanas na estrada, estou de volta em casa. Está tudo exatamente como deixamos, pois nossa tia viveu aqui enquanto estivemos ausentes. A primeira coisa que fazemos é tomar um banho. Dá para imaginar nossa aparência no fim dessa “aventura”!

O diário de Edward é interrompido aqui. Dias depois, a Polônia se rendia e a cidade de Ostrów era anexada ao Terceiro Reich. Com a proibição da língua e da cultura polonesas, os cidadãos poloneses foram submetidos a um intensivo programa de germanização. Enquanto o destino de Łódź e dos 250 mil membros de sua comunidade judaica continuava em suspenso, Dawid relatava as mudanças imediatas na vida da vizinhança.

3 de outubro de 1939

Embora seja perfeitamente possível para a maioria dos comerciários, operários e lojistas voltar ao trabalho, já é mais difícil para os judeus. Empresários, comerciantes, corretores, lojistas etc., todos eles ficam com muito medo de aparecer, pois podem ser apanhados para trabalhos forçados e assim perder seu meio de vida. Eles tentam vender coisas batendo de porta em porta, como faz a maioria de nossos vizinhos — meias femininas, pão, açúcar, roupas de tricô etc. Todo mundo tem alguma coisa para vender, os objetos passam pelas mãos de dezenas de intermediários, atacadistas e comerciantes, mas nada disso será capaz de salvar os judeus de um rápido mergulho na pobreza. Meu pai não tem trabalho, está em casa sufocando. Também não temos dinheiro. Um fiasco total!

4 de outubro de 1939

Infelizmente, não consegui evitar o terrível destino de outros judeus: trabalhos forçados. Algumas pessoas mais velhas me convenceram a ir à escola pela rua Wólczańska — um caminho mais curto —, e foi o que eu fiz ontem: havia suásticas em todas as casas, muitos tanques alemães, grande quantidade de soldados e moradores de origem alemã usando suásticas. Consegui passar por tudo isso ontem, e hoje, encorajado, fiz o mesmo caminho. Perto da rua Andrzeja, um aluno alemão veio correndo na minha direção com um porrete na mão e gritou: *“Komm arbeiten! In die Schule darfst du nicht gehen!”* [Venha trabalhar! Você não pode ir para a escola!] Eu não protestei — sabia que uma carteira de estudante não ajudaria em nada. Ele me levou para uma praça onde alguns judeus estavam trabalhando, recolhendo folhas do chão. O sádico queria me obrigar a escalar uma cerca de uns 2 metros de altura, mas, vendo que eu não conseguia, se foi. O trabalho na praça era supervisionado por um soldado, que também carregava um enorme porrete e me ordenou grosseiramente que tampasse as poças com areia. Nunca fui tão humilhado; via os beócios que passavam rindo, sentindo prazer com a desgraça dos outros. Uns brutamontes imbecis, inacreditavelmente imbecis! Eles é que deviam se envergonhar, nossos torturadores. Humilhação infligida pela força não é humilhação! Mas a indignação, uma raiva impotente ferve dentro de qualquer um que seja forçado a fazer esse trabalho estúpido debaixo de zombaria. Só existe uma resposta: vingança! Depois de meia hora de trabalho, o soldado convocou todos os judeus (alguns dos quais tiveram seus bonés virados para trás, “de brincadeira”), organizou-nos em fila e ordenou que um de nós recolhesse as pás e que os outros voltassem para casa. Brincando de ser magnânimo!

Cheguei à escola no meio da primeira aula, atrasado pela primeira vez em toda a minha vida de estudante. Os professores não podem fazer nada: “Por motivos fora do controle dos judeus.” Fui para casa pelo caminho antigo, passando pela rua Kilinski. Em casa, mamãe ficou apavorada ao saber que eu fora obrigado a trabalhar. À noite, descobrimos que um dos alemães que moravam em nossa rua “fica de olho” nos judeus em nosso bloco de apartamentos. Isso realmente deixou abalados meus pobres pais, tão nervosos. Na escola, enquanto isso, eles tinham anunciado que os alunos que não contribuíssem com

algum dinheiro seriam barrados. Que acontecerá comigo?

1 Designação pejorativa dos alemães, sobretudo soldados, na Inglaterra a partir de 1918. (N. do T.)

A invasão alemã da Europa Ocidental

Abril-setembro de 1940

“Por favor me mandem um mapa da França, da Bélgica e do sul da Inglaterra”

Desde setembro de 1939, a Grã-Bretanha e a França preparavam-se para se defender da Blitzkrieg, a “guerra-relâmpago” da Alemanha, que tão rapidamente derrotara a Polônia. A Grã-Bretanha não tinha um exército de reservistas e passou os primeiros meses da guerra montando seu efetivo; em dezembro enviou as cinco divisões regulares da Força Expedicionária Britânica (BEF, na sigla em inglês) para a França, pelo canal da Mancha. A França mobilizou as 101 divisões do seu Exército, ainda marcada pela experiência da Primeira Guerra Mundial. Muitos soldados foram mobilizados na Linha Maginot, uma defesa de concreto erguida ao longo da fronteira com a Alemanha, que os franceses esperavam ser inviolável, prevenindo algum ataque de surpresa. Na primavera, Hitler já adiara a invasão da Europa Ocidental duas vezes, primeiro por causa da lama do outono, depois em consequência de um vazamento nos serviços de inteligência.

Para a maioria dos britânicos e franceses, no inverno de 1939-1940, a guerra nem parecia real. À parte a ausência dos pais, filhos e irmãos alistados, não parecia acontecer muita coisa. Em Londres e Paris, os cafés e restaurantes viviam cheios; teatros e cinemas funcionavam normalmente. Na Grã-Bretanha, esse período ficou conhecido como “a guerra de mentirinha” e, na França, como “la drôle de guerre”, a guerra bizarra, estranha. Muitas das crianças britânicas evacuadas das cidades em setembro de 1939, na previsão de devastadores bombardeios alemães, voltaram para casa. Os generais alemães haviam traçado uma nova estratégia em abril de 1940 e agora esperavam um período de clima favorável para lançar sua ofensiva no Oeste.

Aos 17 anos, Herbert Veigel, da cidadezinha de Heilbronn, no sul da Alemanha, acabara de concluir seu treinamento em radiocomunicações na Luftwaffe. Ao irromper a guerra, ele se alistara como voluntário, mentindo sobre a própria idade e falsificando a assinatura do pai. Os seis anos passados na Juventude Hitlerista o haviam formado como soldado, preparando-o para a “guerra inevitável” destinada a conquistar um novo “espaço vital” para a Alemanha em terras estrangeiras. O serviço militar também lhe permitia escapar dos pais muito religiosos e do tédio da escola. Caçula entre sete irmãos, Herbert muitas vezes se sentira à sombra dos êxitos acadêmicos e esportivos dos irmãos mais velhos. Agora que três dos seus irmãos, todos nazistas convictos, lutavam pela Alemanha — e um deles já fora condecorado por sua participação na invasão da Polônia —, Herbert estava decidido a não ficar para trás.

Aos 13 anos, a parisiense Micheline Singer tinha como principal experiência de guerra a lisonjeira atenção que merecia dos soldados da Força Expedicionária Britânica estacionados na França. Quando a guerra foi declarada, em setembro, Micheline estava hospedada com a família na casa de parentes na cidade normanda de Verneuil. Seu pai imediatamente se alistou, enquanto o resto da família permaneceu na Normandia em vez de voltar a Paris, o mais provável alvo de um ataque alemão. A mãe de Micheline teve de fazer frente sozinha a uma filha de ideias cada vez mais independentes.

Na Inglaterra, o secundarista Brian Poole, de 16 anos, esperava com ansiedade que a guerra esquentasse, impaciente para deixar os escoteiros e se alistar nas Forças Armadas. Filho único, Brian vivia na aldeia de Lostock Gralam, em Cheshire, a uma hora de ônibus de Manchester. Um ano antes, ele se inscrevera num clube de correspondentes e desde então vinha trocando cartas regularmente com a estudante Trudie Lach, de Nova Jersey, também com 16 anos. Inicialmente, Brian se apresentara, falando de seus hobbies: “coletar selos, construir modelos de aviões, cuidar de pássaros, andar de bicicleta”, além do escotismo. Quando ele escreveu para Trudie naquele mês de abril, quase exatamente um ano depois de iniciada a amizade, os dois ainda estavam se conhecendo.

5 de abril de 1940

Querida Trudie,

Obrigado pelas revistas. Você quer mesmo uma foto minha? Para que olhar para o meu rosto? Não seria melhor que não o fizesse? Receio que pare de me escrever, o que seria horrível. De qualquer maneira, não tenho nenhuma boa foto, mas vou mandar tirar. Você não teria uma nova foto sua?

Sete meses de guerra e nada aconteceu, é muito deprimente, como pode imaginar. Papai e eu achamos que Chamberlain mais parece uma velha. Queremos mais homens como Churchill.

Tenho certeza de que seu novo vestido deve ser lindo, e assim acrescento mais um cumprimento à sua coleção. De que cor é? Não, aqui os rapazes não se interessam muito pelas roupas das moças, mas ninguém pensaria em sair com uma garota que não fosse elegante.

Mal posso esperar o momento em que haveremos de nos encontrar. Certamente será muito bom.

Temos uma linda floresta de pinheiros a apenas 8 quilômetros de casa. Nós a atravessamos há duas semanas, e minha mãe ficou de coração partido ao ver que estavam derrubando uma quantidade enorme de árvores para o esforço de guerra. Uma das maldições da guerra.

Nosso bairro está mais preparado para a guerra. Wincham Hall, a pouco mais de um quilômetro de casa, foi transformado em centro de treinamento para as tropas. A primeira leva de homens chegou na última quarta-feira. Recrutados bem crus, conduzidos da estação por um sargento.

Tenho um capacete alemão trazido da última guerra por papai. Decidi pintá-lo com listras vermelhas, brancas e azuis e usá-lo se houver ataques aéreos. Mamãe se envergonha de mim pelo simples fato de tocá-lo.

Fui ao baile de encerramento do período letivo na última quinta-feira, o primeiro em cerca de dois meses. Eu e os rapazes chegamos um pouco tarde, as melhores garotas já tinham parceiros, e alguns deles simplesmente não as largavam. Assim, só pudemos dançar foxtotes e outras danças com troca de parceiros, e eu e os rapazes voltamos para casa sozinhos. Decidimos cantar e fazer barulho, até que chegou um policial que nos mandou ficar quietos.

Estou mandando dois recortes de jornal, um sobre a dança do *jitterbugs* e o outro com uma foto do nosso principal piloto de caça. Você acha que ele é um cara legal?

Do seu,
Brian

Embora na Grã-Bretanha ainda parecesse que não estava acontecendo grande coisa, cinco divisões recém-criadas da Força Expedicionária Britânica já estavam prontas para entrar em combate na primavera, tendo-se juntado às tropas já estacionadas na França. Na Normandia, Micheline e a mãe tinham brigas cada vez mais frequentes. Depois de uma delas, ao ser acusada de egoísmo, Micheline decidiu que precisava de um novo confidente e começou a escrever um diário.

6 de abril de 1940

Conheci um soldado inglês esta tarde. Ele era muito jovem, muito atraente e distinto, e, ao contrário da maioria dos ingleses, tinha dentes esplêndidos. Um outro veio juntar-se a nós, também muito simpático, e mais outro de óculos, que levou os dois primeiros embora. Todos eles tinham motocicletas.

Nosso professor de latim não apareceu, e acho que dava para ouvir nossas gargalhadas a 20 quilômetros de distância.

24 de abril de 1940

Ontem, passei o dia inteiro conversando com dois soldados ingleses muito simpáticos, rindo o tempo todo. Hoje, às cinco da tarde, chegaram dois caminhões e eu também fui conversar com eles (com os quatro soldados que estavam neles, e não com os caminhões).

Oh, é melhor parar de escrever sobre ontem. Nos divertimos tanto... Fiz uma coisa terrível, nem ousou confessar... Matei aula. Incrível como é fácil! Fiquei tão feliz de matar a aula de latim! Fiquei triste quando os soldados se foram. Mas os de hoje! A primeira coisa que fizeram foi me convidar para dormir com eles no caminhão e dar uma caminhada à noite... E eu respondi: “Não sejam tolos.” Eles me chamavam de “Amorzinho” etc. Felizmente, nem todos os soldados ingleses são assim; caso contrário, eu não poderia desfrutar da minha única forma de entretenimento em Verneuil.

25 de abril de 1940

Passou por aqui mais um monte de soldados ingleses. Alguns perguntaram o meu endereço. Espero que me escrevam. Eles se comportaram muito melhor que os de ontem! Além disso, não se pode dizer que não se divertiram. Me ofereceram um cigarro, e eu fumei em plena rua! Se os habitantes de Verneuil não gostarem, eu não me importo. Um outro perguntou o meu endereço, e eu o dei. Será que me escreverá? Será que me escreverá? Eis a questão!

Eu adoro observar os ingleses passando!... Meu único motivo de prazer é conversar com eles. Acho que serei repreendida pelo professor de latim por ter faltado à aula na terça-feira, mas não me importo!

No dia 10 de maio, a previsão do tempo antecipava uma semana de clima bom e Hitler lançou a “Operação Amarelo”. Cento e trinta e seis divisões alemãs atacaram a Holanda e a Bélgica. Em questão de dias, a Holanda capitulou e as tropas alemãs abriram a primeira brecha nas defesas

francesas. O flieger (aviador) Herbert Veigel servia como operador de rádio no Comando Supremo do 2º Corpo de Exército por trás das linhas alemãs. Ele escreveu para a família de uma área já conquistada pelas tropas da linha de frente, a pouco mais de um quilômetro da fronteira francesa.

19 de maio de 1940

Minha querida família,

Atravessamos ontem a fronteira para a Bélgica, e depois que a atravessamos as primeiras aldeias por que passamos foram destruídas, suas pontes foram explodidas. Elas tinham sido abandonadas. As vacas corriam pelos campos, mugindo porque não eram ordenhadas há dias. Por toda parte víamos a mesma coisa, colunas intermináveis percorrendo ruas destruídas, atravessando aldeias bombardeadas, vendo-se aqui e ali uma cruz de madeira tendo ao lado um capacete de aço. Há tanques e caminhões belgas nas trincheiras. E nossos Stukas 9 e Jaeger constantemente voando por cima. Não fosse pelo som da artilharia dia e noite, ninguém saberia que havia uma guerra. Quem poderia imaginar que eu estaria aqui!

Um abraço apertado do seu amoroso Herbert

22 de maio de 1940

Querida família,

Queria apenas escrever um rápido bilhete, para que fiquem sabendo que eu ainda estou vivo. Com todas as obrigações em matéria de comer, beber, dormir e **** [autocensura], mal sobra tempo para escrever. Anteontem, toda a nossa divisão avançou 90 quilômetros. As tropas em retirada não conseguem se livrar das nossas tropas da linha de frente. Prisioneiros vão passando na outra direção, todos diferentes e numa grande misturada: franceses, belgas, negros, indianos, chineses etc. Eles parecem terrivelmente abatidos. Na maioria das cidades restam apenas umas poucas casas de pé, as outras foram destruídas a tiros e incendiadas.

É preciso relatar a maneira como vivemos. Todas as aldeias foram evacuadas, de tal modo que as casas estão a nossa disposição. Acabamos numa casa absolutamente banal pelo lado de fora, mas que é simplesmente mágica em seu interior. Somos dez os que mudamos para cá, cada um tem a sua cama; somos dois em cada quarto. E temos tudo de que precisamos. Há uma ótima cozinha com uma bela louça de barro e um estoque de comida inacreditável. A adega está cheia de vinho e champanhe. O armário está cheio de coisas valiosas. É mesmo uma pena que não possamos levar nada conosco. Também há um piano, e nós temos tocado e cantado. Vivemos como “deuses na França”. Quando se vê uma cena assim é que se pode realmente dizer: nossa grande vitória até agora é que a guerra ainda não chegou ao nosso país. Por favor me mandem um mapa da França, da Bélgica e do sul da Inglaterra.

Lembranças a todo mundo, com um *Heil Hitler!*

Do seu Herbert

3 de junho de 1940

Meus queridos pais,

Partiremos novamente amanhã. Não posso dizer para onde. Cinquenta cartas foram abertas [pelo censor] e eu posso ter sérios problemas. Por favor não falem a ninguém sobre o que eu escrevi na última

carta. Nossos alojamentos continuam excelentes. Parece que sempre encontramos as melhores casas: temos até uma banheira, que, naturalmente, não temos deixado de usar. É a primeira casa que encontramos com água corrente. Essas pessoas deviam ter muito dinheiro, para poder pagar por tudo isso. Quando queremos café, dispomos simplesmente dos melhores grãos de café, aos quilos. É uma pena que eu não tenha espaço na mochila. Caso contrário, mamãe querida, eu lhe levaria alguns quilos. E que vinhos fantásticos! Não fosse pelas cenas de guerra por toda parte, vendo apenas o nosso trem de vida nesta casa, ninguém ficaria sabendo que há uma guerra. Todo mundo aqui acha que estará terminada até o verão. E é preciso aceitar o número de baixas. Vitórias assim sempre custam muito sangue. Esperamos apenas que nossas famílias não tenham de se sacrificar muito.

Por favor mandem meus cumprimentos aos meus irmãos,
Com todo o amor do seu Herbert

No momento em que Herbert enviou esta carta, funcionários mais otimistas em Berlim já redigiam memorandos sobre a estratégia do pós-guerra nos países europeus sob controle alemão.

Na Grã-Bretanha, o Gabinete de Guerra chefiado pelo novo primeiro-ministro Winston Churchill teve uma reunião para avaliar as chances de a Grã-Bretanha resistir a uma invasão caso a França caísse e a Alemanha empenhasse todas as suas forças do outro lado do canal da Mancha. Boa parte das armas e munições britânicas tinham ficado para trás, no norte da França, quando 300 mil soldados da BEF fugiram de Dunquerque pelo canal.

De Cheshire, Brian escreveu a Trudie sobre sua pequena contribuição após Dunquerque.

5 de junho de 1940

Querida Trudie,

Queira relevar minha caligrafia, pois quebrei um dedo, o anular da mão direita. Estávamos na cama quando o chefe dos escoteiros nos acordou às cinco da manhã para dizer que 2.500 homens da BEF estavam chegando naquela manhã [de Dunquerque], em determinado ponto a 8 quilômetros de distância. Naturalmente, foi com grande satisfação que montamos as tendas, nada menos que quatrocentas. Havia uma névoa e nós descemos pela estrada, numa colina íngreme, com uma curva, eu não saltei a tempo, acionei o freio, dei um mergulho por cima do guidom [da bicicleta] e caí.

Jamais esquecerei aqueles homens por toda a minha vida. Todos sorridentes, sem a menor reclamação, alguns só tinham a roupa do corpo. Conversei com alguns deles. Estou mandando uma moeda francesa que estava no bolso de um soldado na mais bem-sucedida retirada da história.

Agora estamos todos decididos a mandar os alemães para o inferno!!! E é assim que vamos combater. Sinto-me bem no momento. Acabo de ter notícias de um amigo que estava na Bélgica. Já começava a me preocupar muito com ele.

Sua carta chegou hoje. As fotos estão muito boas. Você ficou ótima no vestido novo. Vou mandar fazer logo a minha foto.

Comida. Gosto de comer bastante. Adoro batata frita e estou sempre comendo.

CARDÁPIO

	<i>Café da manhã</i>	<i>Almoço</i>	<i>Chá</i>
<i>Segunda-feira</i>	flocos de milho Kellogg's, ovos, bacon, pão torrado	bife frio, batata, repolho, cenoura, molho	frutas, geleia, doce de nata

<i>Terça-feira</i>	peixe frito com batatas	ovos quentes
<i>Quarta-feira</i>	torta de carne, batata frita	salmão, salada
<i>Quinta-feira</i>	fígado frito, bacon, molho	torta de carne fria
<i>Sexta-feira</i>	vegetais, batata	sopa de carne com <i>Welsh rarebit</i> [*] 2
<i>Sábado</i>	salsicha com queijo	<i>Cornish pasties</i> ^{**} 3

Aos domingos, jantamos todos juntos. É o dia de botar para quebrar:

Café da manhã

toranja, ovos,
bacon, torradas

Almoço

carne de boi ou carneiro, batata assada,
repolho, couve-flor, ervilha

Chá

salada, presunto ou língua, torta de frutas, doce
de nata, arroz-doce

Aí temos uma típica semana em tempo de guerra. Devo acrescentar que mamãe se supera no pastel de carne. Ela gosta de cozinhar. O que você come?

Sou igual a você, praticamente imune ao amor. Era o que eu pensava, mas depois me dei conta de que não era. O certo é que quando a vi meu coração fez bum-bum. Que idade tem o seu dentista?

Você certamente terá férias. Não sei se terei férias este ano. Papai acha que não é justo ir se divertir quando estamos lutando por nossas vidas.

Você deixa os caras correrem atrás de você ou corre atrás deles?

De que tipo de homens gosta?

Gosta de pescar?

Tudo de bom para você e os seus.

Do seu,

Brian

Está fazendo um dia lindo de calor, e vou me sentar ao sol à beira do rio para pescar um pouco.

Do outro lado do canal da Mancha, os alemães aproveitaram o bom tempo desse dia para lançar seu maior ataque até então contra a França. Muitos civis abandonaram suas casas em pânico, num êxodo rumo ao sul. No fim da semana, um sexto da população da França estava na estrada. Em Verneuil, apenas 100 quilômetros a oeste de Paris, Micheline, sua mãe e sua irmã, Nicole, foram apanhadas nesse caos, e só uma semana depois Micheline conseguiria registrar os acontecimentos em seu diário.

9 de junho de 1940

Deu tudo errado. Os boches estão por toda parte, fazendo terríveis avanços a cada dia. Papai disse que vai mandar uma mensagem para a tia Laura, perguntando se podemos ficar em sua casa. Entre a noite de

domingo e a manhã de segunda-feira, Evreux foi bombardeada seis ou sete vezes. Está em ruínas.

10 de junho de 1940

Verneuil foi bombardeada à 1h30. Havia um trem cheio de soldados na estação. É muito absurdo deixar os trens parados assim. Caiu uma bomba nele: trinta mortos e cem feridos. Fiquei vendo as bombas caírem. Não estava com medo, não sei por quê. Achei apenas que era revoltante atacar uma cidade tão pequena. É engraçado como um avião num ataque aéreo fica parecendo um enorme pássaro. Durante o bombardeio, rezamos com o menininho do andar de baixo, que disse: “Que animais! São uns porcos! Canalhas!” Ele e Nicole estavam muito assustados. Os Krauts faziam uma barulheira enorme. Nós três estávamos sem fôlego. Estranho...

Não podemos ficar em Verneuil. Todos os comerciantes fugiram. Quando as tropas da RAF passaram em comboio, perguntamos se podiam nos levar. Mas eles diziam que não.

Para o jantar, temos ovos podres cozidos.

11 de junho de 1940

De manhã: estou realmente me sentindo mal! Devem ter sido os ovos cozidos... Vomitei duas vezes, mas depois me senti melhor. À tarde, saímos de ônibus com Brunetier, o dentista, e sua filha, a mulher, o primo e a horrível outra filha. Quase não coube todo mundo. Mamãe pergunta por que minha pasta está tão pesada, mas não podia ser de outro jeito, pois levo nela o meu diário e os cinco primeiros volumes do meu romance. Resultado: trago apenas um vestido e esqueci minha bolsa.

Temos um cão conosco, da sra. Bissell, que o abandonou. O ônibus mal havia dado a partida e ele começou a vomitar, bem em cima da saia nova de Nicole. O cheiro era tão ruim que três oficiais sentados atrás de nós puseram suas máscaras de gás. Chegamos a La Loupe. Houve um alarme de bomba.

Tivemos sorte de conseguir lugar num caminhão de transporte de gado. Quente, empoeirado e muito sujo! O bombardeio prossegue por todo o caminho. Esmaguei minha bolsa, meio sentada nela, e estou banhada em suor. Paramos no caminho durante quatro horas, a um quilômetro de Le Mans. Estamos morrendo de sede e o primo de Brunetier dá à filha algo para beber, sem nos oferecer.

11 de junho de 1940

De noite: finalmente chegamos a Le Mans. Eu logo fico gostando da cidade. Sobretudo porque está cheia de soldados ingleses. É uma cidade inglesa. Talvez Bill e Sinclair estejam aqui!

Estamos jantando. São nove da noite. Alerta de ataque aéreo! Sem eletricidade. Nós saímos, e está chovendo muito. Sentamo-nos contra a parede. Estou usando meu chapéu novo — completamente destruído. Mamãe está coberta de lama da cabeça aos pés; a chuva a espalha por todo lado. Sentimos um cheiro terrível. Encontramos um abrigo e lá ficamos até uma da manhã. Está quente e escuro, bom para dormir. De vez em quando, passam pessoas, crianças choram. O vidro de mel estava aberto na minha bolsa e melou tudo!... Eu abro os olhos mas depois volto a dormir.

Darak, o cachorro, é uma gracinha. Ele nunca chora, mesmo quando alguém lhe pisa as patas. O guarda da estação nos tirou do abrigo. Passamos o resto da noite na plataforma da estação, onde não era possível dormir. Ao menor som, mamãe me acordava: “Será que é um alerta de ataque aéreo?” De vez

em quando passam oficiais e soldados ingleses. Tem um tenente de óculos e uma garota feia que estão se conhecendo e eu aposto que vão se amar perdidamente assim que formos embora.

Às quatro da manhã tomamos o trem para Angers. Nos perdemos dos Brunetier no abrigo, mas voltamos a encontrá-los em Rennes. Trocamos de trem em Angers e eu aproveitei a oportunidade para limpar o mel da minha bolsa.

13 de junho de 1940

Estamos descansando. Não consegui botar os rolos de cabelo no trem nem na estação em Le Mans, e estou horrorosa.

Terrivelmente cansada.

14 de junho de 1940

Muito cansada, mas as coisas estão melhorando. Marie-France, minha prima, me animou. Ela é muito legal. Se pelo menos houvesse Tommies⁴ aqui, eu ficaria realmente feliz! Não há mais ataques aéreos e eu sinto falta, pois ficamos o tempo todo esperando que eles aconteçam, e eu detesto esperar.

Ontem Paris foi declarada cidade aberta; hoje os boches estão lutando por toda a cidade. Nossas tropas estão se retirando. É incrível a quantidade de homens! A situação é desesperadora, mas estou certa de que venceremos. Eles espalham esses cartazes imbecis: “Venceremos porque somos mais fortes.” O que não é verdade. Nós venceremos porque não é possível que Deus permita que os assassinos de criancinhas assumam o controle.

Nesse dia, 14 de junho, um mês depois de serem rompidas pela primeira vez as defesas francesas, as tropas alemãs entraram em Paris sem encontrar resistência. O governo fugira, declarando a capital “cidade aberta” para impedir que fosse destruída. Os primeiros soldados alemães a chegar ao centro da capital francesa desfraldaram bandeiras com a suástica no Arco do Triunfo e na Torre Eiffel. À medida que a divisão de Herbert Veigel avançava mais pela França, ele conseguia mandar cartas para a família nos breves períodos de descanso.

15 de junho de 1940

Minha querida família,

É inacreditável a rapidez do nosso avanço, e ainda por cima dentro dos prazos. Hoje recebemos a notícia de que nossas tropas entraram em Paris. Quando receberem esta carta, a França poderá ter capitulado. E algumas semanas depois a guerra deverá ter acabado! Espera-se que tudo isso signifique que a partir de agora não haverá mais nenhum alemão que não tenha fé no nosso Führer. Há muito nós sabemos que ele é o maior alemão de todos os tempos.

Lembranças afetuosas do seu Herbert

17 de junho de 1940

Querida família,

Estamos perseguindo o inimigo derrotado numa velocidade incrível. Logo teremos conseguido cercar os últimos deles. Volto a escrever-lhes por um motivo muito especial. Na noite passada descobrimos uma fábrica de roupas de baixo e fugimos com um monte de meias, femininas e masculinas. Hoje de manhã, quando estava arrumando minhas coisas, notei que no escuro tinha apanhado muitas meias desemparelhadas, sem combinar na cor nem no tamanho. Tratei de juntá-las da melhor maneira possível e agora fico achando que serão todas grandes demais. Mas é possível reduzi-las, não é mesmo? A fábrica já estava pegando fogo quando nós entramos e agora não passa de um monte de cinzas.

Com todo o meu amor,

O seu Herbert

21 de junho de 1940

Queridos pais,

Estamos agora a caminho do sul da França. Ao longo das estradas, vemos sinais de uma frenética retirada dos franceses. Há equipamentos e todo tipo de coisas espalhados por toda parte. Tudo que não é essencial eles vão deixando. Diariamente vemos milhares de prisioneiros, com muito poucos guardas. Eles não estão preparando defesa alguma. Unidades inteiras dirigem-se aos campos de prisioneiros e se entregam. Para ver como eles estão arrasados com a força do Exército alemão. Eu fico constantemente chocado com o que vejo nessa onda de refugiados. As mães nos procuram para implorar por pão! Todos eles ficam comovidos com o comportamento digno dos soldados alemães, pois imaginavam que fossem bárbaros.

Lembranças afetuosas do seu Herbert

Quatro dias antes, o chefe de Estado francês, o marechal Pétain, exortou os compatriotas a depor armas; e mais de metade do total dos soldados franceses feitos prisioneiros durante a guerra rendeu-se na semana que se seguiu. Mas nem todo mundo obedecia. Micheline, sua mãe e Nicole estavam hospedadas com os parentes apenas 240 quilômetros ao sul de Paris, ao sentirem que se aproximava seu primeiro encontro com as tropas alemãs.

18 de junho de 1940

Fomos mandadas para uma fazenda no interior porque os soldados vão tentar defender L'Ile Bouchard.

Antes de partir, tivemos uma longa discussão. O primo Jules disse que os alemães não estupram mulheres “porque são honrados”. O tio Fritz, que passa o dia chupando a dentadura, nunca participa das conversas. Mas nesse momento alinhou os dentes e disse: “Não é este o motivo, oh, não! É porque não é do temperamento deles.”

Estamos num quarto infestado de aranhas, formigas, moscas mortas etc.

21 de junho de 1940

Os boches estão na Ile Bouchard. São muito disciplinados e educados e pagam por tudo que compram. Estamos discutindo um armistício. Vamos deixar que os ingleses continuem sozinhos.

Hoje, sábado, eles se posicionaram perto de nós. À noite, “eles” vieram. Queriam dançar conosco, com Louise, suas três irmãs e eu. Dissemos que não estávamos nos sentindo bem e eles não insistiram. Felizmente, mamãe lhes disse:

“Garotas, dor de cabeça.”

E um deles respondeu: “Ah, sim! França, dor de cabeça.”

23 de junho de 1940

Não acaba nunca. Eles roubaram todas as bicicletas. Todos os caminhões deles são franceses ou ingleses, e eles tomaram montes de coisas que nos foram mandadas pelos americanos.

À tarde, Louise, Nicole e eu fomos ao moinho em busca de um pouco de paz e sossego, pois os soldados aparecem o tempo todo para lavar a roupa ou simplesmente visitar. Os fazendeiros são inacreditáveis. Estão apavorados com os boches e lhes entregam todo o vinho, os ovos etc., cheios de medidas e servilismo. O resultado é que alguns deles acham que podem tudo. Nós voltamos do moinho e pretendíamos deitar sobre um cobertor na grama. Dois boches apareceram e sentaram bem ao nosso lado; nós nos levantamos, e eles pegaram este caderno de anotações e o abriram. Felizmente, eles não falam francês, de modo que não entenderam uma só palavra. Mas o meu diário foi conspurcado pela mão de boches. Deixaram impressões digitais sujas nestas páginas. É a minha primeira derrota, minha primeira humilhação.

Nós achamos que a França podia estar certa da vitória, e um mês depois já está tudo perdido. Mas ainda resta a Inglaterra, e veremos o que acontece... Seja como for, a França e a Inglaterra estão mais unidas que nunca.

26 de junho de 1940

Quanta coisa aconteceu hoje!

Para começo de conversa, o Armistício foi assinado. As condições são muito duras, entre elas a desmobilização do Exército, mas ainda não sabemos muita coisa. As tropas francesas irão em massa para a Inglaterra, a fim de dar continuidade à luta, e a RAF está constantemente bombardeando.

Ontem, conversei com dois soldados alemães. Eles falavam excelente francês e inglês, que aprenderam em alguma universidade. Eu estava no alto de uma árvore, e eles lá embaixo. Voltei a ver um deles hoje, na rua, e ele me deu um alô. Fiquei meio sem saber o que fazer, se devia falar com ele na frente das pessoas ou não. Ele estava com um grupo de soldados. Eu acenei levemente com a cabeça e fui em frente. De repente, ouvi um clique e depois outro. Virei-me — mais um clique. Era uma autêntica emboscada. Dois deles estavam tirando fotos de mim. Fiquei furiosa. Quando os dois se foram, um outro me disse, em francês, naturalmente:

“Você é muito bonita, mademoiselle.”

Grr... Grrr... Esses boches não têm o direito de me dizer isto!

Mais tarde, eu estava sentada no peitoril da janela com Marie-France, Hedwige [a empregada] e Nicole, e estávamos rindo. De repente, alguém se aproximou em silêncio e passou o braço ao meu redor. Pensei que fosse papai! Marie-France, Hedwige e Nicole começaram a rir como idiotas. Eu me virei e vi que era um boche! Saí correndo o mais rápido possível, enquanto aquelas idiotas continuavam rindo.

Quando me acalmei, dei uma olhada nele e decidi que tinha reagido como uma menininha. Ele não fez nada de terrível. Francamente, gostaria que ele fosse inglês, pois realmente é muito bonito. Tem cabelos

castanhos, e eu jurei quando tinha 9 anos que nunca me casaria com um louro.

De modo que agora já são dois homens que me tomaram nos braços: este e Sinclair, o escocês. Mas Sinclair queria me mostrar o interior do seu caminhão.

1º de julho de 1940

Parece que está havendo uma grande batalha entre os ingleses e os boches no norte da França. Ótimo.

Fomos com Hedwige — que é da Alsácia e fala alemão — pedir aos boches que nos emprestassem uma bola, e eles vieram jogar conosco. Nós nos divertimos, mas foi ainda mais divertido ver a cara da tia Louise e do tio Fritz, eles pareciam tão protetores, especialmente quando algum alemão se aproximava de nós. O tio Fritz disse: “Ah! Quem poderia imaginar que um dia elas haveriam de jogar com soldados alemães?” E nós gostávamos de provocá-los. Eles são tão chatos, atrás da gente o dia inteiro, tentando conversar conosco, sempre querendo que os ouçamos, sempre querendo mandar na gente.

4 de julho de 1940

Os boches que chegaram no dia 28 foram embora de novo. Está tudo bastante tranquilo e agradável. Eles eram realmente uns brutamontes, e estavam por aqui em quantidades propriamente industriais. O comandante muitas vezes andava para baixo e para cima apenas com as botas, o monóculo e o chicote de montaria.

Estamos esperando a chegada de uma outra divisão de boches, a qualquer momento. Que divertido!

Com a França sob controle alemão, a Itália se aliou à Alemanha. Já agora combatendo sozinha, a Grã-Bretanha parecia defrontar-se com a ameaça de uma iminente invasão. Churchill estava decidido a “lutar por cada centímetro”, como comunicou ao país pelo rádio: “O que quer que tenha acontecido na França não faz diferença para os nossos atos e objetivos.” Inspirado pela determinação de Churchill, Brian, escrevendo de Cheshire, falava da sua própria a Trudie.

20 de junho de 1940

Querida Trudie,

Chegou a hora, estamos esperando a qualquer momento. Bombas, paraquedistas, qualquer coisa. Estamos lutando de costas na parede, restamos apenas nós na defesa da democracia. Qualquer invasor que puser o pé em solo britânico vai saber o que é bom, morte instantânea, sem misericórdia. Especialmente esses porcos italianos. Só que eles não ousam nos desafiar para a luta! Não entendo como é que vocês, americanos, ficam só observando, a culpa é tanto de vocês quanto nossa. Vocês contribuíram para o Tratado de Versalhes. Vocês e nós impedimos a França de acabar com a Alemanha em 1919. Vocês acham que estão muito distantes para serem incomodados, mas se a sua esquadra se for, estarão acabados. Reconheço que a ajuda material que nos dão é bem-vinda, mas não considero que seja suficiente. A sua Força Aérea é pequena, mas em minha opinião a qualidade humana e material é de

primeira. Se isso fosse empregado na guerra, tenho certeza de que viraria a mesa. Tudo bem. Tirei isso do peito. Por favor, não me ache rude.

Nenhuma das suas cartas foi censurada, só as revistas que mandou. Nada foi arrancado.

Nosso país no momento é lindo. As árvores estão mais verdes, as flores, mais belas, e até os pássaros parecem cantar mais lindamente. Podemos então nos dar conta de que é por coisas assim que combatemos. Eu e meus amigos estamos perfeitamente preparados para morrer lutando e não permitir que os alemães tirem tudo isso de nós.

Depois de pensar muito, decidi mandar um instantâneo. Mas ele já tem três meses. Mando-lhe um melhor assim que puder. Esta foto não é boa, você poderá notar também que derramei lubrificante de borracha na calça.

Fale de mim ao seu pessoal, diga-lhes que não se preocupem, haveremos de vencer, ainda que leve cem anos.

Do seu,

Brian

Um mês depois, Brian completou 17 anos, o que o capacitava a se juntar ao pai no Exército de um milhão de voluntários criado em maio de 1940 para ajudar a defender a Grã-Bretanha de uma invasão.

4 de agosto de 1940

Querida Trudie,

A melhor notícia até o momento, estou na Guarda Nacional. Tive até agora três exercícios de prática de fuzil e estarei de serviço pela primeira vez na quarta-feira das nove da noite às seis da manhã, três horas montando guarda e o resto dormindo no chão, pronto para entrar em ação. O que nós queremos não é atirar nos boches, mas enfiar-lhes uma baioneta. Aquela de que os alemães não gostam, de aço bem frio. O general no comando disse que o nosso lema deve ser: “Matar os boches” e atirar para matar. Fiz um bom trabalho hoje, limpei vinte fuzis com papai. Nada mal, hein? Nossa casa está simplesmente coberta de equipamentos de campo, estoques de uniformes, capacetes de aço, munição e nem sei mais o quê.

Você mostra bom-senso ao falar do seu homem ideal. A maioria das garotas tem ideias bobas, como encontrar um sujeito com o cabelo partido ao meio.

Caramba, como eu gostaria de receber a gravação da sua voz! Se for inquebrável, você pode mandar logo, não?

A Real Força Aérea está visivelmente perplexa. Há anos eles não enfrentam qualquer rivalidade — não tinham concorrentes sérios no que diz respeito ao sexo frágil. Mas agora vêm os poloneses. Ninguém sabe ao certo qual é a dos poloneses. As garotas também não ajudam muito. Limitam-se a fazer barulhinhos bobocas, arrulhando, e se fazem de idiotas quando a gente pergunta. “Ooh! Eles são lindos demais!”, é tudo que conseguem dizer. Parece tudo muito misterioso e irritante para os dom-juans da RAF. Além disso, é impossível dizer a um polonês que acaba de levar a sua garota o que você pensa dele. É um desperdício de palavras, e não se pode realmente bater num bravo aliado por causa de uma bobagem assim.

Na noite passada e na anterior, ficamos no abrigo antiaéreo, mas não lançaram bombas. Há uma semana, três bombas foram jogadas a cerca de 3 quilômetros. Nenhuma das três explodiu.

Li mais alguns artigos sobre os americanos, que pensam que estamos passando fome. Eles se ofereceram para mandar comida. Mas não acredite, nós temos bastante. Estou comendo mais que nunca.

Vou ficar na cama se eles aparecerem hoje à noite e me levanto se as bombas começarem a cair.

Por que você não me faz perguntas? Eu aqui estou secando, pois não tenho perguntas a responder!

Perguntas:

Qual sua opinião sobre a ideia do treinamento militar compulsório?

Você tem tomado banho de sol?

Como costuma pentear o cabelo?

Espero que esteja bem e se divertindo.

Do seu,

Brian

Para que as tropas alemãs pudessem atravessar o canal da Mancha, a Luftwaffe precisava estabelecer sua superioridade no ar. Herbert estava estacionado no litoral norte da França, perto de Calais, no momento em que se aproximava o dia 11 de agosto, data fixada para a intensificação dos ataques diários da Luftwaffe à Grã-Bretanha.

7 de agosto de 1940

Minha querida família,

Fomos isentados do serviço de salva-vidas, no momento em que é iminente o grande ataque à Inglaterra. Acho que agora realmente teremos uma experiência importante, e não será preciso esperar muito. Não posso dizer onde estamos. Estamos vivendo realmente ao ar livre, como costumávamos fazer na Juventude Hitlerista.

É uma pena o que aconteceu com o ótimo material e o terno branco, mas talvez consigamos um outro melhor e mais barato na Inglaterra. Seis aviões sobrevoaram hoje, mas foram obrigados a dar meia-volta às pressas. Não podem ir muito longe, são apenas cerca de dez minutos daqui. Eles sobrevoaram o dia inteiro, às vezes eram cinquenta ou mais aviões de caça.

Do seu Herbert

14 de agosto de 1940

Meus queridos,

Acabo de receber a linda carta de mamãe de Freudstadt. Fico muito feliz de saber que vai tudo bem em casa.

Espero que acabe logo essa história toda de acampamento. Estamos ficando imundos, pois há muito pouca água e usamos a mesma roupa dias a fio. Os Tommies nos descobriram e nos bombardeiam toda noite. Mas geralmente são obrigados a voltar por nossa artilharia antiaérea, sem conseguir atacar. Não conseguem atingir nada. No sábado passado, um Bristol Blenheim passou voando às oito da manhã e ia lançar uma bomba quando nossa artilharia devolveu o fogo, e, depois de uns dez tiros, ele começou a pegar fogo. Alguns segundos depois, caiu perto de nós. Houve uma enorme explosão e pedaços voaram para todo lado. Havia destroços espalhados num raio de aproximadamente 60 metros, e mal dava para acreditar que aquilo havia sido um orgulhoso bombardeiro da Real Força Aérea; os três membros da

tripulação, claro, morreram; quando chegamos, os corpos ainda ardiam. Mas não dava para sentir compaixão por eles, pois estavam tentando nos matar.

Um caloroso abraço do seu Herbert

No dia seguinte, a Luftwaffe lançou o seu maior ataque contra a Grã-Bretanha até então. Na França, atendendo ao apelo de Pétain para que os milhões de refugiados que tinham ido para o sul voltassem para casa, Micheline e a família retornaram ao seu apartamento na Paris ocupada.

12 de agosto de 1940

O Lycée Racine reabriu hoje e me matriculei em alguns cursos de verão. Não será assim durante muito tempo, mas é chocante: não há cadernos, nem manuais, nem dever de casa. Genial. Ou não? As aulas são das nove às 11 da manhã, nada à tarde. Posso passar da 5ª à 4ª classe sem fazer provas, pois a professora titular fugiu da faculdade em Verneuil e os alemães que ocuparam a cidade tomaram conta de tudo. Descobri tudo isso com a Yvette. Ela também voltou, fiquei muito feliz de vê-la novamente. Ela me disse que mademoiselle Brachuet, a professora de latim, ficou tão apavorada durante o bombardeio de Verneuil que fez xixi nas calças. Ela estava caminhando com os pensionistas semanais e Yvette viu tudo. Eu adoraria ter estado lá! Teria sido uma vingança por tudo que ela me fez passar.

Há 2 mil alemães em Verneuil, além de 9 mil prisioneiros franceses, quarenta escoceses e alguns ingleses. Tudo foi saqueado pelos que ficaram e por refugiados em trânsito. Os alemães confiscaram a maioria das casas. Os Flerck têm uma enorme mansão e quatro deles ficaram, o que lhes convém perfeitamente, pois são enviados às compras — os alemães não gostam de entrar em fila. O único problema é que quando os alemães estão bêbados às vezes entram no quarto errado. Oh, o que eu não daria para ser uma mosca na parede!...

Os alemães lançaram um ataque maciço contra os ingleses pelo mar. Os ingleses lançaram toneladas de petróleo e gasolina na água, e quando os aviões bombardearam o canal da Mancha, tudo se incendiou, junto com os boches. Hip, hip, hip, hurra! Pelo menos os ingleses sabem se defender! Não permitirão que seu país seja invadido enquanto ficam fazendo belos discursos, como esse velhote do Pétain.

O incidente no canal da Mancha era parte de uma tática artilosa para fazer crer que o litoral da Grã-Bretanha estava protegido por uma muralha de fogo, tão intransponível para os alemães quanto esperava Micheline.

A 20 de agosto, a defesa aérea da Grã-Bretanha pela RAF continuava impedindo uma invasão. Nesse dia, Brian escreveu a Trudie sobre sua participação nos acontecimentos da semana anterior.

20 de agosto de 1940

Querida Trudie,

A Batalha da Grã-Bretanha começou. Mas nós estamos preparados para eles. Três bombas foram lançadas a 300 metros de mim. Estávamos a serviço com a Guarda Nacional quando ouvimos o avião sobrevoando, o silvo das bombas, o baque e o clarão das chamas. Quando receber esta carta, aposto que alguma outra terá caído ainda mais perto. A Guarda Nacional derrubou seu primeiro bombardeiro nazista no domingo, com fogo de fuzis. Eu tentei metralhá-los, mas não deu certo. Toda noite, agora, pratico

lançamento de bombas. Nós vamos entrar em guerra de guerrilha, e será mais difícil matar um sentinela sem fazer barulho, e coisas assim. Meu Deus. Como é divertido!!!! O que eu mais temo são as botas do Exército, coisas enormes e pesadas com pregos nas solas. Oh, oh!!!!

O que você acha da nossa Força Aérea? Excelente trabalho, não? Um amigo meu viu um canhão antiaéreo rachar um bombardeiro ao meio a apenas 25 quilômetros de casa.

Sim, fui eu que fiz o avião da minha foto. Tem apenas 76 centímetros de envergadura. Eu já os fiz com 150 a 170 centímetros de envergadura. Mas agora a guerra tem de ser levada a sério, não é o momento de um menino que já tem idade de combater ficar brincando com aeromodelos.

Fui a um baile no sábado à noite, e havia uma excelente dança nova chamada a valsa do beijo. É uma valsa, como pode imaginar, e toda vez que as luzes se apagam você beija a parceira. É muito bom, excelente, delicioso. Vocês têm aí algo parecido?

Você continua sem me fazer perguntas nas cartas. Quando escrevo, tenho de pensar em tudo por mim mesmo. Escreva muito. Você não sabe como fico esperando as suas cartas, elas me animam muito. Portanto, não esqueça, escreva muito.

Suponho que você esteja tomando sol no momento em que escrevo. Aposto que está vermelha como um camarão.

Li num dos jornais de hoje que a idade do alistamento pode ser reduzida de 20 para 18 anos, o que, se for verdade, significa que no próximo ano estarei apto para quando invadirmos a Europa.

Alguma das minhas cartas para você foi censurada?

Não me agrada pensar que alguma bicha velha da censura lê as nossas cartas, não é mesmo?

Espero que esteja bem e com excelente saúde.

Do seu,

Brian

20 de setembro de 1940

Querida Trudie,

Está tudo bem. Ainda vivo e ativo. Mas furioso com o brutal bombardeio de Londres por nosso repugnante inimigo. Se eles destruírem a Torre de Londres, as Casas do Parlamento ou qualquer prédio assim, eu vou enlouquecer completamente.

Fizemos manobras durante toda esta tarde com a Guarda Nacional. Primeiro dia das minhas botas do Exército. Oh!! Cada uma delas pesa mais ou menos uma tonelada. É muito emocionante aprender a avançar em rápidas arremetidas, carregando a baioneta. Tivemos excelente instrução com baionetas com o papai. Onde enfiá-la, na garganta, nos pulmões ou no estômago, fazendo uma torção ao tirá-la. Coisas assim eu nunca teria feito antes da guerra. Mas, agora, nada me daria mais prazer do que cortar a garganta de um huno.

Respondendo à sua pergunta sobre o peixe com batatas fritas. É o prato predileto na Grã-Bretanha. A gente se arrasta até em casa para comê-lo, e agora, com os apagões, perde um pouco da dignidade e o come indo para casa. Se vier à Inglaterra depois da guerra, você precisará reservar 12 centavos para seu primeiro jantar.

Não sabemos se Adolf ainda vai nos invadir, mas a RAF está dando uma surra nele toda noite.

Talvez você ache estas cartas sem graça, falando apenas de guerra. Mas pode entender que estamos todos agora preocupados em sair dessa, e não temos muito tempo para cinema etc. Mas não será qualquer Hitler que vai interromper o nosso calendariozinho, não é mesmo?

Do seu,
Brian

- [2](#) Queijo derretido sobre torradas, com adição de cerveja, mostarda ou páprica. (N. do T.)
- [3](#) Torta de carne, batata e cebola, especialidade da península inglesa da Cornualha. (N. do T.)
- [4](#) Designação genérica dos soldados ingleses desde a Primeira Guerra Mundial. (N. do T.)

Sob ocupação alemã

Janeiro-junho de 1941

“Não nos deixem debaixo do tacão dos bárbaros”

Em janeiro de 1941, 290 milhões de europeus viviam sob domínio nazista, enquanto Hitler declarava que dentro de “cem anos” a língua alemã seria “a língua da Europa”. A Grã-Bretanha e seu império lutavam agora sozinhos para impedir o completo domínio alemão da Europa a oeste da fronteira soviética. Churchill estava decidido a “apoiar e incitar o povo de todo país conquistado à resistência e à revolta”, pretendendo estar em condições de lançar um ataque terrestre até 1942, depois de receber dos Estados Unidos, dentro do projeto Lend-Lease,⁵ as “ferramentas (...) necessárias para a vitória”.

Nos países europeus ocupados pelos alemães, as populações eram tratadas de acordo com a política racial dos nazistas. Até as rações diárias de alimentos eram distribuídas em função da raça, pretendendo-se nitidamente matar os judeus poloneses de fome, com 184 calorias diárias, contra uma ração de 1.300 calorias para os franceses. Na França havia uma certa “colaboração”, embora em termos desiguais: a França seria pilhada, mas não completamente explorada. Embora os alemães confiscassem carvão, alimentos e obras de arte, continuava em vigor uma administração francesa, as universidades e escolas seguiam abertas e o sul do país ainda estava nominalmente sob controle francês. No leste, a Polônia já não existia como país independente, sendo seu território ocupado como “espaço vital” extra e colonizado por alemães. Escolas e universidades foram fechadas, sendo imposta a língua alemã. Os 3 milhões de judeus do país foram tirados de suas casas e aprisionados em guetos medievais, onde eram forçados a trabalhar para as autoridades alemãs.

Dawid Sierakowiak foi expulso com a família de sua casa em Łódź em maio de 1940 e transferido para um gueto criado no bairro de favelas da cidade. Os habitantes judeus de Łódź foram isolados por uma cerca que os separava do resto da cidade, a qual, rebatizada de “Litzmannstadt”, foi reformada e povoada com alemães. Sem poder frequentar uma escola, Dawid, aos 16 anos, estava restrito a uma vida limitada de fome permanente, na qual lutava com a família por manter a dignidade.

Na Inglaterra, Brian Poole passara o resto do ano de 1940 suportando a guerra-relâmpago. O escritório de seu pai e boa parte do centro de Manchester haviam sido destruídos em dezembro por um ataque aéreo. À parte algumas interrupções na correspondência, por eles atribuídas a extravios marítimos, Brian e Trudie continuaram a compartilhar detalhes de suas vidas dos dois lados do Atlântico.

No fim de julho, Micheline Singer voltara com a família para o apartamento do elegante oitavo distrito de Paris, bem ao lado dos Champs-Élysées. O ocupante alemão transformou a área ao redor da residência de Micheline: o hotel em frente foi confiscado para interventores de alta patente, a Wehrmacht ocupou o ministério ao lado e a Gestapo assentou praça bem na esquina. Algumas coisas continuavam como antes: Micheline e sua melhor amiga, Yvette, estavam de volta a sua antiga escola de meninas, o Lycée Racine, onde as aulas foram retomadas, embora elas agora tivessem de aprender alemão.

Depois de seis meses de ocupação alemã, Micheline continuava uma apaixonada anglófila.

11 de janeiro de 1941

Não tomei este ano nenhuma resolução de Ano-Novo, a não ser lutar ferozmente se tivermos oportunidade de nos revoltar contra os boches. Lutar é algo que eu sei! No ano passado, um garoto se comportou mal comigo e eu lhe quebrei três dentes.

Acho que o que eu mais gosto na Inglaterra é a Real Força Aérea. Sou louca por ela e seria capaz de gostar de um membro da RAF porque ele seria inglês e piloto. Eis um dos motivos pelos quais quero que os ingleses vençam. Mas estou arrasada, pois me olhei no espelho com minha saia curta demais e meus cachos e me dei conta de que, embora me sinta crescida, pois tenho um bom peso e bastante experiência, o fato é que não parece. Eu gostaria tanto de parecer uma mulher jovem no dia da vitória, pois... oh, quanta bobagem estou escrevendo!

15 de janeiro de 1941

Fico tentando me convencer de que nabo e margarina são coisas deliciosas.

Anteontem, Yvette estava ouvindo o rádio quando tocaram uma nova canção:

Hitler... Não suporto este nome... Ele é um porco, cheira mal, está acabado...

Infelizmente o sinal foi interrompido e ela não ouviu o resto.

Outra piada: Qual o menor prado do mundo? O uniforme de um boche, pois nele há sempre uma vaca [policia, na gíria].

17 de janeiro de 1941

Eu me pesei na terça-feira e perdi dois quilos e meio desde outubro. Rações! Roubei um pote de geleia e o escondi atrás da minha estante de livros. Me envergonho de fazer essas coisas porque sei que terei de confessá-las a você, meu querido diário. Eu jamais teria roubado geleia antes, eu nem gosto de geleia, mas agora estamos comendo tão mal que eu estou sempre com fome. Hoje, por exemplo, tivemos quatro rins de carneiro, 5 francos cada. Não estavam no cartão de racionamento, mas eram muito gordurosos, e do tamanho de um polegar. E à parte a comida, o gás não aquece direito (desde que os boches chegaram, ele ficou imprestável). Às 12h45 ainda não tínhamos almoçado e precisávamos sair [para a escola de novo] às 12h40. Eu então comecei com o chouriço, comi depois algumas batatas e nabos (que ainda não estavam cozidos, de modo que eu os deixei) e finalmente me fui, mascando meu minúsculo rim.

19 de janeiro de 1941

Estou de luto por minhas meias de seda! Estão completamente destruídas. Usei-as pela primeira vez há dois anos em Verneuil! De modo que me serviram bem. Felizmente, mamãe tem muitas outras da mesma cor e não vai notar se eu pegar alguma!

Dei cabo do pote de geleia.

22 de janeiro de 1941

Um amigo de Yvette foi preso, com 16 anos, por afixar um cartaz. Ele foi trancado numa cela durante três meses, e quando o pai foi buscá-lo, precisou levá-lo para casa de ambulância, pois não conseguia caminhar. Ele está muito doente, pois estava comendo apenas nabos.

Ficamos nos perguntando, com ansiedade cada vez maior, como é que este mês chegará ao fim. Provavelmente estaremos comendo nabos.

25 de janeiro de 1941

O tempo está maravilhoso! Fico sentindo falta de Verneuil.

Sinto tanta falta de Verneuil e dos soldados ingleses, sinto falta das nossas festas loucas, do ar puro, das árvores, do rio. Sinto saudades do meu primeiro amor, da minha liberdade, matando aula, do campo.

Será possível que o primeiro ano de guerra tenha sido o melhor da minha vida? Foi o que aconteceu com muitos franceses, mas agora estamos pagando por isso. Apesar de todas as minhas brigas com mamãe, eu era feliz e não sabia. Só queria ter 20 anos, ou um pouco mais, que seja.

A alma de alguém com 14 anos é muito complicada. Estou deprimida porque tirei 4 em inglês, não me saí bem na prova de alemão e minha turma zombou do retrato que fiz hoje. Ninguém me entende realmente, exceto talvez Yvette. As pessoas me tratam como um grande bebê! Mas eu tenho alma de mulher. Sei que sou bonita, tenho olhos grandes e uma boca bonita. Adoro ficar olhando a curva das minhas sobrancelhas, elas me acalmam. E sei que há dias em que estou particularmente atraente; nesses dias, posso sentir uma atração magnética. Detesto sentir-me feia ou malvestida. Seriam ideias de um “bebezão”? Um bebê que sabe quando alguém olhou para ela e sabe que as palavras “Você é bonita, mademoiselle” destinam-se a ela.

São 22h30 e preciso apagar a luz, até logo.

Embora a Grã-Bretanha continuasse combatendo sozinha, o Lend-Lease assinalava o fim da neutralidade americana. Como se quisesse refletir a mudança nas relações entre os dois países, Brian decidira que “do seu” era uma maneira excessivamente formal de concluir as cartas a Trudie, e na mais recente convidara-a a propor uma outra maneira de se despedir.

21 de março de 1941

Querida Trudie,

Se bem me lembro, estamos nos correspondendo há dois anos. O que é excelente, e espero que continuemos assim. Nem tínhamos ainda 16 anos quando começamos, e agora você terá 18 quando esta

carta chegar às suas mãos. Desejo-lhe então tudo de bom.

Você verá que anexei duas “fotografias”!!!! Não são boas nem nada lisonjeiras... Mas servirão para andar com elas. Espero!!

Que faz o cachorro durante um ataque aéreo? Vai para baixo da mesa e fica resfolegando horrivelmente. Estamos mais preocupados com o cachorro do que com as bombas.

Estamos realmente gratos pelo que o presidente Roosevelt fez por nós e pelo que as fábricas da América vão produzir para nós. Mas as pessoas que eu conheço não concordam com todo esse “blá-blá-blá” do nosso governo sobre a América. Afinal de contas, o nosso sangue e a nossa carne é que estão aguentando o tranco e mantendo a juventude americana fora disso.

Muitas vezes eu me pergunto como eles chamarão esta guerra. Eu usaria um desses dois nomes; ambos são minhas sugestões: “Segunda Guerra Alemã” ou “A Guerra de Libertação”. Que você acha?

Teremos semana que vem um fim de semana prolongado de folga na Guarda Nacional. A RAF fará bombardeios de mergulho e treinamento de metralhadoras, e dizem que nossos “paraquedistas” talvez participem. É para testar o treinamento da Guarda Nacional nos últimos nove meses, e será algo tão parecido com uma invasão quanto possível.

Bem, quero tomar um banho antes de escurecer, não seria nada bom ser apanhado pela Blitz em pleno banho, não é mesmo?

Desejo o melhor para você e o seu povo.

... ?????

Brian

P.S.: Eu poderia sugerir muitas despedidas, mas será que lhe serviriam, hein??

6 de abril de 1941

Querida Trudie,

“Alô, pessoal”, como dizem nos States. Como vão as coisas?

Como era domingo de manhã, fiquei ouvindo as notícias das nove horas na cama (troncho!) e descobri que Hitler declarou guerra à Iugoslávia. Que mundo este em que vivemos!

A carta de 20 de fevereiro se perdeu, com uma foto sua (lágrimas!!). Aposto que os peixes a estão admirando no fundo do Atlântico. Lembre-se, portanto, de que agora me deve uma. E trate de mandar outra loguinho, entendeu?

Minha paciência não me permitirá esperar até o fim da guerra para participar um pouquinho do nosso debate. Você pode responder ao que eu vou dizer e depois, quando cada um de nós tiver explicado o seu ponto de vista, nada mais diremos. De acordo? Lembre-se de que somos grandes amigos e o que dizemos sobre o país um do outro nada tem a ver com nossa amizade. Tudo bem. Vou dar a partida.

Os seus dirigentes reconheceram repetidas vezes que estamos combatendo a batalha da América. Por que, então, devemos fazê-lo, nós, que estamos com uma certa fome, aguentando o rojão dos bombardeios aéreos, vendo nossas cidades destruídas e nossa carne e nosso sangue trucidados a sangue-frio, enquanto a América fica sentada de braços cruzados, dizendo que a flor de sua juventude não vai morrer nos campos de batalha da Europa, mas podemos mandar os equipamentos e a juventude de vocês morre por nós? Mesmo reconhecendo que têm um grande efeito moral, nós podemos conseguir equipamentos em outros lugares. Lembre-se de que tudo isso é minha opinião pessoal. Espero que não me ache rude, mas uma das coisas pelas quais estamos lutando é a liberdade de expressão. Espero que não fique chateada comigo, e não está, não é mesmo?

Aliás, devo dizer que admiro muito o seu país, a vida aí é muito mais agradável, mas eu fico mesmo com a boa e velha Inglaterra.

Bem, vou encerrar aqui com a minha sugestão. Cuide-se bem.

Muito amor,

Brian

Naquela primavera, enquanto a Luftwaffe continuava bombardeando cidades britânicas, as potências do Eixo levavam adiante sua campanha nos Bálcãs. Em Paris, Micheline acompanhava de perto as notícias, cumprindo sua decisão do Ano-Novo de combater os “boches” sempre que possível.

23 de março de 1941

Descobri uma nova maneira de ouvir a rádio inglesa sem precisar ir a lugar nenhum: eu instalo o aparelho na lareira. Houve um alerta para que as pessoas retenham as moedas de níquel, em vez de entregá-las a Hitler. De modo que vamos retê-las, e se os alemães exigirem que as entreguemos, eu as atirarei no Sena.

26 de março de 1941

Os muros de Paris estão cobertos de “Vs”, fico imaginando por quê. A rádio inglesa pediu que as pessoas escrevessem um “V” de vitória, e podemos encontrá-lo por toda parte: nas vitrines, nos quadros-negros, nas mesas, em todo lugar. Há um outro sinal também: um “V” formado por dois alfinetes numa casa de botão. Yvette e eu contamos 75 em cinco minutos.

28 de março de 1941

De volta da escola hoje, estava chovendo, e Yvette e eu paramos várias vezes para nos abrigar da chuva, e a cada vez escrevíamos um “V”. Na rue D’Astorg, escrevi um “V” num tanque alemão. Ouvi o som de botas atrás de mim e tratei de me apressar. O boche se aproximou, olhou o sinal no tanque e se limitou a abrir um enorme sorriso para Yvette. Meu Deus! Já fizemos centenas de “Vs”. Jamais imaginei que fosse tão fácil assim à luz do dia.

31 de março de 1941

Yvette e eu fomos olhar panfletos de propaganda alemã numa loja na rue de la Ville-l’Éveque, eles receberam ordens de distribuí-los. A mulher nos entregou tudo que restava, dizendo: “Levem tudo. Obrigada por tirarem isto da minha frente.” Nós os atiramos no esgoto em frente aos boches. (Quando contei esta história a mamãe, ela disse que eles podem muito bem dar busca no esgoto etc.) Fiz um outro “V” num tanque alemão. Se eles soubessem, eu já teria sido presa há muito tempo.

8 de abril de 1941

Desde o início do mês, compramos quatro filões de pão, cada um com 2 quilos — e eu consegui obter três deles sem entregar um cupom, pois saí correndo.

Fui à piscina sozinha pela primeira vez. Joguei bola com os alemães, eles se mostraram muito legais, devo admitir. Eles são mais divertidos que os franceses, pois não é possível jogar com um francês durante cinco minutos sem que ele comece a flertar com você, e eu detesto isso. Com os boches, a gente pode simplesmente se divertir, sem precisar pensar em mais nada.

9 de abril de 1941

Os alemães tomaram Tessalônica e o Exército grego capitulou. Que Deus os ajude, e a nós também. Que Deus ajude o mundo inteiro! Não nos deixe debaixo do tacão dos bárbaros. Tenha piedade da França. Ainda assim, os ingleses estão avançando na África.

10 de abril de 1941

Nicole e eu fomos à piscina. Um boche pegou no meu braço e se divertiu caminhando até o trampolim, ainda agarrado a mim. Eu o empurrei na água para me livrar dele. Depois, peguei um outro, que estava na água, esperando para agarrar uma bola, segurei-o pela cabeça e o obriguei a dar uma cambalhota para trás. Mas isso não é o principal. Não sei o que devo pensar, ou se mamãe diria que fiz algo errado. Será que eu deveria me arrepender? Não sei. Seja como for, estávamos jogando bola quando um boche tomou-a de nós. Ele não queria devolvê-la e eu não ousei exigi-la de volta em alemão. Mas Nicole insistiu em que ele a devolvesse. Ele levou a mão ao rosto e disse que ela estava louca. Em seguida, me chamou para tomar um café com ele; naturalmente, recusei.

Ele pareceu ficar triste, mas não disse nada. Eu lhe disse então que ele jamais chegaria à Inglaterra, que a Inglaterra era invencível e que havia derrotado todos aqueles que já a tinham atacado. Dei Napoleão como exemplo e disse que a mesma coisa aconteceria a Hitler.

Mas o pior foi que ele esperou que nós nos vestíssemos, pegou o meu pente e penteou o cabelo com ele! Em seguida, foi para a rua conosco (fiquei envergonhada de ver como as pessoas olhavam para nós). Ele ia na nossa direção, no metrô (os boches não têm de pagar), e entrou no mesmo vagão. Perguntou se eu daria um passeio com ele. Eu disse que não. Em seguida, perguntou quando voltaríamos à piscina. Nicole disse que iria no sábado, e portanto eu também iria. Se papai soubesse, ficaria furioso! E será que estaria errado? Posso imaginar que as pessoas me tratariam do jeito que eu trato as mulheres que saem com boches, e aos olhos delas eu sou... Oh! Não quero ficar pensando nisso. O que me desculpa, pelo menos aos meus olhos, é que eu fui direta com ele e lhe disse exatamente o que pensava! (Ele é alto, louro, tem 25 anos e acha que Paris é a cidade mais linda do mundo.)

12 de abril de 1941

Meu aniversário!

Estou com 15 anos! A idade é muito importante na vida. Não sou mais uma menininha e já tive o meu primeiro encontro com um boche!

Ele veio, mas hoje eu também fiz uma nova amiga, Janine. (Não sei o sobrenome dela.) Ficamos amigas em apenas um dia. Ela estava na piscina e é realmente encantadora. É incrível o que nós duas

tivemos coragem de dizer ao boche. No início, ele queria jogar Janine na água, mas acabou deixando-a de lado. Perguntou se eu fumava; eu não suporto fumar, mas disse que só fumo cigarros ingleses, pois os cigarros alemães fedem. Mas disse de um jeito que ele não podia ficar zangado. Ele nos ofereceu balas, laranjas e biscoitos. Nós não gostamos dos biscoitos, e ele sugeriu que os levássemos para casa, para Darak (eu disse ao papai que os encontrei no meu vestiário). Até que Janine foi se trocar e eu expliquei ao Walter que não podia sair com ele “porque os franceses não vão gostar”. Ele entendeu e comentou, triste: “Inimigo.”

As laranjas estavam ótimas.

15 de abril de 1941

Encontrei Walter e Janine na piscina de novo. Walter é músico e hoje não foi ao concerto, alegando que tinha de ir ao dentista, para poder vir nos encontrar. Pedi que ele corrigisse o meu dever de casa boche. Tomara que eu tire uma boa nota. Ele encontrou vinte erros.

27 de abril de 1941

A Iugoslávia foi derrotada e os alemães estão às portas de Atenas. Que posso dizer? Eu nunca perdi a esperança, minha única esperança está na Inglaterra. A Inglaterra não é a Iugoslávia nem a Grécia; não é possível que um povo tão maravilhoso seja derrotado, nos deixando debaixo do tacão dos bárbaros.

Não voltei a encontrar o Walter, mas ele me causou muitos problemas. Monique, Yvette, Nicole e mamãe me acusam de ter me apaixonado por ele. Eu, amar um boche! Que ideia terrível! Ele é muito legal, mas é e sempre será um boche. Eu disse a mamãe que nunca deveria ter falado do Walter a ninguém. Ela me disse que eu nunca devia ter falado com Walter, ponto final.

E ela está certa. Desde criança, eu sempre considerei os boches uns bárbaros cruéis. Eles são o inimigo: eu fui ensinada a odiá-los, e foi o que eu fiz, sem conhecer nenhum deles pessoalmente, por causa dos seus crimes passados. E agora que o meu país está debaixo da bota do opressor, eu me dou conta de que nunca deveria ter dirigido a palavra a um boche, por respeito pelo passado... O pior foi quando Denise me disse: “Quando os ingleses estão aqui, você os ama, mas quando estão os boches, se pode usá-los, você trata de usá-los” (ela nunca me perdoou por aquele dever de casa de alemão).

Que posso dizer?

E aí Monique me disse que não considerava que houvesse nada de desonroso em gostar de um boche e que ela não deixaria de ser minha amiga por causa disso. De modo que eu vou em frente.

Depois de quase um ano de encarceramento no gueto de Łódź, as anotações do diário de Dawid centravam-se menos nos alemães e mais na figura de autoridade que ele tinha à sua frente — o “Presidente Judeu”, Chaim Rumkowski, designado pelos nazistas como representante do gueto para dirigi-lo, e que havia decidido cooperar, na esperança de salvar pelo menos em parte sua comunidade. As anotações de Dawid em 1940 e no início de 1941 viriam a perder-se posteriormente na guerra; seu diário que chegou até nós é retomado em abril.

22 de abril de 1941

Rumkowski teve uma excelente ideia para impedir que os trabalhadores das cooperativas de pão comam todo o pão. A partir de amanhã, cada pessoa receberá um filão de 2 quilos de cinco em cinco dias, acabando com a pesagem, o corte e a comilança de pão nas cooperativas. A pesagem será feita pelos comissários nas padarias. Além disso, fica proibida a venda de madeira roubada de cercas, lavatórios — na verdade, qualquer estrutura de madeira do gueto que ainda não tenha sido derrubada. Ninguém sabe o que acontecerá, há meses não há rações de carvão, e a última vez que Rumkowski distribuiu madeira foi no início de fevereiro. Assim, temos de nos virar com sopa uma vez por dia, da cozinha comunitária em que nos inscrevemos, e embora haja rações extras de batata, não temos como cozinhá-las. Existe mais de uma maneira de tirar a pele de um gato! Morrer de fome está se tornando uma possibilidade concreta.

Matriculei-me hoje na escola da rua Dworska. Supostamente, há comida na escola, mas até sexta-feira não saberemos exatamente o quê. De modo que hoje vou de novo para a escola — se não tiver trabalho, claro. Eu praticamente já tinha desistido, de qualquer maneira. Isso porá fim à minha desorientação e também, espero, a todo esse filosofar e à depressão que a acompanham.

Não tive trabalho hoje, mas fui até a loja de hora em hora para ver se os nabos tinham chegado.

24 de abril de 1941

Os nabos enfim chegaram. Trabalhei o dia inteiro, mas ainda não acabamos de distribuí-los. Finalmente recebi o meu cupom, e assim pude conseguir minha porção antes que se acabassem.

25 de abril de 1941

Finalmente acabamos com os nabos, mas isso significa também que meu trabalho acabou. Agora eles nos dizem que não receberemos pelos dias de trabalho, mas pelo total de nabos distribuídos. Não poderei contar, assim, com mais de 10 a 12 Reichsmarks por mais de duas semanas de trabalhadeira. E só receberemos na semana que vem.

27 de abril de 1941

Primeiro dia de escola. Marysin fica muito longe, e o pior é que é muito lamacento, por causa da chuva que não para. Os sapatos que recebi na escola já começam a se acabar, e não há como consertá-los. Daqui a pouco estaremos caminhando descalços para a escola, que fica num prédio pequeno, onde mal há espaço para as carteiras. Não temos os demais equipamentos (nem sequer um quadro-negro). Sentamos na sala de aula com nossos casacos, pois não há um guarda-roupa.

Hoje tivemos seis aulas. Na última delas, recebemos a visita de Rumkowski e outros “dignitários” do gueto. Rumkowski inspecionou a cozinha, provou a sopa (talvez por isso estivesse tão boa) e conversou conosco. Falou dos problemas da abertura da escola e disse que vai tentar conseguir mais para nós. Disse-nos que fôssemos aplicados, limpos e bem-comportados. Agora, portanto, é estudar, estudar e estudar mais.

28 de abril de 1941

As vitórias alemãs se sucedem. Na Iugoslávia e na Grécia, os combates praticamente terminaram. A Inglaterra está perdendo na África. Fala-se de tensão nas relações germano-soviéticas, e esses boatos não deixam de ser um consolo. Mas nós fomos amaldiçoados demais para que alguma coisa boa aconteça em breve. Certamente teremos de sofrer mais um pouco.

Dawid e seus amigos deram um jeito de conseguir o jornal alemão local, o qual, apesar de coberto de propaganda, ainda podia lhes dar uma ideia do andamento da guerra.

Na Grã-Bretanha, ao longo da semana seguinte, a Luftwaffe bombardeou o porto de Liverpool sete noites seguidas, como parte de uma intensificação da campanha contra a Grã-Bretanha. Brian, que ainda não se deparara com um alemão em carne e osso, demorou mais que o habitual a escrever a Trudie, atrasando em dois dias seu dia praticamente sagrado de escrever cartas.

7 de maio de 1941

Querida Trudie,

Sua carta do dia 23 de março chegou hoje. Levou seis semanas, quanto tempo! É com certeza uma carta muito curta, e você não me faz nenhuma pergunta. Ai, ai, ai! Há seis noites consecutivas não consigo dormir direito, e hoje vou me deitar cedo.

Estamos no noticiário. Na noite do último sábado, quando Liverpool sofria sua maior “Blitz”, um dos nossos caças noturnos “Defiant” perseguiu um Junkers 88 a partir de Liverpool e o derrubou sobre Lostock Gralam. O avião estava fora de controle. Eu pude ouvi-lo quando se aproximava. Eu estava em casa e gritei “Cuidado, mamãe!” ao ouvir o avião se aproximando da casa, mas ele passou e papai e eu saímos correndo. As pessoas que estavam lá fora disseram que foi incrível que ele não tivesse caído na fileira de cinco casas da qual a nossa faz parte.

Nós pulamos no carro e o seguimos até vê-lo cair e pegar fogo. Fomos dos primeiros a chegar lá e ajudamos a apagar as chamas. Que bênção ele ter caído numa plantação de aveia! Não encontramos nenhum corpo no aparelho. Começamos então a dar busca, mas chegou a notícia de que dois homens haviam fugido de paraquedas, um fora capturado por soldados e outro por homens do nosso pelotão da Guarda Nacional. Portanto, ainda era preciso encontrar dois. Nós nos dispersamos e papai encontrou um outro paraquedas, aberto, com os arreios desfeitos, e chamou a mim e a três outros para dar busca. Estávamos para passar por um regato quando alguém projetou a luz da lanterna na água e havia um corpo com o rosto para cima. Estava morto. Em toda a minha vida, nunca me senti tão enjoado quanto naquele momento. Virei-me, e alguém me disse: “Se eu fosse você, não sentiria pena dele, esta noite ele matou muitas mulheres e crianças.” E eu respondi: “Verdade.” Meu coração se endureceu e eu me volvei para ele. Ele estava muito ferido com os tiros, e ninguém sabe como é que conseguiu rastejar do paraquedas até a água. Era um oficial sem comissão, de aproximadamente 23 anos, muito grande e robusto. O outro homem, o piloto, foi encontrado por um cão, seu paraquedas não abriu. Esses dois serão enterrados amanhã com todas as honras militares, pelos homens do esquadrão que o abateu.

Bem, as coisas não foram muito bonitas na Grécia, e nós nos damos conta da nossa grave carência de equipamentos. A coragem, sozinha, não adianta de nada. Contamos com a América para nos mandar equipamentos. E eu acho que deviam ser trazidos por você. Não podemos combater Hitler com todos os recursos da Europa nas mãos dele, sozinho. Não entendo por que os homens de vocês aí não podem participar da guerra. Basta dessa guerra. Vamos falar de outra coisa.

Falando de cenouras, eu gosto cruas e raladas, mas não tenho a menor ideia do que seja manteiga de amendoim. Que é isso? Você sabia que os nossos pilotos de caças noturnos comem cenouras para aguçar

a visão?

Bem, preciso dar uma cochilada antes que Jerry chegue, hoje à noite. Você e os seus se cuidem.....

Muito amor!!!!

Brian

Em Łódź, Dawid devia cruzar regularmente com mortos e moribundos. Só em maio de 1941, quase mil habitantes do gueto morreram de fome e doenças. Nos dois meses seguintes, o presidente Rumkowski tratou de reprimir qualquer sinal de oposição que ameaçasse o tranquilo funcionamento do gueto, visando líderes grevistas nas oficinas e os comunistas. Dawid era um comunista militante desde antes da guerra.

16 de maio de 1941

Fui examinado hoje por uma médica, que ficou horrorizada com a minha magreza. Mandou-me fazer exames de raios X. Quem sabe eu consigo repetir a sopa na escola. Cinco porções não seriam nada mal, mas duas já estaria bom. O certo é que uma não é suficiente. Mas o checkup me deixou assustado e preocupado. A última onda no gueto são as doenças do pulmão. Elas simplesmente acabam com a pessoa, como a disenteria e o tifo. E a situação da comida está piorando. Há uma semana não temos batatas, e continuaremos assim por muito tempo.

Hoje, Niutek Radzyner me fez uma proposta estranha. Ele e alguns outros membros da nossa organização formaram um grupo muito unido, quase uma comuna, para estudar teoria juntos (eles têm *O Capital*, de Marx, e as obras de Lenin) e trabalhar para a organização de modo geral. Niutek me convidou a aderir, o que significaria um tipo de contato pessoal ao qual não estou habituado. Eu aceitei, mas fico me perguntando o que acontecerá. De qualquer maneira, é uma iniciativa interessante, e estou convencido de que ganharei muito com isso.

24 de maio de 1941

Passei o dia inteiro hoje pondo em dia o dever de casa. Estou com uma fome dos diabos, não restou nem uma migalha do pão que deveria durar até terça-feira. Me consolo pensando que não sou o único. É difícil me controlar, sinto-me tão fraco que simplesmente preciso comer, e assim o pão desaparece. E aí eu sofro ainda mais. Mas não há nada a fazer. E assim vamos cavando nossa própria sepultura.

25 de maio de 1941

Finalmente parece mesmo que estamos em maio, e embora as pessoas descarnadas e famintas (como eu, por exemplo) ainda não possam usar roupas de verão, os casacos de inverno foram deixados de lado. Em toda parte o clima está seco, e o cheiro em Marysin me lembra da vida antes da guerra, fazendo bater o meu coração. Se estivéssemos numa época normal, faltariam apenas três semanas para as provas [depois de quatro anos de escola secundária] e estaríamos na expectativa das férias de verão. Alguma excursão com a escola, depois o acampamento de jovens ou uma viagem pelo campo. Me dá vontade de chorar, só de pensar. Ao diabo com tudo!

26 de maio de 1941

Na escola, tudo parece normal. Nada de provas até agora, mas estamos avançando no curso. Estudamos o famoso discurso de Cícero contra Catilina; em matemática, estamos nas equações quadráticas. Estamos atrasados na maioria das outras matérias, exceto alemão. As sopas na escola são muito boas, e a minha sopa extracurricular é muito apreciada. Mas cinco porções não seriam um exagero.

Estamos preparando um jornal da escola. Fiz algumas caricaturas e eles talvez incluam um dos meus artigos judaicos. Todos os que escrevi até agora revelaram-se impublicáveis — até o gueto tem sua ideologia burguesa, claramente formulada e definida.

As coisas não vão muito bem em casa, mas mamãe agora tem um emprego. Ela sai às sete da manhã e volta para casa às nove da noite. Papai está trabalhando num turno diurno das oito às oito. Todas as tarefas domésticas estão nos ombros de [minha irmã] Nadzia, que vai para as filas, lava e assim por diante — tudo isso com apenas uma sopa por dia com 300 gramas de pão (ela e mamãe dão cada uma 100 gramas de pão ao papai, mas ele é muito ingrato e as trata mal, exatamente como faz comigo — o que serve apenas para mostrar como ele é egoísta). Como trabalha na cozinha, mamãe recebe uma porção extra de sopa — o mesmo que todos os trabalhadores do gueto. Não cozinhamos mais em casa — não há *nada* para cozinhar. Está ficando cada vez mais difícil encontrar comida. Não há batatas nem cevada, o pão leva 8% de farinha de castanha e a ração diária não aumenta. Estamos realmente numa crise alimentar. E é apenas o segundo ano de guerra!

27 de maio de 1941

Todo mundo está impaciente para ouvir o discurso de Roosevelt, que deve ser feito hoje. As pessoas estão lembrando que foi no dia 27 de maio de 1917 que os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha, e esperam que os americanos o façam de novo no mesmo dia. Não tenho aqui um manual para verificar a data, mas, ainda que seja correta, não creio que a América entre na guerra hoje. Espero estar errado. Todo mundo está zombando do meu pessimismo. Mas infelizmente eles em geral têm de admitir que eu estava certo. E isso me mata...

28 de maio de 1941

Ele certamente não disse nada de especial. Temos de esperar, esperar e esperar — é o bastante para enlouquecer uma pessoa, ouvir todo esse blá-blá-blá vazio. Aqui, as estatísticas mostram um incrível aumento do número de crianças e jovens com tuberculose, mas lá eles preferem esperar para ver. Ao diabo com eles!

15 de junho de 1941

Esse sádico, esse imbecil do Rumkowski está fazendo coisas terríveis. Ele demitiu dois professores comunistas. Motivo declarado: estavam organizando uma manifestação de protesto dos professores. Provável razão verdadeira: supostas atividades comunistas na escola. Estamos mantendo uma atitude discreta e levando a sério a recomendação dos nossos dirigentes de não organizar comícios durante uma semana ou duas. Existe o risco de expulsão, eles podem até fechar a escola.

28 de junho de 1941

Um problema muito difícil hoje, que me perturbou bastante. Niutek Radzyner me disse que, como todas as ações do partido no gueto foram suspensas, haverá uma reunião secreta de um núcleo de militantes, formado por pessoas dedicadas à causa, de corpo e alma, à exclusão de tudo o mais. Eles ficarão à disposição do partido para qualquer ação. Serão cinco membros, escolhidos depois de muita consideração. Estou entre os candidatos e Niutek perguntou-me abertamente o que eu achava. Fiquei tão surpreso e preocupado que não consegui lhe dar uma resposta hoje. Deixei para amanhã. Depois de pensar bem, cheguei à seguinte conclusão: embora esteja absolutamente certo de meus ideais e pontos de vista, não tenho como meta na vida uma atividade revolucionária extrema e profissional, e não seria capaz de participar de coisas como “batalhões da morte”. Quanto a minha resposta, decidi dizer que no caso de uma ação específica estou disposto a participar ativamente no momento decisivo, mas que a atividade regular, profissional, estando constantemente em perigo — à exclusão de todos os outros ideais, metas e preocupações —, não é intenção minha.

29 de junho de 1941

Falei a Niutek da minha decisão hoje na escola. De sua parte, ele tomou um rumo diferente, mas entendeu e aceitou minha explicação.

Hoje foi o enterro de uma garota da nossa escola, que morreu quinta-feira passada numa tempestade. Não existe a menor segurança no gueto. Só o diabo sabe o que mais poderá nos acontecer.

⁵ Programa americano de fornecimento de equipamento militar aos países aliados, a partir de março de 1941, em troca, no caso da Grã-Bretanha, do uso de algumas bases militares britânicas. (N. do T.)

A invasão da Rússia

Junho de 1941-janeiro de 1942

“Eu sonho com pão, manteiga, ervilhas e batatas...”

Em dezembro de 1940, Hitler anunciou numa reunião a portas fechadas com os comandantes de seu Exército que a “hegemonia sobre a Europa será decidida numa batalha contra a Rússia”. Naquele inverno, enquanto a Luftwaffe e a RAF travavam uma batalha nos céus da Grã-Bretanha, trens inteiros de tropas alemãs eram enviados para o leste, nos preparativos dessa campanha. A “Operação Barba Ruiva” deveria ser uma rápida ofensiva de verão, destinada a tomar as principais cidades da União Soviética, assumindo o controle de suas vastas reservas petrolíferas e de suas riquezas minerais. Mas a ideologia era igualmente uma força propulsora no caso. Insistindo na tomada antes de mais nada dos “viveiros bolchevistas” de Leningrado e Stalingrado, Hitler proclamava que a nova campanha seria uma “luta fanática e impiedosa” contra o bolchevismo, prometendo assegurar amplo “espaço vital” para a “raça ariana” no leste. Uma vez derrotada a União Soviética, Hitler esperava pôr a Grã-Bretanha de joelhos.

Stalin recusava-se a acreditar que fosse iminente uma guerra com Hitler, descartando como mera “desinformação” as advertências sobre um ataque alemão. Ele esperava que o Pacto de Não Agressão de 1939 vigorasse por tempo suficiente para progredir com os preparativos militares da União Soviética e queria assegurar-se de que nada pudesse incitar a Alemanha a entrar em ação antes do tempo. Em maio de 1941, tendo um importante espião soviético identificado entre 20 e 22 de junho de 1941 a data da invasão alemã, finalmente se ordenou que os reservistas do Exército Vermelho fossem mobilizados no oeste do país, com tal urgência que não puderam levar armas nem equipamentos.

O operador de rádio Herbert Veigel, de 18 anos, foi mobilizado nos primeiros dias de junho de 1941. Depois de quase um ano num posto tranquilo na Holanda, ele estava empolgado com a perspectiva de se mexer de novo. Sua companhia atravessou a Polônia para se juntar a mais de 3 milhões de soldados da Wehrmacht mobilizados ao longo da fronteira ocidental da União Soviética. Informado de que o Exército Vermelho era constituído de “gente do pântano” — “Ivãs primitivos” que não podiam estar à altura das “sofisticadas tropas arianas” —, Herbert, como a maioria dos soldados alemães, esperava que a campanha russa estivesse encerrada antes do fim do verão.

Na noite de 21 de junho de 1941, o estudante russo Yura Ryabinkin, de 15 anos, não conseguia dormir em sua casa em Leningrado. Na mais longa “noite branca” do ano — quando a noite é tão clara quanto o dia —, milhares de estudantes festejavam nas ruas o fim das provas, cantando até as primeiras horas da manhã. Mas não era isso que impedia Yura de dormir, mas um “estranho

zumbido”. Fora de Leningrado, na base naval de Kronstadt, as autoridades haviam declarado alerta total depois de detectar atividades suspeitas da Força Aérea alemã.

Yura morava num apartamento de três quartos no centro da cidade com a mãe, bibliotecária no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Industrial, e sua irmã, Ira, de 8 anos. As crianças mal conheciam o pai, que abandonara a família anos antes e mais tarde tivera seu nome tornado “impronunciável”, vítima dos expurgos stalinistas da década de 1930. Em seu lugar, como o homem da família, Yura muitas vezes se dedicava às tarefas domésticas depois da escola, mas passava o tempo livre no Palácio dos Jovens Pioneiros, que reunia clubes e atividades infantis. Como milhares de outros meninos de Leningrado criados no “berço da Revolução Russa”, Yura venerava os heróis de guerra russos e sonhava em se tornar um “Marinheiro Vermelho”. Muito interessado pela história, Yura começou a escrever um diário no dia em que a Alemanha invadiu a União Soviética, valendo-se de um livro de exercícios escolares.

22 de junho de 1941

Não consegui dormir na noite passada por causa de um estranho zumbido. Vi holofotes da minha janela e só depois do alvorecer é que consegui cair no sono. Levantei-me às 11, vesti-me, tomei café e fui para o Palácio dos Jovens Pioneiros, pois queria me formar em xadrez neste verão.

Ao sair de casa, notei que o varredor de rua estava usando uma máscara de gás e uma faixa vermelha no braço. Havia milicianos em cada esquina. Eles também usavam máscaras de gás, o que parecia estranho. Havia apenas dois jogadores de xadrez no Palácio dos Jovens Pioneiros, e ao dispor minhas peças notei um grupo de meninos em torno de um outro garoto. Quando ouvi o que ele estava dizendo, simplesmente gelei.

Ele dizia que bombardeiros alemães haviam atacado Kiev, Jitomir e Sebastopol às quatro da manhã e Molotov foi ao rádio anunciar que estávamos em guerra com a Alemanha!

Precisei sentar. Que notícia! Eu jamais imaginara que algo assim fosse possível. A Alemanha! A Alemanha está em guerra conosco! Por isso é que todo mundo estava usando máscaras de gás. Minha cabeça rodava. Eu não conseguia pensar direito, mas permaneci ali, para jogar três partidas de xadrez. Venci as três. Que estranha criatura eu sou!

Já são 23h30, e o dia está chegando ao fim. A luta decisiva começou. A luta entre dois estilos de vida incompatíveis, entre o fascismo e o socialismo! O futuro da humanidade dependerá do resultado dessa grande luta histórica!

29 de junho de 1941

Hoje, ajudei a construir um abrigo antiaéreo no Palácio dos Jovens Pioneiros e antes ajudei a descarregar areia na praça das Artes. Não havia realmente muita coisa a fazer, e assim alguns garotos fizeram um modelo da cabeça de Hitler com a areia e começaram a golpeá-lo com pás. Eu, naturalmente, aderi.

Assim que cheguei em casa, minha irmã, Ira, correu para mim, gritando: “Olhe, olhe o que mamãe comprou para mim! Nada disso é seu! É tudo meu!” Eu vi a nova boneca de Ira e sua roupa de marinheiro no sofá, além de suas novas botas, sobre a mesa da sala de jantar.

Havia algo para mim. Mamãe depositou um bilhete dobrado na minha mão. Eu o abri sem pensar em nada. Era uma carta endereçada ao Comitê Militar do Distrito, escrita em nome de nós dois, dizendo que estávamos nos apresentando como voluntários para o Exército Vermelho.

Fiquei sabendo que, mais cedo, houvera uma reunião do Partido Comunista no escritório da minha mãe, na qual todos os membros tinham decidido alistar-se no Exército Vermelho. Nem uma só pessoa havia se recusado. Inicialmente, fiquei orgulhoso, depois um pouco assustado, mas no fim das contas o orgulho levou a melhor sobre o medo.

30 de junho de 1941

Esta manhã, fui ao Palácio dos Jovens Pioneiros. Joguei bilhar durante meia hora e depois ajudei com o abrigo antiaéreo até mais ou menos as sete.

Mais notícias: talvez eu não seja afinal de contas aceito no Exército, pois sou muito jovem e tenho pleurisia. De modo que provavelmente serei dispensado do trabalho no Palácio e mandado para um campo de verão.

Não haveria acampamentos de verão para as crianças nesse ano, pois a Wehrmacht, tendo apanhado de surpresa as forças soviéticas, rapidamente avançou para o coração da Rússia. Depois de uma semana avançando num tanque de reconhecimento, Herbert Veigel mandou sua primeira carta para a família.

1º de julho de 1941

Queridos pais,

Finalmente tenho algum tempo para mim, de modo que posso escrever-lhes para dizer que estou indo bem. É a primeira oportunidade que temos para mandar cartas. Estamos avançando tão depressa, sem parar! Anteontem, estávamos em Minsk.

Vocês provavelmente adivinharam que eu estava bem no meio da tormenta quando tudo começou, no dia 22 de junho. Estamos a cerca de 10 quilômetros da fronteira, perto de Brest-Litovsk. Quando as ordens do Führer foram lidas na noite anterior, finalmente ficamos sabendo com certeza o que vínhamos nos perguntando há semanas. Às 3h15, quando a artilharia e os bombardeiros de mergulho começaram sua ação destruidora, eu já estava no meu rádio, controlando as comunicações. Atravessamos a fronteira no rio Bug. Transcorriam combates pesados nas imediações de Brest-Litovsk quando passamos. Vi meus primeiros corpos sem vida, montes deles, na verdade. Senti um calafrio na espinha, mas agora já estou me acostumando com essa história de guerra. Tenho certeza de que vocês ouviram as notícias no rádio, de modo que sabem o que está acontecendo. Só preciso dizer-lhes que estamos avançando com extrema rapidez.

Encontramos enormes quantidades de russos em todas as áreas florestais. Eles ficam tentando romper o cerco, mas nós os rechaçamos ferozmente a cada vez. Há muitos atiradores de tocaia, em certos casos mulheres, também, mas nós os tratamos sem piedade. Fico com a forte impressão de que os russos têm enorme quantidade de tropas à sua disposição. Mas ainda assim haveremos de derrotá-los. Vocês terão de esperar que eu volte para saber os detalhes; por enquanto, será necessário que se contentem com a notícia de que estou bem. Uso as mesmas roupas dias a fio e mal consigo dormir, mas a guerra é assim mesmo. Temos mais do que o suficiente para comer. As enormes reservas de alimentos dos russos têm sido uma mão na roda. Nós também pilhamos muitos equipamentos e roupas. Mas as coisas aqui são muito diferentes, em comparação com a guerra na França.

Do seu Herbert

6 de julho de 1941

Queridos pais,

Avançamos um pouco, mas não com a rapidez do início, pois agora temos de limpar todas as áreas que ocupamos. Contamos sobretudo com o fato de que os russos se deixam derrubar com a maior facilidade. Nós achamos que o Exército deles está à beira do colapso total, estão batendo em retirada e parecem entrar em pânico, deixando tudo para trás, tanques, veículos e até aviões. Os retardatários que se escondem nas florestas nos dão trabalho. Três dias atrás, o pelotão de comunicação avançada de um regimento que estava meia hora à nossa frente caiu numa emboscada, e 17 homens foram mortos da maneira mais brutal. Nós chegamos não muito depois; todos eles tinham sido mutilados. Um deles tivera o coração arrancado; ele estava ali, sobre o seu corpo. Outros tiveram o rosto retalhado e a pele arrancada, o tipo de coisa sobre a qual tínhamos ouvido falar na campanha polonesa. Os nossos pilotos de caça se vingaram, apagando do mapa a aldeia de onde vinham esses russos.

Estamos atualmente a 600 quilômetros de Moscou. É a primeira rodovia decente desde Minsk; até agora, elas têm sido terríveis, tão poeirentas que mal conseguimos ver alguma coisa. Mas agora estamos no asfalto, a caminho de Moscou.

Do seu Herbert

Apesar da desorientação e do caos no início, o Exército Vermelho conseguiu se recompor, opondo dura resistência. No fim do verão, contudo, as forças alemãs estavam a apenas 48 quilômetros de Leningrado, onde Yura relatava o dia em que completou 16 anos.

2 de setembro de 1941

Nada interessante aconteceu no meu aniversário.

Mamãe me deu 5 rublos para gastar na cantina. Comprei um manual de xadrez para me alegrar, mas quando cheguei à cantina, já não havia mais comida barata. Mamãe então comprou duas tortas depois do trabalho, e nós também fizemos um pouco de sopa. Agora, então, estou satisfeito e feliz!

Todas as manchetes de jornal proclamam: Jamais entregaremos Leningrado! Haveremos de defendê-la até a última gota de sangue! Precisamos reforçar nossas defesas contra tanques! Mas nosso Exército não está vencendo, não sei por que, talvez porque não disponha de armas decentes em quantidade suficiente. Os milicianos nas ruas, os voluntários e até os soldados do Exército Vermelho estão armados com revólveres e pistolas de aparência antiquada. Os alemães avançam sobre nós com tanques, e nós devemos resistir com granadas e garrafas de vidro cheias de combustível. É mesmo para ficar perplexo.

8 de setembro de 1941

Um dia de alertas, preocupações e problemas. Houve um alerta de ataque aéreo. Dei uma olhada na rua, olhei para cima e aí eu vi... 12 Junkers! E havia também aquelas explosões ensurdecedoras, uma depois da outra, embora não fossem tão altas que fizessem as janelas tremer. Parece que as bombas caíram muito

longe, mas devem ter sido incrivelmente devastadoras. Os estragos causados pelo bombardeio fascista foram terríveis. Metade do céu ficou coberta de fumaça. O porto e a fábrica Kirov foram bombardeados. Ao cair a noite, parecia um mar de fogo onde existia a fábrica Kirov. Aos poucos as chamas foram se apagando, mas a fumaça ficou em absolutamente tudo, por toda parte. Até agora eu continuo a sentir esse fedor amargo, apertando minha garganta.

Foi o primeiro ataque aéreo a Leningrado.

Logo chegará a noite. Que poderá trazer?

Naquela noite, as tropas alemãs cortaram a última ligação terrestre de Leningrado com o resto da Rússia. Hitler ordenou que a cidade sitiada fosse apagada da face da Terra. Stalin, por sua vez, ordenou que os defensores de Leningrado não entregassem a cidade, fosse qual fosse o custo. Quase 2,5 milhões de pessoas, em sua maioria civis, mulheres e crianças, ficaram aprisionadas.

No início do outono, Herbert Veigel avisou aos pais que não o esperassem de volta em casa tão cedo.

18 de setembro de 1941

Meus queridos,

Os pãozinhos estavam deliciosos, exatamente com o sabor que tinham em casa! E também fiquei muito grato pelos cigarros: vocês não podem imaginar como é quando uma companhia fica sem cigarros dias a fio — um único deles chega a valer um preço absurdo. Está um pouco tarde para conseguir as sedas, pois não sobrou tabaco; o que restava nós enrolamos em papel de máquina de escrever. Vocês nem imaginam como o fumo é importante, mas nós não temos nenhum outro prazer e até a comida mais nojenta fica parecendo boa quando se pode fumar um cigarro depois. E é claro que eu fiquei muito feliz de receber os doces. Além disso, muitas garrafas de vinho e champanhe foram entregues ontem, mas os oficiais ficaram com a maior parte, e nós tivemos sorte de conseguir algumas.

É impossível dizer como as coisas poderão evoluir para nós aqui no leste. Realmente não creio que possamos conquistar a Rússia este ano. Mas espero que isso não signifique que estejamos condenados a passar o inverno aqui. Isso seria muito duro. O que quer que aconteça, não temos a menor dúvida sobre nossa vitória final, por mais demorada que seja. E na frente interna é preciso resistir também.

Do seu Herbert

6 de outubro de 1941

Queridos pais,

Participamos da mais recente e, espera-se, a última grande ofensiva, desde o início. Eu estava num veículo de reconhecimento com o destacamento avançado de uma divisão de tanques. Nossa missão consiste em orientar os ataques dos Stukas, dos bombardeiros e dos aviões de caça, na própria linha de frente.

Encontramos uma resistência bem forte ao romper a linha russa. Eles ficaram muito chocados de nos ver tão avançados em seu próprio território, e a maioria deles fugiu em total pânico. Surpreendentemente, conseguimos tomar um campo de pouso onde havia muitos aviões alinhados e prontos para levantar voo. Todo mundo tinha fugido.

No dia seguinte, avançamos 117 quilômetros! A pouca resistência que encontramos, em geral nas pontes, foi facilmente superada. Na aldeia onde passamos a noite, os fornos ainda estavam quentes e havia comida no fogão, de modo que aproveitamos. Nós já tínhamos tomado muita comida dos militares russos.

No dia seguinte, atacamos Orel. Foi um inferno. Estávamos debaixo do fogo de aviões de combate, dia e noite. Felizmente, a chuva de balas que caía em nós não perfurava nossa blindagem. Os aviões de combate só chegaram à noite, mas ao chegar derrubaram dez aviões e destruíram 27 no solo. Já são mais alguns para o meu placar.

Houve feroz resistência nas imediações da cidade, mas nosso tanque foi dos primeiros a chegar ao centro. Invadimos algumas lojas e fizemos a “limpeza” à luz das fogueiras do lado de fora. Havia muita coisa para levar. Se houvesse espaço para tudo no tanque, eu teria saído dali rico.

É difícil descrever, mas é realmente uma sensação fantástica estar no controle de um lugar que acaba de ser capturado ao inimigo. Nós fizemos alguns prisioneiros e nos instalamos no maior e melhor hotel da cidade. Havia na cozinha a melhor carne assada e os melhores filés de peixe, além de muitas outras delícias. Fizemos um banquete à luz de velas (havia até um bom vinho do Porto) e nos deitamos para dormir em camas de hotel recém-feitas. Parecia tudo meio fantasmagórico, mas depois de um tempo você se acostuma.

Amanhã vamos em frente de novo. Logo estaremos em Moscou se continuarmos assim! E então esta campanha terá terminado.

Não se preocupem comigo, fui poupado até agora e não creio que alguma coisa venha a me acontecer. Há tantas coisas para explicar numa carta. Os detalhes terão de esperar até mais tarde, se ainda quiserem ouvi-los. Mas já posso imaginar que depois que a guerra acabar não vou querer ficar pensando em nada disso de novo. Mas não resta a menor dúvida de que os russos estão sendo derrotados para valer.

Do seu Herbert

Aprisionado numa Leningrado sitiada, diariamente debaixo de bombardeios e fogo de artilharia, Yura passava a maioria das noites no serviço de alerta contra ataques aéreos no telhado de sua escola.

13 de outubro de 1941

Essas intermináveis noites de terror ficarão gravadas para sempre na minha memória. A escuridão, o balde sempre pronto [para apagar fogo], a escada escura com sua pequena janela, o barulho dos canhões antiaéreos. Os ouvidos ficam em alerta cada vez que ouvimos um barulho, o coração bate mais rápido toda vez que ouvimos o assobio de uma bomba ou o rugir de um avião alemão. A janela se ilumina a cada explosão, a escada treme, a casa inteira treme quando uma bomba explode por perto. E tudo isso acontece toda santa noite. A gente só pensa em dormir, comer e esquecer de tudo. Mas aí o assobio começa de novo e a gente se joga contra a parede, se enroscando que nem uma bola, até tudo passar.

David e eu fomos para o telhado na noite passada. Houve um breve assobio, seguido de uma explosão bem acima de nossas cabeças. Ficou mais claro que o dia. David percebeu do que se tratava antes de mim. Pegou uma pá e começou a apagar, e eu me juntei a ele; agimos com a máxima rapidez, mas aquela espessa fumaça ácida se agarrava à nossa garganta, pinicando e escorrendo para os pulmões. Estávamos suando, mas fomos em frente. Uma mulher no posto seguinte gritava: “Uma bomba! Uma bomba! Apaguem!” E começou a atirar punhados de areia no fogo.

Eu peguei uma pá e cobri os destroços em chamas com areia. Aquela luz forte transformou-se numa espessa escuridão. Olhei para o outro telhado e havia uma dúzia de pessoas correndo para baixo e para cima. Quando o alarme parou, fui dormir. Acordamos com más notícias no rádio: a cidade de Viazma caiu. O avanço alemão prossegue.

Mais tarde, fiquei sabendo que nada menos que 23 bombas caíram na nossa escola naquela noite. (Eu apaguei duas sozinho e ajudei com uma terceira.)

À medida que as tropas alemãs se aproximavam de Moscou, a capital soviética foi tomada de pânico e o governo transferiu-se em caráter de urgência. O próprio Stalin decidiu no último minuto ficar, ordenando que todos os civis com mais de 16 anos em condições físicas fossem mobilizados na defesa da cidade.

Na Leningrado sitiada, a mãe de Yura tentava em vão conseguir autorização para evacuar seus filhos de avião; trabalhadores e equipamentos fabris eram considerados prioritários no esforço de guerra. Em meio à grave escassez de alimentos, a família decidiu aceitar que um funcionário municipal se mudasse com a mulher para um dos quartos do apartamento, contra uma vaga promessa de acesso a uma cantina especial reservada aos escalões mais altos.

23 de outubro de 1941

Tão fraco que mal consigo me mexer. Subir um lance de escada é um enorme esforço. Mamãe diz que meu rosto começou a inchar. E tudo por causa da falta de comida.

Não sei como é que eu posso estudar. Outro dia, queria estudar um pouco de álgebra, mas só conseguia pensar em pão.

Eu não cuido muito bem de mim. Durmo vestido, lavo um pouco o rosto pela manhã, deixei de lavar as mãos com sabão, não mudo a roupa. Nosso apartamento é frio e escuro, e agora passamos a noite à luz de velas.

Mas o que mais me incomoda é isto: aqui estou eu, passando fome e frio, cheio de pulgas, enquanto no apartamento ao lado a vida é tão completamente diferente. Eles sempre têm pão e *kasha*, carne e doces. O quarto do nosso novo vizinho é quente e acolhedor, bem iluminado com uma lâmpada de querosene... Inveja. Tudo que eu sinto em relação ao nosso vizinho Anfisa é inveja, e não posso me impedir.

9-10 de novembro de 1941

Toda noite eu vou dormir e sonho com pão, manteiga, ervilhas e batatas. E quando vou dormir, só consigo pensar que, quando acabar a noite, daqui a 12 horas, receberei minha ração de pão.

Não sei por que, mas meu temperamento mudou completamente. Fiquei mais fraco, minha mão treme quando escrevo. Meus joelhos estão tão fracos que eu não consigo dar um passo sem cair.

Ainda assim, eu poderia perfeitamente dizer que, se não fosse por essas pessoas bem-alimentadas no apartamento ao lado, eu poderia me acostumar. Mas quando vejo na sua cozinha restos de comida nas panelas, cafés da manhã que ficaram por acabar nos pratos, almoços e jantares deixados por Anfisa, sinto-me... sinto-me dilacerado. E o cheiro do pão deles, das panquecas e da *kasha* entra pelas minhas narinas, como se dissesse: “Está vendo?! Está vendo?! Mas você não pode ter isso, terá de ficar com

fome.” Consigo me acostumar com os tiros e os bombardeios, mas não com isso. Simplesmente não consigo!

Ouçõ Anfisa rindo, cheia de alegria. Ontem, minha mãe pediu a ela um torrão de açúcar. Não temos conseguido comprar as rações a que nossa família tem direito no trimestre: 400 gramas de cereais, 615 gramas de manteiga, 100 gramas de farinha. A comida simplesmente não é encontrada, e quando é feita uma entrega juntam-se centenas de pessoas para esperar lá fora, no frio. Geralmente só há o suficiente para oitenta ou talvez cem pessoas. De modo que as pessoas fazem fila, congelam e vão embora sem nada. Você levanta às quatro da manhã, fica na fila até nove e vai embora sem nada. É horrível, mas não há o que se possa fazer. A fome nos obriga a entrar nesse frenesi alimentar humano no frio de congelar... Depois de semanas disso, não me resta nenhum sentimento, só o frio, uma indiferença embotada a tudo. Eu não como o suficiente, durmo mal e ainda por cima tenho de estudar. Mas não consigo. Que será que a noite me reserva? Mamãe e Ira voltam para casa com fome, com frio e cansadas. Não temos comida nem lenha, mas o que não falta é muita gritaria, pois um dos nossos vizinhos conseguiu um bocado de carne e cereais em algum lugar, mas eu — eu não tenho. Eles dizem que há carne nas lojas, mas eu não consegui achar. Minha mãe faz aquela cara e dá um suspiro: ela trabalha o dia inteiro, não pode ir às lojas. De modo que lá vou eu de novo, de volta às filas. E volto mais uma vez de mãos abanando. Sei que sou o único que pode conseguir comida, o único que pode nos trazer de volta à vida, mas não tenho forças. Se pelo menos tivesse botas de feltro. Mas não tenho!

Decidi que inchar é melhor que isso. Vou beber toda a água que puder. No momento, só minhas bochechas estão inchadas, mas daqui a uma semana, dentro de um mês, se não for atingido por uma bomba, meu corpo todo estará inchado até o Ano-Novo.

Eu me sento e começo a chorar... Tenho apenas 16 anos! Esses canalhas que começaram esta guerra... Adeus, meus sonhos da infância! Vocês nunca mais voltarão. Eu queria que o passado simplesmente desaparecesse no inferno, queria nunca ter sabido o que é um pão ou uma salsicha! Queria que as lembranças felizes do passado não ficassem voltando para mim. Felicidade! É a palavra que resume todo o meu passado... Eu costumava me sentir seguro sobre o futuro!!! Nunca mais serei o mesmo...

Esta noite, depois que as sirenes pararam, consegui chegar a uma loja, abrindo caminho em meio a uma enorme multidão. A correria foi tanta que os adultos gritavam, gemendo e chorando, mas eu consegui ir em frente. Cheguei ao balcão e recebi 190 gramas de manteiga e 500 gramas de salsicha de carne de cavalo com soja. Ao chegar em casa, senti fortes dores no peito, exatamente como eu tinha há dois anos. Existem apenas dois tratamentos para pleurisia: 1) boa alimentação, 2) um ar seco, limpo e quente. E nenhuma dessas duas coisas está ao meu alcance.

Esqueci de dizer que as pernas da minha mãe incharam e ficaram duras como pedra.

As ordens de Hitler foram reproduzidas no jornal. Elas consistem em acabar a qualquer preço com a Moscou bolchevista.

Preciso levantar-me para estar na fila às cinco da manhã. Estamos todos estressados e tensos. Minha mãe nunca mais recuperou a calma; só é capaz de uma infundável gritaria histérica. Motivo: fome, e o fato de vivermos constantemente com medo. Somos apenas três na nossa família, mas estamos sempre discutindo e brigando. Quando mamãe partilha a comida, Ira e eu ficamos observando cada movimento seu para ver se ela está sendo justa. Sinto-me muito mal até de escrever isto.

Em meados de novembro de 1941 praticamente já não havia gatos, cães ou pássaros em Leningrado, e um dos primeiros casos de canibalismo foi registrado quando uma mulher desesperada foi detida por sufocar seu bebê de seis semanas de idade para alimentar os três outros filhos. A terrível situação na

cidade era mantida em segredo do resto do país; toda a correspondência era rigorosamente censurada.

Os censores alemães também tinham de se manter muito vigilantes, pois a insatisfação se espalhava em suas tropas, despreparadas para as extremas condições climáticas. Embora parte da correspondência de Herbert demorasse mais a chegar a essa altura, os importantíssimos pacotes de comida continuavam sendo entregues intactos e a tempo.

18 de novembro de 1941

Queridos pais,

Recebemos a correspondência anteontem, pouco antes de nossa divisão receber ordem de atacar de novo. As roscas foram uma mão na roda esta manhã, pois não havia mais pão. Nosso carro de patrulha não pôde ser consertado, de modo que teremos de esperar até que apareça alguém com mais ferramentas. Mas não estamos chateados com isso. Nós dois, meu motorista e eu, estamos levando uma vida realmente tranquila, e literalmente não nos damos conta da passagem das horas. Vivemos em dois quartos (ou pelo menos algo que passa por um quarto aqui na Rússia). É rápido e fácil fazer uma cama com um pouco de palha. Diariamente, as únicas coisas com que temos de nos preocupar são: água, lenha e — sobretudo — comida. Sempre há alguma coisa para fazermos, o que nos mantém aquecidos nesse clima horroroso de congelar.

Ontem eu tirei o rádio do tanque, e agora podemos ouvir belas músicas do nosso país, enquanto as baterias aguentarem. Infelizmente está escuro demais para escrever à luz da lâmpada de parafina, e a única maneira de nos unir a nossas queridas famílias em nosso país é em nossos pensamentos. As noites são realmente longas, e por isso vamos cedo para a cama. Depois de todo o estresse e as tensões dos últimos meses, esse tipo de repouso é duplamente bom. Quando se consegue ignorar o ambiente miserável e os bombardeios diários, quase dá para acreditar que não há uma guerra. Mas aí a gente fica com essa saudade de uma vida normal, todas aquelas coisinhas que em casa passavam despercebidas, e realmente sentimos falta de casa. Vivemos apenas para a esperança de voltar para casa e ter férias, ou, por outra, continuamos a viver porque ainda temos essa esperança. Eu realmente quero estar em casa no Natal. Seria tão maravilhoso! Não podemos nos dar ao luxo de imaginar que é coisa certa, mas podemos esperar, e é o que eu faço.

Na Leningrado sitiada, as rações de pão foram reduzidas pela terceira vez nesse mês de novembro. Quase metade da escura e encharcada massa distribuída a medidas contadas que Yura ia toda manhã buscar na fila consistia em outo e serradura.

28 de novembro de 1941

Perdi toda esperança de que sejamos evacuados. É pura falação. Vou parar de ir à escola — eu leio, mas simplesmente não entra na minha cabeça. E como poderia? Em casa, o que há é fome, frio, gritos e choro, e os vizinhos bem-alimentados. Cada dia é incrivelmente semelhante ao anterior. Um clima horrível, cinzento, nuvens cinzentas baixas, neve no quintal e pensamentos muito sombrios e cinzentos. Pensamentos de comida, calor e conforto. Não temos sequer um pedaço de pão em casa (atualmente recebemos 125 gramas por dia), nem uma migalha, absolutamente nada comestível.

Quando mamãe voltar para casa hoje à noite, vai me tomar o cartão da ração de pão de Ira. Tudo bem, eu me sacrifico por Ira. Que pelo menos ela sobreviva e possa fugir deste inferno... Eu gostaria de poder sair daqui. Como sou egoísta! Tornei-me tão duro! Que está acontecendo comigo? Será que eu ainda sou a pessoa que era há três meses? Anteontem, tirei comida da caçarola do vizinho com minha colher. Roubei às escondidas do nosso estoque secreto de manteiga e repolho, destinado aos dez próximos dias. Fico olhando com avidez enquanto mamãe divide um docinho em pedacinhos minúsculos... Discuto e começo a gritar pela menor migalha de comida. No que me transformei? A única maneira de voltar a ser eu mesmo, como era antes, é acreditando que amanhã, ou depois de amanhã, poderei ser evacuado com minha família. Bastaria isso, mas não vai acontecer. Mas ainda assim eu tenho esse secreto vislumbre de esperança, bem lá no fundo da alma. Se não fosse por isso, eu descambaria para o roubo. Existe apenas uma coisa que eu não faria: jamais seria capaz de trair alguém. Disso estou certo. Quanto ao resto, não consigo escrever, minha mão está fria demais...

10 de dezembro de 1941

Nenhuma novidade sobre a evacuação. Isso é tão doloroso! Consigo sentir minha energia se esvaindo, estou na estrada da morte, uma morte faminta. Quanto mais tempo essa situação se arrasta, mais eu me aproximo de uma morte lenta. Ontem, na fila, ouvi uma mulher dizendo que no nosso bloco de apartamentos cinco pessoas já morreram de fome...

Dizem que as pessoas revelam seu verdadeiro caráter em momentos de crise, mas o fato é que não me sinto nem um pouco mais forte, virei um fraco. Acontece que sou muito egoísta. E neste momento não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Se ao menos eu pudesse tentar! Então amanhã, se conseguisse comprar biscoitos, traria todos para casa. Mas sei que não sou capaz disso, comeria pelo menos a quarta parte de um deles. É assim que o meu egoísmo se manifesta. Mas tentarei trazer de volta tudo que conseguir. Tudo! Tudo!!! Tudo!!!

As notícias do front, onde teve início uma nova e maciça ofensiva, não me animam mais. Daqui a vinte dias será Ano-Novo. O que acontecerá com a gente até lá? Este ano não teremos uma árvore. Recordaremos nossas celebrações passadas como se tivessem sido um sonho, os pinheiros e velas acesas, o jantar especial de costume, com várias entradas e todas aquelas pequenas iguarias e doces! (...)

Com a aproximação do Natal, Herbert também tentava suprimir lembranças nostálgicas de celebrações do passado, mas pediu à família que se unisse a ele em oração.

11 de dezembro de 1941

Queridos pais,

Esta é minha carta de Natal. Não existe a menor possibilidade de que eu possa comemorar com vocês este ano. Devemos ficar gratos pela vida relativamente boa que temos hoje. E em algum momento terá de haver alguma folga de feriado, para que nos vejamos. Podemos todos esperar por isso.

Ainda estamos sob a influência do grande discurso do nosso Führer, a respeito desta decisiva fase da guerra. Devemos realmente nos imbuir de um sentimento de satisfação. E em nome de todos aqueles que já morreram nesta guerra, não devemos fraquejar por um momento sequer, nem duvidar do resultado final. Sabemos que a guerra será difícil e pode durar muito tempo, mas isso não deve diminuir nossa

determinação. Queremos pedir ao nosso Criador que abençoe nossas batalhas vindouras e proteja o nosso Führer e permita que ele tome as decisões certas. E assim nossos sacrifícios pessoais nunca ficarão parecendo muito grandes ou muito difíceis.

E assim, minha querida família, vocês devem comemorar o Natal sem mim. Mas por mais longe que estejamos uns dos outros, as árvores de Natal e o presépio nos fazem sentir parte do círculo familiar, eles unem todos nós. Podemos estar juntos em espírito, tranquilamente de pé diante da criança na manjedoura. Esquecida toda dor e todo sofrimento, podemos orar juntos: “Glória a Deus, paz na Terra aos homens de boa vontade!”

Precisamos ter fé e ser felizes neste Natal, e grandes coisas acontecerão.

Do seu Herbert

Dias depois desta carta, Herbert e toda a sua equipe de reconhecimento sucumbiram a um frio congelante. Herbert quase perdeu as duas pernas, mas nada escreveu a respeito no momento. Anos depois, lembraria ter sido salvo por uma russa que passou três dias esfregando os seus pés. Com milhares de soldados alemães debilitados naquele mês de dezembro pela geada e as doenças, as tropas soviéticas não só conseguiram vencer a batalha por Moscou, como começaram a rechaçar as forças alemãs de volta, em toda a Rússia central. Na Leningrado sitiada, Yura só pensava na fome que o atormentava.

15 de dezembro de 1941

A cada dia que passa fico mais perto do suicídio. Se alguém me oferecesse um veneno mortal, capaz de me matar sem me fazer sofrer, eu o tomara. Eu quero viver, mas não posso viver assim! Que é que vou fazer então?

Aí está. Eu não tenho mais honestidade, não acredito nela. Dois dias atrás, fui comprar doces. À parte o fato de ter comprado pó de cacau misturado com açúcar, em vez de doces, na esperança de que Ira não comesse isso, e portanto minha parte fosse maior, eu ainda roubei metade. Recebemos 600 gramas para os próximos dez dias, mas inventei uma história de que alguém havia arrancado três pacotes da minha mão. Encenei a coisa toda em casa, com direito a lágrimas e tudo. Dei minha palavra a minha mãe, jurei por meu Juramento de Jovem Pioneiro que não havia tomado nada para mim mesmo. E depois, mesmo tendo visto as lágrimas e a infelicidade da minha mãe, sorrateiramente comi o cacau às escondidas, sem sentir a menor culpa, nada. Hoje, voltando da padaria, roubei de novo. Tomei um pedaço extra do pão de mamãe e Ira, cerca de 25 gramas, e também o comi em segredo.

Eu caí no abismo. Talvez possamos chamar isto de total ausência de decência, total falta de vergonha ou honra. Não sou um filho digno da minha mãe, não sou um irmão digno da minha irmã. Sou um ser humano egoísta, pois nesses tempos difíceis não me preocupo mais com as pessoas que me deveriam ser as mais próximas e queridas. Enquanto isso, minha mãe, apesar das pernas inchadas e do coração doente, e sem ter um pedaço de pão que seja para comer, está percorrendo todas as instituições, andando pelas ruas geladas com um par de sapatos leves, tentando nos tirar daqui. Eu perdi qualquer esperança de uma evacuação. Meu mundo todo desapareceu, resta apenas comida.

Estou acabado. Minha vida chegou ao fim, e o que eu tenho pela frente não é vida. Eu gostaria apenas de duas coisas agora: morrer neste exato minuto e que minha mãe lesse este diário. Que ela possa me amaldiçoar como um animal sujo e hipócrita completamente destituído de sentimentos. Que ela me renegue, pois eu caí baixo demais.

Que vai acontecer agora? Será que a morte não me levará? Eu quero que ela seja rápida, e não essa arrastada morte de fome que avulta à minha frente como um fantasma sangrento. Estou tão infeliz, tão envergonhado. Nem tenho coragem de olhar para Ira.

Será que eu me mato, seria capaz disso?

Comida! Comida!

Por oito longos dias, Yura abandonou seu diário. Até que, a 24 de dezembro de 1941, foi anunciado um aumento das rações de pão, elevando os ínfimos 125 gramas por dia para meros 200 gramas.

24 de dezembro de 1941

Há muito tempo eu não escrevo nada.

Meu caráter mudou para melhor. Acho que foi quando eu perdi o cartão da ração de açúcar de Ira. Eu vinha me comportando tão mal com mamãe e Ira, mas aí perdi a concentração na loja por um segundo, e assim perdi nosso direito a 200 gramas de açúcar, 100 gramas de chocolate para Ira e 150 gramas de doces. Eu quero mudar. Quero tornar-me uma pessoa diferente. Mas efetivamente sinto que, para levar uma nova vida de completa honestidade, vou precisar do total apoio de mamãe e Ira. Pela primeira vez em semanas, eu trouxe para casa todos os doces que consegui na cantina. Tenho partilhado o pão com Ira e mamãe, embora realmente continue roubando um pedaço de vez em quando. Mas hoje senti tanta ternura da parte delas, quando dividiram seus doces comigo: mamãe me deu um quarto dos seus (mas o tomou de volta depois) e Ira me deu metade dos seus como agradecimento, porque eu fui buscar alguns biscoitos e panquecas de trigo na cantina. Eu quase me derramei em lágrimas. São essas as duas pessoas para as quais eu tenho mentido! E agora elas sabem tudo das minhas mentiras! Que milagres não podem acontecer a uma pessoa quando ela é bem tratada. Mas aí... aí essa mesma mamãe me tomou um biscoito, e essa mesma Ira chorou quando mamãe nos deu um doce a cada um. E ela tinha mais que eu. E hoje eu cometi outro pecado. Escondi um biscoito. Sim, foi muito feio da minha parte.

Prometeram à minha mãe que seremos evacuados no dia 28. Ela foi ao Comitê do Partido no distrito para falar do assunto, pois se a nossa evacuação for adiada até 1º de janeiro estaremos mortos.

Este sofrimento silencioso está acabando comigo, é difícil e doloroso. Lembro-me dos dias e das noites que costumávamos passar em nosso apartamento. Ainda é possível ter lampejos da nossa vida antes da guerra na cozinha. Há um mapa da Europa na parede, um livro aberto sobre a mesa, um relógio fazendo tique-taque na parede, e é quente quando o fogão está aceso. Mas eu gostaria de poder percorrer todo o nosso apartamento. Gostaria de botar o meu chapéu, o casaco e as luvas e abrir a porta para o corredor. Faz muito frio lá. Eu respiro espessas nuvens de vapor. E tremo quando o frio penetra minhas roupas. O corredor está vazio. Nós tínhamos três quartos, mas agora temos apenas dois. Os vizinhos ocuparam o que fica do lado da cozinha. Que posso dizer deles? Seu quarto é aquecido por um alegre fogãozinho; cheiros deliciosos passam por baixo da porta deles. Seus rostos são iluminados pela agradável sensação de estar com o estômago cheio. E bem ao lado do quarto há um quarto vazio com a janela quebrada, recoberto de papel de parede marrom. Um vento frio vem da rua. Junto à parede há uma escrivaninha de carvalho vazia e uma estante vazia no canto. As paredes estão cobertas de poeira e teias de aranha. Esse aposento era a nossa sala de jantar, e antes havia ali um sofá, uma cômoda e cadeiras. Parece que foi há tanto tempo! Havia sempre restos do almoço na mesa e livros na estante. Ali é que eu costumava ler *Os três mosqueteiros*, mastigando um bolo de passas com queijo e manteiga, ou chocolate. Era quente e havia jogos, livros, xadrez, revistas... Muitas vezes eu deixava de almoçar, preferindo jogar

voleibol ou ficar com os amigos. É tão duro lembrar o Palácio dos Jovens Pioneiros de Leningrado: o clube de xadrez, as festas, a biblioteca, os jogos, o clube de história, os chouriços da cantina, os concertos, os bailes que costumávamos dar... Isso era felicidade! E eu nem me dava conta. Felicidade de viver na União Soviética em tempos de paz, felicidade de ter uma mãe para cuidar da gente, felicidade de saber que ninguém vai lhe roubar o seu futuro. Isso é que é felicidade.

Essa sala costumava reverberar com risos de felicidade. Havia uma gravação de gramofone tocando e uma árvore de Natal que encostava no teto, com dezenas de biscoitos pendurados — e ninguém tocava neles. Agora, passamos a vida na cozinha; é onde dormimos, comemos, quando há algo para comer, e nos aquecemos quando temos alguma lenha.

Nosso apartamento está todo vazio e silencioso, como se tivesse se transformado num bloco de gelo, que acabará derretendo na primavera...

No fim de dezembro de 1941, as tropas soviéticas haviam estabelecido um intervalo no cerco alemão, ligando a cidade ao resto do país por uma estrada de gelo sobre o lago congelado de Ladoga. Só nesse mês, mais de 53 mil pessoas morreram em Leningrado; muitas outras desapareceram, pois os parentes escondiam seus mortos para aproveitar suas magras rações, complementadas por fervuras de tiras de couro de sapato, cola de papel de parede e terra escavada debaixo da neve. A única esperança era a evacuação, mas eram poucos os caminhões que entravam e saíam da cidade pelo lago congelado, debaixo de constante bombardeio.

3 de janeiro de 1942

Posso estar escrevendo pela última vez. Temo que não consiga concluir meu diário e escrever *Fim* na última página. Alguma outra pessoa escreverá “morte”, com a própria caligrafia. Mas eu quero tanto viver, acreditar, sentir! A evacuação só acontecerá na primavera, quando os trens começam a circular de novo na Estação Norte. Eu não sobreviverei até lá. Estou completamente inchado. Cada célula do meu corpo carrega água demais. Todos os meus órgãos internos devem estar inchados. Estou cansado demais para me movimentar, para me levantar de uma cadeira, até para falar. Isso porque bebi água demais e comi muito pouco. É tudo água, água, água.

Mamãe e Ira vão se separar de mim. Elas me deixarão para trás. Mamãe está sofrendo de um terrível esgotamento nervoso, esquece de si mesma... Todo santo dia ela diz que ela e Ira vão embora daqui, mas eu não. De que posso valer como trabalhador? E como estudante? Eu posso sobreviver por uma semana, para em seguida esticar as pernas... É assim que vai ser? Morte, a Morte me olha bem nos olhos. Não há como escapar. Que posso fazer? Ir para o hospital? Mas eu estou cheio de piolhos... que é que eu vou fazer, meu Deus? Eu vou morrer, eu vou morrer, mas quero tanto viver, sair daqui e viver, viver!... Pelo menos Ira sobreviverá, talvez. Sinto-me tão mal. Minha mãe tem sido tão rude comigo esses dias. Ela às vezes me bate, gritando comigo o tempo todo. Mas eu não estou zangado com ela, sei que sou um parasita, um parasita no pescoço dela e no pescoço de Ira. Sim, morte, a morte está chegando. Não há esperança, só o medo de que minha querida mãe e minha querida irmã também venham a morrer.

6 de janeiro de 1942

Eu mal consigo caminhar ou fazer qualquer coisa. Não me restam energias. Mamãe também mal pode andar. Ela muitas vezes me bate, me repreende e grita comigo. Tem ferozes ataques de nervos, não consegue olhar para mim, esta pessoa fraca, faminta e exausta que está sempre no caminho, que mal consegue movimentar-se, que “finge” estar doente e fraco. Mas eu não estou fingindo! Não estou! Isso não é fingimento. Toda a minha energia está indo embora, indo embora, se esvaindo... E o tempo se arrasta tão demoradamente, por tanto tempo. Oh, meu Deus, o que está acontecendo comigo?

E agora eu eu eu

São as últimas palavras de Yura, rabiscadas repetidamente na página no momento em que perdia totalmente as forças. Algumas horas depois, a mãe e a irmã de Yura o deixaram sozinho no apartamento, tendo afinal recebido a autorização de evacuação. Yura não conseguia mais andar; a mãe estava fraca demais para carregá-lo. Atravessando o lago gelado num caminhão, a mãe e a irmã de Yura foram levadas à cidade de Vologda, no extremo norte da Rússia. Recebendo um pedaço de pão ao chegar, a mãe de Yura morreu minutos depois de comer. Com 8 anos, Ira recuperou-se da distrofia aguda e sobreviveu à guerra num orfanato. Yura Ryabinkin morreu em Leningrado, junto com cerca de 650 mil civis que perderam a vida durante os novecentos dias do cerco, o mais longo da história moderna.

A guerra se globaliza

Setembro de 1941-julho de 1942

“A morte de um herói”

Apesar dos sinais de advertência captados pelos serviços americanos de inteligência, o ataque japonês à esquadra do Pacífico em Pearl Harbor, na manhã do domingo, 7 de dezembro de 1941, foi um completo choque para o país. Enquanto o Congresso se reunia em sessão de emergência, os postos avançados americanos e britânicos no Pacífico, em Guam e Wake Island, e nas Filipinas, também foram apanhados de surpresa.

Ao ser informado do êxito japonês, Hitler declarou que “agora era impossível perder a guerra”. Perdida a batalha por Moscou e vendo suas tropas serem rechaçadas ao longo da Rússia central, Hitler declarou guerra aos Estados Unidos a 11 de dezembro de 1941, três dias após a declaração de guerra americana ao Japão. Agora que os Estados Unidos estavam mobilizados dos dois lados do mundo, a guerra se globalizava.

A notícia de que os Estados Unidos tornavam-se um aliado de fato e de direito contra as potências do Eixo suscitou esperança em toda a Europa, mas só dois anos e meio depois as tropas americanas desembarcariam em solo europeu. Naquele inverno, na frente oriental, o Exército Vermelho continuava a recuperar terreno e adotou uma nova e decisiva tática, mandando grupos de partisans para trás das linhas inimigas a fim de fustigar as tropas e romper suas linhas de comunicação e abastecimento. Formados por membros do Partido Comunista, oficiais do Exército Vermelho e civis dos territórios ocupados — envolvendo até crianças de 10 anos —, esses pequenos destacamentos móveis conseguiram desviar consideráveis forças da linha de frente.

Entre os que foram transferidos para a retaguarda alemã, nessa guerra de guerrilha, estava o soldado raso Herbert Veigel, agora com 19 anos. Recuperado do congelamento e ainda se aguentando sem a folga há tanto tempo prometida, ele começava a se perguntar se haveria alguma maneira de deixar a Rússia.

Aos 17 anos, a estudante russa Ina Konstantinova, de Kashin, cidade de província 96 quilômetros ao norte de Moscou, quisera apresentar-se como voluntária na frente de guerra logo depois da invasão do país. À medida que as tropas alemãs avançavam em direção à capital soviética, contudo, o pai despachou Ina, sua mãe e a irmã mais moça, Rena, permanecendo na cidade para participar da resistência partisan. Membro da Komsomol (Juventude Comunista), Ina foi criada na convicção de que as meninas soviéticas eram iguais aos meninos sob todos os aspectos e estava decidida a se certificar de que chegaria o seu momento de lutar.

O adolescente japonês Hachiro Sasaki, de 18 anos, excelente aluno no Primeiro Colégio, frequentado pela elite de Tóquio, já não tinha tanta certeza da necessidade de lutar por seu país. Embora o sistema educacional japonês procurasse moldar um “caráter nacional uniforme”, dedicado a servir ao imperador, Hachiro fazia questão de manter a vontade própria. Tendo preparado “mente, corpo e espírito” para uma causa mais elevada, Hachiro considerava-se socialista e pacifista. Em dezembro de 1941, seus pontos de vista, registrados num diário íntimo, estavam em direta contradição com o estado de espírito que prevalecia no Japão.

A milhares de quilômetros de distância, o nova-iorquino David Kogan, de 12 anos, começara a escrever um diário em julho de 1941. Estudioso filho único de pais americanos judeus de primeira geração, David escrevia pouco sobre a distante guerra europeia ou a ameaça de escalada de um conflito entre os Estados Unidos e o Japão. Após a recente mudança da família para South Yonkers, subúrbio industrial de Nova York na margem oriental do rio Hudson, David estava preocupado em fazer amigos na nova vizinhança.

No primeiro dia de aulas no outono, em sua nova escola, David escreveu em seu diário sobre o “ASC”, o Clube Atlético e Social de meninos do bairro:

1º de setembro de 1941

Situação do jogo no nosso bairro: na Sherman Avenue, onde morávamos antes, os judeus jogavam com todo mundo. Eram 5% da população infantil. Aqui em South Yonkers, os judeus são 35% da população: os outros garotos não jogam com eles. Durante anos, os garotos judeus ficaram parados em casa, engordando e tornando-se fracos. No ano passado, foi aberto um clube. Ele permite unir mais os judeus.

27 de setembro de 1941

De manhã encontrei Bob Gordon. Ele me disse que fui aprovado no clube. Depois do almoço, tive de devolver alguns livros à biblioteca. Em seguida fui até os correios para comprar alguns selos. Voltando para casa de bonde, um homem esquisito entrou e quase sentou no meu colo. Ficava elogiando Lindbergh. Depois, perguntou o meu nome. E aí perguntou se eu era judeu. Perguntou então se eu estava entrando para o negócio de roupas usadas. Depois disso, me perguntou sobre peixe *gefilte*. Quando saí, ele gritou “garoto de merda”. E ficou acenando enquanto eu subia a Rockledge.

18 de novembro de 1941

Hoje de manhã, peguei um cigarro no estojo de mamãe e fumei três quartos dele. Inalei e exalei pelo nariz. Minha imaginação levou a melhor sobre mim. Disse a um menino que minha mãe vai deixar que eu fume um cigarro por dia durante vinte anos. Acontece na escola toda. Fiz a minha apresentação sobre o *NY Daily News*. O professor disse que estava ótima. Fui ao médico fazer meu exame para a escola. Estou com boa saúde.

24 de novembro de 1941

Tio Bill telefonou e disse que o primo do papai, Sam Sterlin, de Paris, chegará às duas da tarde. Quando chegamos, o navio estava atracando. Finalmente, eles desceram. Ele é muito baixo, magro e fraco. Ela é baixa, mas rechonchuda. Nessa noite, eles contaram a história de suas aventuras, a mais interessante que eu já ouvi.

Os Sterlin estavam em Paris quando Hitler invadiu. Um amigo deles que fingiu que jogava bola com os nazistas os ajudou a fugir para a França livre. Eles tiveram de se esconder num mosteiro durante dias. Finalmente, depois de muitas dificuldades, atravessaram a fronteira para a Espanha e Portugal, chegando a Lisboa. Foram então embarcados para os Estados Unidos. Eles falavam iídiche, língua entendida por todos, até mesmo eu.

7 de dezembro de 1941

Jack e eu tivemos nossa aula esta manhã. As duas horas foram dedicadas à Bíblia. Terminamos os seis primeiros dias da Criação do Mundo. Sou capaz de ler essas páginas fluentemente e traduzi-las para o iídiche e o inglês. Depois do almoço, Janeta voltou de uma caminhada agitada com a notícia de algum ataque e propôs que ligássemos o rádio. Os japoneses atacaram o Havaí e Manila, e declararam guerra aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha.

8 de dezembro de 1941

Esta manhã, achei que todo mundo na aula estaria comentando sobre a guerra. Alunos e professores ficaram calados. Antes do almoço, foi anunciado que deveríamos ir para o auditório ouvir o discurso de Roosevelt. Ele queria que o Congresso americano reconhecesse o estado de guerra entre o Japão e os Estados Unidos. Foi uma imagem impressionante, 1.400 pessoas ouvindo com reverência o nosso grande presidente.

Em Tóquio, nesse dia, a 13 fusos horários de Nova York, um aviso da rádio imperial convidava todos os cidadãos a “dar-se as mãos e erguer-se pela nação”. Os muros da cidade foram rapidamente tomados por um novo slogan: “Cem milhões, agora o inimigo é a América e a Grã-Bretanha. Vamos massacrá-los!” A anotação de Hachiro Sasaki neste dia em seu diário era inusitadamente breve.

8 de dezembro de 1941

Nós declaramos guerra à Grã-Bretanha e à América.

9 de dezembro de 1941

Vejo que já não posso me sentir alegre e feliz com a vida, como costumava. Não posso fazer nada. As coisas me preocupam. Como será depois da guerra? [Meus amigos] Yanagida e Taga disseram que não estão preocupados, agora que a guerra começou para valer. Mas eu não sinto a mesma coisa. Comecei a me sentir muito culpado com isto. Fiquei achando que talvez não seja tão puro quanto eles, mas descobri que [nosso professor] o sr. Abe também tem lá suas dúvidas. Não posso me deixar abater. Tenho tempo para pensar nas coisas.

11 de dezembro de 1941

Tenho vontade de dar com a cabeça, parece que eu simplesmente não consigo ficar realmente feliz com nossas vitórias. Mesmo depois de ouvir o discurso de Hitler sobre a assinatura do Pacto Tripartite, minha cabeça não me deixava aderir às esfuziantes comemorações nacionais. Quero bater com ela.

12 de dezembro de 1941

Resisto teimosamente a essa euforia que tomou conta do país. Não posso ceder. Ela por acaso é real? Seria a verdadeira voz da nação? Como é que alguém pode ter alguma dúvida, nutrir sentimentos negativos sobre tudo isso?

Não quero ser cético. Quero liberar as emoções com eles, quero ficar furioso com nossos inimigos. Mas nem mesmo a expressão “Estados inimigos” faz sentido para mim. Bell e Morris [professores britânicos na escola] são seres humanos como eu. Não temos qualquer animosidade uns com os outros. São só os Estados e seus sistemas que estão em guerra. Se eu fosse para a guerra, cumpriria o meu dever da melhor maneira possível, sem me queixar. Mas será que tudo isso é autêntico? Não estou certo. Maldita cabeça, esta minha!

15 de dezembro de 1941

Nada é mais imbecil que desperdiçar todas as energias numa guerra. A força espiritual do homem manifestada em tempos de guerra certamente é impressionante, mas por que não usar essa energia em outra coisa? Seria inimaginável começar uma guerra por motivos econômicos. No momento, com a benevolência de sua majestade, estou desfrutando de uma vida aprimorada em seu Império, e se sua majestade me ordenasse ir para a guerra, eu não me recusaria, pois considero que minha mente não é tão frágil a ponto de ser esmagada pela guerra. Mas eu haveria de me pronunciar decididamente como pacifista. Farei tudo que estiver ao meu alcance para deter essa guerra.

Na Grã-Bretanha, a entrada dos Estados Unidos na guerra foi saudada com uma onda de otimismo. Brian Poole apresentou-se como voluntário na RAF assim que completou 18 anos. Como não havia vagas nas tripulações aéreas, ele prestou serviço na polícia militar, esperando uma oportunidade de receber treinamento técnico. Escrevendo da base da RAF em Longtown, ele comentava as últimas notícias com sua correspondente americana, Trudie.

22 de dezembro de 1941

Querida Trudie,

Saudações, camarada de armas. Desde a minha última carta, o Japão atacou a América, e agora o certo está completamente alinhado contra o errado, ou afundamos ou nadamos juntos. Estamos os dois no mesmo barco — vocês estavam despreparados no Havaí e parece que nós estamos despreparados na Malásia. Que pena que estejamos ambos tendo revesses no momento em que os alemães batem em retirada na Rússia e na Líbia. Nós certamente subestimamos o homenzinho amarelo de pernas arqueadas.

Vejo que na sua despensa há uma lata de “Treet”, essa carne enlatada de vocês. Há muitos anos eu contemplo esses pratos deslumbrantes na contracapa das revistas coloridas, e agora, com o *lease and*

lend, eles estão chegando aqui, mas infelizmente são racionados.

Você perguntou se eu estava pilotando o avião. Eu realmente manipulei os controles durante algum tempo, mas só voava reto. Falando da Força Aérea, eu tive de me matricular, querendo ou não. Há uma necessidade urgente de eletricitas, e, se nos matriculássemos, faríamos nosso curso dentro de um mês. Seja como for, não é tão ruim assim, o oficial nos disse, a nós, os mais jovens, que, se nos saíssemos bem em nosso curso, poderíamos partir como eletricitas de voo. Todos esses grandes bombardeiros novos, os de quatro motores, levam um engenheiro de voo, mecânico de voo e eletricitas de voo. De modo que, se tudo der certo, estaremos em operação em cerca de seis meses, caramba! Caramba, será que um dia chegaremos lá?

Puxa vida! Eu não sou nenhum conquistador. Você talvez não acredite em mim, mas só tive dois encontros desde que entrei para a RAF.

Continuo na polícia. Eu e um colega repreendemos uns caras. Eles ficaram irritados e, como você pode adivinhar, houve uma briga. Fiquei com o lábio inchado, mas deixei meu adversário de olho negro e tirei sangue do seu nariz. Nada mal, pois normalmente eu não brigo. Só faço isso quando a ocasião pede.

Terei um Natal tranquilo desta vez, mas vou passá-lo em casa. Espero que receba meu cartão de Natal. Lembranças minhas ao seu pessoal. Cuide-se também, agente firme e tudo ficará bem.

Amor

Brian...

P.S.: E a fotografia??????

Em Tóquio, enquanto a propaganda japonesa apresentava Roosevelt e Churchill como o banqueiro ganancioso e o pirata que saqueia, Hachiro Sasaki sabia que nenhum cidadão japonês tinha o direito de considerar sua vida particular “como questão de vontade própria, levando, assim, uma vida egoísta”.

1º de janeiro de 1942

Belo dia. O monte Fuji está esplêndido.

Para ser franco, estou vivendo num mundo caótico, cheio de dúvidas e desconfianças. Digo a mim mesmo: não conte tanto com os outros. Mantenha-se firme em suas decisões, não as fique lamentando, como uma menininha. Tenha confiança, acredite em si mesmo... Mas eu não consegui me livrar da minha desonestidade, da minha covardia, vaidade, ensimesmamento, sentimentalismo, falsa coragem... Minhas ideias são confusas, como tudo o mais. É lamentável, mas eu vou superar. Esta provação vai fortalecer a minha têmpera, e um dia terei de revelar minha verdadeira grandeza. Meus compatriotas, com seu temperamento despreocupado e sua crença na própria superioridade, precisam ficar sabendo que a vitória final caberá aos grandes que tiverem lutado.

Nós não somos máquinas. Não somos mero intelecto.

22 de janeiro de 1942

É tão hipócrita continuar com essa guerra bárbara e ao mesmo tempo invejar o alto padrão de vida da América. Não se deveria desperdiçar uma preciosa energia humana em coisas desprezíveis como a

guerra e o acúmulo de riquezas. As qualidades humanas são valiosas, sobretudo quando usadas pela felicidade da sociedade humana.

O afundamento do nosso navio-hospital *Harbin* provocou críticas ferozes, eles dizem que é um ato desumano. Mas como é que podem isolar apenas este incidente quando são cometidos tantos atos desumanos e atrocidades por toda parte? É desumano afundar um navio-hospital com pessoas indefesas a bordo, dizem eles; mas também não é desumano forçar objetores de consciência a ir para a guerra, submetê-los a um treinamento brutal e no fim das contas mandá-los para serem mortos?

26 de janeiro de 1942

Organizei minhas coisas de maneira que possa morrer a qualquer momento, se for o caso. Estou vivendo de um jeito ordeiro. Tiro fotos. Quando alguém toma emprestada a ideologia de outra pessoa e a adota, não pode ser considerado responsável por ela, não é mesmo? Só podemos ser plenamente responsáveis pelas coisas que pensamos e nas quais acreditamos por nós mesmos. Preciso estabelecer meu próprio sistema de pensamento, mantendo os pés firmes no chão. Meu coração está batendo.

Isentado do alistamento imediato, na qualidade de estudante, Hachiro Sasaki sabia que seu momento chegaria.

Na Rússia soviética, a estudante Ina Konstantinova, de 17 anos, também aprendera na escola, na infância e com os pais, ambos membros do Partido Comunista, que não poderia haver maior honra que sacrificar a própria vida pelo país, pela pátria. Apesar disso, invocando sua idade, seus pais a dissuadiram de se apresentar como voluntária para a frente de batalha, fazendo com que fosse evacuada. Uma vez rechaçadas as tropas alemãs da sua região, Ina pôde retornar a Kashin. Ela voltou para casa desesperada por notícias dos colegas da escola que combatiam na frente de batalha, especialmente seu primeiro amor, Misha Ushakov.

9 de fevereiro de 1942

Só me sinto capaz de escrever sobre isso agora que já convivi um pouco com a minha perda. A dor continua horrível, mas já se alojou mais fundo no meu coração. Fiquei tão feliz de finalmente voltar, mal podia esperar a hora de estar de novo com as pessoas que amo. E no entanto... jamais esquecerei a sensação quase física, o calafrio terrível dentro de mim quando ouvi estas palavras de papai: “Misha Ushakov... não está mais conosco. Morreu dos ferimentos...”

No início, eu não podia aceitar. Depois, mais tarde, comecei a chorar, mas como é que as lágrimas podem expressar a dor de uma perda? Jamais esquecerei a noite em que fui ver Praskovia Vasilievna [a mãe de Misha]. Passei os braços ao redor do seu pescoço. Nós choramos e falamos dele, só dele, a noite inteira.

Eu não conseguia parar de pensar nele, cada coisinha, toda a história do nosso amor, desde aquela primeira noite em abril até a nossa última festa. Ele tinha tanto amor, tanto para dar. Lembro-me do dia em que me disse que me amava e perguntou se havia alguma coisa que eu quisesse, qualquer coisa. Ele prometeu que o faria, fosse possível ou não.

E agora ele nunca mais poderá dizer-me de novo que me ama. Nós éramos tão felizes juntos, podíamos ficar sentados horas a fio em silêncio, como se estivéssemos ouvindo essa gloriosa música

dentro de nós. Lembro-me de que certa vez ele disse: “É uma pena que eu não saiba chorar; agora mesmo seria capaz de chorar de felicidade, se soubesse.”

Que momentos maravilhosos e inesquecíveis nós passamos! Certa vez ele me contou um segredo, algo que nunca havia dito a ninguém. E eu, sim, eu também o amava. Meu amor era estranho e bravio, talvez, mas ainda assim era amor. Eu estava sofrendo, e por este motivo também o fazia sofrer. Eu era cruel. Eu o irritava, com muita frequência; eu o perturbava muito, muitas vezes. E naquela última festa ele chorou, embora nunca tivesse chorado antes a vida inteira.

Ele me deixou duas fotos, uma chave, uma flor de bronze e um cacho do seu macio cabelo negro. E pronto. E agora eu nunca mais, nunca mais voltarei a vê-lo, nunca mais o beijarei, não sentirei suas mãos, tão fortes e tão amorosas... É o fim, o fim de tudo. Uma coisa eu sei com certeza: ninguém jamais me amará do jeito que ele amou. Ninguém!

Por que teve de ser ele? Tão corajoso, tão forte, tão inteligente e belo. Um ser humano tão incrível. Ele morreu às 23h50 de 31 de dezembro. Perdeu o Ano-Novo por dez minutos. Tive uma espécie de premonição nesse momento; estava numa festa da escola, mas de repente me senti muito triste por dentro.

Misha se foi. Meu *Mishka*. Foi-se para sempre e nunca voltará. Como é possível?

18 de fevereiro de 1942

Por que foi que eu levei tão corriqueiramente nossa relação? Eu costumava me envergonhar dela. Como fui estúpida! Eu falava tão raramente do nosso amor no meu diário, e escrevia tão pouco a respeito. E agora estou repassando cada momento dele, cada minúsculo detalhe. Hoje posso ver como era maravilhoso...

Sem notícias de “lá” até agora. Estou desesperada por uma resposta positiva! Como gostaria de estar “lá”, onde a vida é tão plena, onde existe perigo e heroísmo e uma chance de me distinguir e me vingar dos alemães por arruinarem minha felicidade. Será possível que não me aceitem? Estou tão ansiosa, tão impaciente! Não posso continuar vivendo como antes. Realmente espero que me aceitem. Sei que posso ser útil!

Exatamente um ano mais velho que Ina, Herbert Veigel, 19 anos, mostrava-se a cada dia menos entusiástico ante a ideia do sacrifício pessoal em nome da Pátria. Seu irmão mais velho, Gerhard, médico, fora morto durante o avanço alemão em direção ao leste em julho de 1941, e naquele mês de fevereiro Herbert ficou sabendo que outro dos seus quatro irmãos, Fritz, 38 anos, pai de dois filhos, fora mandado para a guerra na frente oriental.

19 de fevereiro de 1942

Meus queridos pais,

É uma pena que o pulôver só tenha chegado hoje, o pior do frio já passou. Mas podem estar certos de que eu o usarei algumas vezes, e assim ele não terá viajado em vão.

Eu realmente lamento que Fritz esteja agora na Rússia. Eu realmente ficaria feliz se nenhum dos meus irmãos tivesse posto os pés neste terrível país.

Os russos começam a parecer exaustos. Acabaremos com eles com um ataque maciço na primavera. Sei que haverá mais sacrifícios, mas acredito e espero que nossa família não precise mais fazê-los. Seria

muito difícil de suportar.

Fico realmente feliz de saber que Gotthold está em Creta. Pode haver alguns ataques aéreos lá, mas não são nada em comparação com o que temos de enfrentar aqui, noite após noite. Já nem pensamos mais nada a respeito. Eles praticamente já nem me acordam mais.

A situação aqui ficou crítica, mas que ganhos tiveram os russos, em comparação com o que conseguimos em poucas semanas no ano passado? E as baixas russas são inacreditáveis. Eles estão combatendo uma guerra de camponeses, com uma arma para cada dez homens, ou lutando com porretes, esse tipo de coisa. Dá para imaginar como são desorganizados.

Precisamos de novos meios de transporte, pois nada mais está funcionando. Também devíamos receber tanques adequados, em vez desses de patrulha. Assim, pelo menos, poderemos nos sentir mais seguros durante um ataque. A coisa estava bem cabeluda até agora. Mas chega de guerra! Sempre que fico sabendo que um dos meus colegas de escola ou um dos meus amigos está de férias, sinto uma dor no coração. Não que eles não mereçam, mas acabo me dando conta de que há mais de um ano não tenho nenhuma folga.

Minhas lembranças mais calorosas para todos vocês,
Do seu Herbert

Seis semanas depois, Herbert escreveu aos pais tentando dar sentido a notícias devastadoras.

8 de abril de 1942

Meus queridos pais,

Quando recebi sua carta com a notícia de que nosso querido Fritz teve uma morte de soldado, quase fiquei destruído. Foi tão inesperado! Eu mal me havia dado conta de que ele estava na frente oriental, quando deveria estar em casa. E agora ele foi tirado de nós, de maneira tão abrupta. Mal posso acreditar, não consigo aceitar que o nosso Fritz não esteja mais conosco. Mas é verdade e eu tenho de aceitá-lo, assim como vocês, meus queridos pais, antes mesmo que recebam esta carta.

É mais difícil para vocês e para a querida Elise do que para mim, mas pelo menos vocês puderam lhe dizer adeus e se preparar para a possibilidade de que ele não voltasse. É muito difícil encontrar palavras para lhes escrever, quando só a dor e o sofrimento podem expressar como eu me sinto. Como poderia confortá-los? Existem muitas coisas que podem nos confortar, mas primeiro precisamos nos livrar de toda ideia superficial, egoísta e trivial. Devemos enxergar a mão de Deus em tudo isso. Ele queria que o nosso querido Fritz tivesse sua vida coroada pelo sacrifício; o maior sacrifício que um homem pode fazer. Sua vida não foi em vão; cada minuto seu foi preenchido com trabalho e luta. Embora ele não tenha podido ver a vitória, nós sabemos que seus atos ficarão. Temos de manter conosco o seu espírito, para nos ajudar a superar. Fritz sempre estará conosco, não só através dos seus filhos, mas sempre que o sentirmos por perto. Devemos ser fortes e corajosos e dignos da sua vida e morte.

Assim como ele se dispôs a sacrificar a vida sem qualquer fraqueza ou medo, nós também não devemos ter dúvidas. Se tivéssemos, estaríamos traindo a ideia da morte pela Pátria, e em particular a morte heroica de nossos amados Gerhard e Fritz. Não devemos contestar nosso destino, que pediu tão grandes sacrifícios a nossa família, ao passo que outras não tiveram de abrir mão dos seus entes queridos. Eu acredito que tudo acontece por algum motivo.

Minha querida mãe, por mais dura que esta perda seja para você, sei que poderá suportá-la com um coração forte e fiel. É muito mais difícil para você, que deve estar se sentindo tão sozinha no momento.

Mas espero poder visitá-la em breve.

Talvez sirva para reconfortá-la um pouco saber que logo retornarei à Alemanha. Vou conseguir uma licença, na pior das hipóteses. Uma transferência talvez leve mais tempo. Escreverei mais adiante com mais detalhes.

Não sei o que escrever para a querida Elise. Deve estar sendo terrível para ela. As duas crianças agora não têm pai. Nós todos queremos ajudá-la. Devemos trazê-la para o regaço da nossa família, no lugar do Fritz, que só pode estar conosco em espírito.

Meus queridos! Deixem-me encerrar por hoje. Espero que minhas palavras não tenham ferido muito os seus corações machucados. Para mim é muito difícil expressar o que sinto. Espero em breve poder dizer tudo em pessoa.

Seu agradecido Herbert manda muitos pensamentos sinceros e aperta calorosamente suas mãos, pelo menos em espírito.

No dia em que Herbert pranteava o irmão Fritz, o sonho de Ina de lutar pela Pátria finalmente se concretizava.

8 de abril de 1942

Que grande sorte! Estou tão feliz. Nunca me senti tão bem na vida! Hoje fui aceita para trabalhar por trás das linhas inimigas. Estou tão feliz! Escreverei sobre tudo mais tarde.

À noite:

Vou continuar agora. Depois da escola, nossa professora nos disse que o vice-secretário do Comitê do Partido Comunista no distrito queria entrevistar cinco pessoas da nossa turma: Klara, Sasha, Valya, Galya e Lelya. Por quê? Do que se tratava? Ninguém sabia. Decidi acompanhá-las. Ficamos esperando e esperando... Até que ficamos sabendo que elas estavam sendo convocadas para trabalhar por trás das linhas alemãs. Exatamente aquilo com que venho sonhando há tanto tempo, tão intensamente! E, para começo de conversa, eu não estava entre as escolhidas.

O nome de Sasha foi chamado primeiro, e depois o de Klara. As duas saíram radiantes! Depois, eu entrei. Eles me disseram qual seria o meu trabalho. Eu imediatamente disse sim, eu o faria. Nós estávamos tão felizes, nós três!

Nós vamos! Vamos “para lá”! Para a frente. Eu sei que tudo sairá bem. Estou me sentindo bem de novo e feliz.

Alguns dias depois, Ina fugiu de casa para se unir aos partisanos sem nada dizer aos pais, deixando apenas um bilhete para explicar e se desculpar.

Sem data

Minha querida família!

Por favor me perdoem! Sei que é cruel da minha parte dizer-lhes desta maneira, mas é melhor assim. Eu não seria capaz de suportar as lágrimas de mamãe. Por favor não fiquem muito chateados nem sintam pena de mim, pois meu maior desejo finalmente se tornou realidade. Estou tão feliz! Por favor, lembrem-se disso. Só posso dizer-lhes agora que vou entrar para um destacamento de partisanos. Querido papai,

por favor me perdoe em nome de tudo que é sagrado, por favor me perdoe por “decepcioná-lo”, como costuma dizer. Eu fui ao Comitê Regional do Partido... e já era tarde demais para recuar... Minha adorada família, por favor não chore e por favor não sinta pena de mim. Afinal, isso é o que eu quero fazer na vida, isso é felicidade, para mim... Seria tão bom vê-los e beijá-los. Estarei de volta no outono.

Mamãe querida, por favor não chore. De que adianta? Você não quer que eu seja feliz? Eu me sinto realmente bem, por favor, acredite em mim.

É só isto por enquanto. Vou escrever-lhes contando tudo amanhã, até o último detalhe. Não fiquem zangados! E, por favor, não sintam pena de mim!

Muito amor para vocês.

Da sua desobediente Inka

Dois meses depois, Herbert Veigel foi transferido para a retaguarda alemã. Dando as notícias à viúva do irmão Gerhard, ele testava seu mais recente plano com Luise, antes de enfrentar os pais.

22 de junho de 1942

Minha querida cunhada Luise,

A vida fácil de operador de rádio acabou, agora estamos todos na infantaria. Recebemos ordens de recuar, 200 quilômetros por trás da linha de frente. Isso representou para todos nós uma trégua, até que recebemos ordens de defender um aeroporto que estava na mira dos partisanos. Fomos mandados para um lugar no qual nenhum soldado alemão jamais tinha posto os pés. É muito difícil apanhar esses caras. Durante o dia eles parecem camponeses amistosos, mas à noite se tornam realmente perigosos. São muito bem-organizados e recebem suas armas e seus suprimentos por via aérea. Temos de ter muito cuidado, pois somos apenas uns cinquenta e poucos. Passei a semana erguendo defesas e bunkers da manhã à noite. Dia sim, dia não, estou de serviço por 12 horas seguidas, e passo o resto do tempo na plataforma de artilharia do bunker, ou então cavando trincheiras.

Cinco dias atrás, fomos atacados de três direções ao mesmo tempo. Estava chovendo a cântaros e tão escuro que eu não conseguia ver minha própria mão. Eu estava de serviço e só percebi os partisanos quando eles já estavam a 20 metros de distância. Felizmente, minha metralhadora funcionou maravilhosamente, e eu consegui sozinho rechaçar o ataque de uma das direções. Quando clareou, eles foram forçados a bater em retirada, sem nada conseguir. Estamos em alerta máximo desde então, e ontem nossos bombardeiros de mergulho alvejaram várias aldeias próximas, de modo que espero que estará tudo bem e tranquilo por aqui durante algum tempo. Na verdade, as coisas já estão melhorando, os tiroteios noturnos diminuíram um pouco.

Nós não podemos deixar a área. Vocês podem imaginar que vida aborrecida não levamos! Às nove da noite já escureceu, e o uso de luzes é restrito. A troca da guarda é às 20h30, para dar tempo de comer algo antes de se arrastar para a cama.

Tudo isso me deixou completamente insatisfeito. Sinto-me mais inútil e supérfluo que nunca, e assim todo minuto que sobra eu fico pensando no futuro. Ainda não tomei nenhuma decisão, mas a vida de simples soldado torna-se mais insuportável a cada dia que passa. Considero-me capaz de coisa melhor. Meu comandante recomendou que eu me inscrevesse para ser um oficial. Eu queria lhe dizer o que penso a respeito, da melhor maneira possível.

Em primeiro lugar, me dei conta de que jamais poderei ser um médico do Exército. Em toda esta campanha, não consegui uma vez sequer ver ferimentos e lesões sem sentir engulhos. Não creio, assim,

que pudesse ajudar as pessoas em tais circunstâncias.

Querida Luise! Você entenderá que estou dividido, sobretudo por ter dito na frente de toda a família que seguiria os passos de Gerhard [tornando-se médico]. Será que posso retirar minha palavra?

E a outra coisa é que estamos em guerra e sou um soldado. Ninguém sabe quanto tempo vai durar a guerra. Ela não pode durar mais que dois ou três anos, mas enquanto ela durar terei de adiar qualquer treinamento para uma carreira. Mas se eu me tornasse um oficial, teria uma carreira, com um salário. Poderia até acabar capitão. Naturalmente, todas as profissões têm suas desvantagens, e tudo tem o seu preço. Mas aqui, pelo menos, eu tenho a vantagem de saber quais são os riscos. Como todos os soldados que fizeram este trabalho de olhos abertos, eu desaprovo o comportamento da maioria dos nossos oficiais. Não existe motivo para que eu não possa fazer um trabalho melhor, infundir confiança nos homens da companhia em suas missões, e também em batalha. Estou muito empenhado em me sair melhor que meus “superiores”.

Lembranças afetuosas,

Do seu Herbert

Um dia depois, Ina Konstantinova, agora integrada à 2ª Brigada Kalinin de Partisans, relatava seu primeiro confronto com o inimigo nos campos devastados sob ocupação alemã perto de Toropets, mais de 320 quilômetros a oeste de sua cidade.

23 de junho de 1942

Não escrevo há muito tempo, mas tanta coisa aconteceu! Eu não estava errada quando disse que este livro de exercícios vai ver muita ação.

Lembro-me muito bem dos acontecimentos de 19 de junho. Naquela noite, um grande destacamento de uma das unidades punitivas deles chegou muito, muito perto da nossa aldeia. Houve troca de tiros durante toda a noite, e ao alvorecer havia aldeias pegando fogo ao nosso redor. Logo me trouxeram a primeira baixa. Minhas mãos estavam cheias de sangue. Levei esse homem gravemente ferido a um médico a 6 quilômetros de distância. Ao retornar, tivemos de executar um idoso da aldeia, por colaboracionismo. Nós o capturamos, lemos a sentença e o conduzimos ao local da execução.

Ele manteve a cabeça erguida, não disse uma palavra. Só as pontas dos dedos tremiam. Ele seguiu em silêncio. Zoika foi quem lhe deu o tiro, sua mão sequer tremia. Ela é maravilhosa! Mas, não sei por que, eu me senti estranha, realmente muito mal.

Minha vida agora está tão diferente, em comparação com o que era há apenas um mês. Escola, amigos, Kashin, tudo se apagou, muito longe no passado...

Ontem fui chamada à presença do meu comandante, que me propôs missões de reconhecimento. Isso significaria trabalhar sozinha, longe da nossa unidade, e enfrentar muitas dificuldades. E seria mais perigoso. Eu disse que sim, de modo que estou me preparando. Hoje estou de plantão na cozinha, fazendo o café da manhã e o jantar.

Se pelo menos eu pudesse ver mamãe, papai e Rena, nem que fosse por um minuto!

Absolutamente resolvido, Herbert escreveu alguns dias depois aos pais para lhes falar de seu projeto de se tornar um oficial.

28 de junho de 1942

Meus queridos,

Que posso lhes dizer sobre a vida aqui? Nós realmente trabalhamos muito duro, estamos constantemente exaustos e quase não temos nenhum tempo livre. Mas devo reconhecer que todo esse ar puro é bom para mim. Estou com boa aparência e muito bronzeado. Bebo pelo menos um, às vezes dois litros de leite integral por dia, conseguido com os agricultores da região em troca de cigarros; às vezes também consigo ovos e uso o fogão de acampamento que Fritz me deu no Natal para fritá-los. Quanto a ficar de serviço, contudo, está realmente me cansando, exceto talvez quando tenho de montar guarda.

Espero que vocês possam entender por que estou tão ansioso por encontrar uma maneira de deixar esta companhia e sair da Rússia. Desisti da minha ideia de me tornar médico do Exército e cheguei à conclusão de que devo me matricular para me tornar um oficial. Não vou me apressar, quero ser sensato com isso. Depois de dois anos no Exército, não tenho ilusões.

Às vezes fico pensando que vou enlouquecer. Não por excesso de trabalho, mas por esse tédio embrutecedor. Espero poder em breve estar entre as pessoas totalmente normais. Quase todo mundo aqui sofre de *loucura russa*.

Do seu Herbert

No início de julho, Herbert deixou a Rússia, tendo-se matriculado num curso de treinamento de oficiais na Polônia. Mais tarde nesse mesmo mês, Ina Konstantinova relatava uma outra missão por trás das linhas inimigas, dessa vez com o objetivo de danificar a rodovia Pustoshka-Nevel, importante rota de abastecimento entre Moscou e a fronteira ocidental da Rússia.

21 de julho de 1942

Não escrevo há quase um mês. Tanta coisa aconteceu desde então!

No dia 4 de julho, exatamente um mês depois de sair de casa, cumpri minha primeira missão. Nosso grupo recebeu ordens de sabotar uma autoestrada. Os rapazes levavam algum TNT e minas, enquanto eu era mandada a um aparelho, para discutir com determinada pessoa planos de explodir quartéis alemães e capturar documentos de identificação. Eu teria de me juntar novamente ao grupo mais tarde.

A primeira noite passou muito depressa. Cobrimos cerca de 18 quilômetros e paramos para descansar num bosque de amendoeiras perto de uma aldeia. Deitamos bem juntinhos e adormecemos. O dia seguinte foi maravilhoso, e eu fiquei conhecendo os rapazes muito melhor. Nessa noite, paramos perto de uma outra aldeia, sentamos debaixo de um abeto e nos divertimos à beça. Havia tantas violetas crescendo à margem da estrada! Que visão deslumbrante! Fiquei de excelente humor o dia inteiro.

Depois de passar algum tempo com os rapazes, tive de deixá-los e sair correndo para um endereço secreto. Eles realmente fizeram muito barulho por minha causa, dando-me comida para levar e me ajudando a fazer a mochila!

Eu andei e andei e cheguei a tempo, mas o contato não apareceu. A polícia [*Ordnungsdienst*, a polícia auxiliar local] começou a se interessar por mim, me deixou passando a noite numa casa e tomou meu passaporte. Depois, fiquei sabendo que o lugar para onde os rapazes se dirigiam estava cheio de policiais. Eu precisava avisá-los o mais breve possível, e então decidi fugir.

Perguntei se podia tomar banho no rio; entrei na água completamente vestida, até o pescoço, e então saí e tratei de fugir. A polícia ainda mantinha meus documentos, mas eu estava desesperada para voltar ao

encontro dos rapazes. Não havia nem sinal deles. Dei busca em toda a mata, mas em vão. Tive de voltar para outra aldeia. Fui apanhada novamente, e como não tinha passaporte, a polícia local decidiu me deter até a chegada das tropas alemãs. Pela primeira vez, fiquei realmente aterrorizada, pois os alemães nem se dão ao trabalho de interrogar pessoas sem carteira de identidade; nesses casos, o veredito é simples: partisan, teu destino é a forca. Que é que eu podia fazer?

Fui alojada na casa de um idoso da aldeia, com dois policiais. Decidi tentar escapar, não tinha nada a perder. A noite inteira, fingi estar com diarreia. No início, eles me acompanhavam até a casinha; aos poucos, começaram a confiar em mim. Eu corri como o vento pelo quintal, pela rua e até um campo de centeio. E foi assim que consegui escapar.

Eu, pessoalmente, estava bem, nem mesmo me sentia cansada, mas arrasada porque tinha certeza de que os rapazes iriam morrer. Sentia-me completamente inútil. Caminhei de volta para a base, me detive apenas uma vez. Fui a primeira a voltar.

Estava louca de preocupação, até que finalmente Makasha apareceu certa manhã. Fiquei pulando feito louca sem parar, tão feliz estava! Quase o sufoquei com meus abraços. Ele me disse que os rapazes tinham conseguido minar a estrada, mas se depararam com várias unidades alemãs. Trocaram fogo com elas, mas tiveram de bater em retirada. E então perderam de vista uns aos outros e voltaram separadamente. Lyosha foi morto pela própria granada.

Igor e Grisha voltaram no dia seguinte, e Boris e Seryoja, um dia depois. Fiquei tão feliz! Eu agora seria capaz de segui-los a qualquer parte, pelo fogo e pela água. Visito meus queridos amigos diariamente, estou me divertindo muito!

Quatro dias depois, Ina completou 18 anos e parou de escrever seu diário por medo de pôr em risco a si mesma e aos companheiros. Sempre que podia, ela fazia contato com os pais e a irmã menor, Rena.

24 de agosto de 1942

Olá, minha querida mamãe!

Achei melhor escrever para você separadamente. Se você soubesse o quanto desejo vê-la, para lhe dar um enorme abraço, afogá-la em beijos. Bem, não talvez afogá-la, mas você lembra como eu costumava beijá-la enlouquecidamente? Você sempre fingia que não gostava, mas ficava sorrindo, e eu continuava, dando risadinhas. Minha querida, eu vejo vocês todos com tanta clareza, você, papai e Reginka. Às vezes acordo com um sobressalto no meio da noite, convencida de que você está sentada ao pé da minha cama, como você costumava fazer em casa. E é tão bom, que sentimento adorável! Mas aí eu acordo, e não tem ninguém. Se você soubesse como eu te amo, como sempre amei todos vocês.

Por favor não fique triste, minha querida e adorada. Você sabe qual é a coisa mais difícil de suportar? A ideia de que você pode chorar ao pensar em mim. Por favor, não chore! Não chore!

Estou vivendo tão bem aqui, e todo mundo gosta de mim. Os rapazes do nosso grupo, aqueles que acompanhei na minha primeira missão, tornaram-se como uma família para mim.

Mando aqui um beijo para você. Você é capaz de sentir o quanto eu te amo?

Da sua Inka

29 de agosto de 1942

Olá, meus queridos!

Nem sei por onde começar. Muito bem. Antes de tudo, estou viva e muito bem, e me sinto ótima. Foram só três dias desde que eu voltei do outro lado das linhas alemãs. Tive uns probleminhas de novo. Fui apanhada mais uma vez. Dessa vez, fui apanhada direitinho na engrenagem alemã. Não esperava que a coisa toda acabasse tão bem.. Passei por maus bocados... Sinceramente, achei que ia ficar de cabelos brancos. Vou contar tudo quando nos encontrarmos. Quase enlouqueci de alegria quando atravessei a linha de frente e vi o nosso pessoal!

Provavelmente voltarei para “lá” dentro de alguns dias. Mas por favor não se preocupem comigo. Estou convencida de que nada me acontecerá e logo estarei em casa de licença.

Ontem vi os rapazes de Kashin. Eles me disseram que mamãe está muito preocupada comigo, mas realmente não é preciso.

Estou me sentindo incrivelmente bem, cem vezes mais feliz que as garotas que estão aí — dançando e achando que estão se divertindo —, pois estou dando minha contribuição ao meu país nesse momento difícil... Ainda que eu passe fome, ou seja capturada pelos nazistas, ou tenha de caminhar descalça centenas de quilômetros, ainda assim eu seria uma mulher de muita sorte, e haveria de me sentir muito feliz com o meu destino.

Bem, meus queridos, muito amor e muitos beijos para vocês.

Da sua Ina

29 de agosto de 1942

Olá, minha querida Renok!

Há muito tempo não tenho notícias suas. Por quê? Já começou a esquecer de mim? Não pode ser!

Sabe de onde estou escrevendo? Nem posso acreditar na minha “sorte”! Fui detida por nossos próprios guardas de fronteira. Foi divertido e triste ao mesmo tempo. E tão estúpido. Tudo porque não tenho mais o meu passaporte. Fui trancada numa casa de banhos até apurarem a minha identidade. Deixaram-me sair esta manhã, e agora estou aqui sentada no gabinete do comandante, escrevendo para você.

Renocek, quero lhe perguntar uma coisa. Por favor procure o endereço de Zoya Poryvaeva nas minhas cartas. E guarde com você. Zoya foi uma das minhas melhores amigas na Brigada, ela era incrível! Teve uma autêntica morte de heroína. E não estou brincando. Muita gente notável foi morta, inclusive alguns dos meus melhores amigos: Zoya, Genka, Igor e Grisha. Já imaginou? Ficou apenas o Boris, de todo o nosso grupo! Está sendo muito duro para mim, Renocek. Estou decidida a vingá-los, no momento sou movida por um intenso ódio.

Espero que você me escreva mais regularmente. Por favor beije nossos pais por mim, muito e muito mesmo.

Muitos beijos e abraços amorosos para você.

Ina

Depois de dois anos de combates e muitas missões de reconhecimento bem-sucedidas, Ina Konstantinova foi morta por fogo inimigo no dia 5 de março de 1944, quando ficou para trás a fim de dar cobertura, com uma submetralhadora, à retirada de seu grupo, que se encontrava em inferioridade numérica frente a um destacamento punitivo alemão. Seus companheiros disseram a seus pais, arrasados, que ela tivera uma morte de heroína.

O Holocausto

Maio de 1942-março de 1943

“Não recebemos ajuda de parte alguma”

Na primavera de 1942, Churchill e Roosevelt ainda não estavam preparados para lançar um ataque direto na Europa Ocidental para aliviar a pressão sobre a União Soviética e a frente oriental. Churchill explicou a Stalin que preferia “dar a volta pelo fim em vez de passar pelo meio”, planejando um desembarque no norte da África até o fim do ano.

Enquanto os Aliados discutiam questões de estratégia militar, em toda a Europa ocupada Hitler levava adiante sua guerra racial, com o objetivo de criar um Reich “livre e esvaziado de judeus o mais rápido possível”. Nos primeiros meses da campanha russa em 1941, as mortíferas unidades móveis das SS, os chamados “Grupos de Ação”, abateram a tiros dezenas de milhares de judeus; outros foram mortos em furgões de gás, e o resto seria confinado em guetos recém-criados, semelhantes aos da Polônia ocupada.

Como forma de resolver a “questão judaica”, no entanto, as matanças com armas de fogo eram consideradas ineficazes; os furgões de gás tinham capacidade por demais limitada e os guetos constituíam apenas uma solução temporária. Para aniquilar os judeus da Europa em escala industrial, quatro campos de morte foram especialmente construídos na Polônia ocupada.

O primeiro desses campos administrados pela SS foi aberto em dezembro de 1941 em Chelmno, perto de Łódź, com o objetivo de “limpar” a região de judeus e ciganos. Os que eram considerados incapazes de trabalhar — sobretudo mulheres, os muito jovens e os mais velhos — seriam mortos em câmaras de gás, enquanto um menor número de judeus era mantido no gueto, sob trabalho escravo. Para evitar pânico e descartar suspeitas, aos que eram escolhidos para deportação dizia-se que seriam “reassentados” em aldeias mais a leste, onde havia abundância de alimentos. Em meados de maio, mais de 55 mil pessoas tinham sido deportadas de Łódź para o campo da morte de Chelmno.

Na Alemanha, o público não era informado de detalhes sobre o assassinato sistemático de judeus. No dia 7 de janeiro de 1942, a imprensa recebera ordem de não publicar nada sobre “a questão judaica nos territórios orientais ocupados”. Mas na Polônia a notícia começou a ser espalhada por testemunhas e alguns poucos que conseguiram fugir dos locais de matança; de Varsóvia, essas informações acabaram chegando a Londres e Washington. Alguns artigos foram publicados na imprensa no verão, embora só meses depois os Aliados reconhecessem publicamente o que sabiam. Um diplomata americano engavetou o primeiro relatório que chegou a Washington, recomendando que não

fosse passado adiante até verificação por outras testemunhas. Na época, o que acontecia mal parecia concebível.

No verão de 1942, o estudante nova-iorquino David Kogan completou 13 anos. Ele fazia força para não esquecer de escrever sobre a guerra em seu diário, mas ela ainda tinha muito pouco impacto em sua experiência cotidiana.

Naquele verão, Herbert Veigel chegou à Polônia para seu curso de treinamento para o oficialato. Hospedou-se em Poznań e visitou Łódź, ambas na região alemã anexada de “Warthegau”. Poznań, a nova capital da região, já havia sido “limpada” dos judeus e, tal como “Litzmannstadt” (Łódź), passava por uma rápida transformação. As duas cidades estavam sendo reformadas, para um dia poderem se perfilar com Berlim, Hamburgo e Munique como grandes centros urbanos do Reich nazista.

Do outro lado da cerca, no interior do gueto de Łódź, as condições continuavam a se deteriorar. Aos 17 anos, Dawid Sierakowiak se formara com louvor na escola, mas, sem poder dar prosseguimento a sua educação, trabalhava duro, costurando cinturões militares alemães, para não ser deportado. No gueto, a fome aumentava; os suprimentos eram deliberadamente reduzidos antes da chegada dos transportes, para estimular mais pessoas a partir rumo ao “reassentamento”. No fim de maio, Dawid foi informado de que a próxima rodada de transportes levaria habitantes de Łódź para um campo de trabalho perto da cidade de Poznań.

27 de maio de 1942

Esta tarde eles anunciaram o registro voluntário de homens de 18 a 50 anos para trabalhar em Poznań. Papai vinha ameaçando há algum tempo se inscrever (embora esteja sempre gritando que esperamos apenas que ele se vá), e o fez esta tarde. Deverá comparecer perante a junta médica amanhã à uma hora. Eu também pensei em partir, mas não me sinto suficientemente forte para isso, não tenho energia, por causa da fome. Além disso, eu perderia meus livros e escritos, notas e cadernos. Especialmente este diário.

Os judeus de Pabianice e outros lugares recentemente mandados para cá estão fugindo do inferno deste gueto para ir trabalhar em Poznań.

30 de maio de 1942

Não sei por que [papai] se apodera do dinheiro todo. Ele toma todo o pagamento de mamãe e Nadzia e depois não quer lhes dar dinheiro para comprar rações. Ele também conseguiu tomar emprestados 100 gramas de pão de Nadzia (garota burra!). Eu agora levo o meu pão para o trabalho comigo (as porções de amanhã e de segunda-feira, pois só receberei o resto na segunda-feira, e terá de durar até quinta). Terei de fazê-lo agora todo dia. Ele também comprou carne e um litro de soro de leite (que conseguiu na leiteira, para todos nós), cozinhou e comeu tudo. Não resta mais nada, e assim vamos para a cama com fome. Ele não foi ao trabalho hoje, ficou perambulando pela cidade o dia inteiro. Deve ter gastado muito dinheiro. Mamãe parece um esqueleto e está se consumindo de preocupação. Se pelo menos ele estivesse falando sério quando diz que vai partir! Mas não temos esta sorte. Ele começou a roubar de nós e a perturbar todo mundo — como se isso pudesse ajudá-lo. É terrível. Mamãe é quem sofre mais, física e mentalmente.

9 de junho de 1942

Estão mandando cada vez mais homens para trabalhos forçados em Poznań. Eles foram tirados da cama na noite passada ou sequestrados nas ruas e até mesmo no trabalho. Operários de certas oficinas foram poupados. Os transportes estão saindo com frequência cada vez maior.

14 de junho de 1942

Estou trabalhando novamente no turno da tarde. Passei o dia escrevendo “As alucinações dos que morrem de fome” — algumas poucas páginas de confissões e alucinações influenciadas por meu espírito deprimido. A constante batalha entre esperança e desespero está me matando. Para piorar as coisas, meu dente ruim voltou a se manifestar e estou sempre com dores excruciantes. Amanhã vou ao dentista, coisa que há tempos venho adiando. Sem notícias políticas.

21 de junho de 1942

Hoje recebemos três rações de “trabalhadores”, com repolho picado extra e queijo cottage. A divisão das porções tem sido bastante difícil em casa. Papai é quem causa a maior parte dos problemas, é claro, enganando a gente sempre que pode, mas alegando que somos *nós* que o estamos enganando. Há uma outra razão para eu querer tanto o fim da guerra: poderei ser independente e começar uma vida nova, sem as brigas e gritarias dentro de casa. Mas me parece que ainda ficaremos juntos por muito tempo. O mais provável é morrermos todos no gueto.

22 de junho de 1942

Já se passou um ano desde o início da guerra germano-soviética e não existe a menor chance de que ela acabe em breve. Nas últimas semanas, os judeus têm dito que a ofensiva dos Aliados começará hoje, mas infelizmente eu estava certo de pensar que o início do fim ainda está muito distante.

O dentista obturou meu dente hoje. Se eu tiver de ser enterrado aqui no gueto, pelo menos não estarei com cáries. E se conseguir sair daqui, precisarei de bons dentes para morder e rasgar!

3 de julho de 1942

Papai foi dispensado e não precisará ir para Poznań. Ainda faz frio e há muitas nuvens no céu. Mas não tem chovido muito.

Por acaso, li o *Litzmannstädter Zeitung* [o jornal de Litzmannstadt] de hoje. Eles informam sobre a captura de Sebastopol, a marcha vitoriosa sobre o Egito, vitórias no mar etc. etc. A leitura do jornal acabou com o pouco bom humor e a esperança que eu ainda tinha. Fatos concretos, irrefutáveis, em oposição ao nosso blá-blá-blá tolo e vazio.

Todos aqueles que fugiram ou seguiram para o “campo de trabalho em Poznań” foram eliminados no campo da morte de Chelmno.

Em julho, Herbert Veigel viajou para Poznań. Ao chegar, escreveu aos pais, aliviado por ter deixado para trás sua vida na frente russa.

12 de julho de 1942

Meus queridos pais,

Cheguei a Poznań uma hora atrás. Vocês não vão acreditar, mas fui mandado para um curso de treinamento de oficiais, que começa amanhã e termina no dia 8 de agosto. Duvido que eu venha a ter alguma folga, mas espero ser mandado para Halle [na Alemanha] no dia 1º de setembro, por três meses, desde que eu passe neste curso. Vai ser difícil, mas me sinto confiante e com coragem.

A viagem para cá foi boa. Saímos de Smolensk num transporte de grupo, passaram-se cinco dias desde que deixamos a companhia.

Por favor digam a todo mundo que estou aqui, para que possam me escrever.

Meus desejos mais afetuosos, do seu Herbert

14 de julho de 1942

Minha querida família,

Um breve olá no meu intervalo de almoço... O treinamento aqui é muito duro, eu mal tenho tempo de folga. Ele exige muito de nós, tanto física quanto mentalmente, e há uma atenção especial para formas de conhecimento que esquecemos completamente depois de dois anos em campo. E somos o tempo todo supervisionados. Não creio que vai ser fácil passar, especialmente por nunca ter feito o treinamento de suboficial e ser o mais jovem do grupo. Mais da metade dos que estão no curso têm patente mais alta. De modo que terei de me esforçar muito. O tratamento que nos dispensam aqui é mais duro do que o que recebíamos como novos recrutas, mas pelo menos temos um objetivo definido, e sabemos que estará tudo acabado em quatro semanas. Se quiserem me enviar um pequeno pacote, por favor incluam coisas para passar no pão e outras coisinhas para comer. Aqui não tem muita coisa. Não dá para comer bem na cantina porque todo mundo tem de acabar de comer quando o comandante acaba...

Calorosas saudações, do seu Herbert

20 de julho de 1942

Meus queridos,

...Estamos agora na segunda semana do nosso treinamento! Foi tudo bem até agora. Estou precisando me esforçar um pouco para me manter à altura, mas acho que vou conseguir... Trabalhamos o tempo todo: escrever e aprender. Estamos ocupados toda noite até meia-noite. Poznań é muito agradável, mas é uma pena que eu não tenha tempo para desfrutar da cidade depois de todos esses meses no deserto russo... Mais um pedido: mandem-me alguns cupons de bolo, o máximo possível. E se tiverem cartões extras de carne, eu ficaria muito grato.

Do seu Herbert

27 de julho de 1942

Meus queridos,

Obrigado por suas cartas dos dias 17 e 18, e pelos quatro embrulhos. Eu estava ansioso por receber minhas primeiras cartas de casa desde o dia em que cheguei!

Nós não somos autorizados a sair às ruas. Estamos vivendo no prédio de uma velha escola, numa região de Poznań em que a maioria das pessoas é polonesa. Realmente não é necessário me mandar tantas coisas, querida mamãe. Eu fico perfeitamente feliz com pequenos embrulhos e de qualquer maneira espero estar em casa dentro de duas semanas.

No sábado, teremos concluído metade do curso. Ficarei incrivelmente feliz quando tiver acabado. Se eu passar, terei uma folga para ir em casa, e terá valido a pena.

Na quarta-feira haverá um evento social à noite num dos melhores hotéis de Poznań. Na verdade, não será exatamente um evento social, mas uma maneira que eles encontraram para nos vigiar e ver como é que nos comportamos uns com os outros. De qualquer maneira, estou certo de que será divertido.

...Se eu tiver reunido cupons suficientes até o meu aniversário, terei um bolo ou uma torta. Posso até conseguir algum chouriço. Assim pelo menos poderemos talvez ter uma pequena comemoração este ano...

Calorosas saudações do seu filho. Herbert

Ao concluir o curso duas semanas depois, Herbert foi subitamente convocado a retornar à frente russa, sem direito a folga, e teve de consumir às pressas sua ração de bolo. No gueto de Łódź, o tema do diário de Dawid Sierakowiak era pão, e não bolo. Nas três primeiras semanas de julho, o abastecimento de alimentos no gueto fora mais uma vez reduzido.

27 de julho de 1942

Recebi apenas metade da minha ração diária de pão — não conseguimos nenhum hoje. As pessoas estão dizendo que veio à tona a corrupção nas padarias e que muitos comissários, padeiros e policiais foram detidos. Enquanto isso, eles não estão fornecendo pão (ele vai chegar amanhã). Mamãe cozinhou alguma coisa esta manhã, mas eu realmente sinto falta do pão. Talvez o fato de estar me sentindo tão fraco me tenha inspirado, e eu escrevi um belo poema em iídiche (“*Lebn wil ich*”) [Eu quero viver].

Ainda sem notícias políticas. As pessoas estão dizendo que muitos judeus (10 mil pessoas por dia) estão sendo deportados do gueto de Varsóvia, que há pogroms e que as pessoas que partem estão sendo alvejadas. O presidente do gueto se suicidou. Seja como for, os judeus de Varsóvia não podem ter passado pelo inferno por que passamos. E ainda não acabou.

28 de julho de 1942

A ração diária de pão foi reduzida a 250 gramas! O clima nas ruas é sombrio. Nada de notícias políticas. O mesmo sufocante silêncio sem qualquer esperança.

17 de agosto de 1942

Um ínfimo vislumbre de esperança, finalmente. Os alemães informam que Goebbels disse num discurso que as próximas semanas serão decisivas para a vitória no Leste (slogan do Exército: “Estamos

derrotando os ingleses no Leste!”). Os soviéticos começaram uma ofensiva ao longo de toda a frente russa. Os americanos estão na ofensiva no Mediterrâneo. Os alemães preparam-se para rechaçar ataques em todas as frentes, mas reconhecem que estariam dispostos a fazer sacrifícios em outros lugares em nome da vitória numa frente preferencial. De modo que existe agora a esperança de uma ofensiva geral. Uma incrível animação no gueto! Os judeus estão levantando a cabeça de novo, mas temem os boatos de que os alemães pretendem acabar com os judeus na Europa antes do fim da guerra e de uma possível derrota. Ainda assim, está todo mundo cheio de um otimismo róseo. Eles acham que a guerra acabará este ano. Se ao menos... Se ao menos nossas forças durassem tanto assim. Algumas batatas, um pouco de açúcar, óleo, legumes, uma porção normal de pão, sopa no trabalho — assim talvez nós aguentássemos, se a situação alimentar não piorar, se não se prolongar muito.

19 de agosto de 1942

Não temos o que cozinhar em casa. Vivemos todos na crescente esperança de que a guerra possa acabar antes do fim de 1942. Esta noite correu a notícia — supostamente transmitida pela rádio inglesa — de que está ocorrendo uma ofensiva geral no Oeste (ataques aéreos), assim como no Leste, e de que tropas inglesas, americanas e canadenses desembarcaram na França. O clima no gueto é como na Polônia em agosto de 1939. Só que agora existe alegria, misturada com expectativa e esperança, ao passo que na época havia medo. Sinto que uma alegre empolgação toma conta de mim lentamente, com um anseio angustiado e ao mesmo tempo agradável.

Mas o fato é que os Aliados não tinham desembarcado na França. A movimentação militar era apenas treinamento para um ataque a Dieppe, que veio a ser efetivado a 19 de agosto sobretudo por tropas canadenses e britânicas, com o objetivo de testar técnicas a serem usadas na eventual invasão da França. Ainda seriam necessários dois anos para que os Aliados estivessem preparados para invadir o noroeste da Europa, abrindo a segunda frente de guerra.

Herbert Veigel escreveu à família nesse mesmo dia, assim que reassumiu seu posto na frente russa.

19 de agosto de 1942

Minha querida família,

...Que enorme diferença entre a vida em Poznań e aqui! Mas agora eu já estou acostumado, não foi tão difícil. Deixei o mundo civilizado aos poucos. Passamos dois dias em Litzmannstadt, da qual já lhes falei. Paramos em Varsóvia durante quase um dia inteiro, e em Brest-Litovsk os trens estavam tão cheios que também tivemos de esperar dois dias. Pudemos inclusive ir ao teatro e ver uma opereta, *A gueixa*. A última parada foi em Minsk, onde fizemos uma refeição fantástica no belo quartel local e vimos um excelente filme. Em Smolensk, alistamo-nos num trem-hospital vazio e viajamos na primeira classe para nosso campo de pouso militar.

A aldeia aqui está exatamente como antes, exceto pelo fato de que o pessoal da nossa companhia mudou muito, não encontro rostos conhecidos... Todos os nossos velhos companheiros foram mandados para outros lugares. Meus documentos poderão chegar de Poznań nos próximos dias, e então, se tiver sorte e houver passado, eu logo serei um oficial. E se as coisas evoluírem no tempo certo, deverei obter uma licença para estudos na Alemanha neste inverno. Gostaria de ter chegado dois dias antes, pois teria encontrado meu velho regimento de tanques, mas de qualquer maneira foi bom ter feito com calma a

viagem até aqui... Já é meia-noite e vou ser rendido. E às quatro da manhã terei de sair de novo por mais oito horas...

Precisarei ir ao dentista depois de amanhã, tive uma terrível dor de dente nos últimos dias.

Meus votos mais calorosos,

Do seu Herbert

A carta a que Herbert se refere, na qual falava de sua visita a Łódź, não chegou até nós. Anos depois, ele diria ao filho que visitou o gueto e viu toda aquela desgraça, mas estava tão influenciado pela propaganda nazista que acreditava que os judeus é que a haviam provocado. Herbert permaneceu na frente russa por mais um ano, passando o resto da guerra na Alemanha.

Do outro lado do mundo, em julho de 1942, David Kogan preparava-se para comemorar a saída da adolescência com seu bar mitzvah, tornando-se um membro de pleno direito da comunidade judaica de Nova York.

4 de julho de 1942

Hoje eu sou um homem. Bar mitzvah. Foi um grande dia. No início, eu estava nervoso, quando começou a ficar tarde. Eles disseram que eu estava com um ar sério no púlpito, mas eu gostei. Foi apenas 70% tão bom quanto nos ensaios, mas o pessoal gostou, e foi legal. Estavam presentes toda a família do papai e quase toda a da mamãe.

No andar de baixo, tivemos a recepção. Todo mundo tinha o que comer, e eu ficava circulando para atender às necessidades das pessoas. Ganhei muitos presentes, sobretudo pequenos envelopes contendo 207 dólares em dinheiro e bônus de guerra e selos. Um grande dia. Vou me lembrar.

Não foi um 4 de Julho como os outros, nada de rojões...

5 de julho de 1942

Não consegui dormir; então fui para a cama grande e conversamos durante duas horas sobre o bar mitzvah. Foi a primeira vez que fiz isso de manhã desde a minha infância na Randolph Street. Depois da ceia, fui dar uma caminhada. Conversei com os rapazes e aprendi um pouco sobre as pessoas. Bem, recebi cumprimentos da turma toda pelo meu bar. Descobri que, quando Steve leu este diário no ano passado, saiu contando coisas por aí, e isso deve ter dado a certas pessoas uma impressão errada a meu respeito.

17 de julho de 1942

Há um órfão refugiado francês vivendo com pessoas que nós conhecemos. Mamãe acha que ele devia ficar no Centro Comunitário Judaico, e então eu fui falar com o diretor, e o menino vai ganhar uma bolsa. Este é o terceiro dia consecutivo em que eu jogo muito pingue-pongue. Eu fui terrível, derrotei Ken Stone certa vez por 21 a 3. Depois, fui nadar. À tarde, queria voltar a jogar, mas mamãe não deixou. Tive uma longa discussão com ela, que foi muito engraçada. Papai decidiu ir de férias para Campo Boiberik [um

campo de verão para judeus] e quer que eu vá com ele. Eu vou por uma semana, e ele pode ficar mais tempo. Descobri um tesouro. Velhos cartões-postais de Yonkers na Pinsky's.

29 de julho de 1942

Meu aniversário. Um ano atrás, eu comecei estes livros. Que ano para mim! Comecei como Seymour Cohen. Agora sou “Biff” Kogan. De desconhecido que era, passei a ser conhecido por todos os garotos judeus da minha série. O bebê e o mascote do Clube Atlético e Social. Foi um ano importante, mas não muito produtivo. Meu trabalho escolar foi igual ao do ano passado. Comecei com as garotas. Eu, aos 13, estou num mundo de 14. Deixei que a minha sagacidade se desenvolvesse. Fiz e perdi mais amigos que nunca, e terei de conquistá-los de novo. Bem, boa sorte!

31 de julho de 1942

Esta é uma parte da minha vida em que eu nunca toquei até agora — ficar pensando à noite com os olhos fechados. Pensando que eu sou o presidente da Palestina... um grande jogador de beisebol, um treinador, um campeão de xadrez, o maior da história americana, um criador de modernos projetos habitacionais. Tem sido assim noite após noite há alguns anos.

Tempo chuvoso pelo quinto dia consecutivo. À tarde, comecei realmente a ensinar ao papai como jogar xadrez. Jogamos “à brinca” durante duas horas e meia, e ele ficou fascinado com as possibilidades do jogo. Eu continuei explicando, mostrando e comparando com a guerra.

1º de agosto de 1942

Mamãe esteve aqui hoje. Caramba, como me alegra vê-la, e estou recebendo minha dose do temperamento dela, de toda a sua vida, e minha constante fonte de alegria e humor.

À tarde vimos a comemoração de meia-estação em Campo Boiberik. Era uma peça, um cortejo sobre os nazistas e o Distintivo Amarelo. Uma pequena cidade do Leste europeu é invadida. Um velho judeu chega à cidade e mostra à população a mais recente lei dos nazistas, a obrigatoriedade de usar o distintivo amarelo. Os distintivos foram distribuídos na plateia, e todos nós o usamos com orgulho.

10 de agosto de 1942

Desisti do jardim da vitória. A chuva, os vermes, os percevejos, o vento e o solo acabaram com praticamente tudo, exceto uma pimenteira e um tomateiro mirrado.

Uma parte importante deste diário terá de ser dedicada à guerra e à maneira como me afeta. No momento, todo mundo está confiante na vitória. Estamos em vantagem em tudo — no papel — e *estamos* perdendo. Eu, como outros, acredito numa segunda frente, mas não quero que se faça muito barulho em torno disso. Nick apareceu aqui. Jogamos cartas. Ele mencionava o nome de Eleanor, e eu enrubescia. Ele é o próprio sr. Intriga.

25 de agosto de 1942

Meus dentes estão doendo, e, assim, fiquei em casa. Eu só conseguia pensar nos dentes, e por isso eles doem mais. Eu não podia estar pior e enchi o saco dos outros, mas mamãe merecia. Ela botou o aparelho nos meus dentes. Vou usá-los durante quatro longos anos.

Do outro lado do Atlântico, na Polônia, circulavam no gueto de Łódź boatos sobre o destino dos deportados, e o medo se agravou quando judeus empregados na triagem de pacotes de roupas e roupa de cama encontraram documentos e carteiras de identidade de antigos moradores do gueto entre os pertences devolvidos.

Dawid já não parecia ter qualquer ilusão quando, no início de setembro, surgiu uma nova e inédita exigência das autoridades alemãs do gueto. A semana seguinte não seria parecida com nenhuma outra, e Dawid escreveu mais em seu diário que em qualquer outra ocasião.

4 de setembro de 1942

As trágicas informações de ontem revelaram-se autênticas. Os alemães ordenaram que sejam entregues todas as crianças de até 10 anos, os idosos de mais de 65 e todos os doentes, inchados, aleijados, incapazes de trabalhar ou desempregados. É incrível o pânico na cidade. Ninguém está trabalhando, todo mundo fica para baixo e para cima tentando conseguir postos de trabalho para pessoas desempregadas, e os pais das infelizes crianças estão tentando de tudo para salvá-las. Haverá um “szpera” [toque de recolher] geral — durante o qual equipes médicas vão examinar todo mundo e decidir quem está capacitado para o trabalho. Como eu trabalho num escritório, consegui empregar mamãe numa divisão de móveis, onde ela poderá ocupar-se de um trabalho adequado, mas foi incrivelmente difícil. Mas eu estou preocupado com minha mãe, pois ela está debilitada e fraca, é pequena e fraca. Apesar disso, ela trabalha o tempo todo na horta, não está doente e continua cozinhando, limpando e lavando as roupas sempre que necessário em casa.

Às duas horas, nosso escritório fechou e recebemos instruções para ficar em casa até segunda ordem. Todos os outros escritórios e serviços também fecharam, com exceção da “carroça de fezes”, da polícia, dos bombeiros, das diferentes guardas etc. O pânico aumenta a cada minuto. Os boatos nos fazem esperar o pior. Às quatro horas, Rumkowski e Dawid Warszawski, chefe de vários departamentos, falaram à população. Disseram que “sacrificar as crianças e os idosos é necessário, que nada poderá ser feito a respeito, e pedem que as pessoas não interfiram com a deportação”. Para eles é fácil dizer, pois conseguiram dos alemães uma isenção para os filhos dos chefes de departamento, bombeiros, policiais, médicos, instrutores, do Beirat e sabe lá o diabo quem mais. Com isso, os alemães, que ordenaram a entrega de mais de 25 mil pessoas, mandarão outros em seu lugar — pessoas habilitadas para o trabalho; essas pessoas serão na verdade vítimas das crianças e idosos “bem-relacionados”.

A prima do papai, que tem uma filha de 3 anos, veio nos visitar esta noite. Como ainda não há perigo, concordamos que ela e a filha fiquem aqui conosco. Depois, concordamos com a permanência de toda a família dela, depois que eles também apareceram aqui. Eles estavam com medo de ficar onde moram, temendo serem feitos reféns, no lugar da criança. Mais tarde ainda houve um ataque aéreo e caíram algumas bombas em Łódź. O barulho era uma verdadeira música para os ouvidos de todos os judeus do gueto. Estava realmente quente e abafado lá fora, e com tanta gente no apartamento eu não conseguia dormir. Se pelo menos as coisas acabassem bem!

5 de setembro de 1942

Minha santa MÃE, amada, exaurida e abençoada, caiu vítima da besta hitlerista alemã sedenta de sangue!!!! Ela era completamente inocente, e se foi apenas por causa dos corações perversos de dois judeus tchecos, médicos que vieram à nossa casa nos examinar.

Começou uma revolta na cidade hoje de manhã porque se espalhou como um rastro de pólvora a notícia de que eles iam levar as crianças e os idosos à noite para esvaziar os hospitais, e que eles serão deportados na segunda-feira (3 mil pessoas por dia!). Depois das duas horas, quando tomamos uma rápida sopa no almoço, carros e carroças pararam na nossa rua, e médicos, policiais, bombeiros e enfermeiras começaram a arrebanhar as pessoas. O prédio em frente foi lacrado e depois de uma hora e meia três crianças foram trazidas para fora. Os gritos, a resistência e o choro das mães e da rua inteira eram indescritíveis. Os pais que tiveram seus filhos levados ficaram completamente alucinados.

Enquanto tudo isso acontecia, dois médicos, duas enfermeiras, alguns bombeiros e policiais entraram no nosso prédio. Eles tinham uma relação dos moradores. Apesar dos protestos dos policiais e das enfermeiras, os médicos — velhos, malvados e amargurados deportados de Praga — começaram a examinar detidamente todos os moradores, encontrando muitos “doentes e incapacitados”, e também aquilo que chamavam de “*frägliche Reserve*” [“reserva incerta”]. Minha querida e infeliz mãe foi incluída neste último grupo, o que no entanto não me serviu de consolo, pois todos foram levados para o hospital. Nossa prima escondeu-se com a filha atrás de uma cama, sua família inteira fugiu e conseguiu escapar. Eles não encostaram um dedo no nosso vizinho, o sr. Miller, de 70 anos, que vem a ser tio do principal médico do gueto, mas minha mãe, exaurida mas saudável, foi levada no seu lugar! O velho médico que a examinou procurou insistentemente, surpreso por não encontrar nenhuma doença. Ele se limitava a balançar a cabeça, dizendo ao colega, em tcheco: “Muito fraca, muito fraca.” E não obstante os protestos das enfermeiras e dos policiais presentes, escreveu aquelas duas palavras fatais no cartão da nossa família. Era evidente que eles não sabiam o que estavam fazendo, pois também levaram o filho do nosso vizinho, Dawid Hammer, um jovem de 24 anos que nunca na vida teve nada a ver com doenças ou médicos. Mas seu primo é inspetor da polícia, de modo que ele foi examinado de novo e liberado. De que me adianta o fato de que os dois médicos tenham sido denunciados ao presidente do gueto e em consequência não sejam mais autorizados a examinar as pessoas? De que vale toda a equipe do hospital ficar indignada? Minha mãe foi apanhada e duvido que alguma coisa possa salvá-la.

E o papai? Depois que mamãe foi examinada, enquanto ela corria para baixo e para cima como uma pobre louca, implorando aos médicos que lhe salvassem a vida, papai tomava a sopa que o pessoal que estava em nossa casa deixara no fogão, e metia a mão no açúcar da sacola deles! Sim, ele estava um pouco chocado, apelou para os policiais e médicos, mas não saiu correndo na direção da cidade para pedir proteção aos amigos. No fim das contas, acho que ele estava feliz de se ver livre da mulher. O relacionamento entre os dois vinha piorando ultimamente, o que estava matando minha mãe. Juro pela vida humana, que é sagrada para mim, que se eu soubesse com certeza que minha mãe sobreviveria à guerra, seria o suficiente para me deixar feliz com a situação. Apesar de sua grande angústia, minha pobre mãe, que sempre esteve pronta para qualquer coisa, e sempre, infalivelmente, acreditou em Deus, mostrou total presença de espírito. Falou conosco sobre o seu destino com um fatalismo e uma lógica que parte o meu coração. Ela mais ou menos concordou comigo quando eu lhe disse que ela abrisse mão da própria vida ao dar sua comida aos outros, mas ela o disse com um sorriso tão amargo que eu pude ver que não se arrependia do seu comportamento — embora amasse a vida, ela dava mais valor a certas coisas, como Deus e a família. Ela se despediu de nós com um beijo, levou consigo um saco de pão e algumas batatas, que eu tive de lhe impor, e partiu rapidamente para seu terrível destino. Eu não

conseguia olhar para ela pela janela, não conseguia chorar. Fiquei perambulando, me sentei e não conseguia falar, era como se tivesse me transformado em pedra. De vez em quando, um espasmo nervoso tomava conta do meu coração, das mãos, da boca e da garganta. Achei que o meu coração ia se partir. Mas não aconteceu, e finalmente eu consegui comer, pensar, falar e ir dormir.

Também fui submetido a um exame detalhado, como todo mundo, sendo obrigado a mostrar as pernas, para ver se estavam inchadas, mas no fim das contas eles me deixaram ir. Até hoje, eu sempre tinha me achado uma pessoa egoísta, no que diz respeito à minha vida, mas não creio que fizesse nenhuma diferença para mim agora se eu tivesse ido com mamãe e morrido. É mais do que a força humana é capaz de aguentar: as coisas que ela disse antes de partir, e saber que ela era uma vítima inocente das circunstâncias. E não havia como ajudá-la! Embora ela supostamente esteja na lista de reserva, nossos dignitários sacrificarão os reservistas saudáveis em benefício de seus protegidos aleijados. Maldito mundo capitalista!

Hala Wolman apareceu aqui à noite, é a irmã de um amigo meu aqui do quarteirão. Ela trabalha no hospital em que mamãe foi internada. Tentou nos consolar, dizendo que mamãe voltará a ser examinada, e que será liberada, pois foi vítima desses médicos malucos. Promessas, promessas. Essas promessas e consolos não servem exatamente para me encher de alegria. Se mamãe não estivesse em casa ou se eles tivessem vindo examiná-la de novo, nada teria acontecido. A filha de uma outra pessoa está segura em nossa casa até agora, mas eles levaram minha mãe. Nadzia uivou, chorou, teve ataques, mas nada disso abala mais ninguém. E eu fico calado e me sinto quase louco.

6 de setembro de 1942

Ontem à tarde eles afixaram avisos dizendo que a partir das cinco da tarde ninguém pode sair de casa sem autorização da polícia. Naturalmente, com exceção deste, e mais este e aquele. Parece que eles estão planejando começar a prender as pessoas. Estava relativamente calmo na nossa área à noite, mas em outras partes do gueto eles levaram muitas pessoas. É claro que os alemães e os pogroms ainda não chegaram, e é disso que todo mundo está com medo. Para mim seria a mesma coisa, se pelo menos eles trouxessem mamãe de volta.

Hoje, às seis e meia, entreguei a Hala Wolman uma toalha, sabonete e uma camisola limpa para mamãe, que havia feito o pedido ontem. Hala prometeu que fará tudo ao seu alcance para mamãe ser examinada de novo e liberada. A consciência de papai deve ter sido despertada durante a noite, e ele foi visitar um casal de conhecidos para pedir ajuda, mas é claro que não adiantou. Mamãe ainda está lá dentro e ninguém sabe se será examinada de novo ou se existe alguma esperança de ser liberada.

Não houve sirenes de ataques aéreos ontem à noite, mas ninguém está esperando mais milagres vindos de fora. A onda de calor continua. Embora seja proibido, as pessoas continuam correndo pelas ruas, todo mundo tentando se salvar do próprio destino. Mas o toque de recolher prossegue, e tudo está fechado. Até meio-dia, estava tudo absolutamente parado. Depois do almoço, correu a notícia de que as comissões agora são acompanhadas por alemães e que são eles que decidem quem será levado ou não. Eles ordenaram que todas as crianças liberadas sejam reunidas num dos hospitais. Embora Rumkowski nos assegure que está garantido um “salvo-conduto” para essas crianças, ninguém acredita nele; até os policiais, instrutores e supervisores estão desesperados. Lamentos, gritos e gemidos tornaram-se tão comuns que ninguém mais presta atenção. Que me pode importar uma outra mãe chorando, quando minha própria mãe foi tirada de mim? Não pode haver uma vingança suficiente para isso! As pessoas estão escondendo os filhos em sótãos, banheiros e outros buracos, perdendo a cabeça de desespero. Nossa rua

fica ao lado do hospital e nós ouvimos o dia inteiro os lamentos dos carros e procissões fúnebres passando.

Papai conseguiu estar com mamãe no hospital esta noite. Eles nem queriam que a comissão a visse, pois agora ela parece estar muito mal, e só por interferência de Hala Wolman é que ela voltará a ser examinada. Papai diz que lá parece um inferno. É tudo uma bagunça, num estado terrível. Mamãe está irreconhecível, o que torna ainda mais ínfimas as suas chances.

Às vezes eu sinto tais tremores e palpitações, e fico pensando que estou enlouquecendo. Ainda assim, não consigo parar de pensar em mamãe e de repente, como se houvesse uma cisão, me vejo em sua mente e em seu corpo. A hora da deportação se aproxima e não chega ajuda de lugar nenhum. Esta noite tivemos trovões e relâmpagos, e até choveu, mas nosso sofrimento não tem alívio. Nem um mês de chuva adiantaria para refrescar um coração que foi completamente dilacerado, e nada poderá preencher o eterno vazio da mente e da alma depois da perda da pessoa mais amada.

A mãe de Dawid foi deportada para o campo de extermínio de Chelmno. Em nove meses, a população de Łódź foi reduzida de 163 mil para menos de 90 mil pessoas — as que eram consideradas aptas para o trabalho. Mais que nunca, a vida dependia do trabalho, pois Łódź foi transformada numa grande fábrica, produzindo conjuntos de uniformes para 5 mil soldados alemães por semana. No outono, Dawid trabalhou como balconista num escritório de empregos, enquanto seu pai voltava aos velhos hábitos, raramente trabalhando e muitas vezes cozinhando apenas para si mesmo, embora em janeiro sua saúde começasse a se deteriorar.

4 de janeiro de 1943

Papai está com o tornozelo quebrado. O médico escreveu que ele está “habilitado” para o gesso no hospital. Até o momento, nem sequer passou uma atadura na perna. A situação está tensa de novo em casa. Papai diz que ninguém se importa com ele, que não queremos salvá-lo. Ele se esquece da maneira como se comportou quando mamãe foi levada para o seu destino. Eu fico calado, mas sempre que tenho forças trato de me meter em algum outro lugar.

6 de janeiro de 1943

Papai começou uma briga esta manhã. Ele não se importa se o gueto inteiro vier abaixo — sabe apenas que quer ir para o hospital. Esta manhã, fui ver Hala Wolman, e ela prometeu intervir no hospital em que trabalha, para encontrar um lugar para ele.

14 de janeiro de 1943

Hoje fez -8°C, mas a sensação térmica era de -20. Faz um frio terrível em casa. Não tomei sopa no trabalho porque, infelizmente para mim, o patrão estava doente. Nadzia foi ao hospital ver como estão as coisas. Papai teve a perna engessada e ficará no hospital por mais alguns dias. Ele fica pedindo comida o tempo todo. Nadzia mandou-lhe os 250 gramas de pão que sempre lhe leva, e pronto. Não podíamos lhe dar nem um pouco da nossa sopa de legumes aguada. Ele não é um pai que mereça que alguém abra mão

da própria saúde por ele, como fez a nossa infeliz mãe. Minha abençoada mãe, lembro-me de cada minuto seu, dia e noite!

24 de fevereiro de 1943

Nenhuma notícia política. Em casa, a fome aumenta. Não temos mais alimentos e as sopas não são nutritivas. Papai está pior e não temos nenhuma ajuda.

25 de fevereiro de 1943

Mais notícias terríveis para os judeus do gueto. Os jornais reproduziram o discurso do Führer em que ele promete exterminar todos os judeus da Europa.

6 de março de 1943

Às quatro da tarde, meu infeliz pai, outrora poderoso, morreu. Ele ficou tão fraco durante a noite que pela manhã, deitado, não conseguia se mexer. Ficou mais difícil para ele respirar, ele não conseguia urinar e falava muito pouco, embora estivesse consciente o tempo todo e com perfeita noção de tudo. No almoço, papai comeu algumas batatas cozidas com sopa de beterraba, mas já não conseguia comer sozinho — Nadzia teve de lhe dar na boca. Às três horas, ela desceu para trazer repolho picado e queijo e eu fiquei com papai em casa. De repente, às cinco para as quatro, ele me pediu que lhe conseguisse travesseiros. Quando eu os trouxe, ele virou a cabeça e se deitou sem se mexer, respirando quase imperceptivelmente. Eu o fiquei observando o tempo todo da minha cama, e de repente pareceu que ele tinha parado de respirar. Por alguns minutos, eu não conseguia acreditar, paralisado de medo. Mais ou menos às quatro e cinco, pedi que alguém chamasse um vizinho. Uma delas chegou e tentou repousar a cabeça de papai no travesseiro, mas ficou aterrorizada quando viu que ele estava morto. Quando Nadzia voltou com o repolho picado e o queijo, atirou-se sobre papai, gritando, mas já era tarde. Mandamos chamar tio, que chegou antes do anoitecer. Não veio ninguém mais da família.

7 de março de 1943

Eu fico deitado a noite inteira sem sono, como Nadzia. Nadzia não se despiu, simplesmente deitou-se na minha cama com seu casaco. Pela manhã, tio cuidou da papelada com o médico e a funerária, e por volta de uma hora da tarde papai foi lavado — em casa, de acordo com a tradição —, enquanto eu ficava deitado de cara para a parede. Às três horas, chegou o carro fúnebre. Só tio e Chaim Esler foram ao cemitério. Ninguém veio nos ver, e passamos a noite sozinhos.

8 de março de 1943

Fiquei na cama hoje porque minha febre não baixa. Fico realmente chateado porque todo mundo não para de me dizer que me levante e vá para o trabalho, sem verificar minha temperatura. Decididamente, vou trabalhar amanhã. Temos um quilo de pão, um pouco de queijo branco, três colheres de açúcar e cerca de

20 gramas de óleo de cozinha, que sobraram das rações de papai. Não vamos vender nada disso. Os Hammer conseguiram para nós as rações de manteiga, queijo e leite em pó. Somadas à sopa no escritório, é muita comida, em comparação com as últimas semanas. Mas essa febre, o fato de precisar ficar na cama e minha tristeza estão me incomodando e provocando palpitações. Acordo à noite com o coração saltando ou batendo fraco e não consigo mais dormir. Mal posso esperar o dia de amanhã, quando poderei ir para o escritório. Oh, ficar de pé de novo! Gostaria de poder sair da cama, que no gueto é um símbolo do túmulo. Se pelo menos não estivesse neste maldito apartamento, onde não temos ajuda. Talvez eu consiga sair de casa com a febre. Espero!

Dawid parou de escrever logo depois, tendo mantido seu diário por quase quatro anos. Morreu dali a cinco meses, em 8 de agosto, duas semanas depois de completar 19 anos, de “doença do gueto” — uma mistura de tuberculose e fome. Na época de sua morte, os campos de extermínio de Chelmno, Sobibór, Treblinka e Belzec estavam fechados e os guardas SS haviam sido mobilizados em outros lugares, considerando-se que tinham cumprido sua missão. Mais de 1,5 milhão de pessoas morreram nesses quatro campos.

Segunda Parte

Depois de Stalingrado

Maio-setembro de 1943

“Atirar, atirar, atirar... é o meu ponto fraco”

A 31 de janeiro de 1943, depois de quase cinco meses de combates em Stalingrado e imediações, o VI Exército alemão rendeu-se aos soviéticos. Quatro dias depois, estações de rádio de Berlim anunciavam dois dias de luto nacional, passando a tocar música fúnebre em homenagem ao meio milhão de pessoas mortas no “desastre de Stalingrado”.

Foi um momento de decisiva virada na guerra. Depois de quase três anos e meio de conquistas, a Alemanha nazista já não parecia invencível. A rendição de 91 mil militares, entre eles 22 generais alemães, não foi revelada ao público, ao qual foi dito que os homens haviam dado suas vidas pela pátria. Semanas depois da derrota, a urgente necessidade de reposição de efetivos levou Hitler a ordenar uma “mobilização total”. Ele suspendeu isenções anteriormente concedidas e viria a ampliar a idade da conscrição, para abranger todos os homens entre 16 e 60 anos.

A rendição alemã elevou o moral no Exército Vermelho e deu esperança aos que combatiam forças do Eixo em outros países. Em maio, tropas aliadas haviam expulsado os alemães e italianos do norte da África, preparando-se para atacar a Itália. Os êxitos aliados nas duas campanhas e sua perspectiva de vitória mudaram a situação para muitos dos que viviam sob ocupação alemã. Na França, aumentou o número dos que se dispunham a participar da resistência, embora a intensificação dessas atividades, abrangendo desde a disseminação de boatos aos atos de sabotagem e subversão, levasse a maior repressão por parte das forças alemãs de ocupação e a represálias cada vez mais duras.

Em Paris, Micheline Singer, 17 anos, continuava tendo uma vida de pequenas rebeliões. Desde o início da ocupação, ela conseguia levar uma “vida dupla”: aparentemente amistosa e até atenciosa com os alemães com os quais entrava em contato, ela ao mesmo tempo desejava ardentemente o fim da ocupação, desrespeitando suas leis sempre que possível.

Em maio de 1943, depois de quase dois anos de treinamento em bases da RAF na Inglaterra, o suboficial Brian Poole foi mandado para o recém-liberado território francês do norte da África. Tendo sido convocado ao completar 18 anos, ele entrou para a RAF, como esperava, mas foi submetido a treinamento como reparador de instrumentos, e não como piloto com “um bombardeiro Blenheim próprio”.

Até 1943, Klaus Granzow, 15 anos, teve uma adolescência extraordinariamente protegida, e, em casa e na escola, na região rural do nordeste alemão, sua vida pouco foi afetada pela guerra. Filho

menor de uma grande e próspera família, Klaus vivia numa fazenda na pequena aldeia de Mützenow, nas colinas ondulantes da Pomerânia. Nem seus pais nem os professores do ginásio da cidadezinha próxima de Stolp, onde ele ficava internado durante a semana, eram nazistas militantes, mas tampouco podiam ser considerados críticos do regime. Em maio, quando a guerra começou a perturbar pela primeira vez a rotina de sua família, Klaus iniciou a redação de um diário. Um pouco antes, nesse mesmo ano, ele deixara de frequentar os encontros obrigatórios da Juventude Hitlerista.

15 de maio de 1943

Eles estão dizendo que estou fugindo de propósito, mas não é verdade. Fui a uma reunião da Juventude Hitlerista em Stolp uma vez, mas fizemos apenas exercícios e treinamento de tiro, eu não conhecia ninguém e nenhum dos comandantes me queria em seu pelotão, de modo que eu simplesmente não voltei. Mas na aldeia eu sempre dizia que já tinha cumprido minha obrigação semanal de treinamento em Stolp. Todo mundo na minha turma sabia, mas ninguém me entregou, embora eles tivessem muita inveja do tempo livre a mais que eu tinha enquanto eles estavam nas reuniões da Juventude Hitlerista.

Seja como for, agora acabou tudo. Não pude dizer nada em minha própria defesa. Se eu for denunciado ao Líder Juvenil, poderei ser expulso da escola e não quero que isso aconteça porque quero continuar estudando. Agora que eles descobriram que eu não compareci a um único acampamento da Juventude Hitlerista, fui inscrito no grande acampamento de verão em Lonske-Düne. Daqui para a frente terei de comparecer duas vezes por semana às reuniões da Juventude Hitlerista! O comparecimento é compulsório.

21 de maio de 1943

Estou com medo de ir para o acampamento, para ser franco. Com medo dos treinos e exercícios. O pior é que ninguém mais da nossa turma vai, nem ninguém da nossa aldeia, e a ideia de estar lá sozinho me assusta. Por isso é que levarei comigo este diário, que me foi dado ano passado pela tia Link. Ela achou graça quando viu que eu estava usando um caderno barato como diário, e me deu este no meu aniversário. Eu ainda não o havia usado porque não gostava do cadeado e da capa florida — tudo bem no caso de uma garota, mas não é realmente para um rapaz. Mas acho que o levarei comigo para o acampamento, será um amigo — uma moça de vestido florida.

Antes mesmo de partir para o acampamento, Klaus foi surpreendido na própria escola pela campanha de recrutamento de Hitler.

13 de junho de 1943

Na terça-feira, as aulas ficaram em segundo plano. Três oficiais muito bem-vestidos da Aeronáutica, da Marinha e do Exército vieram à nossa classe. Cada um deles falou sobre sua respectiva força e depois nos inscreveu no treinamento para oficiais.

A turma inteira se apresentou como voluntária. Uma questão de honra! Nós escolhemos o Exército, pois os testes para a Aeronáutica e a Marinha pareciam realmente muito difíceis. Podíamos então

escolher por qual arma optar. Gerd e Muck escolheram a artilharia, Georg Tegge, a cavalaria, e alguns outros não conseguiram se decidir.

Eu me inscrevi no múltiplo lançador de foguetes. Meus colegas ficaram surpresos, nunca tinham ouvido falar a respeito. Eu lhes contei tudo que o meu vizinho Kurt me havia contado. Ele é dois anos mais velho e me deu as dicas todas. É uma arma completamente nova, que ainda está sendo desenvolvida e aperfeiçoada. Ela pode decidir a guerra. Só será usada nas situações mais decisivas da frente e faz parte da divisão motorizada, para não se ter de ficar andando pela Rússia a pé.

Os oficiais disseram que, como voluntários, não seríamos convocados antes de outros rapazes da nossa idade, de modo que poderíamos concluir primeiro a escola — o que seria brilhante!

Na quarta-feira, ficamos sabendo que nossa fantástica professora de alemão não voltará. Temos uma nova chamada “Doris”, que é uma velha bruxa! Ela usa seu distintivo do partido em tudo — blusa, casaco de tricô, qualquer coisa. Já vi que vamos nos divertir muito!!!

Mostrei a Doris o meu plano para a redação de dever de casa, “A casa dos meus pais”, mas ela não gostou, nem ficou assim tão entusiasmada com o que os outros propuseram, de modo que nos passou um outro dever, “Quando chegar a primavera”. Eu vou cair nas suas boas graças escrevendo sobre o antigo costume germânico de rolar rodas em fogo vale abaixo. Vai servir para tocar o seu coração partidário e me conseguir uma nota boa fácil, fácil.

De qualquer maneira, ela não teria gostado de “A casa dos meus pais”. Eu não ia mesmo mentir e dizer que havia um retrato de Adolf Hitler na porta da frente. Que diria papai? Mas é claro que no meu diário eu posso descrever nossa casa exatamente como ela é:

Nossa família vive nesta casa há centenas de anos. O portão negro pode parecer imponente, mas é fácil de abrir. Depois de passar pelo portão, vê-se a casa, com sua grande porta branca e as dez janelas, cinco delas no térreo e cinco no andar de cima. Meus cinco irmãos e eu nascemos e crescemos nesta velha casa escura. Nossos quartos ficam no andar de cima, onde as paredes e o teto são pintados de branco e enfeitados com nossos desenhos e nossos certificados esportivos. No quarto dos meninos, as camas estão encostadas na parede, há arcas de madeira, duas cadeiras, um abajur, um banquinho e só. Meus livros ficam no chão. Habitualmente temos muitas maçãs no andar de cima também, e ainda presuntos e salsichas recém-chegados da fazenda. O sótão, onde o milho é posto para secar, é um lugar incrível para jogar quando chove. Mas assim que o sol desponta nós descemos para o jardim e ficamos correndo entre as muitas árvores frutíferas e as lindas flores, entre as rosas e clematites.

Essa é a casa dos meus pais, o meu lar, o lugar em que mais gosto de estar. Eu a amo, e muitas vezes fico com saudades de casa na semana em que preciso ficar na cidade para frequentar a escola.

Ao contrário de Klaus, Micheline Singer aparentemente gostava de se ausentar de casa em Paris, mesmo que fosse em viagens para ir buscar comida na cidade normanda de Verneuil, onde a família vivera no primeiro ano de guerra. Micheline viajava sozinha, hospedando-se com amigos da família em Verneuil. Sua viagem anterior, três meses antes, terminara com uma enorme briga com a mãe, quando Micheline voltou para casa em Paris trazendo apenas um coelho vivo.

8 de junho de 1943

Há um tempão eu não escrevo nada aqui, mas muita coisa tem acontecido: os alemães se renderam na Tunísia. Começam a se dar conta de que perderam a guerra. Deus os está castigando por sua arrogância: “A Alemanha está vencendo em todas as frentes!”

Desta vez, ao partir para Verneuil, levei um livro de anotações comigo, mas ao chegar lá não tive oportunidade de escrever, de modo que tenho de recorrer ao meu velho método de botar as coisas em dia

ao retornar a Paris.

1º de junho de 1943

Mamãe me disse para voltar até sexta-feira e também disse que se eu não trouxer comida e apenas me divertir, como da última vez, ela não pagará a minha passagem. Dessa vez eu vou me esforçar seriamente para conseguir comida.

2 de junho de 1943

O sapateiro de Verneuil tentou me ajudar na minha busca. Mas depois de viajar cerca de 25 quilômetros de bicicleta, voltamos apenas com seis ovos. Foi exaustivo. Eu caí da bicicleta, batendo com o sapato ao cair no chão, e todos os pregos saíram pela sola de cortiça. Felizmente o sapateiro estava lá e prometeu consertá-los com couro. Eu pedalei de volta descalça.

3 de junho de 1943

Consegui mais seis ovos, mas dessa vez tenho de dar em troca uma pintura de paisagem; caso contrário, nunca mais conseguirei.

4 de junho de 1943

O sapateiro consertou meus sapatos e eles estão maravilhosos, mas é uma pena usar tanto couro num par de sapatos, num momento em que o futuro é tão incerto. Ele ficou um pouco desconfiado de mim depois que eu disse que sou alemã.

O padeiro me deu uma libra de manteiga em troca de dois maços de cigarros. Numa fazenda, eu troquei dois macacões azuis — que eu achei em casa — por um quilo de manteiga e duas dúzias de ovos. É muito difícil conseguir comida. Os agricultores preferem dá-la aos alemães.

6 de junho de 1943

Hoje, madame Bissell me deu uma dúzia de ovos, quatro costeletas muito boas e meia libra de manteiga. Assim, estou certa de que não terei problemas por me atrasar dois dias ao retornar a Paris!

Micheline voltou a Paris para fazer a primeira parte do exame de baccalauréat.⁶ Para Klaus, o período já havia terminado na escola e, depois de uma última tentativa de se livrar da obrigação de partir para o acampamento de verão da Juventude Hitlerista, dessa vez alegando que seu pai precisava de ajuda com a colheita, ele não teve alternativa senão partir para o acampamento de Lonske-Düne, no litoral do Báltico.

Final de junho de 1943

Areia, areia, areia por toda parte... é a primeira coisa a dizer sobre este lugar. Tivemos de vir andando de Leba, e portanto não surpreende que logo estivéssemos latindo e gemendo como cães morrendo de sede. Meus sapatos estavam cheios de areia, a pesada mochila fazia pressão nas minhas costas e a correia esfolava meu ombro direito.

Não tivemos realmente condições de apreciar a bela paisagem. Não, pelo menos, até a manhã seguinte, quando corremos pelas enormes dunas até a praia, para nos lavar no mar e escovar os dentes. É incrível, arrastar-se pela areia às seis da manhã. Infelizmente, não fomos autorizados a nadar, pois algumas pessoas ainda não sabem, e pudemos apenas entrar na água até os ombros para nos lavar. Quando a gente escova os dentes na água salgada, o gosto fica na boca o dia inteiro, como lembrança do mar. Quando corremos de volta, o sol estava nascendo a leste.

Na nossa rotina, vem em seguida a arrumação dos quartos no quartel. Não é tão difícil assim, pois o soalho está todo coberto de colchões. Nós dormimos nessas coisas de algas marinhas, dois em cada, e usamos nossas mochilas como travesseiros; não há armários. É tudo muito rústico, mas ao mesmo tempo agradavelmente romântico.

Fiquei preocupado com os treinamentos, mas não são tão ruins assim. Há apenas um imbecil que fica fustigando e provocando, entre os líderes da companhia; todos os outros são legais.

A comida pode ser considerada razoável. Vários rapazes do nosso quarto tiveram dor de barriga por causa do pão duro do Exército. O ordenança médico dá óleo de castor para todo mundo a fim de prevenir constipação. Depois de tomá-lo, todos nós corremos como loucos para as latrinas. É preciso correr muito depressa, pois elas ficam bastante afastadas, nas dunas.

Os mosquitos aqui são realmente terríveis. Estou todo mordido. Mas também estou ficando bem bronzeado.

4 de julho de 1943

Esta manhã tivemos uma fantástica sessão de canto. Deitamos todos num declive das dunas e três rapazes tocaram acordeão. Aprendemos muitas canções novas e um cânone realmente divertido. Um dos rapazes do meu quarto se recusava a cantar dois versos porque zombavam dos pastores. Pelo menos era o que ele achava, e é filho de pastor. Nós todos rimos dele e o comandante da companhia o mandou para as dunas. Ele exagerou um pouco nessa coisa toda, pois os versos poderiam perfeitamente estar falando de um professor ou de um médico.

Vou me lembrar desta manhã por muito tempo: foi tão lindo, cantando e sonhando de olhos abertos deitados ali na areia branca, contemplando as dunas e o mar azul.

9 de julho de 1943

É a última noite em Lonske-Düne. Nenhum de nós consegue dormir. Alguns rapazes do outro quartel trouxeram o Espírito Santo para visitar o nosso filho de pastor. Entraram no nosso quarto cobertos de lençóis, agarraram-no e o despiram e então lambuzaram suas costas com graxa de sapato. Ele gritava enquanto era besuntado. Foi realmente divertido, eu ri muito. Mas também fiquei com pena do rapaz. Quando o soltaram, ele saiu correndo para a praia com uma escova. Mas eu acho que ele não vai conseguir. Deveria realmente ir ajudá-lo.

Esta tarde, tivemos nossa inspeção final. O líder regional estava presente, além de muitos líderes importantes da Juventude Hitlerista. Tudo correu bem, nós tínhamos sido muito bem treinados para isso

nos últimos dias. Ao partir marchando, começamos a cantar “Ó, espírito das montanhas” e o líder regional berrou “Fim da cantoria!” e nos enxotou pelas dunas. Não entendemos por quê. Mas ele nos chamou a atenção e perguntou por que tínhamos entoado aquela canção. Ninguém elevou a voz: “É só uma canção que a gente conhece.” Ele explicou que ela fora proibida porque um grupo que combate a Juventude Hitlerista a adotou como hino. Não consigo acreditar que haja rapazes combatendo a Juventude Hitlerista, na verdade estão combatendo a si mesmos, pois no fim das contas estamos todos na Juventude Hitlerista. Mas fico me perguntando o que acontecia no passado. Meus irmãos tinham camisas cinza e pertenciam a um “movimento juvenil”, ou como quer que fosse chamado na época. Talvez os Piratas de Edelweiss sejam um grupo assim. Não ficamos sabendo mais nada sobre eles, e de qualquer maneira logo estaríamos ocupados com os preparativos para a festa de despedida.

Lembrando o que aconteceu, eu realmente gostei das minhas duas semanas aqui, embora tivesse ficado com muito medo de vir para o acampamento. Mas me sinto muito feliz de voltar para casa, já estou ficando com muita saudade.

Klaus não sabia, mas os Piratas de Edelweiss eram um dos vários grupos juvenis que se recusavam a aderir aos onipresentes contingentes de camisas pardas da Juventude Hitlerista. As manifestações de dissidência eram raras na Alemanha, e em 1943 a maior parte desses grupos, entre eles os Piratas de Edelweiss, tinha sido mandada para “campos de trabalho”.

Nesse mês de julho, enquanto Klaus estava no acampamento da Juventude Hitlerista, Micheline fazia o primeiro de seus exames de fim de curso. Durante um ano ela andara gratuitamente de metrô, passando-se por alemã, graças a um passe que havia falsificado secretamente em casa.

9 de julho de 1943

Acho que agora posso contar a história do meu passe. A caminho de casa no primeiro dia de provas, uma sexta-feira à noite, eu tomei o metrô. A inspetora verificou o meu passe e acenou com a cabeça para o oficial de terrível aparência que estava por perto. Ele se aproximou e levou o meu passe. Eu podia ter tentado fugir, mas teria sido complicado, com meus sapatos de sola de madeira, e eles me teriam apanhado com a maior facilidade. Até então eu não dissera uma palavra em francês. Pela expressão do rosto do oficial, era evidente que ele sabia que o passe era falso. Ele disse a um colega que ia me levar para o quartel.

Quando chegamos ao nível da rua, caí em lágrimas. Disse a ele que o havia falsificado de brincadeira e que meus pais não tinham a menor ideia, que não era culpa deles, que eu era jovem e nunca mais faria isso... As pessoas saindo do metrô ficavam olhando para nós. Ele perguntou se eu era alemã, se podia ver meus documentos. Eu disse que não era e lhe entreguei meus papéis. Já estava esperando ser levada direto para o quartel, de modo que fiquei aliviada quando passamos pelo ponto; acabamos saltando em Notre Dame de Lorette. Quando saíamos do metrô, uma mulher vestida de luto de viúva me viu com um alemão e gritou “Vagabunda!”. O oficial conduziu-me a um pequeno café e me fez beber um vinho do Porto para me animar. Disse que não conseguia pensar em minha prisão ou na ideia de que minhas bochechas rosadas perdessem o viço. Eu comecei a chorar de novo. Não preciso anotar aqui cada detalhe de um episódio que jamais esquecerei. Depois de tomar nota do meu nome e endereço, ele me deixou partir. Queria me levar em casa, mas eu o convenci a chegar apenas até a minha rua. Depois de tudo por que eu tinha passado, a última coisa de que eu precisava era ser vista voltando para casa com um alemão!

Eu prometi não contar a ninguém, sabendo perfeitamente, é claro, que teria de contar a Monique, para que não acontecesse o mesmo com ela. Voltei a vê-lo na segunda-feira seguinte. Ele me pediu para encontrá-lo em frente ao hotel onde estava e me fez subir até seu quarto. Eu me senti tão envergonhada. A primeira coisa que ele fez foi me obrigar a ler o código militar alemão, advertindo sobre a pena de morte para todo aquele que falsificasse documentos oficiais. Em seguida, tomou meus documentos e os queimou.

Ele disse que não quisera me prender porque eu era muito jovem e ele achava que minha vida seria arruinada. Eu teria passado muito tempo na prisão de Fresnes, e depois, quem sabe...

Em casa, eu me senti muito grata a ele, pois se não fosse por ele não estaria mais ali. Mas não estava propriamente feliz, estava mesmo chateada (embora não ousasse dizer-lhe) por ser obrigada a continuar a vê-lo e a deixar que me beijasse (felizmente, só no rosto, pois eu teria preferido morrer a ser beijada de verdade por um velho como ele).

Não entendo como os homens podem ser tão nojentos. Que prazer eles têm em beijar a gente? Ele me disse que tinha acabado, graças a Deus, mas eu não estou tão convencida assim. O pior é estar no quarto dele. Eu queria me livrar dele. Se pelo menos ele simplesmente se fosse!

Esqueci de mencionar que, quando cheguei muito tarde nessa primeira noite, mamãe perguntou onde eu estivera. Ela viu que eu havia chorado. Eu lhe disse que o dever de casa de latim era muito difícil e eu estava com dor de cabeça. No dia seguinte, contei a minha irmã, Nicole, contei-lhe tudo!

12 de julho de 1943

Voltei a encontrar meu salvador. Ele se chama Willi. Nós falamos de política, como sempre fazemos. Ele não acredita em nada, nem em Deus. Mas queria me beijar de novo. Eu disse que se ele o fizesse eu gritaria. Ficamos girando em torno disso por pelo menos 45 minutos. No fim, ele desistiu. Por que é que esses beijos são tão importantes eu nunca serei capaz de entender. Seja como for, eu logo estarei livre dele, pois sairei de férias.

Enquanto Micheline mal podia esperar a hora de deixar Paris naquela verão, Klaus só pensava em ficar em casa. Todavia, mal havia se passado uma semana desde a volta de Lonske-Düne, e ele já era convocado para outro acampamento, dessa vez um campo de treinamento paramilitar de “Prontidão Armada”. Criados no ano anterior, quase um quarto desses campos, inclusive o de Bublitz, frequentado por Klaus, era administrado pela SS.

20 de julho de 1943

Estou em mais um campo, dessa vez um campo de “Prontidão Armada”, em Bublitz. A convocação chegou de repente. Eu estava esperando taaaaanto pelas férias de verão, e veio o aviso de que eu teria de comparecer ao treinamento pré-militar no dia 18 de julho. A carta só chegou no dia 17, de modo que eu naturalmente cheguei aqui muito atrasado.

Somos cinco dormindo num quarto. Só um deles é legal; chama-se Klaus Odefey. É filho de um agricultor, como eu, um pouco mais velho, com cabelos louro-palha e olhos azul-claros. Frequentava o ginásio, como eu, e quer ser veterinário.

Ontem eu já comecei o dia montando guarda. O campo é rodeado por uma cerca de arame farpado alta, com uma guarita de sentinela em frente ao portão. Uma pessoa monta guarda no portão, enquanto a

outra patrulha. O outro sentinela que estava comigo acabou sendo detido por esconder uma garota debaixo da capa de chuva na guarita. Isso é absolutamente proibido. Sua escola e seus pais serão informados.

25 de julho de 1943

Acabou a primeira semana do “Campo de Prontidão Armada”. Hoje eles nos deixaram respirar um pouco depois de todos aqueles exercícios tão duros. Estamos treinando para o prêmio de excelência de prata da Juventude Hitlerista e o Certificado Nacional de Natação. Fazem parte do programa treinamentos com munições, exercícios, leitura de mapas, camuflagem, esportes... a lista é infinita. E depois vêm os tiros, tiros e mais tiros. Que são o meu ponto mais fraco. Eu sempre erro quando estou mirando um alvo; tenho especial dificuldade de controlar o coice. Deitado, às vezes consigo dar um tiro certo, mas à mão livre é sempre uma “bala perdida”. Fico muito chateado, pois os outros zombam de mim. Gerd atira bem, e Peter também. Há uma competição entre todas as unidades; naturalmente, cada um quer somar mais pontos.

Hoje, o líder do grupo com menos pontos teve de supervisionar as mesas no refeitório, e claro que fui eu. O salão inteiro estava rindo de mim.

1º de agosto de 1943

Me sinto muito feliz por estar do lado de fora da cerca, por minha própria conta. Temos passado por muita dureza nos treinamentos desde que o nosso grupo ficou em último lugar no torneio esportivo, e, pior que tudo, também por último no tiro ao alvo. E do nosso grupo é que foi o menor número dos que se inscreveram para a SS. Diariamente, o vice-líder da companhia vem aos nossos quartos em busca de recrutas.

Klaus Odefey e eu tratamos de sair quando ele aparece; nós dois estamos no treinamento para oficiais do Exército, de modo que eles não podem nos recrutar para a SS. Os outros do nosso grupo têm até amanhã de manhã para se decidir. E então todos eles provavelmente serão levados a se inscrever.

Das outras companhias, quase todo mundo se inscreveu para 12 anos de serviço na Waffen-SS. Eles podiam ter optado pela infantaria, mas a maioria se inscreveu na divisão de tanques. Agora, foram designados para tarefas leves. Só mesmo nós, oficiais em treinamento, é que temos de ser ainda mais polidos. É tão injusto. Por que temos de ser tratados com mais rigor do que os rapazes que vão para a SS? Estamos todos lutando pela Alemanha, pela mesma pátria. Ou será que haveria realmente uma grande diferença entre nós?

Mas o fato é que eu aqui aprendi uma coisa muito importante. Em primeiro lugar, mantenho-me mais ereto e não fico andando recurvado, e nas aulas de luta sem armas aprendi muitos golpes, e agora tenho como me defender, o que é sempre útil. É bom saber como se impor sobre um inimigo mais forte pela habilidade, velocidade e inteligência. Antes, eu estava sempre com medo de uma luta, o que já não acontece. Sei como me livrar de uma chave de cabeça ou de uma gravata e jogar o adversário de costas no chão; é realmente sensacional! Preciso continuar a praticar os movimentos quando voltar para casa, para não esquecê-los.

Ah — voltar para casa! Estou ficando com tanta saudade. Será maravilhoso estar de volta a Mützenow.

Naquele verão, Brian Poole encontrava-se pela primeira vez no serviço ativo, longe de casa, na Tunísia, então sob controle dos Aliados. As cartas de Trudie eram para ele uma diversão tão vital, em seu acampamento no deserto, quanto haviam sido na Inglaterra.

12 de julho de 1943

Querida Trudie,

Não conheço o equivalente feminino de Casanova, mas é como passarei a chamá-la. Você e este seu sr. Quarto 16! Estou aqui morto de ciúme e passei os últimos dias polindo o meu fuzil para entrar em combate com esse “ladrão”. Achei graça durante dias do seu pequeno “romance frustrado”. Seja como for, se você ficar sabendo de um avião não identificado que bombardeou o quarto 16, saberá que fui eu, atrás do seu namorado.

Desde que escrevi pela última vez nós fomos transferidos para uma área ainda mais deserta. Viemos de avião, e eu nunca fiz uma viagem mais turbulenta em toda a minha vida. Passamos sobre montanhas sem vegetação e trechos desérticos, tudo parecendo muito pouco convidativo para uma aterrissagem forçada.

Temos aqui uma grande quantidade daquelas terríveis tarântulas, com pernas de quase 8 centímetros e muito cabeludas. Para lhe dar uma ideia da maneira como são as coisas aqui, dois dias atrás capturamos duas dessas terríveis criaturas numa lata vazia e as deixamos lutar. A rapaziada toda se juntou, torcendo por suas respectivas aranhas, até que uma delas investiu com as duas pernas da frente, agarrou a outra, puxou-a na sua direção e começou a comê-la. Nós então jogamos as duas para fora e as matamos. Existe uma moral aí. A principal coisa que temos de combater aqui é o tédio. Ao contrário dos americanos que estão aqui, que recebem todas as considerações e muito divertimento, nós temos de descobrir por conta própria como nos divertir. Uma coisa eu posso dizer do seu governo: ele efetivamente trata os soldados com respeito, ao passo que nós não temos a menor importância para o nosso governo/somos apenas aqueles que lutam na guerra!

Uma coisa que me tem preocupado aqui é a falta de coisas para comprar para dar de presente. Tenho procurado por toda parte algo de que você gostaria e não encontrei nada que valesse a pena. Estive em apenas uma cidade desde que cheguei, e portanto a coisa se explica.

Por sinal, Trudie, meu probleminha se resolveu. A senhorita de que lhe falei não me incomoda mais.

Acho que é tudo que eu tinha a dizer.

Meu amor mais ardoroso,

Brian x

P.S.: Só unzinho!

26 de julho de 1943

Querida Trudie,

Como está passando hoje? Acredito que você é esperta o suficiente para pegar de jeito todos esses homens. Mas um cara de 17 anos, pobre criança! Você será uma financista de fama mundial se ele lhe ensinar a “jogar os dados”. De qualquer maneira, se um fulano com essa idade foi capaz de extrair alguma poesia de você, que dizer de MIM?

Aqui não é preciso ir para a varanda para ficar queimado de sol. Estou quase negro nas costas e bem moreno no resto do corpo. Usamos apenas os nossos calções e os *topees* (capacetes de sol).

Ainda não recebi a sua foto e portanto deduzo que se perdeu. Lamento, pois queria muito vê-la. Seria demais pedir que mande uma outra, só para alegrar um aviador solitário nas vastidões áridas da África do Norte? A foto antiga em que você está de pé na neve é muito agradável, mas é preciso ter em mente que ela está na minha carteira há quase quatro anos, dois deles em serviço. Agora ela fica coberta de poeira e oscila, instável, na brisa ardente que sopra nessa imensidão de um doce nada.

A Itália parece ser motivo de especial especulação no momento. Não sei se ela se renderá ou não. O bombardeio de Roma também parece tê-los perturbado. Seja como for, o primeiro Ditador [Mussolini] caiu — muito mau presságio para o resto. Você não acha?

Bem, Trudie, sei que essas cartas são desinteressantes, mas esta vida que levamos aqui é mortalmente monótona.

Meu mais caloroso afeto,
Brian

Na véspera, Mussolini fora derrubado num golpe incruento, enquanto tropas aliadas avançavam mais pela Sicília. Brian permaneceria no norte da África, fazendo muito pouco, por vários meses ainda, até retornar para a Inglaterra mais para o fim do ano.

Para Micheline, a oportunidade de sair de casa naquele verão surgiu no fim de julho, quando, deixando a irmã com a mãe em Paris, ela foi autorizada a viajar para o sul, ao encontro do pai. Com o colapso do Exército francês, o pai mostrara-se decidido a dar prosseguimento à luta. Durante mais de um ano, vivera com o primo em Belley, cidadezinha nas imediações de Lyon, onde ambos atuavam na resistência — embora na época Micheline nada soubesse de suas atividades.

31 de julho de 1943

Deixei Paris rumo a Lyon no trem das oito horas. A viagem foi realmente terrível; quente e poeirenta, e os banheiros cheiravam tão mal que tenho a sensação de que o cheiro grudou em mim. Felizmente, havia no trem um rapaz simpático que me ofereceu algo para beber, pois eu esquecera completamente de levar água.

À noite, comemos num pequeno restaurante e papai brigou por causa do preço dos frios. Ele é uma companhia tão agradável! Está sempre discutindo. Aqui pelo menos temos frutas e legumes, a comida é boa, apesar das queixas de papai.

6 de agosto de 1943

Tem um oficialzinho italiano realmente adorável hospedado no hotel. Pensei nele a noite toda. Ainda não conversei com ele e de repente fiquei me perguntando: por que não? Eu sempre achei que meu primeiro amor seria um piloto inglês, de modo que este oferece o prazer adicional de ser uma surpresa e fazer rolar por terra todas as minhas teorias. Ele parece tão triste, com seus lindos olhos azuis... e é extremamente chique. Eu sempre presto muita atenção ao gosto em matéria de trajes.

É claro que minha imaginação desembestou, e tenho sonhado com os planos mais estapafúrdios para dar um jeito de conhecê-lo.

8 de agosto de 1943

À fria luz do dia, evaporaram-se todas as ideias da noite passada. Ele não estava lá no almoço. No jantar, mudei de lugar com papai para poder vê-lo. Felizmente, papai não notou, mas perguntou quem era o italiano, olhando para mim como se eu fosse um peixe frito!

Eu consegui falar com *ele*. Mas não conseguia pensar e acabei dizendo bobagem. Ele perguntou se eu gostava de Belley e eu respondi que estava entediada. Depois o ouvi pedindo a um empregado do hotel que o despertasse às seis da manhã, e estou com medo de que ele esteja de partida.

9 de agosto de 1943

Terei de relatar os acontecimentos de hoje tal como sucederam:

6H30 — Levanto-me para vê-lo e o encontro saindo do banheiro — nada poético. Desilusão e raiva.

18H — Retorno do lago onde passei um excelente dia, caminhando, tomando banho de sol e esquecendo esta manhã. Converso então com papai em frente ao hotel, na esperança de *encontrá-lo* — e lá está ele! Finjo que tenho de devolver a bicicleta que tomei emprestada e o sigo até o interior. Dizemos “olá” um para o outro e conversamos. Receio que papai nos veja, e então subimos um andar, mas o hotel inteiro já nos viu no momento em que nos separamos.

DURANTE O JANTAR — Fico me achando uma idiota por não conseguir flertar com ele. Acho meio repugnante o fato de querer dar o meu primeiro beijo, e até o meu primeiro amor, a um homem que só verei por algumas horas. Mas não deveria ter tanto medo de um beijo.

DEPOIS DO JANTAR — Eu subo e dou de cara com ele — trocamos algumas palavras e de repente papai aparece. Eu saio correndo. Quando papai volta ao quarto, eu vou e *o encontro* de novo. Mas papai retorna. Dessa vez, está absolutamente furioso, gritando e berrando como se estivesse na feira: “Eu saio e a encontro falando como uma prostituta nas escadas. Espere só para ver...” Vou para o meu quarto e papai aparece de novo. Diz-me que eu não devia andar por aí falando com pessoas que não conheço e que “basta qualquer um botar um uniforme de inimigo para você gostar”. Foram literalmente as palavras dele.

22H30 — Vou parar por aqui. Estou com tanta raiva por papai ter me apanhado e com tanta raiva de não poder falar com ninguém sem que papai, o cão de guarda, comece a latir. Mas devo reconhecer que posso ser um pouco tola nas férias; deixei-me levar pela imaginação mais que o habitual.

15 de agosto de 1943

Vou me lembrar para sempre do dia de hoje, o melhor da minha vida até agora. Estou perdidamente apaixonada por ele.

Hoje às dez horas da manhã deixamos o hotel juntos e demos um passeio maravilhoso. No caminho de volta, sentamos à beira da estrada e conversamos. Ele se chama Giuseppe, que nome maravilhoso! Prometemos nos escrever e eu estou com seu endereço na Itália, onde ele é instrutor de esqui. Quando

estou com ele, não me sinto em absoluto sem jeito, não é como acontece quando estou com alemães. Combinamos de nos encontrar mais tarde perto do cemitério.

Depois do jantar, saímos do hotel separadamente. Fumamos um cigarro juntos e nos deitamos no gramado. Ambos dissemos que gostaríamos de passar a noite inteira ali. Era como um sonho. Giuseppe é a pessoa mais atraente que eu conheço, com o temperamento mais adorável. E é um autêntico alpinista. Duas semanas atrás, eu jamais teria imaginado que conheceria um homem tão fino, um italiano, e que me apaixonaria por ele. Tudo entre nós foi puro e honrado, ele não me beijou. Muito embora, para ser honesta com você, meu diário, se ele tivesse tentado, eu não o teria impedido. Gostaria de saber por que ele não tentou me beijar, na verdade. Se pelo menos ele não tivesse de partir no trem das seis horas amanhã de manhã...

No dia seguinte, Giuseppe partiu para Annency e Micheline para Lyon. Depois de dez dias de separação, contudo, ela deu um jeito de deixar Lyon para encontrá-lo, em seu quartel de Belley.

26 de agosto de 1943

Levantei às cinco da manhã e parti para a estação a pé. Tenho andado preocupada com as possíveis consequências da minha escapadela, mas me senti melhor depois de começar a caminhar.

Ao chegar a Belley, tive de reunir coragem para ir até o quartel. Disse a um soldado italiano que falava francês quem é que eu estava procurando, e alguém foi tentar encontrá-lo. Eu tinha me esquecido como ele era bonito.

Fomos dar uma caminhada e conversamos sobre a guerra. Giuseppe tem um defeito: gosta demais dos alemães e disse que, se a Itália saísse da guerra, ele entraria para o Exército alemão.

Eu lhe disse tudo que queria dizer. Não vou tentar descrever para você, meu diário, como foi nossa conversa, nada seria capaz de recriar o clima maravilhoso e os silêncios amorosos. Agora, tenho uma razão de viver, de esperar e ter esperança, pois meu Príncipe Encantado finalmente chegou. Foi estranho e surpreendente quando ele tomou meu braço e nós caminhamos pela bruma, com os dedos tão fortemente entrelaçados que chegava a doer. Eu poderia ter continuado a caminhar daquele jeito para sempre. E fico feliz por ele ter acreditado em mim quando eu lhe disse que ele era o primeiro; não me importa que não tenha me beijado, posso esperar até nos vermos de novo. Eu nunca tinha me dado conta de como pode ser lindo um primeiro amor.

27 de agosto de 1943

Eu quero que os alemães deixem a França, naturalmente, mas agora quero realmente apenas uma coisa: que a guerra termine, para que possamos voltar a nos ver o mais breve possível. Fomos para a estação às sete da manhã. Comprei minha passagem e tomamos o café da manhã num bar. Todo mundo ficava olhando para nós, o que não deixa de ser natural.

Gosto que ele seja italiano, mas do ponto de vista das outras pessoas, especialmente mamãe, seria melhor que não fosse. Então eles não poderiam chamá-lo de “Macaroni”! Naturalmente, ele virá a Paris, se puder, mas nós podemos esperar para nos ver. Talvez a guerra não dure muito mais. Está tudo indo tão depressa (os russos já estão 150 quilômetros a oeste de Kharkov). Giuseppe tem 26 anos, exatamente a idade que eu esperava que tivesse — não é engraçado?

Quando chegou o momento de partir, ele se inclinou de repente na minha direção, sorriu e se endireitou. Ele tem olhos lindos, de um azul vívido. Eu não gosto de olhos muito sombrios.

Duas semanas depois, a Itália capitulou. Giuseppe jamais respondeu às apaixonadas cartas que Micheline lhe escreveu ao retornar a Paris.

Para Klaus, o fim do verão representou uma breve pausa no treinamento militar e um retorno temporário à normalidade.

Agosto de 1943

INÍCIO DAS AULAS: Somos uma turma sensacional! Pudemos senti-lo muito nitidamente ao nos reencontrar hoje. Por melhores que tenham sido as férias, nossa amizade não fica para trás. Começamos logo de cara as aulas, depois de muita agitação. Doris é efetivamente nossa nova professora. Logo tratou de demonstrar os novos e rígidos métodos que adotará conosco. “Heil Hitler!” foi dizendo, ao entrar. “Heil Hitler!” respondemos, em uníssono, e voltamos a nos sentar, mas ela gritou: “Cavalheiros, começaremos nossa aula com uma mensagem do Führer!” Tivemos, assim, de nos levantar do banco de novo e ficar em posição de sentido enquanto ela lia um parágrafo de *Mein Kampf*. Ela então escreveu nossos nomes na chamada, anotando também nossa graduação na Juventude Hitlerista. E ficou furiosa por constatar que nenhum de nós tem nenhuma condecoração.

Ficamos todos falando dela no intervalo do almoço. Estávamos muito chateados. Muck e Kaspar tinham ficado sabendo pela irmã mais velha como Doris se comportava na escola de meninas. Naturalmente, ninguém gostava dela na época tampouco, e adoraram quando ela se foi. Certa vez, ela mediu a cabeça das meninas para descobrir quem tinha um crânio mais nórdico, mas não divulgou o resultado porque se revelou que as gêmeas judias Meyer é que apresentavam as características mais tipicamente alemãs. Nós vimos um gato atravessar correndo o pátio da escola e tivemos a ideia de uma maquinação diabólica: trancamos um gato na gaveta de Doris, para que pulasse em cima dela quando a abrisse para pegar seu exemplar de *Mein Kampf*. A aula mais uma vez começou. Mais uma vez, era “Heil Hitler!” isto, “Heil Hitler!” aquilo. E mais uma vez ela foi apanhar a sua “bíblia”.

“Miau! Miau! Miau!”, ouvia-se da escrivaninha. Lentamente, apareceu uma cabeça no buraco onde é depositado o pote de tinta. Doris parou no meio de uma frase e deu um grito de horror. Nós caímos na gargalhada e tentamos nos esconder debaixo das carteiras, enquanto ela gemia: “Pobrezinho! Ajudem o pobrezinho!” Já estávamos arranhados e mordidos quando o diretor veio de uma classe ao lado, alarmado com aquele barulho todo. “Vocês serão todos punidos!” gritou.

Quando ele se foi, Doris nos deixou de castigo: teríamos de escrever dez vezes uma biografia de Frederico, o Grande! Fiz apenas três, e é uma verdadeira tortura!

1º de setembro de 1943

Hoje faz quatro anos que a guerra começou. Ainda lembro perfeitamente desse dia, embora tivesse apenas 11 anos. Fui despertado cedo por uma sirene de ataque aéreo e vi sucessivas ondas de aviões da nossa Força Aérea voando para leste, em direção à Polônia, em formação estrita. Nenhum de nós tinha a menor ideia de como seria a guerra. E agora mal conseguimos nos lembrar de como era a vida sem ela! Tantas pessoas conhecidas, amigos, parentes e vizinhos, tombaram na frente, praticamente não há mais

nenhuma família que não tenha perdido um soldado. Em nosso país, fomos em grande medida protegidos da guerra até agora. No oeste da Alemanha, no Ruhr, em Hamburgo e Berlim, as pessoas já têm passado por coisas terríveis. Ficamos sabendo a respeito pelas mulheres e crianças que foram evacuadas. Nessas áreas, rapazes da minha idade já estão em serviços de emergência ou nas unidades antiaéreas, ou sendo treinados como emissários ou na brigada de bombeiros, para enfrentar os efeitos das bombas incendiárias.

Já fizemos alguns treinamentos de defesa antiaérea na escola. Lá, e também em casa, sacos de areia, baldes e vassouras estão sempre a postos em cada compartimento. Todas as casas têm abrigos contra bombas, mas ainda não precisamos usá-los de verdade. A Pomerânia está muito distante para os aviões britânicos. E espero que continue assim.

[6](#) De transição do ensino médio para o superior. (N. do T.)

Dentro da Alemanha

Setembro de 1943

“A terra da escultura”

No dia 24 de janeiro de 1943, Roosevelt e Churchill apresentaram-se diante da imprensa mundial reunida em frente ao Hotel Anfa nas imediações de Casablanca, Marrocos. Declarando que o objetivo dos Aliados na guerra era a “rendição incondicional da Alemanha e do Japão”, eles rejeitaram qualquer ideia de um acordo de paz com algum dos dois países em separado. Ao mesmo tempo, os dois assinavam secretamente uma diretiva lançando uma campanha estratégica conjunta de bombardeios, com o objetivo não só de destruir o poderio militar, industrial e econômico alemão, como também de “minar o moral do povo alemão a ponto de debilitar fatalmente sua capacidade de resistência armada”.

Depois de uma série de ataques altamente destrutivos no vale do Ruhr, o comando dos bombardeios aliados atacou Hamburgo, o principal porto marítimo da Alemanha e a segunda maior cidade do país. No fim de julho de 1943, mais da metade da cidade estava reduzida a ruínas; 45 mil pessoas haviam sido mortas e perto de um milhão tinham perdido suas casas. Na noite de 23 de agosto de 1943, setecentos bombardeiros rumaram para Berlim a fim de lançar uma nova e implacável série de ataques contra a capital alemã.

Naquele outono, 200 mil adolescentes alemães, alguns com apenas 15 anos, foram mobilizados na operação de armas antiaéreas na defesa de cidades alemãs. Trabalhadores até então isentados foram despachados para reforçar as tropas na frente oriental, mas não se previa que fossem substituídos nas fábricas da Alemanha por mulheres. Para manter o moral na frente doméstica, as mães e viúvas recebiam pensões substanciais, sendo instruídas a cuidar das futuras gerações da “raça ariana dominante”. Em compensação, prisioneiros de países ocupados eram submetidos a trabalhos forçados para remediar a grave escassez de mão de obra. No outono de 1943, um terço dos operários das fábricas alemãs era estrangeiro. Embora na Europa Ocidental os métodos alemães de recrutamento fossem mais moderados, no Leste, homens, mulheres e crianças de até 10 anos eram às vezes capturados nas ruas; destacamentos da SS incendiavam aldeias inteiras quando não se apresentavam voluntários.

Entre os quase 2 milhões de trabalhadores forçados arrebanhados nos territórios soviéticos ocupados pela Alemanha no verão de 1943 estava o estudante de música Vasily Baranov, de 18 anos, originário da aldeia de Merinovka, no sul da Rússia, que chegou ao leste da Alemanha em setembro, depois de uma exaustiva viagem de dez dias num vagão de transporte de gado.

Nesse mesmo mês, o adolescente alemão Klaus Granzow completava 16 anos, atingindo assim a idade de recrutamento, recentemente diminuída. Tendo-se apresentado como voluntário para o Exército nesse verão, Klaus recebeu garantias de que não seria mobilizado até janeiro de 1944, decidindo assim desfrutar plenamente de seu último período escolar.

Como frequentava uma escola, a berlinense “Lieselotte G.” (sendo o “G” motivado pelo desejo de anonimato) não precisava cumprir serviço militar. Integrante ativa e patriótica do BDM (Bund Deutscher Mädel), o ramo feminino da Juventude Hitlerista, ela voltou nesse outono à escola em Friedrichshagen, subúrbio oriental da capital.

Enquanto Lieselotte registrava seus pensamentos mais íntimos no diário que havia iniciado em 1942 e Klaus continuava escrevendo no florido caderno de anotações que começara a manter nessa primavera, escrever um diário era algo estritamente proibido para o jovem trabalhador forçado russo Vasily Baranov. Contornando a proibição, no dia em que chegou à Alemanha, Vasily começou a relatar suas experiências em qualquer pedaço de papel que encontrasse — de jornais alemães a calendários ferroviários.

1-2 de setembro de 1943

Pela manhã, por volta das nove horas, os dois lados do nosso vagão de gado foram abertos e fui despertado pela forte luz do sol. O tempo lá fora estava simplesmente lindo. Logo correu a notícia de que tínhamos chegado ao destino, uma cidade chamada Dresden. Depois de uma certa lenga-lenga, fomos todos enfileirados com nossas coisas e três guardas nos conduziram pelas ruas. Dresden é uma grande cidade, com enormes casas antigas, diferentes de tudo que já vi até hoje. Foram construídas com blocos de uma pedra especial, de tal maneira que as paredes reluzem ao sol como um tabuleiro de xadrez. Não havia uma única casa sem uma escultura ou alto-relevo, e foi então que me lembrei de um livro que li certa vez sobre a antiga Alemanha. Dizia que a Alemanha era a terra da escultura. Também havia verde por toda parte: tílias, castanheiras, até árvores frutíferas. Caminhamos por uma rua interminavelmente longa, toda ela pavimentada com asfalto. Alemães de todas as idades apontavam para nós nas ruas e das janelas, resmungando coisas a nosso respeito e fazendo menção especial dos que lhes pareciam particularmente estranhos. Tivemos, assim, de caminhar sob o olhar reprovador desses imbecis, por mais revoltante que nos parecesse. Nós éramos talvez duzentos, em fileiras de quatro, o rosto abaixado de vergonha. De vez em quando, um de nós ousava levantar a cabeça para olhar, como se quisesse mandar todo o nosso ódio para aquelas criaturas patéticas que apareciam até o sétimo andar, onde as janelas estavam apinhadas. Eles riam e apontavam para um retardatário que caminhava lentamente, arrastando a perna ferida na calçada. Ele vestia andrajos que haviam sido um dia suas roupas na Rússia e agora estavam em farrapos. Sentimentos assustadores e violentos germinavam em mim. Eu nunca tinha sentido algo parecido antes.

Uma hora depois do almoço, fomos dispostos em formação e divididos em três grupos. Os trabalhadores especializados foram levados, embora fossem muito poucos. Meu grupo foi informado de que seríamos levados para Leipzig. Lá chegamos bem tarde da noite, no trem elétrico. A estação tinha uma cúpula parecida com a da igreja em nossa aldeia de Merinovka. Ela estava apinhada de gente, uma multidão incontável de gente (alemães) movimentando-se para cima e para baixo. Dava realmente para se refestelar de imagens e sons naquele lugar, nem era preciso ir a um circo, ou um museu! Esculturas, pinturas, desenhos, candelabros, os próprios alemães, suas roupas etc. etc. Ao mesmo tempo, eu sentia repulsa em relação a eles, um tal ódio que nem conseguia olhar muito de perto para seus rostos horríveis.

Pois eu já sabia como eles eram por dentro. De repente, apareceu um enorme trator com gigantescas lagartas de borracha, puxando um grande reboque. Todos os nossos pertences e metade dos homens foram instalados nele e levados para uma casa de dois andares. Cada um de nós recebeu uma cama, um colchão e um cobertor, e eu só pensava em dormir, realmente estava precisando muito.

Antes de nos deitar, fomos encaminhados para o banho. Despídos da roupa de baixo, parecíamos sujos e miseráveis, como um rebanho de ovelhas que tivesse acabado de escapar das garras do lobo. Dois de nós recebemos um tapa na cara e fui me deitar rangendo os dentes de dor.

Depois do jantar, fomos levados a uma casa de banho para remoção de piolhos.

3-5 de setembro de 1943

O tempo melhorou antes do pôr do sol, mas eu me sentia desconfortável, como se minha alma estivesse cheia de moscas zunindo.

Lembrei-me do que a esperta Nina me dizia na minha terra: “Você vai trabalhar como um touro dócil.” Eles aqui nos tratam como escravos. Somos obrigados a trabalhar sem descanso, embora o que fazemos seja perfeitamente inútil; acabamos, por exemplo, de aprender a usar uma ferramenta de limagem. Eles estão sempre rindo de nós, acham que somos sujos e incultos. O capataz espancou um sujeito porque assoou o nariz no chão, e um outro porque estava com o pescoço e as mãos sujos. Sua risada e suas zombarias estão me matando. Estou começando a me detestar e a me perguntar se sou realmente um porco, como eles dizem. Só queria estar de volta à minha boa e velha casa, junto aos dois salgueiros e ao lindo e frondoso álamo. Nunca mais voltarei a ver minha casa, nem mesmo haverá um corvo que leve para lá os meus ossos.

8-10 de setembro de 1943

A mesma velha história. Os capatazes que espancaram o meu amigo Strelsky porque não conseguia trabalhar agora estão batendo em qualquer um que mostre a menor relutância. O que é o caso de todos nós. Nós ficamos andando por aí de cara amarrada, fazemos caretas e os xingamos, recorremos a todos os xingamentos russos que conhecemos. De pé junto a minha mesa de trabalho com a lima por horas a fio, fico pensando em todo tipo de coisas. Quanto tempo conseguirei sobreviver neste cativeiro? Minhas pernas estão fracas de ficar em pé tanto tempo. Eles não nos deixam sentar e nos batem na cara se a gente tenta...

Eu já tomei minha decisão, vou ter de fugir. O comissário e eu estamos tramando juntos, pois ele é um cara corajoso e fala alemão. Vamos partir no domingo. Pularemos num trem com destino à Polônia e vamos em frente até onde durar nossa coragem.

17-19 de setembro de 1943

Temos passado muita fome. Todo dia estão roubando coisas, mas ninguém encontra os ladrões. Recebemos 15 cigarros e 60 pfennigs para durar uma semana. O domingo passa rápido. E traz dois sentimentos diferentes. É muito bom ter um dia de folga, pois assim posso conversar com um dos meus amigos ou, melhor ainda, com uma das garotas. O outro sentimento é de angústia, uma dor tão grande na alma, especialmente quando falo com alguém do nosso país, até mesmo alguém que vivesse a 300-500

quilômetros de distância da minha aldeia. Sinto como se fosse morrer de dor no coração. É melhor conversar com uma garota sobre isso, pois é mais comum as mulheres morrerem ou se matarem de dor no coração que os homens. Mas não importa com quem conversemos, se a pessoa já está aqui há um ano ou dois, sempre diz que a gente acaba se acostumando, e que morrer é a alternativa mais fácil, a vida é preciosa...

Hoje foi nossa folga, e fomos à cidade. Vendi dez cigarros por um marco e algumas batatas cozidas, encontrei o comissário e fomos a uma estação ferroviária da linha de abastecimento. Eu estava usando duas calças, duas camisas e um par de botas. Num dos vagões a placa indicava Lvov como destino, e nós nos escondemos entre as caixas e ficamos esperando. Ficamos felizes quando finalmente o trem se pôs em movimento, mas aí, vendo o sol se pôr, de repente nos demos conta de que estávamos viajando em direção oeste, e não leste. Desesperados, saltamos numa pequena estação, mas fomos vistos por um ferroviário. Logo havia alemães por toda parte. Um deles nos conduziu a uma cabana da ferrovia e ordenou a um guarda mais idoso que ficasse de olho em nós. Mas aí o pobre velhinho foi atender o telefone e nós fugimos como dois pardais.

Um sujeito ucraniano com uma carroça e um cavalo nos disse que Leipzig ficava a 17 quilômetros. Resolvemos então voltar, acontecesse o que acontecesse. Eram mais ou menos duas horas da manhã quando pulamos a janela. Nossos companheiros entenderam o que havia acontecido e nos disseram que todo mundo que chegava tarde era espancado com uma mangueira de borracha. Conversei com eles sobre a vida em nossa terra, meu conservatório de música e lhes disse que não me dava conta de o quanto era feliz. Na época, eu tinha todo o tempo do mundo para dormir ou caminhar, e, sobretudo, sempre tinha como encher a barriga. Meu amigo Strelsky disse que eu era um bom sujeito, inteligente para a minha idade e com uma boa compreensão da vida. Sobre a tentativa de fuga, contudo, só posso ranger os dentes e aguentar.

24 de setembro de 1943

Todo mundo quer fugir. Meu coração está se partindo em pedacinhos. Achamos alguns jornais, dizendo que nossa região foi retomada pelos russos, os alemães estão fugindo, por todo o percurso desde Stalingrado. Fiquei tão feliz! Se pelo menos conseguíssemos voltar para casa, haveríamos de triturar esses bárbaros com os dentes. Ficamos fantasiando sobre isso durante um tempo. Tenho de sair daqui, ou vou morrer.

Na Pomerânia, o período letivo de Klaus Granzow foi interrompido nesse outono pelo trabalho anual de colheita da batata e do nabo. Mas nesse ano a colheita teve o reforço de trabalhadores forçados trazidos da França, da Polônia e da Rússia. Em meados de outubro, Klaus estava de volta às aulas.

22 de outubro de 1943

Não houve aula esta tarde. Tivemos de ir catar papel. Enchemos um barril inteiro com velhos desenhos e fotos de mulheres nuas tirados de revistas! Ao voltar, alguns dos rapazes mais velhos roubaram uma boa parte, e assim perdemos pontos! Mas não faz mal, no ano passado eu recebi um prêmio pela quantidade de papel catado, saiu até um artigo no *East Pomeranian* sobre o meu recorde.

Seja como for, não havia muito tempo para ficar pensando no assunto, pois o capataz chegou e anunciou que na segunda-feira seríamos levados para nos juntar à unidade do Corpo Auxiliar de

Atendentes da Marinha, muito antes do previsto. Foi uma enorme algazarra de comemoração! Devo ter feito uma cara de bobo, pois [a nossa professora] Doris disse que eu não parecia estar feliz, mas eu estava, só que talvez por um breve momento ficasse me perguntando como é que vai ser não estar mais na escola. Mas logo me animei com a ideia de partir com meus amigos.

Alguém disse que agora a Doris teria de se conformar em fazer as menininhas marcharem para baixo e para cima, e até a velha donzela sorriu e achou um pouco de graça. E eu fiquei pensando que pelo menos não terei de aguentar mais você, sua estúpida galinha parda!

E então fomos para a escola!

À tarde, fomos ao cinema pela última vez. Estava passando *A esposa*, com Jenny Jugo. Não tivemos problema para entrar, felizmente. Dois amigos meus me mostraram um truque para entrar em filmes de adultos. Levantar a gola e puxar o chapéu para baixo não funciona mais, de modo que agora a gente espera até que o filme comece e entra correndo, de preferência por trás de um adulto, dizendo alto, com uma voz bem profunda e ressonante: “Preciso ver o noticiário mais recente da frente!” E com isso estamos lá dentro! Mas é uma maluquice: não nos deixam ver filmes de adultos, mas já temos idade para ser soldados, mesmo tendo apenas 15 ou 16 anos.

25 de outubro de 1943

No domingo o diretor organizou uma grande despedida para nós. Entregou-nos nossas convocações e disse que vamos partir segunda-feira bem cedo.

Voltando para casa de bicicleta pela Ponte do Noivado, eu finalmente comecei a me despedir da escola. Quantas vezes não tinha passado por ali de bicicleta nos últimos anos!, pensei. Passar por cima de Mühlenberg era minha parte favorita do percurso, pois dali podia ver a minha pequena aldeia, Mützenow, lá embaixo.

Fazendo minha despedida, eu ia em frente na bicicleta, como se estivesse sonhando. Tentei juntar tudo e enterrar na minha lembrança, para não esquecer. Mas meu coração estava carregado de tristeza, e eu não conseguia dizer adeus.

Meus pais ficaram chocados quando eu contei. Sou o primeiro garoto da minha idade na nossa aldeia a ser convocado. Minha mãe disse: “Eu esperava que a guerra já tivesse acabado quando você estivesse grande e crescido!” E papai disse: “Ele pode ter ficado grande, mas ainda não está crescido! Que diabos está acontecendo, quando começam a convocar garotos como ele?”

Minha irmã e eu fomos até a aldeia, eu queria estar lá uma última vez. Encontramos alguns amigos e umas outras garotas. Ficou todo mundo excitado por me ver de uniforme de marinheiro. Agata também estava lá. Não sei por que, mas todo mundo acha que ela é minha namorada, o que não é verdade. Pelo menos, não que nós dois saibamos. Os fofoqueiros da aldeia é que nos juntaram, o que nos tornou alérgicos um ao outro, e agora nada mais poderá acontecer entre nós. Que coisa mais idiota! Fiquei uma fera com tudo isso e fui me deitar cedo.

Tivemos um grande almoço de despedida. Meu pai matou duas galinhas! Tivemos até creme de limão de sobremesa, meu favorito. (Só costumamos ter esse creme nos casamentos e em outras ocasiões especiais.)

No fim das contas, não foi tão mal assim partir, em boa parte porque nos prometeram alguns dias de folga de cinco em cinco semanas. De modo que não é tão diferente assim de ir para a escola. Mas minha mãe ficou bem abalada, pois muitos parentes nossos foram mortos ou desapareceram.

Quando eu estava de partida esta manhã, alguns garotos me acompanharam até a saída da aldeia. Pisei fundo nos pedais — e lá fui eu!

No dia em que Klaus e seus colegas de turma eram mandados para o treinamento na operação de canhões antiaéreos no litoral báltico da Alemanha, a berlinense Lieselotte G., de 15 anos, praticamente só pensava em sua professora de alemão, “Frau L.”. Embora seus pais, social-democratas, criticassem abertamente o regime nazista, Lieselotte mantinha uma ligação ideológica e espiritual com a professora, dedicada esposa de um oficial nazista. Naquele outono, Frau L. transformou-se não só no modelo de “Mulher Alemã Ideal” para Lieselotte, como também em foco de uma crescente paixão.

25 de outubro de 1943

Estou aguardando a mais importante decisão da minha vida. Escrevi uma carta a Frau L., contando-lhe tudo o que sinto por ela. Resolvi ousar fazê-lo! Minhas amigas dizem que ela haverá de se mostrar realmente compreensiva ou então vai querer me trazer de volta à terra com um solavanco, por escrever coisas tão ultrajantes. Elas dizem que jamais correriam semelhante risco. Se ela não se mostrar acolhedora, estará tudo acabado, nunca mais voltarei a vê-la. Mas qual é o sentido de vê-la, se ela não sabe o que eu sinto? Eu quero Frau L. desse jeito, ou então não quero. Realmente acredito que ela vai me entender, que escreverá uma resposta amável. Estou certa de que vai se ruborizar quando ler minha carta. Provavelmente a lerá para o marido. Que será que vai dizer?

1º de novembro de 1943

Recebi minha resposta! Esvaziei a caixa de correio assim que voltei da escola. Reconheci sua letra numa das cartas. Apanhei-a com mãos trêmulas. De L., dizia. Fiquei tão nervosa! Meus joelhos tremiam, o estômago se embrulhava, fiquei realmente enjoada. Me arrastei até o sofá, joguei-me nele e fiquei ali deitada por muito tempo, segurando o envelope e falando comigo mesma.

Até que me sentei, implorei a Deus que não me decepcionasse e o abri, com o coração pulando. Com as mãos trêmulas, desdobrei o papel e li: “Querida Lilozinha...” Inicialmente ela escrevia sobre todo tipo de coisas sem importância, sobre os embrulhos que eu havia lhe mandado. Eu afundei nas almofadas, imaginando que ela não responderia ao que eu lhe dizia na carta. Mas então lá estavam elas, suas palavras de compreensão, exortando-me delicadamente a não lisonjeá-la assim, que ela era apenas humana, uma mulher como qualquer outra. Que eu precisava ficar com os pés no chão. Que não devia esquecer o amor de minha mãe por mim.

Ao terminar de ler, eu estava arrasada. Recostei a cabeça nas almofadas e chorei. Por quê? Era uma carta simpática, mas eu estava terrivelmente decepcionada. Estava tremendo e enjoada. Finalmente, consegui me acalmar. Caminhei até o lago e reli várias vezes a carta. Só então agradei a Deus, sentindo uma sensação cálida ao começar a entender como a carta era amorosa. Ela estava tão certa a respeito de tudo, à parte dizer que era humana como qualquer outra — ela é muito mais. Ela achou que minha carta era expressão de uma paixão adolescente. Disse que também tinha sido adolescente, como eu. Não queria que eu ficasse empolgada demais, dizendo que eu devia manter os pés no chão, para não me confundir. Encontro tanto amor e compreensão em suas palavras! Estou preocupada com essa conversa que ela quer

ter comigo, para me ajudar a encontrar o bom caminho. Ela espera que eu a trate como um ser humano, mas eu não consigo. Agora estou muito envergonhada do transbordamento da minha carta. Se pelo menos ela tivesse sido abençoada com filhos... Ela tem um amor sem limites pelas crianças. É uma pessoa tão boa. Vou tentar pensar nela como alguém mais normal, encontrar nela algo mais de um ser humano. Já estou com os dois pés bem plantados no chão, mas às vezes fica difícil não cair. Sua carta me faz sentir mais forte. Vou mantê-la bem guardada no coração. Obrigada, querida Frau L.

8 de novembro de 1943

Estou ouvindo o discurso de Hitler. Ele acabou de dizer: eu também sou religioso, profundamente religioso. Se realmente fosse! Nesse caso, ele seria capaz de rezar, e eu não temeria tanto pela Alemanha. Se Hitler tivesse rezado durante toda a guerra, talvez eu pudesse contemplar um futuro que levasse a nação alemã para mais perto de Deus por causa dessa guerra e de sua liderança. Hitler fez-me acreditar na vitória mais uma vez, falou de invadir a Inglaterra e de vingança pelos bombardeios.

Eu estou dividida. Minha fé não me permite apoiar a guerra, nenhuma guerra, mas meu amor à pátria não suporta a ideia de uma rendição. Milhares de pessoas morreram, milhares estão vivendo na lama e na sujeira há anos, milhares ainda sofrem nos hospitais, milhares de mulheres, mães e irmãs estão em casa preocupadas com os homens no front, estão chorando por seus filhos e irmãos mortos. Tudo será em vão? Nosso dever sagrado não é continuar lutando? E se a Alemanha fosse esmagada, não haveríamos todos de continuar mostrando nossa coragem? É necessário fazer sacrifícios para alcançar a vitória. Mas se a vitória for impossível, não seria melhor... antes que morram outros milhares, antes que mais sofrimento seja infligido à Alemanha... mas não, isso não acontecerá nunca, pois nesse caso todos aqueles que morreram haveriam de se erguer para me desmentir. E se formos destruídos, pelo menos não será de novo como em 1918. Adolf Hitler, eu acredito em você e numa vitória da Alemanha.

Três semanas depois de iniciar seu treinamento com os auxiliares navais no litoral báltico, Klaus Granzow praticava a interceptação de bombardeiros aliados a caminho de Berlim.

15 de novembro de 1943

Estamos de novo na dureza do treinamento. Os exercícios de infantaria são de deixar qualquer um doente. Nosso instrutor é jovem, mas também feio e mal-humorado. Arrasta todo mundo para um passeio supostamente tranquilo pelas dunas de areia e nos faz ficar subindo e descendo com o equipamento todo nas costas.

O treinamento com armas é muito mais interessante e agradável. Nós já sabíamos todo o básico. Eu estou encarregado do segundo canhão. Temos ataques aéreos quase toda noite, Berlim está sendo bombardeada sem parar.

O bunker da unidade antiaérea leve fica a cerca de 50 metros dos nossos canhões, e todo dia temos uma longa estirada até a cantina. A comida não é boa como em nosso posto anterior. Não faz muito tempo, encontramos um rato na sopa — o que causou enorme balbúrdia, deixando-nos sem comida. Algumas pessoas queriam se queixar, mas para quê?

Não tivemos nenhuma licença, pois ainda não prestamos juramento. Tivemos autorização para visitar uma cidade próxima, em estrita formação militar. Estávamos nos sentindo uns verdadeiros idiotas,

marchando pelas ruas em formações de dois. Só os rapazes de Schneidemühl gostaram, pois puderam ver o mar pela primeira vez. Para os outros do nosso grupo, contudo, não teve a menor graça.

18 de novembro de 1943

Disparamos os canhões pela primeira vez! Foi fantástico. Fizemos apenas dois disparos, mas foi uma grande experiência poder ouvi-los pela primeira vez. Berlim estava sendo atacada de novo, e com certeza não seria a última vez, de modo que podemos esperar voltar a dar muitos disparos em breve.

Foram exibidos três filmes na cantina; uma missa; uma palestra sobre o moral de combate dos japoneses; e outra sobre a Inglaterra e a Índia.

Embora Klaus e seu grupo não tivessem atingido nenhum avião, 9 dos 440 bombardeiros britânicos que investiam contra Berlim nessa noite foram derrubados. Depois de mais um ataque dos Aliados contra Berlim, quatro dias depois, Lieselotte descrevia a destruição provocada em sua cidade.

23 de novembro de 1943

Houve uma terrível incursão de bombardeiros ontem à noite, a pior em Berlim até agora. Mamãe está transtornada, está tudo parado. O metrô está fechado; os bondes não circulam. Nós tentamos telefonar para as pessoas, mas as conexões estavam difíceis. Nossos parentes todos ainda estão vivos, mas metade do centro de Berlim está em ruínas. Estou tão preocupada com Frau L. Nem sei se ela ainda está aqui, mas temo tanto por ela...

Eu sou tão fraca. Só penso em chorar, mas devia sentir-me grata por ainda estarmos vivos. Papai fala de revolução o tempo todo, mamãe chora. Todo mundo tem alguma história terrível para contar. Estou tão preocupada com minha querida, querida Frau L.

24 de novembro de 1943

Mais um ataque aéreo. O centro da cidade não passa de um monte de escombros. Friedrichstrasse, Linden, Leipzigerstrasse, Alex, tudo em ruínas. Tia K. foi bombardeada. Minha escola foi incendiada, e portanto não poderei mais frequentá-la. O metrô está desativado. Papai diz que Hitler não tem como continuar em guerra por muito tempo. Mas eu não creio que ele desista. Papai acha que até o Natal haverá paz, mas eu não quero paz, ou rendição. Oh, é tudo tão ridículo! Não tenho notícias dela, por que não conseguimos ter notícias uns dos outros nesses tempos terríveis? Se eu ficasse sabendo que sua casa tinha sido bombardeada, correria até Frohnau para resgatá-la dos escombros.

Embora a residência suburbana de Lieselotte não tenha sido atingida, os ataques dos Aliados contra o centro de Berlim em 26 de novembro de 1943 e nos três dias anteriores mataram quase 5 mil pessoas, deixando meio milhão de desabrigados.

No fim de novembro, Vasily Baranov desistira de seus planos de fuga. As medidas mais rigorosas então adotadas tornaram ainda mais difícil fugir, e os sapatos de madeira fornecidos aos trabalhadores forçados dificultavam uma simples caminhada. Com seu ruído metálico a cada passo, eles logo

ficaram conhecidos como “algemas”. Enquanto os bombardeiros dos Aliados estendiam seus ataques aéreos para leste, Vasily tentava se adaptar e sobreviver, esperando a liberação.

28 de novembro de 1943

Minha principal preocupação tornou-se roubar. Eu preciso roubar, aconteça o que acontecer, pois a morte já está mordendo meus calcanhares. O amigo de Volodya morreu ontem. Aqui, uns dez de nós vivem bem, mas são apenas dez dos 3 mil que aqui estão. À noite, saem roubando, como verdadeiros bandidos. É perigoso, sim, mas também muito lucrativo.

Hoje, cortei o cabelo e roubei um nabo. A maioria dos caras foge para a cidade pelo quartel belga. Eu ainda não tentei porque estou convencido de que se roubar alguma coisa na cidade serei apanhado. As pessoas estão se saindo muito bem como ladrões, pois estão com raiva, o que as torna impulsivas.

4 de dezembro de 1943

Fui acordado às quatro da manhã por um alarme. Havia tiros, a eletricidade caiu e por toda parte estalavam e reluziam chamas, como enormes raios. Tentei encontrar minhas “algemas” debaixo da cama, mas aí ouvi um terrível barulho de desabamento, e o teto caiu. Achei que meu coração ia explodir de medo. Corri para fora sem as “algemas” e vi que a cidade inteira estava em chamas. Os bombardeiros rosnavam lá em cima e soprava um vento frio, mas eu estava com medo de sair correndo do quartel sem as “algemas”! Duas emoções se chocavam dentro de mim: uma era o medo, hoje é o meu batismo de fogo, pensava com meus botões, e seria terrível morrer assim, atingido por uma bomba, mesmo que seja uma bomba lançada por amigos. Minha segunda emoção era vingança, um sentimento forte e persistente. Eu queria que aqueles aviões americanos destruíssem a fábrica onde nós, russos, temos sido tão torturados. Mas aí, em nome de todo o nosso povo, eu queria superar o medo, pois o patriotismo é um sentimento melhor. Voltamos ao trabalho às oito da manhã. Nossos supervisores estavam atrasados e alguns nem apareceram. A julgar pela expressão dos rostos, os alemães devem ter tido umas conversas bem deprimentes. Os [trabalhadores] franceses apareceram para trabalhar envoltos em seus cobertores, esquecidos dos penteados e das boas maneiras. Alguns escaparam só com a roupa de baixo quando dois enormes acampamentos franceses foram destruídos pelo fogo.

Enquanto o acampamento de Vasily permanecia intacto, os bombardeiros aliados destruíram naquela noite a maior parte do centro de Leipzig, principal alvo da ofensiva. Em Berlim, Lieselotte passava agora quase todas as noites num abrigo antiaéreo.

8 de dezembro de 1943

As pessoas são muito más e mesquinhas. Querem me tirar absolutamente tudo, todos os meus ideais, tudo que torna bela a minha vida. Mas não conseguirão! É tão triste saber que não teremos árvores de Natal este ano, mas é ainda mais triste ter de ouvir as pessoas dizendo: “Não faz sentido montar uma árvore de Natal numa hora dessas.” Hoje levei um forno elétrico e um cobertor de lã para tia Else, pois seu prédio foi atingido. Eu sempre a achei muito religiosa, mas ela disse: “Não acho que devemos comemorar o Natal. Se houvesse um Deus no céu, ele não permitiria que tudo isso acontecesse.” Como são frágeis as

convicções das pessoas. Pois eu acho que devíamos comemorar o Natal agora mais que nunca. Naturalmente, há dor e sofrimento inacreditáveis no mundo. Mas, se nos deixarmos abater, como poderemos ajudar os desabrigados e os aleijados? Por que não acender uma vela, entoar uma canção de Natal? Este Natal será uma oração para todos os necessitados! Eu vou comemorá-lo ainda que os outros achem que estou errada, ainda que digam que é desalmado se sentir alegre enquanto os outros sofrem. Eu comemoraria ainda que fosse bombardeada e estivesse na pior, ainda que todos os meus entes queridos estivessem mortos e eu mesma, aleijada.

Como Lieselotte, Klaus também aguardava ansioso o Natal e sua primeira folga em casa. Embora estivesse operando um canhão antiaéreo, ele ainda não havia prestado oficialmente o seu juramento de soldado.

17 de dezembro de 1943

As sirenes foram disparadas esta tarde. Achamos que podia ser um teste, mas recebemos ordem de atirar. Devíamos fazer apenas três disparos, mas no calor do momento fizemos quatro. Mais tarde levamos uma boa repreensão do comandante por isso. Por sorte, nosso quarto canhão fez apenas um disparo, pois a luva de alguém ficou presa no obturador.

Não atingimos nada, mas poderíamos. Também poderíamos ter atirado mais, mas tudo aconteceu tão rápido, e o alerta de ataque aéreo foi muito repentino. Logo depois tivemos um treinamento de tiro, mas eu não conseguia ouvir uma só palavra, meus ouvidos ainda estavam ressoando. Eu devia tê-los tapado com algodão, como recomendado.

No outro bunker, Grote voltou da licença em Berlim. Ele estava lá durante o último ataque aéreo e disse que áreas inteiras foram reduzidas a escombros, mas que os berlinenses não perderam o senso de humor.

21 de dezembro de 1943

Ontem fomos conduzidos em passo de marcha a uma revista. Eu tenho 1,85m de altura, peso 58kg. Incrivelmente, minha visão melhorou.

O exame principal foi efetuado pelo dr. Liebe. Ele me disse que eu não podia acompanhar os outros, pois meu corpo ainda não está plenamente desenvolvido. Disse que eu não estava exatamente doente, mas ainda assim precisava reter-me por três meses. Os outros médicos não conseguiam classificar o meu caso, a não ser na seção dos que “ainda estão crescendo” ou têm “desenvolvimento tardio”.

Eu não me importo nem um pouco. Passarei por outro checkup daqui a seis meses e entrarei para o Exército um pouco depois. Posso até conseguir passar em meus exames finais na escola, o que seria maravilhoso.

Estou me preparando para minha licença de Natal. Recebemos algumas de nossas rações para levar para casa, até uma garrafa de vinho tinto. Eu não preciso da comida, pois ainda temos muita em casa, felizmente.

Hoje recebi uma carta de mamãe. Ela ficou preocupada com meu relato do nosso primeiro episódio de tiro. Por que é que eu fui entrar em tantos detalhes sobre nosso batismo de fogo? Foi uma burrice mandar uma carta assim para casa, agora é que eu me dou conta. E é contra as regras escrever a civis sobre assuntos militares ou técnicos.

Enquanto Klaus tomava o rumo de casa, Lieselotte também se preparava para comemorar o Natal. Sua determinação foi reforçada pelo ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, exortando a nação a comemorar o tradicional Natal alemão daquele ano num espírito de “austeridade e determinação ideológica”.

24 de dezembro de 1943

Véspera de Natal! Houve um alerta de ataque aéreo às 3h45. Achamos que não seria muito pesado porque já era muito tarde, mas foi terrível. Estávamos todos no porão quando houve uma terrível explosão e as luzes se apagaram. Nós demos um pulo, apanhamos nossas sacolas e saímos correndo para fora, temendo que as paredes estivessem para ruir. O teto balançou, as janelas tremeram e nós vimos lá fora nuvens vermelhas de cinzas. Os homens não deixavam ninguém sair, pois as bombas continuavam caindo. Ficamos sentados no escuro durante meia hora, ouvindo todos aqueles estrondos e explosões, abaixando-nos juntos, esperando a chegada do fim. É como se eu ainda sentisse o medo da morte, mas apesar de tudo eu não perdi a fé em Deus e Nela. Ela esteve o tempo todo no meu coração. Eu teria morrido feliz com Deus e Ela no coração.

Veio então o toque do fim dos ataques aéreos. Nós saímos do porão, cheios de gratidão por estarmos vivos. O apartamento estava cheio de poeira. Nós caminhávamos sobre cacos de vidro. A maioria das janelas estava quebrada, as cortinas, em farrapos, o chão estava coberto de vidro e louças quebradas e argamassa das paredes, nossas camas estavam negras, as panelas, esmagadas, com pepinos e abóboras espalhados por toda parte. Os enfeites da grinalda do Advento estavam esmagados, os relógios ainda marcavam 4h05. Eu achei que estava sonhando. Começamos então a limpeza. Enrolamos os carpetes, retiramos as cortinas, varremos os cacos de vidro e jogamos os destroços na rua (como todo mundo estava fazendo). Embora ainda estivesse escuro e o blecaute prosseguisse, todas as janelas da vizinhança estavam acesas (nós ainda tínhamos gás, luz e água) — as cortinas de blecaute de todos os apartamentos haviam sido rasgadas com a quebra das vidraças. De modo que parecia que estávamos em tempo de paz! E era véspera de Natal!! Eu fiquei tão feliz.

Logo depois alvoreceu. A maior parte dos escombros já tinha sido retirada e nossas janelas estavam revestidas com cobertores e pedaços de papelão, mas não tínhamos o suficiente, de modo que a sala de estar estava fria. Levei horas costurando as cortinas de blecaute. Quando tudo já estava mais ou menos em ordem, decidimos comemorar o Natal, embora estivéssemos congelando. Eu armei a árvore — e quando a estava enfeitando, meu irmão Bertel chegou em casa de licença!

Depois papai chegou e nós trocamos presentes. A árvore de Natal estava montada, a manjedoura também — tudo exatamente como sempre deveria ser! Tão lindo! Nosso velho e adorável Natal. O melhor de tudo era que Bertel estava entre nós. Só fiquei triste por não podermos ir à igreja. Começamos então a comer o pato que estávamos cozinhando durante todo esse tempo, com velas na mesa, e também havia velas na árvore de Natal (quatro delas feitas em casa). Eu ficava pensando Nela, ela também devia estar feliz, pois seu marido voltaria para casa no Natal.

Os ataques aéreos em Berlim na véspera de Natal mataram 178 pessoas.

Nas imediações de Leipzig, Vasily Baranov esperava que o clima festivo desse algum alívio aos trabalhadores forçados.

24 de dezembro de 1943

Não haverá turno à noite, então decidi cozinhar o nabo que estou escondendo há séculos e ler uma revista. Meus amigos saíram em busca de cascas de legumes nas sobras da cozinha depois do almoço. Ficaram discutindo para saber de quem era a vez de usar o forno primeiro, mas eu já estou acostumado com esse tipo de coisa e nem presto mais atenção. Eles dizem que amanhã será Natal e que os alemães o comemoram com vontade e talvez nos deem algo de presente.

À noite, dois camaradas trouxeram repolhos. Comprei um por 70 pfennigs, mas não pude cozinhá-lo porque não havia sobrado lenha, então o comi cru.

Alguém estava tocando acordeão no compartimento ao lado e algum aleijado dançava ao som da música. O ambiente não podia ser mais deprimente e revoltante. Assim que voltei para o meu quarto, comecei a compor uma canção intitulada “Estão tocando gaita na sala ao lado”.

25 de dezembro de 1943

Acordei tarde e dei uma olhada na canção que compus ontem à noite. Atualmente, detesto gastar muita energia escrevendo sobre o que quer que seja. De qualquer maneira, não existe muita coisa sobre o que escrever, e reina a apatia. Esta manhã, acendemos um forno e cozinhamos cascas de legumes num pote. Na hora do almoço, recebemos nosso presente de Natal: 100 gramas de bolo. Eu teria preferido que eles nos tivessem dado 200 gramas de pão ou meio quilo de batata.

27 de dezembro de 1943

Um tempo terrível, chuva sem parar. Faz um frio úmido no quartel. Quando cheguei à fábrica esta manhã, meu mal-humorado supervisor não respondeu ao meu “Gut Morgen”. Disse que eu tinha de trabalhar mais depressa porque passara o turno da noite dormindo no lavatório. Ele ficava me apressando e não me deixava ir ao banheiro. Disse que eu teria cinco minutos antes do almoço e cinco depois. Hoje eu vendi um maço de tabaco e, com o dinheiro, comprei um grande nabo. Consegui cozinhar um pedaço dele e comi o resto cru. Eu estava usando um caldeirão que os alemães usam para aquecer seus potes de sopa caseira, mas meu nabo cheirava tão mal que eles começaram a me xingar e atiraram longe o meu pote.

Mas quando eu estava voltando do trabalho para casa, uma jovem alemã fez sinal para mim e eu comi chouriço pela primeira vez na vida.

29 de dezembro de 1943

A brutalidade do meu chefe não está melhorando. Ele está constantemente me atormentando, zombando de mim e resmungando baixinho. Eu nem sequer tento aprender essa língua idiota deles, não quero entendê-la, pois ficaria ainda mais perturbado com a provocação. Cachorro, porco... são as palavras que nunca saem de moda por aqui. Que foi que aconteceu comigo! Não sou mais Baranov, Vasily Maksimovich. Agora sou um “porco russo” número 25795. Levo as letras “OST” no peito, meu número de trabalhador no boné e o meu próprio número no bolso. Estou coberto de números por toda parte.

Visto como um criador de caso e observado atentamente, Vasily era obrigado a ostentar em tamanho maior no peito, e não no braço esquerdo, como de hábito, as iniciais “OST”, de Ostarbeiter, “trabalhador do Leste”. Escrevendo cada vez menos nos dias que se seguiram, ele desistiu definitivamente em janeiro.

Em Berlim, ao deixar o abrigo depois de semanas de sono prejudicado, Lieselotte G. também se sentia diferente.

29 de dezembro de 1943

Acabamos de sair do porão depois de mais um terrível ataque aéreo. Já levamos vantagem sobre as gerações anteriores, pois realmente sabemos o que é ter medo da morte. O medo deixa a gente nu, todo o verniz se vai, até as coisas que eu julgava mais valiosas para mim desapareceram — à parte Deus. Até o meu amor por Frau L. (eu jamais teria imaginado). O medo o expulsou para longe. A única coisa que resta, meu único conforto, é o meu eterno amor a Deus.

Foi um grande conforto repetir mentalmente minha oração de confirmação, muitas e muitas vezes. Quando saí do porão, eu estava bastante grata simplesmente por poder viver mais um dia. Mamãe diz que é o triunfo da vida sobre a morte, num momento a gente está no porão, esperando a morte, e uma hora depois está novamente no conforto da segurança do apartamento. Oh, meu Deus, por favor ponha fim a isso, segundo a sua vontade.

31 de dezembro de 1943

Querida Frau L.! Juro-lhe que, apesar do nosso sofrimento, da morte e da dor, mantere-ei elevada e pura a chama da minha vida. Serei alegre e corajosa, tal como me disse que deveria ser. Aconteça o que acontecer, terei de me tornar uma boa alemã. Meu Deus, por favor, faça-me forte.

2 de janeiro de 1944

Hoje conversei com papai sobre a guerra. Agora eu tenho clareza: não poderemos vencer. Seria estúpido querer me enganar. Os soviéticos estão na fronteira da Polônia. Na Itália, o inimigo aproxima-se de Roma, os aviões anglo-americanos desceram na França. As cidades alemãs estão sendo destruídas, transformadas em cinzas noite após noite. Todo mundo está dizendo que não temos mais como vencer, e eu também penso assim. Papai acha que a derrota não será tão ruim assim, que as potências ocidentais farão da Alemanha uma República sob controle americano. Papai e mamãe querem a paz a qualquer preço, mas muita gente está com medo do bolchevismo, e os soviéticos estão chegando cada vez mais perto. E com eles vem o caos. Não creio que as potências ocidentais permitirão a destruição da cultura europeia, mas que será da Alemanha, a minha sagrada Alemanha prussiana? Seremos uma colônia americana, com nossa economia escorada no ouro americano.

Mas isso seria o fim de tudo que faz o meu coração vibrar de orgulho: as tradições prussianas, Frederico, o Grande, nossos oficiais alemães e prussianos, tudo isso estará acabado. Todas as honras nacionais seriam tomadas ao nosso Sagrado Reich Alemão. Que me importa uma economia saudável? Nós seremos transformados num Estado-satélite da América. Não seria melhor morrer?

3 de janeiro de 1944

Ontem à noite houve mais um terrível bombardeio; agora eles acontecem diariamente. Quando as bombas começam a cair, vem um barulho indescritível e a morte nos aperta o coração com suas mãos frias. A gente só consegue pensar numa coisa: se isso pudesse parar! Mas não para, e começamos a achar que os nervos vão arrebentar, queremos gritar, mas não conseguimos, temos de manter a dignidade, não podemos fraquejar, foi o que Frau L. me implorou, e a sua força e o seu exemplo é que me mantêm firme diante da morte. Embora seu amor seja fraco, seu exemplo continua diante de mim.

Neste momento em que escrevo, sinto como se estivesse sonhando, e tudo isso é irreal; mas na verdade não podia ser mais terrivelmente real. O mundo podia ser tão belo e pacífico! É impossível pensar em tudo isso sem enlouquecer. Pobre Alemanha, pobre humanidade!

Eu devia sentir-me tão bem por dentro, iluminada pelo olhar Dela, meu coração devia estar muito feliz porque Ela vive dentro dele, mas não consigo me sentir alegre e feliz. Estou tremendo de medo, o fantasma da morte ronda por aqui e me ameaça.

Goebbels não se cansa de falar da nossa força, dos nossos corações fortes. Se ele ficasse sentado por uma hora num abrigo antiaéreo, poderia ver como é fraco o coração humano. Embora eu tenha fé, meu coração é fraco demais, meu medo da morte é tão incrivelmente grande que nada resta dessa força, ou da ideia de sacrifício em nome da Vontade de Deus, apenas um coração humano que fraqueja. Padre K., você não tem medo? Martinho Lutero, você não conhece o medo? Estou constantemente pedindo a Deus que mantenha forte o meu coração. Meu Deus, ouve o meu pedido!

17 de janeiro de 1944

Não sei o que fazer. Todo mundo me diz que eu devia salvar minha própria pele, sair de Berlim. Que se eu ficar na cidade poderei ser obrigada a trabalhar, pois não há escolas. É tentador fugir da morte, e seria bom voltar a frequentar a escola. Mas será que eu poderia realmente deixar minha querida mãe em perigo e sozinha, sentada solitariamente no porão? Não devo cumprir meu dever de filha para com minha mãe? Também tenho o dever de salvar minha jovem vida para a pátria, mas qual é o mais forte?

Esperando a Liberação

Abril-agosto de 1944

“Por favor, meu Deus, não destrua nossos sonhos e esperanças”

Em novembro de 1943, Stalin, Churchill e Roosevelt encontraram-se pela primeira vez, em Teerã, para discutir a fase final dos combates. Churchill expôs a Stalin o plano de uma invasão da França através do canal da Mancha na primavera ou no verão de 1944, com o objetivo de abrir a tão esperada segunda frente de guerra no norte da Europa. Stalin, por sua vez, concordou em intensificar simultaneamente os combates no leste, para impedir que os alemães mobilizassem mais tropas na França. Nesses quatro dias de negociações, os Três Grandes também debateram a divisão das áreas de influência na Europa depois da guerra. Stalin encontrou-se separadamente com cada um dos Aliados para discutir seu plano de deslocar para oeste as fronteiras da Polônia. Os dois deram seu consentimento tácito, embora o futuro da Polônia viesse a se tornar motivo de disputa entre eles. O Exército Vermelho seria incumbido da liberação da Europa oriental e central, enquanto as forças anglo-americanas haveriam de se concentrar no noroeste.

Na primavera de 1944, depois de quatro anos de ocupação, França e Polônia estavam prestes a se tornar zonas de guerra novamente. O Exército Vermelho já estava a distância de ataque da fronteira polonesa anterior à guerra, enquanto as tropas anglo-americanas se preparavam para o maior desembarque anfíbio da guerra. Conscientes da iminência de um grande ataque a oeste, mas sem saber ao certo de onde viria, os alemães dobraram a quantidade de tropas estacionadas na França. Vendo seu regime ameaçado a leste e a oeste, eles intensificaram os esforços para esmagar toda resistência e acabar com os judeus da Europa. Duras represálias foram adotadas contra toda forma de resistência e os judeus arrebanhados em toda a Europa ocupada continuavam sendo exterminados no campo de concentração e matança de Auschwitz-Birkenau, na Polônia.

Entre os judeus poloneses que esperavam sobreviver à guerra estava um menino do gueto de Łódź de quem não sabemos o nome nem outras informações. Em 1944, Łódź era o único gueto ainda em funcionamento na Polônia ocupada. Os demais haviam sido extintos há muito tempo, com o envio dos habitantes para a morte ou a detenção em campos de concentração. Os pais do menino anônimo haviam morrido, e ele e sua irmã de 12 anos estavam entre os menos de 70 mil judeus que sobreviveram em Łódź, numa população originalmente superior a 160 mil no gueto. No verão de 1944, o menino começou a escrever um diário, dando vazão à esperança de que a guerra e seu sofrimento logo acabassem.

Em Varsóvia, nesse verão, a estudante polonesa Wanda Przybylska, de 14 anos, também esperava que a ocupação alemã terminasse logo. Desde que seu pai fugira da prisão, tendo sido encarcerado por ser um intelectual e inimigo do Reich, a família procurava passar despercebida, vivendo numa série de minúsculos apartamentos em Varsóvia e tentando proteger a jovem Wanda dos piores efeitos da guerra. Sua irmã mais velha, Jadwiga, estava envolvida na resistência clandestina polonesa, mas, para proteger a família, não lhes contava detalhes.

Em Paris, Micheline Singer já sonhava com a liberação. No dia 1º de abril, voltou a Verneuil, onde, exatamente quatro anos antes, na véspera da invasão alemã, começara a escrever seu diário. Na época, alimentava a esperança de já parecer mulher-feita ao assistir aos desfiles da vitória. Estava agora com quase 18 anos.

1º de abril de 1944

Chegou uma carta dos [nossos amigos] Le Nédélec convidando-me para passar a Páscoa [em Verneuil]. Vou levar Darak [o cachorro] comigo, pois os alemães estão confiscando os cães grandes para treiná-los a correr em frente aos tanques, atirando carne à sua frente. Os cães são enviados para a frente oriental, privados de comida e mandados na direção dos tanques russos com bananas de dinamite presas à barriga. Os coitadinhos são esmagados e lançados pelos ares na explosão, juntamente com os tanques. Eu não acredito realmente nessa história, mas Darak ficará feliz de voltar a Verneuil e os Le Nédélec não têm um cão.

8 de abril de 1944

Fui apanhar os meus patins, que eu havia esquecido no mês passado, mas um dos rapazes os havia usado e eu não consegui calçá-los. Quando eu estava mexendo neles à beira do caminho, o comandante me viu e alguns alemães vieram correndo para oferecer ajuda. Eles foram muito simpáticos e os consertaram para mim, chegaram até a lubrificá-los. O quartel-general deles estava ainda mais sujo que no ano passado, e os pobres coitados não pareciam muito atraentes. Quando eu estava de saída, dei de cara com um dos membros da divisão de tanques que me havia lançado olhares compridos antes, mas ao ver Darak ele se curvou e começou a afagá-lo. Perguntou se podia me visitar. Eu disse que não, claro, explicando que vivia com agricultores que podiam não gostar da ideia. Sua divisão estava na Normandia para descansar um pouco, depois de dois anos na frente russa. Eles realmente acabaram com as estradas com seus tanques.

9 de abril de 1944

Eu estava na rua com Thérèse Le Nédélec esta tarde quando demos com Karl, o cara da SS de ontem. Ele disse que viera especialmente para me ver, o que me deixou chateada, mas Thérèse insistiu em que ele entrasse e até lhe ofereceu um calvados. Devo reconhecer que ele estava bem elegante em seu uniforme negro da divisão de tanques, com a insígnia prateada no quepe. E tem olhos lindos. Ele perguntou como é que eu falava alemão tão bem. Eu respondi que aprendi na escola. Ele então disse que tinha se apresentado como voluntário na SS porque era fanático por Hitler. Ficamos falando de fanatismo,

ditadura, dos ingleses, do liceu. Ele era muito interessante, mas fiquei contente quando por fim me livrei dele, o que levou um tempão, pois Thérèse o convidou a ficar para jantar.

11 de abril de 1944

Que dia! Nunca vou esquecê-lo. Nem sei se serei capaz de contar o que aconteceu ontem à noite. Antes de ir para a cama, eu saí com Darak, como sempre, mas, quando estava fechando o portão, apareceu Karl, não exatamente bêbado, mas dava para perceber que tinha bebido. Ele nos cumprimentou e tomou minha mão. Eu não gostei nem um pouquinho, mas não disse nada. De repente, ele tentou tomar-me nos braços, mas eu o afastei, ele disse que queria apenas um beijo, disse que eu não estava entendendo, que passara dois anos na Rússia sem falar com nenhuma mulher. Nós ficávamos nos repetindo, ele ficava dizendo “só um beijo” e eu dizia que não podia porque ele não me amava. Quando tentei fechar o portão, ele beijou minhas mãos por entre as ripas, o que foi estranho. Ele disse que não tinha dormido nem um pouquinho desde que me conheceu, e que não parava de pensar em mim. “Você está bêbado”, falei. “Não o bastante”, retrucou ele, queria estar, mas não estava. De repente, mudou de ideia e disse que ia embora, pois não queria que eu comesse a dizer por aí que os alemães se comportam como porcos. Eu devia ter mordido a língua e deixado que ele se fosse, mas dei de ombros e disse que não era estúpida a ponto de julgar todos os alemães pelo comportamento de um deles. Não sei por que, mas ele ficou furioso. Escancarou o portão, tirou uma pistola do bolso e disse: “É muito simples. Beije-me ou eu mato o cachorro.” E eu tive de deixar que me beijasse. Depois, corri para dentro de casa, limpando a boca com o braço. Ele ficou plantado lá. Ao chegar ao meu quarto, eu ainda estava aterrorizada, pois ele fica no térreo e as venezianas não fecham direito. Consegui mais ou menos me preparar para deitar, tentei ler *As flores do mal*, mas não conseguia me concentrar. Estava com medo de que ele voltasse e me agredisse. Ouvi o relógio bater cada hora a noite inteira. Estava inacreditavelmente apavorada.

13 de abril de 1944

Ontem eu estava realmente deprimida. Em vez de ir a Verneuil, passei o dia inteiro correndo pelo campo com Darak, que era perseguido pelas vacas. E ficava pensando: tenho 18 anos e costumava me orgulhar de ainda não ter beijado um rapaz a esta idade. Também fiquei infeliz de pensar que sempre achei que meu primeiro beijo seria algo realmente maravilhoso, que me transportaria num sonho, mas agora foi tudo por água abaixo.

O tempo está lindo e eu estou sentada debaixo de uma macieira com minha caixa de pintura, mas prefiro ficar pensando nas coisas. Sempre fui sincera com meu diário. Ele então é alemão e gosta de cães. Bem lá no fundo eu sabia que ele não teria realmente matado Darak, ainda que eu continuasse dizendo não. Por que foi então que o beijei? Acho que eu queria saber como é um beijo, mas fui uma idiota de pensar que seria como nos livros em que as pessoas estão apaixonadas. Acho que foi por isso que fiquei tão enojada. Eu não o amo. Esqueci de dizer que não dormi a noite inteira. Um avião inglês ficou voando em círculos sobre Verneuil durante horas, alto demais para ser abatido pelos canhões antiaéreos.

Eu devia estar fazendo minha revisão de ciência, mas o tempo está lindo demais.

Seis semanas depois, Micheline estava de volta a Paris a fim de se preparar para a segunda e última parte de seu exame final de baccalauréat.

6 de junho de 1944

Acordei cedo com Darak a fim de ir para a fila do leite. E na fila o que é que fico sabendo? Que os ingleses e americanos desembarcaram na Normandia. Corri para casa o mais rápido que pude para dar a notícia a mamãe. Muito agitadas, corremos para acordar Nicole, que ainda estava dormindo. Há tanto tempo eu esperava por isso, sonhei com isso tantas vezes, quase ficou parecendo que não seria nada especial. Por favor, que eles consigam aguentar desta vez! Por favor, meu Deus, não destrua nossos sonhos e esperanças!

8 de junho de 1944

Eles tomaram a região em torno de Carentan, Bayeux e Caen. Estabeleceram uma cabeça de ponte. Que não sejam rechaçados para o mar!

Ouvi a rádio inglesa com [minha amiga alemã] Alice. Ela diz que desta vez Hitler realmente foi derrotado para valer e fica feliz de sua casa estar localizada na Alemanha ocidental, pois os ingleses chegarão lá antes dos russos.

12 de junho de 1944

Carentan foi tomada. Alice vai embora no fim da semana. Ela perguntou se podíamos escondê-la até a chegada dos ingleses; ao que parece, muitos alemães estão fazendo isso, usando roupas civis e se escondendo. Ela não quer voltar para a Alemanha, mas que mais poderá fazer? Ela não nos pressionou; sabe perfeitamente que não temos como alimentá-la.

Marigny, os Champs-Élysées e a avenue Gabriel estão cheios de caminhões alemães camuflados, esperando ser despachados para a Normandia. São uns desgraçados sortudos, eu adoraria ir com eles.

Sonhei de novo com o desembarque.

Os desembarques dos Aliados na Normandia encontraram forte resistência. No mês que se seguiu, os reforços alemães enfrentaram as tropas recém-chegadas em combates ferozes numa área que os Aliados esperavam dominar em um dia. A pouco mais de 160 quilômetros dali, em Paris, Micheline esperava impaciente.

10 de julho de 1944

Agora Caen foi dominada. Passamos o fim de semana tomando banho de sol. Espero estar bem bronzeada quando os ingleses chegarem. A vitória está tão próxima, e no entanto tão distante. A essa altura, estou realmente convencida de que é apenas uma questão de dias.

DECISÕES PARA O FUTURO:

Serei dura, para que ninguém me faça sofrer.

Serei moralmente depravada, para que os homens me amem.

Serei forte e cruel.

As esperanças de Micheline tinham sido prematuras; ainda se passariam dez dias até que os Aliados tomassem Caen, o que finalmente lhes permitia deixar para trás a cabeça de ponte e adentrar o continente.

Em 24 de julho, a ofensiva do Exército Vermelho, planejada para coincidir com o desembarque das tropas aliadas na Normandia, estava na quarta semana, e as tropas soviéticas avançavam rapidamente pela Polônia sob ocupação alemã. Nesse mês de julho, Wanda Przybylska fora deixada, para sua própria segurança, com parentes da cidade de Otwock, a leste de Varsóvia, enquanto a família permanecia na capital. À medida que as tropas soviéticas se aproximavam, ela retomou seu diário, interrompido no ano anterior por medo de comprometer duas judias que se escondiam no apartamento da família em Varsóvia. Wanda decidiu escrever apenas sobre suas próprias experiências e manter seu diário em segredo.

24 de julho de 1944

Está realmente esquentando, a guerra vem correndo na nossa direção. Os bolcheviques estão voando, e os alemães também, mas para fugir! Não creio que ainda tenhamos de chorar por muito tempo, logo não restará aqui um único alemão. Muita gente já deixou Otwock, quase sempre a pé, pois os cavalos foram confiscados e os trens reservados a poloneses são muito lentos e pouco confiáveis. Não sei o que será de mim. Mamãe ainda não chegou e eu tenho de voltar para Varsóvia! Correm boatos sobre “surpresas” que nos aguardam! Aqui em Otwock todo mundo diz que os bolcheviques chegarão em três dias. A estrada principal, que não fica distante, está cheia de veículos de transporte militar do leste. Eles estão cavando trincheiras. Eu queria estar em Varsóvia com minha família.

25 de julho de 1944

A noite passada foi terrível! Senti dores no peito ao anoitecer. Às 23h, estava indo para a cama quando uma terrível explosão sacudiu tudo, rasgando o silêncio da noite. Bombas! Bombas! Dava para ouvi-las de qualquer ponto da casa, deviam estar caindo muito perto. Todo mundo deu um pulo. O barulho era ensurdecedor. “Corram para o jardim!” Eu agarrei meu roupão e corri para fora. Meu coração dava pulos e meu corpo todo sacudia tanto que eu achei que ia cair. Deitei-me no gramado e com isso me acalmei um pouco. Fazia uma bela noite, quente e estrelada.

De repente, um foguete rasgou o céu. Era lindo de se ver. Ele caiu lentamente e parou sobre a floresta, iluminando tudo. Se não fosse sinal de algo tão perigoso, podíamos ficar sentados contemplando aquela maravilha. Mas ele ilumina o lugar onde vai lançar o próximo lote de bombas. Depois do primeiro foguete, vieram outros. A luz clareava como o dia. Mas então a bomba... As janelas chacoalhavam e quase se quebraram. Nós estávamos em estado de choque. [Minha amiga] Anna ficou com febre, realmente aterrorizada! Nós nos agarramos, eu a abracei com força e depois ela disse que aquilo lhe deu forças para aguentar. Os foguetes continuaram caindo, seguidos de explosões. A cada vez a gente achava que tinha chegado a nossa hora. Eu fiquei petrificada, no começo, mas depois me acalmei. Só estava preocupada como pessoal que ainda estava em Varsóvia. Até que a artilharia começou a atirar nos

aviões que voavam em círculos sobre nós e tivemos de descer para o abrigo antiaéreo, ou, por outra, para o enorme buraco no chão, por causa daquelas bombas voando por ali. Só fui me deitar às três da manhã.

28 de julho de 1944

Não, agora realmente está péssimo — uma semana inteira de bombardeios! E todo mundo diz que vai piorar, que eles começarão a bombardear também durante o dia. Karczew já foi tomada e fica a apenas 4 quilômetros de Otwock. A hora sangrenta está chegando. A guerra agora está muito perto. Uma amiga da minha irmã veio hoje se despedir. Foi convocada. Um de nossos primos também. Meu Deus! Todas essas vidas jovens, será que vale a pena? É tudo por nosso país e não se pode hesitar nem por um segundo. “Tudo que temos nós damos ao nosso país!” Nem se pode questionar o preço. O momento da batalha se aproxima — mas será a hora da vitória? Sim, será a vitória, simplesmente temos de acreditar, defender nosso país e expulsar o inimigo. Eles nos invadiram. Assim que entrarmos em luta, não podemos pensar no preço! Precisamos ter fé e esperança, em nome do nosso país.

São 21h30. Não vou me deitar. Não vale a pena. Segundo nossas fontes, haverá um ataque dentro de meia hora. Estou vestida e pronta para descer ao porão. Eu irei, mas não sei se conseguirei voltar. Tudo pode acontecer esta noite. É possível que dentro de algumas horas a casa onde me encontro esteja destruída, e este caderno no qual escrevo, e, sim, é possível que eu me tenha ido também... Oh! Que pensamentos mais pessimistas!

A notícia dos combates nas imediações de Varsóvia chegou ao gueto de Łódź, infundindo novas esperanças no anônimo autor do diário. Encontrando-se as tropas soviéticas a pouco mais de 120 quilômetros de distância, o menino registrava seus pensamentos no único pedaço de papel ao seu alcance, as páginas finais e as margens de um romance francês intitulado Les vrais riches, nas quais escrevia alternadamente em hebraico, iídiche, polonês e inglês.

25 de julho de 1944

[*Em hebraico*] Não consigo dormir. Fui paciente durante cinco anos, mas agora minha paciência se foi. Dá para sentir no ar a liberação se aproximando. Os russos capturaram Lublin. Há combates na Alemanha, houve uma tentativa de assassinato de Hitler. Eles decididamente se opõem à guerra e querem acabar com ela. O fim está batendo à nossa porta. Mais um pouco e estaremos livres. Só de pensar eu choro. Essa guerra terrível é realmente tão absurda e louca, para cada pessoa morta na frente, quando os alemães já estão convencidos da derrota total. É difícil acreditar que eles possam nos fazer mal, mas temos medo, pois quem poderia prever o alcance das intenções desse louco do Hitler? É um irresponsável em relação ao futuro de seu próprio país. Estamos cheios de esperança e impaciência.

26 de julho de 1944

[*Em polonês*] Correm boatos, cada um mais sensacional que o outro! Não podemos prever o que os próximos dias nos reservam, mas dá para sentir que estarão carregados de acontecimentos importantes.

Mais que nunca, esperamos poder viver. Mas todos nós sabemos que não podemos ter certeza. Caberia esperar alguma lógica de animais predadores? Negociar com um tigre? Eu fico muito tenso e agitado o tempo todo. Todo mundo tenta adivinhar o que o futuro trará.

27 de julho de 1944

[*Em inglês*] Nos últimos cinco anos, que mais pareceram cinco séculos, eu tenho me mostrado razoavelmente paciente e calmo. Aguentei os intermináveis, inúmeros, inomináveis sofrimentos que a fértil e insondável imaginação alemã tão prodigamente derramou sobre nós — com um estoicismo incomparável. Mas agora, estando perto a solução, eu realmente não sei mais o que fazer e comecei a ficar muito impaciente e nervoso, cheio de ansiedade. Fico meditando sobre o futuro — se é que teremos um futuro! E se tivermos de percorrer o mesmo caminho heroico de nossos irmãos — dá para falar de um futuro? — a eternidade não tem futuro! Os mortos e assassinados não têm calendário! Mas certeza da vida ou da morte nós não podemos ter — quem sabe eles não serão impedidos em seu “nobre” plano, nossos infernais, diabólicos, satânicos inimigos alemães — e conseguiremos escapar por pouquíssimo? — para contar à decente humanidade não alemã sobre suas proezas! E maldito seja seu abominável nome por toda a eternidade!

28 de julho de 1944

[*Em polonês*] Minha agitação e terrível impaciência aumentam a cada momento — eu gostaria de me ver do outro lado da barreira. Quero tanto isso que mal consigo respirar. Será que alguém consegue imaginar um condenado em seu terrível calabouço, quando já pode ouvir claramente as marteladas do outro lado das muralhas de sua prisão? Nós também estamos ouvindo as marteladas — toda noite ouvimos vários alarmes. O que não surpreende, pois eles mesmos reconhecem que há combates no leste de Varsóvia. Que palavras mágicas — que tempos estes em que vivemos. Talvez nosso cruel destino tenha se tornado mais ameno e nós consigamos sobreviver apesar de tudo!

29 de julho de 1944

[*Em inglês*] Estou num estado de terrível empolgação, misturada com descrença e medo. Quem de nós, que estivemos passando por tanto sofrimento, poderia acreditar que haveríamos de nos safar, que estaríamos entre os sobreviventes?! Oh! Se eu fosse poeta, diria que meu coração é como um oceano tempestuoso, meu cérebro, um vulcão em ebulição, minha alma... perdão, eu não sou poeta. E o maior dos poetas é um pobre coitado cujas palavras sequer sugerem, mal dão uma ideia do que passamos e ainda estamos passando. Nenhum ser humano jamais foi levado a um estado *de profundis* como o que experimentamos. Imaginem um judeu do gueto de Litzm(annstadt) não totalmente destituído de imaginação ao ouvir estas poucas palavras mágicas: “Duros combates estão ocorrendo nas imediações de Varsóvia.” Pelo menos não é na Ásia, não é na África... mas na Europa, na Polônia, em Varsóvia... Se sobrevivemos até este momento, talvez sobrevivamos até o momento de nossos sonhos, o momento de nossa libertação, que parece tão desalentadoramente *incroyable* [incrível], talvez.

Fiquei triste ao saber que um morador do gueto foi brutalmente assassinado com um tiro pelo “Kripo” nazista (que demônios!). Eu, com minha mente facilmente impressionável, comecei a raciocinar: se

puderem, que será que eles farão conosco no último momento? Mas não quero ficar alimentando esses pensamentos. Se sobrevivermos até o momento em que nossa capital for tomada, é quase certo que também assistiremos à liberação de Litzmannstadt. Enquanto isso, eu vagueio como um lunático, numa febre de impaciente expectativa, cheio de esperança e medo. Gostaria de ficar algumas semanas mais velho e ainda estar vivo!

29 de julho de 1944

[*Em hebraico*] Mal podemos acreditar, e não acreditaremos até o último momento, que haveremos de sobreviver. Se pelo menos esses facínoras não nos fizerem mal! Eles têm tantos motivos de preocupação agora que talvez não façam conosco o que pretendiam. Quando penso em mim mesmo e minha irmãzinha, que tanto tem sofrido nos últimos anos, é difícil acreditar que o amanhã trará a vida para nós. Nós veremos, e contaremos, e lembraremos e prantearmos nossos parentes, os que foram assassinados, vítimas da fome, mártires da sagrada nação, aniquilados de uma forma tão terrível. Não é assim? Eu brinquei com o sr. Bohon, dizendo que não sei quais transgressões nos ajudaram a sobreviver. Pois as pessoas honestas, tranquilas e direitas se foram todas, todas elas (e também meu pai, honesto, caloroso, sábio, um verdadeiro homem). Como eu ficaria feliz, minha irmãzinha, se não tivesse de vê-la tão infeliz, remendando suas roupas, cheia de preocupações. Posso dizer que você certamente tem apenas um dos soldados de Napoleão.

As pessoas dizem que se sobrevivermos devemos nos estabelecer apenas na Palestina. Sem qualquer dúvida, as nações do mundo que se compadecem de nós na nossa frente esquecerão o que nos foi feito. Algumas podem até gostar. Essa compreensão do nosso sofrimento na base do “não esquecer” só pode ocorrer num Estado hebraico. Pois cada expressão, cada palavra saída de nossa boca será dedicada a nossos sofrimentos, ao padecimento dos judeus da Europa sob o tacão de Hitler. Outros, de outras procedências, não estarão interessados nessas questões, vão se voltar para os seus negócios, prantear suas próprias perdas. Não existem mais judeus na Diáspora! Quem haverá de reconhecer nossa aflição, quem nos consolará em nossa dor — os poloneses, os húngaros, os romanos? Só um coração judeu pode sentir a tristeza de nossas provações, a profundidade de nossa dor. Nós não temos mais força nem paciência. Se Deus nos permitir continuar vivendo, nós é que haveremos de nos consolar!

31 de julho de 1944

[*Em hebraico*] A tensão e a ansiedade aumentaram, chegando a um nível indescritível. Correm boatos de pesados combates nos bairros orientais de Varsóvia e também de que os russos atravessaram o Vístula. Será que seremos liberados? Voltaremos a ser humanos? Aqueles que não estão aqui jamais acreditarão que pudemos viver por tanto tempo. Talvez eles sejam forçados a fugir da cidade em meio ao pânico e à confusão, sem ter condições de nos fazer mal?

3 de agosto de 1944

[*Em inglês*] Escrevo estas linhas num terrível estado de espírito — todos nós teremos de deixar o gueto de Litzmannstadt por alguns dias. Quando fiquei sabendo disso, tive a certeza de que significava o fim do nosso inconcebível martírio, assim como de nossas vidas, pois estávamos certos de ser *vernichtet*

[aniquilados] do jeito bem conhecido deles. As pessoas lamentavam não terem morrido no primeiro dia de guerra. Para que sofrer cinco anos de *Ausrottungskampf* [guerra de extermínio]? Será que não podiam nos dar o *coup de grâce* desde o início?

Mas é claro que uma certa pressão por parte dos Aliados vitoriosos deve ter tido algum efeito nos bandidos, e eles se tornaram mais benevolentes — e [Hans] Biebow, o chefe alemão do gueto, fez um discurso aos judeus, dizendo em essência que, desta vez, eles não precisam ter medo de ser tratados da mesma maneira que todos os outros deslocados; em virtude de uma mudança nas condições de guerra, “para que o Reich alemão vença, o nosso Führer determinou a utilização de cada trabalhador”. Mas é claro! A única coisa que nos permite viver debaixo do mesmo céu que os alemães — mas para viver como os mais vis escravos — é o privilégio de trabalhar por sua vitória, e muito! Sem comer nada. Realmente, eles são ainda mais abomináveis em sua diabólica crueldade do que seria capaz de imaginar qualquer mente humana. E ele disse também: “Se tivermos de recorrer à força, ninguém sobreviverá!” Ele perguntou à multidão (de judeus) se estavam dispostos a trabalhar fielmente para o Reich, e todos responderam *Jahwohl* [Sim, claro] — e eu fiquei pensando na humilhação de semelhante situação! Que tipo de gente são os alemães, que conseguiram nos transformar em criaturas tão baixas e rastejantes, a ponto de dizer *Jahwohl*? Será que a vida vale tanto a pena assim? Não seria melhor não viver num mundo em que existem 80 milhões de alemães? Oh, não é uma vergonha ser um homem no mesmo planeta que o homem alemão? Oh, pobre e miserável ser humano, tua maldade sempre sobrepujará a tua importância!

Quando vejo minha irmãzinha, meu coração se desmancha. Essa criança já não sofreu o que tinha de sofrer? Ela, que lutou tão heroicamente nos últimos cinco anos? Quando vejo nosso quartinho tão acolhedor, arrumado por esta jovem, inteligente e pobre criatura, fico triste com o pensamento de que logo ela e eu teremos de abandonar nossa derradeira partícula de lar! Quando me deparo com objetos insignificantes que escaparam por pouco o tempo todo, fico triste com a ideia de me separar deles — pois me afeiçoei a eles, companheiros da nossa miséria. Agora teremos de deixar nossa casa. Que é que eles vão fazer com os nossos doentes? Com os nossos velhos? Com os nossos jovens? Oh, Deus do céu, por que criaste os alemães para destruir a humanidade? Eu nem sei se poderei ficar junto da minha irmã! Não posso escrever mais, estou terrivelmente resignado e de ânimo sombrio!

Sem data

[*Em hebraico*] Meu Deus, por que permites que eles digam que és neutro? Por que não punes, com toda a tua ira, aqueles que estão nos destruindo? Será que somos nós os pecadores, e eles, os corretos? Será esta a verdade? Certamente és inteligente o bastante para entender que não é assim, que nós não somos pecadores e eles não são o Messias!

Foram as últimas palavras do menino anônimo. No dia 6 de agosto de 1944, as autoridades alemãs começaram a deportar todos os judeus de Łódź que haviam permanecido, à exceção de setecentos, para esvaziar o gueto; outros duzentos conseguiram entrar para a clandestinidade. Os demais, mais de 67 mil homens, mulheres e crianças, foram mandados para Auschwitz-Birkenau, onde mais da metade foi diretamente levada para as câmaras de gás. O diário do menino anônimo foi encontrado no gueto, depois da guerra, por um sobrevivente. Presume-se que ele tenha morrido em Auschwitz, junto com a irmã.

Wanda Przybylska estava agora de volta a Varsóvia, no convívio da família. Fora da cidade, na margem oriental do rio Vístula, o Exército Vermelho aguardava, tendo detido seu avanço. Nos círculos urbanos, a resistência polonesa, da qual participava a irmã de Wanda, estava a ponto de lançar uma

rebelião, na tentativa de liberar a capital, embora contasse com os Aliados para expulsar os alemães. Desta vez, a irmã de Wanda, Jadwiga, confiou-lhe os planos do “Exército Interno” a respeito de Varsóvia.

1º de agosto de 1944

Finalmente chegou a hora. Estou na varanda. São três e meia e a rebelião deve começar dentro de meia hora. Os bolcheviques chegaram hoje a Varsóvia, pelo lado de Praga, mas os alemães os rechaçaram. Foi há apenas 15 minutos. Sangue será derramado! É uma loucura o que está acontecendo! Uma enorme confusão... tiroteios por toda parte, granadas, balas, metralhadoras. A cada tiro, meu coração salta e eu fico me perguntando quem terá caído. Será que foi alguém que eu conheço? Minhas mãos estão tremendo. Agora, estou deitada no chão, junto às portas da varanda. Nossos soldados já estão nas ruas. Usam braçadeiras vermelhas e brancas e um carro tomado aos alemães acaba de passar com uma bandeira vermelha e branca tremulando. Será que vai funcionar realmente? Será que conseguiremos derrotá-los? Acabei de ouvir o zelador gritar que o abastecimento de água está para ser cortado e que logo tampouco teremos luz elétrica. Desta vez é realmente a guerra. São 21h30, vou me deitar e rezar pelos mortos, os vivos e os que correm grave perigo.

4 de agosto de 1944

Não estou com muita vontade de escrever hoje. Não há boas notícias. Nossos jovens combatentes estão resistindo, chegaram até a ocupar novas posições, mas não poderão persistir por muito tempo, pois já estão ficando sem munição. Não recebemos ajuda dos bolcheviques nem dos ingleses. E os alemães estão muito ocupados.

Hoje voltou o clima bom, e com ele, mais bombardeios e tiros. Que podemos fazer? Nós somos impotentes. Não temos canhões antiaéreos, e os porcos tiram vantagem do fato, voando tão baixo que podem atirar em nós com uma metralhadora. Estamos sempre na esperança de ver aviões ingleses ou soviéticos, mas há apenas corvos negros alemães voando em círculos sobre nossas cabeças. Tivemos de descer ao porão várias vezes hoje. Felizmente, as bombas têm sido bem pequenas, jogadas de aviões leves, e não de bombardeiros. Mas apesar de tudo estamos com um bom ânimo, e, o que é mais importante, o mesmo acontece com nossos soldados. Eles estão lutando bem e anunciaram que tudo terá terminado até o próximo domingo, e então todas as divisões do Exército Interno Polonês farão um grande desfile. Oh, como aguardamos ansiosos essas comemorações, pela paz e a tranquilidade, sem mais guerras! Há mais duas bombas incendiárias ardendo.

9 de agosto de 1944

Realmente não estou com vontade de escrever hoje. Não há notícias.

Não tenho quase nada para fazer. Gostaria de ser dois anos mais velha, pois poderia trabalhar como enfermeira no hospital, como minha irmã, ou fazer alguma outra coisa útil. Só posso montar guarda duas horas por dia na entrada do nosso prédio, e pronto. Fora isso, sento-me para ler, quando consigo me concentrar, ou arrumo as coisas (para depois desarrumar tudo de novo), cozinho um pouco, mas na

verdade não faço grande coisa. Fico o dia inteiro sentada esperando como todo mundo, esperando o resultado de tudo isso. Esperando o futuro.

Dez dias depois do início da revolta, só haviam chegado uns poucos aviões britânicos de abastecimento e Stalin se recusava a permitir operações além da linha de frente do Exército Vermelho, do outro lado do rio Vístula. O desespero de Wanda fazia eco à situação desesperadora da cidade, enquanto os reforços da SS massacravam civis e a Wehrmacht combatia os rebeldes, cheios de determinação, mas mal-equipados.

Na França, as tropas aliadas haviam ocupado a Normandia e estavam a pouco mais de 48 quilômetros de Paris, onde Micheline aguardava impaciente enquanto as tropas alemãs começavam a se retirar.

16 de agosto de 1944

Tanta coisa tem acontecido. Eu tive de caminhar até o dentista, pois o metrô não está funcionando. A recepcionista, que mora no subúrbio, disse que em toda parte os alemães estão fugindo, usando carroças puxadas a cavalo, bicicletas roubadas e levando tudo que podem. Espero que alguém lhes tome tudo de volta mais tarde. Em frente aos hotéis, só se veem bagagens, carros e caminhões. Eu fico observando o inimigo derrotado com desprezo. Há quatro anos esperávamos por isso! Me pergunto se teríamos tido coragem de esperar se soubéssemos que demoraria tanto. Estamos todos exaustos. Os alemães saíram do hotel em frente. Corre o boato de que os alemães deixarão Paris pela manhã.

19 de agosto de 1944

11h. Não sei o que está acontecendo agora, pois não podemos sair, mas se ouvem tiros de revólver e submetralhadora o tempo todo nos Champs-Élysées. As vidraças das janelas tremem quando disparam tiros, e um sujeito acaba de gritar “Fiquem perto da parede”. Ninguém sabe o que fazer na rua, que direção tomar. Passam caminhões alemães com submetralhadoras apontadas para os passantes. Fico me perguntando se os americanos já estão “aqui” mesmo. Nicole ouviu alguém dizer que eles estão às portas de Paris. É mesmo empolgante! Acho que mamãe não me deixará ir ao dentista esta tarde.

De noite: morreram mais pessoas hoje em Paris do que em todos os ataques aéreos ingleses; quatrocentos mortos só na Place de la Concorde. É incrível como a gente ouve tudo, mas não vê nada, por causa do ângulo da casa em frente. Nicole e eu estávamos desesperadas para sair, e dissemos que precisávamos levar o cachorro para passear. Chegamos aos Champs-Élysées, onde vimos caminhões cheios de soldados, com tantos canos de armas apontando para fora que mais pareciam almofadinhas de alfinetes.

Ninguém sabe nada; são muitos boatos.

20 de agosto de 1944

Às quatro da tarde, passou um carro anunciando pelo alto-falante que os alemães negociaram com a resistência e foi assinado um armistício; eles vão deixar os alemães irem embora e a população de Paris

ficará calma até a chegada das tropas inglesas e americanas. Esperar só é difícil quando não está acontecendo nada; mas agora a gente sabe que eles estão chegando... Meu Deus, vamos ficar tão entediados quando tudo isso acabar!...

23 de agosto de 1944

Estava tudo muito calmo ontem. Agora já temos jornais e, portanto, notícias, o que deixou todo mundo tranquilo; e nos prometeram comida dentro de cinco dias. Estão dizendo que se decidiu que os franceses entrarão primeiro, com o general De Gaulle à frente (mas nas duas últimas semanas têm dito que os Aliados estão às portas de Paris). Está todo mundo incrivelmente excitado.

Nós fomos para a cama. De repente, ouvimos duas enormes explosões a leste. A casa começou a tremer feito geleia. Depois, mais explosões, como uma tempestade se aproximando. Era como se o esqueleto de uma Paris morta caminhasse no vento. Uma enorme luz vermelha se espalhou no horizonte... era como uma *danse macabre*.

Voltamos para a cama e caí direto no sono. Eu os odeio, os odeio. Pensar que acreditei um dia que eles fossem humanos. Espero que saibamos nos vingar. Eles incendiaram o Grand Palais, que estava cheio de feridos. Depois de todas as explosões de ontem, provocadas pelos alemães para extravasar sua raiva, Paris está com cheiro de alcatrão, fumaça, borracha, mais fumaça, pólvora e ainda mais borracha. Ainda há alguns alemães aqui em frente, mas agora eles estão na horizontal.

24 de agosto de 1944

23h. Paris está literalmente em revolta. Os Aliados estão entrando na cidade neste momento, o rádio fala de um motim no Hôtel de Ville. Só barulho e agitação. Mas ainda tem gente morrendo, o que nos impede de comemorar completamente. Todas as estrelas estão brilhando para a chegada dos Aliados a Paris, as janelas estão acesas, bandeiras tremulam e todo mundo canta a *Marselhesa*, o mais desafinado possível. As rádios tocam música militar. As jovens cantam a canção da partida, *Tipperary*. Paris inteira está nas ruas ou nas janelas, apesar das balas dos boches.

Eu me sinto muito fraca, por não ter comido nada, mas estou tão feliz! Não tenho coragem de me despir. Desde ontem não temos gás. Felizmente, temos um pouco de álcool, mas está todo mundo de saco cheio. Recebemos um pouco de manteiga e 150 gramas de carne, alguns doces e biscoitos! Tudo acabará bem, está quase no fim. Não sabemos onde os Aliados estão agora, mas enquanto eu estiver escrevendo esta frase eles terão chegado um pouco mais perto.

25 de agosto de 1944

Acabei de ver os três primeiros tanques americanos chegarem com soldados franceses sentados neles; eles são os vencedores da “batalha dos Champs-Élysées”, cobertos de gládíolos vermelhos e brancos. Os Aliados deixaram que os franceses, a divisão Leclerc, fossem os primeiros a entrar na Paris liberada! Eu tive de gritar com mamãe para poder sair, pois os combates não terminaram completamente, ainda estão atirando dos telhados. É um perfeito vale-tudo, rapazes e moças subindo nos tanques, até os cachorros estão usando a bandeira tricolor. Os soldados franceses estão cobertos de batom; estão com uma

aparência fantástica, morenos do sol. Mas eu não os beijei, pois achei que eles já tinham ganhado o bastante.

Saí correndo na direção do carro de imprensa americano e apertei a mão de um sujeito fantástico com um bigodinho preto. Um pouco adiante, dei com uma amiga de Nicole em prantos, pois tinha recebido um tapa do pai por estar beijando um soldado. Parece que Paris inteira a está consolando, um soldado lhe dá um pedaço de chocolate. Passa um americanozinho, mascando chiclete. Preciso ir para casa, para mamãe não ficar preocupada.

De noite: eu me senti hoje muito animada, quando queimaram as bandeiras alemãs. Eles conseguiram levar todo o champanhe que tinham, mas deixaram as bandeiras. A visão da varanda era fantástica. As labaredas subiam e as moças todas dançavam ao redor, cantando a *Marselhesa*. Eu jamais esquecerei tudo isso, mesmo se viver cem anos. Era como se Hitler estivesse em chamas.

Enquanto Micheline comemorava com os parisienses, em Varsóvia, três semanas e meia depois de iniciada a revolta, ainda era pouca a ajuda dos Aliados. Wanda retomou seu diário depois de uma interrupção forçada, quando sua área passou a ser alvejada pelos “Nebelwerfer” alemães, múltiplos lançadores de foguetes usados contra os rebeldes com efeitos físicos e psicológicos devastadores. Os poloneses os chamavam de “vacas que mugem”, por causa do barulho semelhante a um uivo emitido pelos foguetes.

28 de agosto de 1944

Estou escrevendo há três dias, mas ainda é difícil para mim escrever, depois de tudo por que passei. Começou no sábado, quando fomos atingidos por uma “vaca que muge”. A partir desse momento, foi horrível. É difícil descrever como é terrível passar por uma coisa assim. Nossa casa foi atingida primeiro, era muito cedo, não tivemos qualquer aviso. As “vacas” mugiram mais algumas vezes, mas muito longe, e não explodiram. Eram apenas uma perturbação em comparação com a situação real, como o zunido de uma mosca. Eu estava na sala de jantar quando fomos atingidos. Tudo terminou em questão de segundos, mas vou tentar descrever.

Ficou muito escuro, como se estivéssemos em plena noite, e ao mesmo tempo um clarão de fogo atravessou o ar. Depois, uma terrível nuvem de poeira e fumaça se levanta e nos sufoca, enchendo a garganta e os pulmões. E tudo acompanhado por um barulho terrível. Os móveis se quebram e caem por terra, telhas e destroços do teto voam para todo lado, a casa inteira treme. Foi assim. A gente fica sem saber para onde ir, para onde se voltar ou como sair dali.

Depois de cinco minutos, começou a aliviar um pouco, a poeira assentou e eu me dei conta de que o apartamento estava em escombros. Todo sujo e arrebentado. As pessoas estavam com aparência pior ainda. Quando olhei para elas, tinham um aspecto tão cômico que, em vez de chorar, eu comecei a rir. Estava todo mundo parecendo negro ou vassoura de chaminé. Depois da explosão, ficamos o tempo todo no abrigo antibombas. Mas é tão duro no porão quanto no apartamento. Tudo tremia, e havia tanta poeira que precisamos fazer máscaras com gaze úmida para cobrir a boca e o nariz e então conseguir respirar. Passamos o dia inteiro assim, no abrigo, enquanto tudo ao nosso redor e acima de nós era destruído.

Ao sair do abrigo, à noite, tive uma visão horrível. Estava tudo em ruínas, não restara de pé uma única casa, nem a nossa. O pátio estava totalmente coberto de cinzas e escombros. Era simplesmente terrível. A noite foi mais calma, ficamos no porão, naturalmente, mas foi um verdadeiro pesadelo para mim. Tivemos de dormir no chão. Eu me sentia muito suja e exausta, depois de um dia tão terrível. Minha mão

estava ferida e doía muito. Eu quase morri no pátio quando fui apanhada de surpresa por uma “vaca que muge”. Meu casaco pegou fogo. Felizmente, tive a presença de espírito de arrancá-lo fora antes de desmaiar. É incrível que eu tenha sobrevivido.

No dia seguinte, as “vacas” nos deixaram em paz. Saímos todos do porão e começamos a trabalhar como formiguinhas que tiveram seu formigueiro destruído, mas se reúnem no mesmo ponto para construir um outro. Afastamos os escombros para abrir caminho até a rua e desobstruímos a entrada do abrigo antiaéreo, e então começamos a viver de novo, depois de um dia em que mal conseguimos ficar vivos.

É assim que nós somos; lutamos pela vida até o fim.

29 de agosto de 1944

Hoje eu fico na cama, ou, por outra, numa espécie de saco de palha no porão. Minha temperatura caiu ligeiramente e me sinto um pouco melhor. Ontem eu estava muito doente, e ainda me sinto muito fraca. Mal consigo me mexer. Está tudo tranquilo e sinto uma forte letargia. Estou com o ânimo baixo. É o que acontece quando a gente não tem sequer um lugar próprio. A vida está terrível no momento. A gente só pode dormir ou ficar por aqui sentada nesse porão úmido e sujo. Não podemos tomar banho porque é muito difícil conseguir água — os canos estão arrebentados, e se a gente quer água tem de sair e buscá-la num poço a três ruas daqui, debaixo de fogo constante. E ainda assim ela tem um gosto ruim, não serve nem para tomar banho. Quando saímos, só vemos escombros e ruínas.

Seis dias depois, Wanda Przybylska morreu num fogo cruzado, no momento em que sua irmã Jadwiga tentava conduzir a família para um abrigo mais seguro nas ruínas da cidade. A família, arrasada, encontrou o diário entre os seus pertences.

A batalha de Varsóvia prosseguiu até o início de outubro, quando os poloneses capitularam e Hitler ordenou a suas tropas que arrasassem a cidade. O Exército Vermelho só entraria em Varsóvia em janeiro de 1945.

No fim de agosto de 1944, os americanos tinham substituído os alemães nas ruas de Paris, poupadas da destruição pelos Exércitos de ambos os lados. Vários dias depois da liberação, Micheline notou os primeiros sinais de mudança.

31 de agosto de 1944

Acabei de receber notícias de Verneuil. Está todo mundo bem lá, não houve bombardeios muito pesados, graças ao velho pastor que foi de bicicleta avisar aos americanos que os alemães já tinham ido.

Levei Darak para passear antes do jantar e dei de cara com Monique Léger, que tinha saído com a mãe. Foi estranho encontrá-la. Ela estava muito mal-humorada, os lábios apertados, e usava um vestido que ficaria melhor na mãe. É engraçado como ela perdeu depressa aquele seu ar germânico.

Esqueci de dizer que agora há americanos no hotel aqui em frente, no lugar dos alemães. Havia uma enorme fileira deles, sentados ao longo da parede, como passarinhos. Só agora eu começo a me sentir feliz e me dar conta do fato de que ELES ESTÃO AQUI...

Dentro do Japão

Outubro de 1943-dezembro de 1944

“Sinto-me mais perto da morte que da vida”

No outono de 1943, as forças aliadas no Pacífico estavam na ofensiva. Depois da decisiva vitória naval na batalha de Midway, no verão de 1942, que impediu que os japoneses assumissem o controle da região central do oceano Pacífico, os Aliados começaram a “pular de ilha em ilha”. Apesar da feroz resistência encontrada, eles conseguiram tomar uma a uma as guarnições japonesas. Além da liberação das Filipinas e de outros territórios ocupados pelos japoneses, o objetivo final dos Aliados era se aproximar do território japonês para lançar uma grande campanha de bombardeios estratégicos e forçar o Japão a uma rendição incondicional com as menores perdas possíveis para suas próprias tropas.

Em virtude da estrita censura que prevalecia, poucos cidadãos japoneses comuns tinham conhecimento da verdadeira situação. No momento em que a guerra se aproximava do território do país, a população foi convidada a redobrar esforços na frente interna, sendo informada de que “morrer pela nação é viver”. Apesar das dúvidas no alto-comando japonês quanto à real possibilidade de vencer uma guerra contra os Estados Unidos, a rendição era considerada inimaginável. No outono de 1943, foi ventilada pela primeira vez a ideia de “choque corporal” com porta-aviões e contratorpedeiros americanos, como forma de “tornar possível o impossível” e levar a melhor, eliminando a Marinha americana, em situação de superioridade, à sua aproximação. Embora os pilotos japoneses mais experientes fossem poupados para as batalhas aéreas, a ideia dos camisas suicidas, como ficariam conhecidos no Ocidente, era propagada entre os estudantes universitários, como forma de alcançar “morte esplêndida” em nome do imperador e da nação. Apesar do caráter extremo, o sacrifício assim exigido dos “Esquadrões Especiais de Ataque” não era inimaginável para uma geração formada na educação patriótica e nos treinamentos militares regulares. Até as jovens japonesas que substituíram os adultos nas fábricas de munição e nos campos eram doutrinadas para morrer e não para se render.

Impossibilitada de trabalhar numa fábrica de munições com as colegas de escola, por causa de um problema renal crônico, a japonesa Mikiko Kato, de 14 anos, permaneceu em Haramachi, cidadezinha do litoral oriental do Japão. No outono de 1943, enquanto se recuperava, Mikiko começou a ajudar na “laticinia e sorveteria” da família. Era o único café da cidade, tornando-se, assim, ponto de encontro bastante procurado pelos jovens pilotos em treinamento e suboficiais estacionados na base aérea

próxima. Mikiko se ocuparia muito em seu diário não só dos pensamentos sobre a guerra e o autossacrifício, mas também dos jovens pilotos com os quais fazia amizade.

A milhares de quilômetros dali, em Nova York, David Kogan, já agora também com 14 anos, desfrutava da companhia de várias moças e se orgulhava do esforço de guerra americano além-mar. A guerra ainda era uma ideia distante, mas David, empenhado em dar sua contribuição para o esforço de guerra, comprou títulos de guerra com sua mesada e se inscreveu no Corpo Móvel da Cruz Vermelha, para participar da distribuição de panfletos da série “Que posso fazer”.

Ao contrário de David, o adolescente Hachiro Sasaki, de Tóquio, desde o início opunha-se pessoalmente à entrada de seu país na guerra. Recusando-se a aderir às comemorações nacionais no momento do ataque japonês a Pearl Harbor, ele se enterrara nos estudos, formando-se com louvor na Escola Secundária de Tóquio e prosseguindo para os estudos de economia na Universidade de Tóquio. No outono de 1943, contudo, Hachiro começou a sentir que os estudos abstratos não faziam sentido num momento de emergência nacional, no qual o patriotismo e o autossacrifício eram considerados as máximas virtudes. Desejoso de se destacar na multidão, ele decidiu se inscrever no curso de formação de pilotos, não obstante a oposição do pai. Desde a morte do irmão mais velho, o pai depositava todas as esperanças nos filhos remanescentes: Hachiro e o irmão menor, Taizo. Para Hachiro, no entanto, as expectativas do pai eram as de um “capitalista egoísta” preocupado, acima de tudo, com o acúmulo de riqueza para a família.

Escrevendo no fim de um dia em que ousara enfrentar os pais, Hachiro refletia sobre sua decisão de se tornar piloto.

10 de outubro de 1943

Eu disse ao [meu professor] sr. Ideta que optei pela Escola de Preparação de Pilotos Navais. “Se eu não for, quem irá?” Ele ficou muito feliz com a minha decisão: “Fico grato aos alunos que fazem um esforço tão grande. Não poderia haver um rapaz mais indicado que você. Procure dar o melhor de si.” Eu me senti bastante aliviado. De repente minha mente clareou. Estou jogando indiretas para o meu pai todo dia, e ele parece muito aborrecido comigo. Mas no fim das contas lá estavam eles, minha mãe e meu pai, ouvindo o que eu tinha a dizer.

Mas eu preciso registrar duas coisas que me preocupam.

Primeiro, meus pais.

Acho que minha mãe acabou aceitando minha decisão, de certa maneira. Ela é uma pessoa otimista, que não olha muito adiante. Sinto-me muito culpado por não ter passado de um fardo para ela todos esses anos e por deixá-la agora, e dessa maneira, mas não posso evitar. Vou implorar a ela que me perdoe, mas vou defender nosso país, e assim também estarei defendendo meus pais.

Hoje, deixei papai irritado de novo. Ele é um homem inteligente e ambicioso, mas não consegue se livrar de seu convencionalismo. Elogia o filho de alguém por subir num avião, mas seus filhos estão aí acima de tudo para cuidar de seus investimentos. Estão aí para cuidar dele. Estão proibidos de participar de qualquer missão aérea perigosa — não por vontade própria! Não voluntariamente!!

Segundo ele, os filhos que querem pilotar um avião são ingratos. Eu devia pensar em como ele trabalhou duro, em sua luta pela família, e me sentir grato. Obrigado, papai. Mas por que não consigo sentir isso no coração de verdade, em vez de apenas reconhecer com a cabeça? Deve ser o conflito de gerações.

Eu gostaria de dizer a ele: “Você agiu bem. Obrigado por tudo.” Mas quando ele tenta me deter em minha jornada para um novo futuro, fico querendo rechaçá-lo. Aumenta ainda mais minha vontade de partir. Eu gostaria de lhe explicar: “Papai, papai, não estamos mais no mundo em que você cresceu.” Mas meu pai não ouve, não importa o que eu tenha a dizer. Ele fica irritado e diz: “Quem você pensa que é?”

Talvez eu tenha agido um pouco sem tato esta noite, mas ele ficou realmente furioso comigo. Eu tenho pena dos pais. Quando se têm dois filhos, não parece indicado dedicar um deles ao país, especialmente do jeito que o país está agora?

Que aconteceria ao nosso país se todos os pais mantivessem os filhos em casa para cuidar deles? Por que não dizer simplesmente: “Vá e dê o melhor de si pelo nosso país”? Que há de tão errado nisso? É difícil partir e lutar com verdadeira consciência quando minha família antiquada me puxa para baixo.

Meu segundo motivo de preocupação é que fico ouvindo sobre esses novos estudantes que vagabundeiam em Shinjuku, perdendo as estribeiras. Um horror! Que coisa mais baixa e grosseira, onde está a consciência deles?

19 de outubro de 1943

Viver é mais difícil do que morrer, na minha opinião. Não vou ter medo da morte, no momento, na verdade, ela seria bem-vinda. Sinto-me mais próximo da morte que da vida. Não me importa realmente o que vai acontecer. Ainda sou um ser humano que tem o que viver, e preciso me controlar. Considero-me dotado do que é necessário para pilotar um avião. Se você é capaz de ver o que precisa fazer, mas não faz, é porque não tem coragem. Aconteça o que acontecer, eu vou direto para onde for mais necessário. Minha vontade é invencível. Eu sou inteligente, me saí muito bem na escola e estou com excelente preparo físico. Se a Marinha japonesa desperdiça o talento de alguém como eu, que tem tudo de que ela precisa, é porque realmente não sabe se valer das pessoas. Se eu morrer, será porque eu não era necessário. Ficarei sabendo que afinal de contas eu não era perfeito. Mas se eu sobreviver, é porque o mundo precisa de mim. Morrer é viver, portanto, é estar preparado e esperar.

Dois dias depois, Hachiro marchou com outros estudantes recrutados num estádio de Tóquio banhado de chuva, numa grande cerimônia de despedida em massa transmitida em cadeia nacional de rádio. Eles eram saudados como guerreiros heroicos, mas semanas antes Hachiro escrevia numa redação: “Rezo para chegar o dia em que não teremos mais de matar inimigos que não odiamos. Com este propósito, eu não me importaria de que meu corpo fosse retalhado inúmeras vezes.” No início de dezembro de 1943, Hachiro foi convocado a se apresentar para treinamento militar.

8 de dezembro de 1943

Hoje é o segundo aniversário da Grande Guerra do Leste Asiático e amanhã eu finalmente entrarei para o quartel. Estou escrevendo o diário no meu último dia de vida civil.

Ontem à noite tive uma festa de despedida realmente magnífica, fiquei profundamente grato. Todo mundo escreveu palavras representativas para mim numa bandeira japonesa. Fiquei bastante comovido ao receber esses sentimentos sinceros e verdadeiros. Fiquei particularmente surpreso quando meu amigo Hirasawa cortou o meu cabelo! Foi uma coisa tão maravilhosa, e tão inesperada.

Depois que todo mundo se foi, conversei com meu irmão sobre nossa família e os meus sentimentos, tanto quanto possível. Eu posso ir embora despreocupado porque meu irmão está aqui. Posso realmente

confiar nele. Tenho certeza de que Taizo cumprirá a minha vontade e até compensará as minhas falhas, e estou convencido de que ele conquistará uma nobre reputação para a família Sasaki.

Vou me atirar no fluxo eterno da história e terei de provar minha quintessência. Nossos sentimentos pessoais, nos relacionamentos, não podem se eximir de flutuações triviais de amor e ódio, afeto e inveja. Mas tudo será resolvido pelo imenso poder.

Ainda não estou aqui escrevendo o meu testamento. Desejo apenas que aqueles que têm me abençoado sigam o caminho da verdade sem dispersão e vivam plenamente a vida que é dádiva de Deus. Está tudo nas mãos do Céu Todo-Poderoso. Rezo para que cada um deles enfrente o julgamento no decurso da história, honrado e sem medo. Desejo felicidade e excelente saúde a todos os meus amigos. Espero sinceramente que cada um deles prossiga em seu caminho, guardando, com vividez ou debilmente, suas próprias impressões a meu respeito, o ser humano chamado Hachiro Sasaki. E assim eu fecho o meu diário.

2h40 da manhã, 9 de dezembro de 1943

No dia seguinte, Hachiro foi mandado para a base aérea naval de Yatabe. Na primeira manhã, todos os novos recrutas aprenderam a se matar apontando um revólver para o queixo e usando o polegar para puxar o gatilho, de modo a não serem capturados vivos. Seguiram-se meses de árduo treinamento físico e mental, envolvendo inclusive castigos corporais diários, tudo considerado necessário para moldar “soldados semelhantes a deuses”.

Convalescendo em sua casa na cidade interiorana de Haramachi, Mikiko Kato, de 14 anos, era tomada por sentimentos de culpa e frustração, além de lembranças do pai, que morrera quando ela ainda era um bebê.

15 de janeiro de 1944

Acho que estou me transformando numa criança malvada. Fiquei muito chateada esta manhã. Minha mãe e minha avó estavam falando do meu pai, lembrando-se dele. Eu não queria me levantar da cama. Fiquei chorando debaixo dos cobertores. Eu costumava ficar orgulhosa sempre que ouvia algo a respeito dele, meu lindo e bondoso pai. Mas me tornei uma criança muito má. Que pena. Eu não sorrio mais. Mamãe notou. Às vezes eu nem respondo a ela. Não quero que as pessoas fiquem dizendo que eu estou doente e que por isso é que estou tão esquisita. Mas quando eu estou infeliz, simplesmente ignoro o que os outros podem pensar. Estou me tornando perversa. Papai nunca brigou com o irmão, segundo me disseram, nem uma única vez. Ele jamais ousaria responder aos pais. Como pode um pai tão bom ter uma filha malvada como eu? Quanto mais eu penso nisso, mais chateada fico.

25 de fevereiro de 1944

Não consegui dormir a noite passada, então comecei a cantarolar umas canções da escola e do Exército no escuro, até que minha mãe me chamou: “Mikiko?” Eu respondi, e ela disse: “Eu sei que você está doente, mas não diga a ninguém que está feliz aqui. Os pais que mandaram os filhos para trabalhar nas fábricas em Tóquio podem achar injusto que, enquanto seus filhos trabalham tão duro pelo país, você fica aqui na boa vida, sem fazer nada.” Meu coração pulou uma batida, mas eu concordei com o que ela estava dizendo e continuei cantando. Mas meu coração fica realmente apertado de saber que, pelo fato de

estar doente, eu tenho o tempo ao meu dispor e posso brincar quando bem entender. E realmente me dói estar doente e não poder ser útil, ser um fardo para o meu país, que está empenhado nesta Grande Guerra. As pessoas me julgam pela aparência, mas não têm ideia de como me sinto por dentro. Eu posso parecer feliz, mas quando penso em todos esses soldados por aí, amaldiçoo meu próprio corpo e fico mergulhada em pensamentos sombrios.

As pessoas não se importam realmente de saber como eu estou. Só dizem que sim para agradar a vovó e mamãe. Elas perguntam, como se estivessem incomodadas: “Como vai Mikichan? Ouvi dizer que ela está muito melhor”, mas é evidente que estão pensando em outra coisa. Dizem a mesma coisa até quando eu estou pálida e me sentindo péssima. Qual o sentido de dizer a alguém como eu me sinto realmente? Posso não ser a mais inteligente, mas sei quando as pessoas estão sendo sinceras e quando não são. Se eu dissesse que me sentia triste, elas fingiriam me consolar, mas se eu dissesse que estava feliz, elas não gostariam. Que será que elas pensam realmente? Não consigo entendê-las.

4 de março de 1944

Comecei a pensar bem despreocupadamente na morte. Como poderia uma garota japonesa vivendo nesta Grande Guerra ter medo da morte? Onde quer que eu esteja, quaisquer que sejam as circunstâncias, preciso estar preparada para morrer honradamente. Caso contrário, seria uma grande vergonha. Eu digo a mim mesma que tenho de treinar minha mente para encarar a morte de frente.

Desde o fim do ano passado, comecei a entender que a morte não trará alegrias nem prazeres, mas tampouco dor. Já não a temo, à morte, ao próprio momento da morte, mas ainda assim não me agrada a ideia de ter meu corpo queimado ou enterrado. Alguém poderia dizer que é uma bobagem, mas eu tenho pensado muito seriamente nessas coisas. E então disse a mim mesma que não vale a pena, eu precisava treinar ainda mais a minha mente, para me livrar dessas preocupações. Mesmo se tratando de alguma coisa que você jamais se achou capaz de fazer, a simples determinação de fazê-la a torna possível. Até a morte se torna possível. Esse exercício mental me ensinou muita coisa. Por mais que eu tente imaginar, não creio que fosse capaz de usar uma espada como faziam no passado. Eu simplesmente não suporto a ideia. Mas pensando e decidindo, será que não seria capaz? Será que vou pensar a respeito?

5 de abril de 1944

Noite de lua cheia, clara e luminosa. Ela me atraiu para o jardim. A vista aqui é tão agradável, e contemplar a lua me faz esquecer a guerra. Que guerra? Onde? Mas olhando atentamente eu vejo lá fora um abrigo antiaéreo, com sua bocarra escura. Nem mesmo este adorável cenário, tão profundamente encravado na terra japonesa, pode esquecer a guerra. Basta começar um ataque aéreo, e até a linda lua projeta luz em todas as coisas terríveis da Terra. A adorável lua se transforma momentaneamente numa lua assustadora. Será possível uma coisa assim? Antes da guerra, eu estaria perdida em pensamentos românticos, mas agora a lua, as estrelas, tudo está de alguma forma ligado à guerra. Não há absolutamente nada que não esteja ligado a ela de alguma maneira, pensando bem. As almas sentimentais do passado jamais teriam imaginado, nem que se pusessem de cabeça para baixo, que chegaria um tempo em que as pessoas contemplariam a lua e pensariam na guerra. Mas aqui estamos nós, neste momento, pensando exatamente nisso. Embora seja infundável o sofrimento nesta nossa época, ainda nos sentimos um pouco orgulhosos e perguntamos: “Não estamos nos saindo bem?” Esta noite a lua me fez pensar nas coisas mais estranhas.

Nesse mês de abril, em Nova York, David Kogan lembrou-se da decisão de manter um registro regular de sua vida num momento tão histórico. Profundamente tocado por filmes como *A comédia humana*, que em sua opinião “pintava um quadro da América em guerra que passa a mensagem da coragem, *NÃO DESISTA DO MUNDO*”, ele começou mais uma vez a redigir seu diário.

20 de abril de 1944

Os últimos meses têm apresentado acontecimentos emocionantes, e eu seria capaz de bater em mim mesmo por não escrever. Tenho entregado jornais há mais de um ano, e no sábado passado me demiti. Com o dinheiro que juntei nessa rota das entregas comprei a *Encyclopaedia Britannica*.

Me dei conta de como os membros do ASC (Clube Atlético e Social) são altos. Dos 21 membros, quatro têm 1,82m. Sete têm 1,79m.

22 de abril de 1944

20h30 e eu estava a caminho de uma festa na casa de uma garota no Lincoln Park. Me comportava como sempre — dançando canhestamente; depois comendo, e conversando só com homens, essas coisas. De repente, Sandra se interessa por mim e me dá o tratamento do “mais queridinho”. Para minha surpresa, ela persiste. Eu me vi num canto com ela, o braço ao seu redor — estávamos dando as mãos, rindo, falando, brincando. Estava me divertindo muito. Foi o primeiro momento divertido de verdade que eu tive com o sexo oposto, além de conversar com BD e olhar para Eleanor. Mas aí — não menos de repente — ela perde o interesse em mim. Não voltei a vê-la pelo resto da noite. Fiquei sem entender nada, e o último período demorou para passar. Quando finalmente consegui tirar Hank dali e voltar para casa, já era 1h30.

10 de maio de 1944

Suponho que agora eu sou um dos rapazes. Aprendi os fatos da vida, fumar, jogar, xingar. Não me entendam mal — eu sou capaz dessas coisas, mas não as pratico.

Eu sou um cara com tantos defeitos! Conheço os meus defeitos, e é isso que me dá consciência. O que eu preciso fazer é pôr mãos à obra e derrubar a floresta ao meu redor. Infelizmente, eu finjo que estou perdido e fico complacentemente sentado no machado — que vai acabar fazendo um buraco nos meus países baixos.

Depois que eu fiz um pouco do dever de casa, Gil veio aqui em casa. E nós saímos em busca de um livro realmente sexy. Mais tarde, fomos à casa dele e ficamos ouvindo seus discos de swing.

13 de maio de 1944

Esta noite tivemos o baile de aniversário do ASC. Curiosamente, eu me diverti bastante. Hank ficou interessado na Bernice, e assim, depois que o fiz ver que suas entradas eram bem-vindas, tive oportunidade de dar uma circulada e dançar uma vez ou outra. A banda era excelente, e o balcão de sanduíches, cuja situação monetária foi tão bem-cuidada por Steve, em seu próprio interesse, tinha

algumas coisas interessantes. Ken apareceu por volta das 23 horas com um delicioso exemplar de pulcritude feminina, ao qual demos o apelido de “Pernas”. Que rosto! E como dança! Havia muitas outras damas que não podiam ser exatamente chamadas de tomates podres.

24 de maio de 1944

Sandra tem se mostrado muito calorosa comigo estes dias. Eu não resisto ao seu charme, e então a convidei para a festa no clube. Hoje ela disse que Arty já a havia convidado, e que sua mãe esquecera de lhe dar o recado. Nas palavras de Steve olhando uma fogueira: “Essa me chamou!” Fico imaginando se não foi coisa da própria Sandra.

27 de maio de 1944

Esta noite é a “Noitada de Solteiros” da qual a sra. Meltin nada sabe. Ela está em Atlantic City, e os procedimentos terão [lugar] em sua casa. Eu teria ido, exceto por vocês-sabem-quem, e não estava a fim de convidar mais ninguém.

Minha família passou a noite jogando bridge, e quando fui para a cama, às 23h15, me perguntei: “Por que não?” Esperei até tudo sossegar, fechei a porta, me vesti bem espalhafatosamente, escrevi um bilhete e com o coração aos pulos saí de fininho pelos fundos. Havia dois grupos: os respeitáveis — dançando e conversando na sala de estar — e os soltos no quarto negro do Gil, no chamego. A festa acabou às 00h15 e os poucos presentes conversavam, fumavam, computavam os danos, esperando que os outros voltassem. Mike e eu nos divertimos, jogando cartas até voltar para casa. Eu me esgueirei, tirei a roupa, fui para a cama e ninguém na família ficou sabendo que saí.

6 de junho de 1944

Quando saí da cama esta manhã e fui Tateando até o banheiro, papai me disse que A FRANÇA FOI INVADIDA. Eu não conseguia acreditar. Nós ligamos o rádio e todas as estações davam a mesma notícia. A maioria das notícias eram boatos alemães. Todo mundo em Nova York está entusiasmado por dentro, mas amargurado.

Para coincidir com o Dia D na Europa, estava previsto o início de uma ofensiva dos Aliados no Pacífico. Em Haramachi, Mikiko registrava o que sabia da situação de seu país na guerra.

12 de junho de 1944

Já se passou uma semana desde que os americanos e os britânicos desembarcaram no norte da França. Ficamos ouvindo sobre o norte da França no rádio, mas não há notícias do que está acontecendo aqui no Pacífico. Temos 70 milhões de soldados inimigos contra nós, segundo eles dizem. Pois bem, parabéns. Enquanto isso, os alemães estão sendo rechaçados, passo a passo. Todo mundo está exultante porque nos saímos tão bem, mas eles não veem que a Alemanha está batendo em retirada. O entusiasmo excessivo é um mau hábito do povo japonês. Embora às vezes possa ser um dado positivo...

29 de junho de 1944

Fiquei sabendo hoje que uma unidade da guarda costeira vai patrulhar nosso litoral em Haramachi. Para mim, foi um choque. Eu não tinha me dado conta de que as coisas estavam tão sérias. Jamais sequer sonhara com isso. Achava que estaríamos bem pelo menos até o outono, mas as coisas devem estar ficando muito tensas. Nós ficamos ocupados só de acompanhar as notícias todo dia. Ao começar a guerra, nos perguntávamos aonde iríamos parar, mas agora ouvimos coisas que costumávamos considerar impossíveis.

Após a morte de um jovem vizinho naquele verão, Mikiko não voltou a escrever no diário até novembro de 1944, quando os primeiros pilotos adolescentes e suboficiais começaram a deixar a base aérea local para missões do Esquadrão Especial de Ataque nas Filipinas. Agora com 15 anos, Mikiko voltou-se novamente para seu diário, para registrar suas impressões de alguns dos pilotos que conheceu.

3 de novembro de 1944

O tenente Saito esperava seu carro esta manhã depois do desjejum. Eu lhe levei um jornal. Depois de ler alguns artigos sobre os Esquadrões Especiais, ele abriu um grande sorriso e disse: “Consegui chegar a tempo para a batalha decisiva. Nós deveríamos nos formar em dezembro, mas foi antecipado para outubro. Foi por muito pouco mesmo.” Ele falava muito. Como era galante! Dá para ver que ele se formou numa academia de oficiais. Tão diferente dos pilotos comuns de aviões civis. Uma vez ele me disse: “No momento em que a gente vai se jogar para explodir, o alvo fica parecendo maior, e subconscientemente a gente tenta erguer o avião para escapar. É preciso tornar impossível que o avião ascenda e passe por cima do alvo. Se isso acontecer, você terá de estourar os miolos com uma pistola.”

Eu fiquei pensando: será que é assim um ser humano? Eu antes nunca tinha pensado tanto em autossacrifício, nunca tinha passado pela minha cabeça. Será que é isso o que cada um deles faz, agir contra instintos humanos tão fortes? Fiquei deprimida pensando no assunto. Fiquei pensando em todo tipo de coisas, até que realmente caiu a ficha. Será que um dia ele não passará de uma lembrança? Achei que ele ia ficar pelo menos mais um mês, mas ele realmente está indo embora.

6 de novembro de 1944

O tenente Saito partiu hoje no trem das cinco horas. Fomos todos nos despedir dele — minha mãe, meu irmão, minha irmã e eu. O céu estava ficando um pouco menos carregado para leste, ligeiramente violeta. Eu não pude me despedir direito. Acho que as últimas palavras que lhe disse foram para lhe pedir um poema. O tenente Koyama foi com ele. Desde que conheci o tenente Koyama, e toda vez que penso nele, não consigo deixar de pensar que ele está fadado a morrer muito breve em combate. Este sentimento sempre toma conta de mim. Será um instinto humano? Minha irmã diz que tem o mesmo sentimento em relação a ele. Não sei por que, mas seu rosto me faz pensar na morte. Quanto ao tenente Saito, simplesmente não consigo imaginá-lo morrendo. Será que é porque estávamos cuidando dele e passamos a conhecê-lo? A ideia de que talvez nunca mais volte me parte o coração.

Várias semanas depois, Mikiko leu num jornal um elogio aos tenentes Saito e Koyama, do Imperial Regimento da Flor, apresentados como heróis por terem tido êxito no “choque corporal” (tai-atari, em

japônês) *contra seus alvos.*

Nesse mês de novembro, em Nova York, David Kogan também recebia uma notícia triste.

9 de novembro de 1944

A srta. Grant morreu hoje. Não é sempre que morre alguém que eu conheça, pois eu sou jovem, e são poucas as pessoas mais velhas das minhas relações. Isso faz a gente parar um momento para refletir sobre a vida e a morte, sobre a morte e a vida. De certa maneira eu sinto que não haverá Ressurreição, que não há um Céu. Me dou conta de que é um crime desperdiçar um dia. É o que todo mundo sente ao ir para a cama à noite. Sou, portanto, de opinião que é um crime morrer sem ter vivido. O sujeito não deve jogar fora um minuto, não deve jogar fora um dia, para não jogar fora a vida.

18 de novembro de 1944

Ultimamente tenho cultivado o agradável hábito de frequentar a Biblioteca Pública de Yonkers à tarde. Fico observando as pessoas, pesquiso e faço os deveres de casa.

Hoje eu fui à festa “Meigos Dezesseis” da Gladys. Me diverti à beça — dancei, conversei e comi. Encontrei a “lindinha e espertinha” DB, como sempre encantadora e inescrupulosa. E dei um belo beijo “Meigos Dezesseis” na Gladys — foi muito gostoso.

Foi o primeiro beijo desde a minha primeira festa em dezembro de 1941. As garotas estão começando a olhar.

No Japão, Mikiko fez amizade com o aprendiz de piloto Kukimoto Nobuhide, de 21 anos, integrante do recém-chegado “Regimento de Ataque Progressivo”.

24 de novembro de 1944

Voltando para casa hoje, fiquei pensando na letra de “Os sonhos se foram”. Estava olhando para baixo, sem prestar atenção, quando passou por mim um soldado. Eu olhei, e era Kukimoto. Fiquei surpresa, mas aparentemente ele tinha me visto antes que eu o notasse. Disse que estava indo para um bar ali por perto e se afastou apressado. Mas cerca das oito horas ele voltou, sozinho. Ficamos jogando cartas da sorte na sala de estar, até que minha irmã chegou. Não sei por que, mas Kukimoto me perguntou: “Por que a gente não tenta ver o que diz a sua linha do amor?” Eu fiquei meio sem jeito, mas pensei: é apenas um jogo de cartas, não é preciso ter pressa. Ele disse: “Muito bem, quer dizer então que você tem 16 anos...”, e começou a cortar o baralho rapidamente. Eu fiquei observando, com um ligeiro sorriso. As cartas disseram que nossos corações estavam apaixonados e que nossos amigos apoiavam, que nossas mães e tias estavam de acordo, mas que nossos pais não aprovariam. Até que Kukimoto disse, com a cara mais séria: “As cartas dizem que bêbados como eu não prestam.”

Sem data, alguns dias depois

Kukimoto tem aparecido muito e nós ficamos bastante próximos. Converso com ele como se fosse meu irmão. Quero ficar sabendo o que passa pela cabeça de um soldado. Preferia não ter lhe contado meus pensamentos. Quando converso com mamãe, ela me diz que estamos numa grande guerra. As pessoas estão se alistando em esquadrões especiais e partindo para a morte. Mas por causa desses que estão morrendo, eu fico preocupada comigo mesma. Dizem que estamos desesperadamente necessitados de aviões de combate. E por mais que fique me torturando, não há nada que eu possa fazer. É horrível ter de passar dias inteiros lendo o tempo todo. Amigos da minha idade estão fabricando armas. Como é que eu posso continuar assim todo dia?

É isso que está me incomodando. É tão doloroso que me faz chorar. É impossível dizer ou escrever aqui tudo que eu sinto; então conversei com Kukimoto, e ele disse: “Cada um tem seus problemas e preocupações. Nossos companheiros têm partido para a frente e alguns estão voando com os Especiais. A gente também já nem sabia mais o que pensar, de modo que começamos a beber, por frustração e raiva. Nosso tenente disse que estávamos muito impacientes. Que o vento pode mudar de direção amanhã, mas não adiantava ficar se preocupando. É melhor não pensar muito no assunto.”

Kukimoto disse que o vento pode mudar no dia seguinte, mas naquela mesma noite ele chegou um pouco cedo demais. Ele recebeu ordem de deixar o campo de pouso de Haramachi ao meio-dia do dia 2 de dezembro, para nunca mais voltar. Quando veio pela segunda vez, estava sentado na sala de visitas de costas para a pilastra, fumando um cigarro e repetindo: “Como diz o ditado, quando se espera com paciência, o bom tempo chega.” Eu estava perambulando por ali, tocando a canção da flor de cerejeira no *koto*.⁷ Teria praticado com mais afinco se soubesse que ia tocar para ele. Mal consigo chegar ao fim do primeiro movimento das Seis Peças. Pensando bem, há tantas coisas que eu devia ter feito. Mas quando eu estava com ele, não ficou parecendo que era uma despedida. Eu não conseguia deixar de pensar que voltaria a vê-lo. Por isso é que, não importava o que ele dissesse, eu nunca parecia chateada. Ele jamais teria imaginado que mamãe e eu estaríamos nos debulhando em lágrimas quando ele partisse. Ele jamais teria sonhado que, um dia depois de nos despedirmos dele, eu voltaria a chorar, o dia inteiro.

4 de dezembro de 1944

Já se passaram dois dias inteiros desde que Kukimoto deixou o campo de pouso. Ele me disse para ler os jornais, pois poderia encontrar alguma coisa sobre ele. Estou com uma “dor no peito”. Da última vez que o vi, eu não conseguia olhar para ele direito — e agora me dou conta de que nunca mais voltarei a vê-lo, e nós nem nos despedimos direito...

Ele telefonou pouco depois das 12 horas para dizer que sua partida estava confirmada. Eu atendi ao telefone, mas ele não disse uma palavra. Eu não estava aguentando aquele silêncio, e então disse: “Cuide-se bem.” Eu disse primeiro a palavra adeus, mas ele não disse nada, até que finalmente também disse adeus. Eu saí correndo para o jardim para chorar. Acabou-se tudo. Eu esperava que ele fosse de trem, mas não. Nunca mais voltarei a vê-lo, nem a ouvir sua voz. Fico pensando em sua voz dizendo alô no telefone, o tempo todo, sem parar.

Ele nos telefonou às 12h20, faltando dez minutos para partir, seu voo é às 12h30.

Estou ouvindo sua voz. Observei o avião voando para o sul, e aí ele desapareceu.

Nesse dia, Kukimoto Nobuhide partiu para as Filipinas, preparando-se para sua missão. Pouco antes de seu derradeiro voo, ele escreveu a Mikiko.

Sem data, do meio para o fim de dezembro de 1944

Uma brisa cálida. Nós realmente voamos para o sul. Dá para sentir. É o que nos dizem todas as árvores ao redor. Seriam pinheiros? Não, não parecem, segundo me dizem aqui. Folhas de bananeiras ondulam ao vento, parecendo muito agitadas.

Um belo recife de corais, cercado de profundas praias azuis. Por que aqui, entre tantos lugares?, pergunto a mim mesmo. Mas o tempo ainda está horrível. Continua caindo uma chuva silenciosa.

Dormimos debaixo de um mosquito. Foi bom.

No nosso dormitório, as luzes são desligadas às 20h30. Pensando nas pessoas que conheci e deixei para trás, não posso deixar de me sentir um pouco solitário. Ouvindo o barulho da chuva no jardim, fico me perguntando como é que ela chora por mim agora, mas por quem será que ela está chorando realmente?

Os aviões decolam numa chuva fina. Um depois do outro. Nós partimos em nossa jornada. Agradecemos a nossos amados aviões, oramos por eles. Quase tocando no mar, nós ascendemos em direção às nuvens. Fico feliz por nossa esquadrilha ser forte. Meu motor parece bem. Acabei de ver uma sombra da ilha com o canto do olho, e de repente o céu se abriu. Formosa! Coberto pelas nuvens, o monte Yushan se destaca, orgulhoso. Vêm lágrimas — de alegria? —, eu fico com a visão turva. Não estou enxergando direito. Minhas asas prateadas tremem de animação. Lá vou eu! Forço o braço e aperto os controles com toda a força.

Eu vim de longe, muito longe
Milhares de quilômetros
Por cima do oceano
O vento sopra em toda parte (sem me incomodar)
E a chuva cai a toda hora.

Não me importa ser alvejado por flechas e tiros. Nós conseguimos, todos nós, são e salvos. Próxima parada, Filipinas. Estamos prontos. Por enquanto, é só. Boa noite.

Por ordem do Senhor
Eu vim de muito longe
Apavorado
O céu meridional ainda não está claro
Esperem um pouco mais, meus companheiros!

E mando anexados meus poemas, em resposta aos seus:

Uma bela jovem ora
De cabeça baixa e coração puro
Eu estou indo
Pelo Senhor
Sinto mais falta dela que de Kunimi
Minha cidade natal perdida lá no norte
Como estará ela esta noite?

Eu sempre sinto falta dela.

Sinceramente,
Kukimoto Nobuhide

Pouco depois, o jornal Asahi informava que Kukimoto e quatro outros pilotos tinham levado a cabo sua missão com êxito, afundando “alguns navios e contratorpedeiros americanos” perto da ilha de Mindoro, nas Filipinas, embora nunca tenha sido possível comprovar a afirmação. O êxito do desembarque americano na ilha de Mindoro abriria caminho para a liberação das Filipinas.

⁷ Instrumento de cordas tradicional no Japão, semelhante à cítara. (N. do T.)

A Alemanha em retirada

Setembro de 1944-abril de 1945

“Não consigo acreditar que seja o fim da Alemanha”

Em meados de setembro de 1944, os Aliados fechavam o cerco sobre a Alemanha. A leste, o Exército Vermelho já havia liberado a Rússia, a Ucrânia, a Rússia Branca e metade da Polônia, e avançava pela Bulgária e a Romênia em direção à fronteira da Hungria. Ao sul, os Aliados já controlavam boa parte da Itália, e a oeste estava quase concluída a liberação da França e da Bélgica. No dia 10 de setembro, os primeiros soldados americanos entraram na Alemanha. Havia quem esperasse que os alemães capitulassem até o fim do ano, mas em todas as frentes, à medida que as forças aliadas se aproximavam das fronteiras alemãs, arrefecia a velocidade do avanço.

Hitler estava decidido a fazer com que o país lutasse até o fim, muito embora, em meados de 1944, poucos na Alemanha ainda acreditassem numa possível vitória. Uma nova ofensiva alemã contra a França estava planejada para o fim do ano, e na fronteira oriental da Alemanha homens jovens e velhos preparavam uma resistência final frente ao Exército Vermelho. À medida que as tropas alemãs se retiravam de territórios ocupados a leste, Hitler ordenou que fossem eliminados todos os vestígios dos campos de concentração. Em Majdanek, nas imediações de Lublin, a SS não teve tempo para nada, permitindo que em julho de 1944 os soviéticos descobrissem e fotografassem cadáveres insepultos e sete câmaras de gás. Foi o primeiro campo descoberto pelos Aliados, e as impactantes reportagens publicadas na imprensa aumentaram a hostilidade das tropas que avançavam. O Ministério da Propaganda alemão explorou o medo de represálias por parte do Exército Vermelho na população para manter o povo alemão combatendo até o fim. Mais de um terço dos militares alemães mortos na guerra tombou nesses últimos meses do conflito.

Klaus Granzow completou 17 anos em setembro de 1944. Em pouco mais de um ano, ele passara por todas as formas de treinamento pré-militar existentes na Alemanha. Mas esses meses de treinamentos repetitivos e maquinais, de doutrinação e pressão dos instrutores, não haviam sido suficientes para transformá-lo num integrante convicto da Wehrmacht, disposto a se sacrificar pelo país sem muitos questionamentos. A vida militar jamais seria para ele, que continuava sonhando em um dia se tornar escritor, ator ou alguém famoso.

Em fevereiro de 1944, Lieselotte G., com 15 anos, aceitara deixar a família em Berlim e ser evacuada para se salvar, como dizia, “pelo futuro da pátria”. Mandada para um internato particular de meninas em Droyssig, a oeste de Dresden, ela muitas vezes se sentia solitária e com saudades da

mãe, achando-se ao mesmo tempo deslocada entre as colegas mais ricas e cada vez mais isolada, à medida que as tropas aliadas se aproximavam da Alemanha.

Do outro lado da linha de frente, Elvira Filippovich, de 10 anos, mal conseguia lembrar-se da vida em Moscou antes da guerra. Seus pais tinham se separado quando ela era muito pequena, e pouco antes do início da guerra entre a Alemanha e a União Soviética, em 1941, sua mãe, uma geóloga, fora mandada para trabalhar num projeto no sul da Rússia, perto de Stalingrado. Elvira — ou “Elichka” — estivera durante quase toda a guerra sob os cuidados da avó, a sua baba, numa pequena aldeia que jamais seria alcançada pelos alemães, perto da cidade de Kamyshin, à beira do Volga. Uma vez liberada a Ucrânia pelo Exército Vermelho, a mãe de Elvira foi mandada para trabalhar num projeto de reconstrução na região de Donbass, levando a filha e sua baba. Pela primeira vez Elvira se encontrava numa região diretamente afetada pela guerra. Sua mãe sempre mantivera um diário, e no momento em que elas partiram para a nova residência, Elvira também começou a escrever o seu.

15 de setembro de 1944

Hoje estou viajando de trem de Kamyshin para Donbass com mamãe e *baba*. Em Kamyshin, mal conseguimos nos esgueirar num vagão. Tínhamos um passe para ir para Donbass e passagens também, mas o vagão estava cheio. Era um vagão de transporte de mercadorias, e o trem inteiro era de transporte de mercadorias. A condutora finalmente conseguiu nos botar lá dentro, embora as pessoas que já estavam no vagão ficassem gritando que não queriam que ela nos deixasse entrar. Tivemos de ficar em pé. Não havia espaço nem para botar nossa mala no chão. Mas a condutora disse que sabia que ia dar tudo certo. Ela nos ajudava porque mamãe lhe deu de presente meio litro de vodca. Quando o trem começou a se mover, tudo se acomodou. Mamãe sentou-se na mala e me botou no colo, e *baba* sentou numa trouxa segurando uma caixa redonda de cartolina amarela. A caixa não pôde servir de assento: minha bisavó havia trazido de Paris um chapéu elegante nessa caixa, e nós tínhamos colocado nela todas as nossas coisas. Era muito grande o barulho no vagão. Eles falavam, mas não exatamente em russo. No início, as pessoas só nos empurravam e apertavam, mas depois começaram a conversar conosco também. Alguém chegou até a nos oferecer biscoitos sem sal chamados *matza*. Eram judeus que estavam voltando da região de Saratov para suas casas na Ucrânia. Eu fiz amizade com um menino chamado Edik.

16, 17 e 18 de setembro de 1944

O trem parava muitas vezes, e eram paradas demoradas. Eles nos deixaram sair para “ir embora”. Por todo o caminho havia destroços de tanques, motocicletas, carros e até aviões, bem junto aos trilhos da ferrovia, tudo misturado, tudo retorcido e estraçalhado. E também capacetes com furos de balas, além de latas e canecas. Edik e eu recolhemos todos os utensílios. E restos de bombas. Mas eles eram pesados, e nós os jogamos fora. As pessoas dizem que ainda há gente morta dentro dos tanques. Mas nós não entramos neles. Por toda parte havia cartazes avisando: “Minas!”

Nós não pisamos em minas e durante toda a viagem ninguém do trem pisou numa mina. Mas toda hora pisávamos em cocô. No vagão, todo mundo chamava esses montinhos amarelos de “minas”.

Atravessamos o enorme campo de Stalingrado durante muito tempo. Durou mais de um dia e uma noite. E também ficamos de pé perto dele. Dava para ver a cidade de Stalingrado, ou mais exatamente suas ruínas, muito além do campo. De manhã, vimos um enorme sol vermelho se erguendo através da bruma. Ele surgia de trás daquelas ruínas negras. E durante o dia mal dava para ver a cidade. Mas a gente

viu muitas outras coisas. Uma vez, vimos um tanque, enterrado quase pela metade, simplesmente abandonado no caminho.

Em quase todas as paradas a gente consegue água fervente. Edik e eu saímos correndo para pegar água quente no seu balde. Esfarelamos na água fervente pedacinhos do pão especialmente feito por *baba* para a viagem. *Baba* esfarela os pedaços na sua caneca de água quente e diz: “Seria bom se tivéssemos cebola ou um pouco de aneto.” E mamãe diz: “Eu queria mesmo era um pedacinho que fosse de carne, estou com tanta fome.” Mas eu não digo nada, apenas cerro os dentes e aperto a barriga com uma toalha para sentir menos fome.

19 de setembro de 1944

Finalmente chegamos a Debaltsevo. Estamos caminhando por uma ponte ferroviária muito alta e estreita. Ela é muito longa! Dá para ver os trilhos embaixo. Dez, vinte, talvez trinta trilhos, talvez até mais...

Também dá para ver a cidade da ponte, ou, para ser mais precisa, o que restou dela. A estação está em ruínas. Estamos esperando um outro trem. E a plataforma está cheia. Todo mundo carrega trouxas e malas. Mamãe diz: “Fique bem de olho na nossa mala para ninguém roubar.” Então eu fico de olho. Até que finalmente o trem chega e nós temos de entrar depressa. Mas nós olhamos e a mala já era! Aconteceu tudo num piscar de olhos. Ela estava ali — e de repente não estava mais! Mamãe saiu correndo pela plataforma. Mas havia tanta gente. Até que ela voltou chorando. As pessoas perguntavam o que havia na mala para ela ficar assim tão perturbada. E mamãe dizia que lá estavam todos os seus diários. De anos e anos da sua vida.

Mamãe ficou muito, muito chateada. Foi aí que eu entendi que os diários são mais valiosos que o mais rico vestido de seda. E foi por isso que eu decidi manter um diário.

20 de outubro de 1944

Já estamos vivendo em Alchevsk há um mês. É uma cidade pequena, mas bonita. Tem um cinema e uma biblioteca no centro, e nas imediações, onde nós estamos, um mercado. E há uma escola perto de nós. Nós moramos no apartamento dos Degtiariov, no quarto principal. É um quarto grande. Eles todos vivem juntos no quarto da frente. São quatro pessoas: a mãe, a filha mais velha, Lyuba, Tanya e o filho menor, Andrei. O quarto deles é menor que o nosso, mas é quente. Eles têm um grande fogão no quarto e cozinham nele. E também há na parede um aquecedor para a temperatura, mas ele não serve muito para aquecer porque é difícil conseguir carvão, todas as minas foram fechadas.

Baba fica sempre enrolada no seu xale de lã, mamãe usa o casaco dentro de casa, eu visto duas malhas, mas Andryusha, o filho da senhoria, fica andando pela casa completamente nu. Ele tem só 3 anos, mas é forte. Ele vem nos visitar quando a gente está comendo e diz: “Aqui estou.” E então *baba* e mamãe sempre lhe dão algo para comer.

19 de novembro de 1944

“A HISTÓRIA DE UMA GAROTA PARTISAN”

Era uma noite escura e tranquila. Os partisanos caminhavam por uma trilha estreita. Entre eles havia duas garotas, que tinham aderido voluntariamente ao movimento. Uma delas chamava-se Anya e a outra, Lisa.

Eles estavam tentando chegar ao quartel-general alemão próximo. Havia no interior um coronel alemão e documentos importantes sobre as ações do Exército. De repente, eles ouviram tiros. O comandante partisan Ivan Vasilievich Volkov ordenou que Anya se adiantasse para descobrir de onde vinham os disparos. Anya prestou continência e desapareceu na escuridão. Balas do inimigo zuniam por cima da sua cabeça.

Anya deitou-se, mas logo os tiros pararam e ela prosseguiu na caminhada. Ali por perto, talvez a trinta passos de distância, ela viu os alemães, que acabavam de atacar um grupo de partisans, fugindo sem olhar para trás. Anya achou graça e retornou ao seu grupo. O comandante ordenou que ela fosse numa missão de reconhecimento até o quartel-general, para descobrir quantos alemães havia e onde seria melhor dar início a uma batalha. Anya saiu em busca de Lisa, que estava por perto, e as duas se foram. Estava escuro na floresta e Lisa ficou muito amedrontada, agarrando-se firme à amiga. Mas Anya continuou caminhando corajosamente, sem medo de nada. Ela morava fora de Moscou e passara a vida inteira na floresta, era filha de um guarda florestal e sabia tudo sobre as florestas, o que agora se mostrava útil. Quando estavam bem perto da aldeia onde se localizava o quartel-general, elas ouviram vozes altas e então viram muitos capacetes alemães. Lisa deixou escapar um grito e foi imediatamente atingida por uma bala do inimigo. Anya foi capturada, resistiu, mas foi neutralizada com uma coronhada.

Acordou ao alvorecer num celeiro sujo e úmido...

Anya foi brutalmente torturada, eles enfiaram agulhas sob suas unhas, bateram nela com porretes e cortaram suas orelhas, mas ela se manteve calada. E então eles a jogaram de volta no quartel, sangrando.

Ao alvorecer, vários soldados foram buscá-la. Eles convocaram todos os soldados e construíram uma forca. Anya foi torturada pela última vez. Eles arrancaram suas narinas e queimaram uma estrela na sua testa. Levaram-na então para a forca e passaram um nó pelo seu pescoço. Anya olhou para a floresta que tanto amava e disse em voz alta: “Estou tendo uma morte justa pela minha pátria, pelo meu povo!” De repente ela se calou e só um eco era ouvido na floresta, e tudo ao seu redor ficou em silêncio.

20 de novembro de 1944

Esta manhã, li minha história para *baba*. Mamãe já tinha ido para o trabalho e *baba* escutava meio adormecida. Quando acabei de ler, lágrimas rolavam pelo meu rosto, mas *baba* sorria. Ela me acalmou e perguntou: “Elichka, por que está chorando?” E eu não conseguia parar de chorar. “É que ela foi enforcada, não entende? Ela foi enforcada!”

Na escola, li minha história para as colegas, e elas choraram comigo.

À noite, mamãe voltou do trabalho e li minha história para ela. Tal como *baba*, ela também não chorou, mas sorriu. E mais uma vez não consegui conter as lágrimas. E fiquei brava. “Mamãe, você não tem pena de Anya, a garota partisan? Ela foi enforcada!” E ela se limitou a perguntar em qual jornal eu havia lido a história. E eu respondi: “Mas eu a vi com meus próprios olhos!” E foi realmente o que aconteceu, na minha cabeça. Mas com muita, muita clareza. E então ela me disse que é melhor descrever o que a gente realmente viu com os próprios olhos, aquilo que nos impressionou. Então, por exemplo, o que foi que lhe causou uma impressão forte hoje?

Hoje o banheiro da escola causou impressão em mim. Pedacos de cocô congelado formavam uma pirâmide saindo do fosso. E uma das garotas batizou aquilo de “Pico Stalin”. Mas eu fiquei muito sem graça. E por isso não consegui ir e fiquei segurando o dia inteiro.

Nquele outono, Klaus Granzow refletiu sobre os motivos de manter um diário e decidiu que era importante registrar suas ideias pessoais, em vez de descrever acontecimentos externos. Ele fora inscrito em mais um programa de treinamento, dessa vez no “Serviço de Trabalho do Reich”.

25 de setembro de 1944

O treinamento está se tornando realmente tedioso porque já sabemos tudo que eles nos dizem. Em compensação, estou lendo *Guilherme Tell*, para espanto dos meus companheiros de quarto. Eles só se interessam pelo jazz proibido. Um dos rapazes é excelente pianista, outro toca acordeão; os demais fazem jazz com as mãos e os pés, com pedaços de madeira, lata e com a boca. Eu entendo que eles queiram entorpecer o medo com o jazz. Todos nós queremos nos libertar. A maneira como se abusa do poder aqui só pode ter um mau efeito em nós. Eles dizem que o essencial é manter o povo alemão unido nos maus tempos. Não tenho como avaliar, só posso falar por mim mesmo, e quero tanto ter a minha carreira! Caso contrário, vou sufocar! Já nem sei se sou capaz de pensar por mim mesmo. Todos os pensamentos foram arrancados de mim. Nem sei se eu seria capaz de agir de maneira independente. Que faria? Escreveria, naturalmente! Mas ainda não tive grandes experiências. A menos que esta seja uma grande experiência e esta guerra venha a ser considerada uma luta de vida ou morte da nação alemã. O líder do nosso grupo está sempre nos fazendo palestras sobre a situação militar e política, dizendo a nós, jovens, que devemos nos enrijecer como o aço, exatamente como diz o Führer. Uma palavra do Führer é usada para justificar toda a pressão daqueles que nos treinam.

Amanhã teremos mais um exame médico, e antes nosso cabelo é sempre cortado bem curtinho. Odeio isso. Por que não podemos ficar com o cabelo comprido? Por que temos de ficar todos com a mesma aparência, todos marcados como uns idiotas? Todo mundo devia poder ficar com a melhor aparência.

1º de outubro de 1944

Houve distribuição de *schnapps* entre nós, mas estavam com um gosto horroroso. Hoje também recebemos cupons de cigarros. Felizmente eu ainda não adquiri o hábito. Vou guardar os meus e dar de presente no Natal. Quando terminarmos nosso período de trabalho, não poderemos mais usá-los, pois ainda não completamos 18 anos. Por enquanto, usando uniforme, embora ainda tenhamos 16 ou 17 anos, somos considerados adultos. Que mundo mais louco!

O mesmo no caso do cinema. Ainda não podemos ver nada emocionante ou anormal porque somos muito “pequenos”, e isso poderia ter um efeito nocivo em nós. Mas aos 17 podemos ir para a frente de guerra. Será que eles acham que lá a coisa é mais fácil?

4 de novembro de 1944

A convocação para as defesas orientais está indo mais rápido que o esperado. Nós seremos dispensados do Serviço de Trabalho. Para ser franco, estou bem assustado com o futuro e com a ida para a frente de guerra. Mas preciso dominar esta parte minha mais fraca e permitir que a outra parte, a melhor, a que é alegre e destemida, saia vencedora. Que vai acontecer comigo? Acho que o meu destino foi decidido por um ser superior. Acredito que Deus predetermina a morte. Não posso adiar o encontro. Tenho pensado muito em Deus e na morte, no momento em que entro nesta nova fase da minha vida — que deverá

continuar até o fim da guerra. Estou convencido de que me sairei bem se me apegar ao meu lema infantil: “Sempre alegre, nunca desanimado.”

27 de novembro de 1944

Agora sou um soldado, um artilheiro, de modo que deu certo me apresentar como voluntário. Estou subordinado ao múltiplo lançador de foguetes, exatamente como eu queria.

Tenho me aperfeiçoado constantemente, passando da Juventude Hitlerista a auxiliar naval, depois a auxiliar sênior, e agora cheguei ao nível de artilheiro!

Fomos liberados do treinamento de oficial no dia 13 de novembro. Na segunda-feira eu já estava em casa. Tivemos folga na segunda e na terça. Papai matou duas galinhas e todos nós sentamos ao redor da grande mesa da sala de jantar. Mamãe e papai estavam felizes, embora não demonstrassem realmente. Logo chegou o momento de dizer adeus, passou muito depressa, o intervalo entre o treinamento e o serviço militar foi muito curto. Estranhamente, dessa vez eu achei mais fácil me despedir, já saí de casa tantas vezes este ano. Mas talvez este tenha sido o último adeus. Me dei conta de que poderia sê-lo quando vi como mamãe o estava levando a sério. Oh, querida mamãe, não quero morrer na frente de guerra por causa dela, a dor seria grande demais para ela, seria um golpe duro demais, pois sei o que significa para ela, como filho menor. De minha parte, não me importo. Não quero nenhum tratamento preferencial.

1º de dezembro de 1944

Hoje recebi meu uniforme. Mas é um horrível uniforme da Primeira Guerra Mundial, de gola dura, cor verde, como a relva, botões que não acabam mais, calças curtas e perneiras. Nenhum de nós sabia como vesti-lo. Foram necessários dez minutos para que ficasse com uma aparência apresentável. Acho lamentável que o Exército alemão nos faça usar esses uniformes. O Exército está com falta de suprimentos. Espero que logo recebamos uniformes adequados, pois estamos com uma aparência realmente patética. Se tirássemos licença com essa aparência, todo mundo ia rir de nós!

10 de dezembro de 1944

Nossa cerimônia de juramento! No sábado, praticamos o dia inteiro para o grande momento. Correu tudo bem, apesar do nervosismo.

Fazia um lindo dia de dezembro. Pela manhã, todos nós entramos em formação na praça do Mercado para a cerimônia. Havia no centro uma enorme plataforma com uma suástica iluminada, e nós, os recrutas, alinhados em quatro fileiras em frente a ela.

O major chegou e fez um discurso sobre o objetivo do nosso juramento e a lembrança que devemos guardar daqueles que deram a vida para cumpri-lo e serem fiéis à Alemanha. Nós cantamos suavemente *Eu tinha um companheiro*. Foi tudo muito solene, essa canção é realmente comovente. Muitos espectadores tiveram de usar seus lenços.

E então veio o juramento. Todos repetimos o juramento, emocionados por aquele momento, empenhando todo o nosso coração e a nossa alma. Eu o ficava recitando para mim mesmo, pensando: eu jurei perante a bandeira alemã e perante Adolf Hitler, e terei de cumprir meu juramento. Mas será que

sou capaz? As pessoas atualmente dizem coisas tão maliciosas sobre a Alemanha nacional-socialista que eu vou acabar entrando em discussões.

E então, para concluir tudo, tivemos uma refeição incrível. Ficamos completamente empanzinados. Foi só então que ficou evidente como o juramento é levado a sério. E agora temos a tarde inteira livre. Fabuloso. Mas será o nosso último gostinho de liberdade, pois partiremos amanhã para quatro semanas de treinamento.

Neste momento, ainda tenho tempo para escrever e sonhar. Gostaria tanto de um dia escrever algo realmente grande, mas terei de esperar até ser livre novamente. E quando é que isso vai acontecer?

11 de dezembro de 1944

A primeira neve caiu hoje, já é quase Natal. Nós estávamos praticando alguns hinos e ficou evidente que os mais jovens sabiam melhor as letras que os velhos soldados.

A cantoria me lembrou do sentimento de que fui tomado no acampamento da Juventude Hitlerista: a alegria de pertencer ao grupo. É maravilhoso “ter amigos ao seu redor, compartilhando do mesmo estado de espírito”. Nas comemorações do Natal esse sentimento de união deve ser ainda mais forte. Infelizmente, nunca dura muito. Ele voltou a desaparecer depois do canto. Nossas vidas não nos pertencem mais, pertencem à Alemanha, e nós devemos descartar todo sentimento pessoal. Às vezes eu fico me perguntando se fiz a coisa certa, ao me apresentar como voluntário para o treinamento de oficial. Eu não sou realmente indicado para me tornar um oficial, sou muito tranquilo e brando, incapaz de ferir alguém e de ficar dando ordens. Fico tão ridículo dando ordens que os outros simplesmente riem de mim. Mas agora eu o fiz e terei de sofrer as consequências. O único consolo é que existem ao meu redor muitos outros que estão passando pela mesma situação.

Este seria o primeiro Natal de Klaus longe de casa. Em Berlim, Lieselotte G. reencontrou a família por um breve período, para em seguida retornar ao internato em Droyssig. No momento em que se intensificava a batalha pela Alemanha, ela recebeu a notícia da morte em combate do marido de sua querida antiga professora, Frau L.

25 de dezembro de 1944

Como será o Natal este ano em sua casa, querida Frau L.? Tantos outros homens terão morrido, pois Hitler acaba de dar início a uma nova ofensiva. Como será na Alemanha no próximo Natal?

4 de janeiro de 1945

Não creio que eu consiga me casar, pois todos os homens estão morrendo e os que restam vão se casar com as garotas que correm atrás deles, e disso eu não sou capaz, jamais poderia. Poderei sobreviver sem um homem, embora adorasse ser uma dona de casa e ter muitos filhos.

Hoje, recebi a resposta de Frau L. a minha carta de condolências. Meu coração se inflou, pois ela me deu um vislumbre do sublime amor entre um homem e sua esposa. Eu me dei conta de que ela não o amava apenas sexualmente; num casamento realmente bom o amor entre o marido e a mulher é mais que

apenas um vínculo físico. Pois ela espera voltar a encontrá-lo no céu e certamente nada resta de nós fisicamente aqui. Mais uma vez, Frau L. projeta sua influência sobre minha vida com imaculada pureza, a luz da minha vida. Através do seu sofrimento, ela cresceu ainda mais na minha estima. Ela o está suportando como eu esperaria que o fizesse a mulher alemã ideal, não creio que qualquer mulher tenha sentido mais profundamente a perda do marido. Se pelo menos eles tivessem tido filhos. Eu sei que jamais poderei voltar a vê-la ou escrever de novo para ela. Mas ela continuará brilhando para sempre dentro de mim.

14 de janeiro de 1945

Hoje vimos um lindo filme! Eu chorei muito, o que me fez bem. No fim, eu não estava mais chorando pelos personagens do filme, mas por Frau L. e sua dor, pelo mal da humanidade e a facilidade com que nossos ideais desaparecem.

22 de janeiro de 1945

Estamos a ponto de cair nas garras deles, a menos que haja uma drástica mudança na situação. Os russos entraram na Alemanha, a Prússia Oriental está isolada, há combates pela Silésia. Realmente não pode ser verdade! Sagrada Alemanha, isto tem de acontecer? Ó, Deus do céu, por favor nos ajude.

Milhões de civis fugiam rumo a oeste para escapar do Exército Vermelho, e em meados de fevereiro já se estimava em 8 milhões o número de refugiados. Na direção oposta avançavam as tropas alemãs que haviam sido desviadas a leste por Dresden, para formar uma proteção em torno da cidade de Breslau. Destacado em Hainichen, a menos de uma hora da escola de Lieselotte, Klaus submetia-se agora a um novo treinamento, antes de se integrar a essa força de defesa.

31 de janeiro de 1945

Estou aqui há uma semana. Quase toda noite sou convidado a ficar com a família Butz no andar de cima. Hanni é uma garota muito bonita e trouxe um monte de revistas de cinema para eu olhar. Sempre há muita gente lá em cima à noite, todo mundo jogando cartas para ver o futuro. Todo mundo quer saber o que vai acontecer com os parentes.

Não sei por que não recebo mais cartas. Mamãe me escreveria se tivesse de deixar Mützenow. Dieter recebeu uma carta da mãe dizendo que estava fazendo as malas. O mesmo deve acontecer lá em casa. Eu ainda não consigo entender direito: ser expulso da própria casa! Mas papai jamais abandonaria a fazenda. De modo que mamãe e [minha irmã] Waltraud teriam de fugir sozinhas! E os nossos outros parentes? É difícil imaginar, difícil entender. Ontem ficamos todos esperando tensos o discurso do Führer, mas não houve discurso. Ou será que o perdemos? Ele não vai conseguir falar durante quatro horas, como costumava fazer; a gente nem vê mais imagens dele nem o vê nos noticiários semanais. No mapa, fica parecendo que os russos estão a caminho do Oder, para isolar toda a Pomerânia. Foram apanhados numa armadilha. Ó, meu Deus!

2 de fevereiro de 1945

É estranho que estejamos sendo treinados como oficiais, sem ter qualquer experiência na frente de guerra. Semana que vem deveremos entrar em ação pela primeira vez. Puxa vida, vamos em frente! Já não me importo mais realmente, não tenho mais uma casa, não tenho a menor ideia de onde estão meus pais e meus irmãos. Se pelo menos recebesse uma carta! Mas não passa mais nada. Os russos estão a 70 quilômetros de Berlim, acredite-se ou não. Espero que todo mundo lá em casa fique em segurança a tempo. Mas onde é que é seguro?

Resta apenas rezar: que Deus os proteja.

11 de fevereiro de 1945

Estão sendo distribuídos avisos àqueles de nós que não estão preparados para se tornar oficiais, que serão enviados a sua primeira posição na frente de guerra, em vez de prosseguir no treinamento. Meu terror foi indescritível quando meu nome foi anunciado hoje. Acho que devo agradecer por isso ao meu líder de grupo, que gostava de me provocar e pressionar. Agora, já superei o medo, aceitando que está preestabelecido se sobreviverei ou não à guerra. Tive de me despedir e fui muito mimado na minha última noite. Hanni passou o tempo todo chorando incontrolavelmente. Eu também tive dificuldade para ir embora. Minhas ordens são de rumar para leste, ao encontro da 3ª Bateria. Amanhã iremos para Dresden.

18 de fevereiro de 1945

Nós nos metemos numa terrível confusão. Ainda não alcançamos a 3ª Bateria. Depois de uma inspeção em regra em Dresden, fomos tirados do trem por cães de guarda. Todos os soldados que passavam por Dresden foram retidos e enviados para os quartéis-generais da frente de guerra em Coswig, onde estão sendo formadas novas unidades e regimentos com doentes, feridos e soldados de licença, a fim de mandá-los para a frente. Eu agora não me apresento como voluntário para mais nada, simplesmente me deixo ser empurrado para onde quer que lhes convenha. Foi o que eu aprendi com os soldados mais velhos nos últimos dias. Todo mundo aqui é duro e insensível como um tanque. O que não chega a surpreender, depois de tudo por que passamos. Sobrevivemos por pouco ao ataque a Dresden. Eu estava no último transporte de soldados saindo daquele inferno. Ficamos observando o horror de Coswig: os pinheiros estavam iluminados como à luz do dia, as labaredas choviam em quantidade inimaginável, e então vieram as bombas! Foi terrível ficar observando sem poder fazer nada, enquanto o céu e a terra eram consumidos em chamas. Nós sabíamos que milhares de pessoas estavam morrendo queimadas e podíamos apenas ficar olhando, com a raiva aumentando. Parecia um espetáculo de fogos de artifício sobre o Báltico, mas era o inferno, o purgatório.

Deve ter havido muitas, muitas ondas de bombardeio. Elas começaram às dez da noite e as bombas continuavam caindo à meia-noite. As sirenes de ataques aéreos não paravam. Não havia mais “agora acabou”.

Pela manhã, somos todos amontoados em caminhões. Primeiro os ordenanças, depois os soldados mais velhos da frente e finalmente nós, os jovens. O que vimos foi tão terrível que minha pena se recusa a descrever. Nós nem conseguimos entender nada ou ajudar. Não era possível chegar ao centro da cidade. Estão dizendo que há 200 mil mortos. Mas é apenas uma estimativa, pois havia milhares de refugiados da Silésia na estação, todos queimados. Ninguém sabe quantos eram, ninguém sabe sequer seus nomes.

Dresden virou uma sepultura coletiva! Eu pude vê-la em toda a sua glória há apenas algumas semanas. Agora, foi destruída para sempre. Talvez mamãe, papai e Waltraud também estejam fugindo agora. Em Stettin, pode estar acontecendo com os refugiados pomerânios o mesmo que aconteceu aqui com os silesianos. Mas eu preciso fazer força para não ficar pensando nisso. Preciso me manter firme, sempre rijo, ou não vou aguentar.

Estou completamente exausto. É isso a guerra? É assassinato! Onde está a “Frente”? Isso por que os civis estão passando não é muito pior do que o que os soldados suportam na frente? E o pior de tudo é que não podemos ajudá-los!

Ao longo do mês seguinte, Klaus e sua unidade ficaram atrás das linhas de frente, até que, no fim de março, finalmente foram mobilizados para entrar em ação a leste de Dresden.

Aos 10 anos de idade, Elvira Filippovich ainda se encontrava na cidade ucraniana de Alchevsk, na região de Donbass, que estivera sob ocupação alemã por dois anos durante a guerra. Sua mãe acabava de voltar de uma viagem de seis semanas a Moscou, para trabalhar num novo projeto na cidade próxima de Mariupol.

28 de fevereiro de 1945

Mamãe finalmente voltou. Ela disse que vamos mudar para Mariupol. Lá, teremos quartos próprios! *Baba* nem consegue acreditar que seja verdade. Está feliz por irmos para Mariupol, embora não seja a mesma coisa que estar em Moscou. Quando voltaremos para casa?

Baba e eu muitas vezes conversamos sobre nossa casinha de madeira em Moscou e nossos queridos vizinhos.

Baba fica pedindo a mamãe que nos leve de volta para casa em Moscou, mas em resposta mamãe se limita a sussurrar alguma coisa para ela. Disso eu só consigo entender que, se efetivamente voltarmos para nosso apartamento, não poderemos de maneira alguma permanecer lá e até corremos o risco de parar na prisão. Por quê? Porque atualmente um cara do NKVD [a polícia secreta soviética] está vivendo no nosso apartamento, e ele é um sujeito mau. Eu propus que a gente encontrasse um porrete para bater no cara do NKVD, mas *baba* começou a chorar e mamãe botou a mão na minha boca e começou a olhar em volta para ver se alguém tinha ouvido o que eu disse. Depois ela e *baba* começaram a falar em francês, e eu não sei uma única palavra de francês.

8 de março de 1945

Hoje é o Dia Internacional da Mulher. Mamãe voltou tarde do trabalho porque teve tarefas extras para a comemoração. Ela chegou morta de cansaço. *Baba* perguntou: “Que aconteceu com você, Manyusia? Está com um aspecto terrível.” Mamãe nos contou então uma coisa horrível. Na pedreira em que seu grupo de pesquisa estava trabalhando, foram encontrados cadáveres de mulheres, crianças e velhos. Estavam de pé, mas agora estavam deitados. Não havia buracos de balas. Teriam sido enterrados vivos? Eram judeus. Shhhhh! Ninguém pode ficar sabendo! Por que não? Para não haver pânico.

Eu me lembrei de Edik, meu amigo do trem. Mas não consegui chorar. Era muito assustador. Que monstros! Não consegui dormir a noite inteira.

20 de março de 1945

Hoje chegamos a Mariupol. Deixamos *baba* tomando conta das nossas coisas e fomos direto para o mercado. Eu nunca vi um assim na minha vida, era tão grande e barulhento! Todo mundo precisa gritar para ouvir os outros. Não são tantos estandes assim. Os que havia vendiam leite, creme de leite, queijo cottage, frutas secas, tortas de geleia e peixe... Existem tantos tipos diferentes de peixe aqui: defumado, salgado, fresco. Eles são vendidos pelos pescadores. São eles que têm os mais frescos. Nós compramos um enorme peixe fresco. As ruas de Mariupol são arborizadas, mas a maioria das casas está em ruínas. As acomodações que recebemos ficam fora da cidade, numa aldeia de operários. Nós vivemos no quarto maior de um apartamento de três quartos. O nosso quarto é enorme. Cabem facilmente três camas de ferro. E há uma varanda também, mas, como não há corrimão, mamãe não me deixa ir até lá. Nós temos uma mesa e duas cadeiras. Mamãe sentou imediatamente e começou a escrever em seu diário. E eu fiz a mesma coisa.

21 de março de 1945

Hoje entrei para o terceiro ano na escola de meninas. A escola dos meninos fica no mesmo prédio, mas tem uma entrada separada. O pátio de recreio é comum. Eu gosto da escola, é uma escola mesmo, as carteiras são carteiras de escola de verdade. Eu sentei na minha — a primeira que eu já tive. Uma garota legal senta ao meu lado, Valya Malikova. Ontem eu fui visitá-la. Ela mora no mesmo bloco que nós, no quarto andar. A janela deles dá para o mar. Nós sentamos para fazer juntas o dever de história, mas não conseguíamos parar de olhar para o mar. Vimos o pôr do sol. Que lindo! Fiquei com vontade de viajar.

Centenas de quilômetros ao norte, à medida que os Aliados ocidentais e os soviéticos fechavam o cerco sobre sua cidade, Berlim, Lieselotte continuava em Droyssig. Sua família estava presa na capital alemã, declarada por Hitler uma “cidade-fortaleza” a ser defendida até o fim, e com as tropas americanas se aproximando rapidamente de Droyssig, Lieselotte se perguntava o que viria em seguida.

3 de abril de 1945

7h45 (da manhã) na cama. Houve uma reunião ontem e Dix anunciou que as meninas que pudessem voltar para casa teriam de deixar a escola. Elise foi logo dizendo que estava fora de questão voltar para Berlim, pois ouvira dizer que todos os pontos de entrada estavam bloqueados. Perguntei então a Elise se podia dar um telefonema também. Depois de dez minutos, eu consegui e disse que voltaria para casa. Mamãe era contra, disse que eu tinha de me dar conta de que estaria indo para uma cidade na linha de frente, possivelmente para morrer. Mas que, se eu quisesse realmente, devia voltar. Mamãe acha que estou muito mais segura aqui, mesmo se os americanos chegarem, pois Droyssig não passa de uma pequena aldeia; talvez ela esteja certa. Eu disse a Elise que minha mãe estava feliz por eu voltar para casa. E ela então disse que eu podia. Na hora de dar boa-noite, a srta. D. disse que estava surpresa por meus pais permitirem a viagem. Eu nunca me senti tão confusa. Que devo fazer? Eu quero tanto ir. Mamãe pode precisar de mim e eu talvez possa ajudá-la. Levarei apenas uma mala e o meu macaco, e se tivermos de fugir dos russos, poderei ajudar a carregar outras coisas. Não creio que ela tentasse fugir se estivesse sozinha; quem sabe eu posso convencê-la, dar-lhe coragem. Ela está sempre muito preocupada, e tia Lotte

também. Se pelo menos eu soubesse que a melhor coisa era mesmo ir embora amanhã... Todo mundo aqui diz que eu sou louca de ir para Berlim, a chegada dos russos é apenas uma questão de tempo.

Nunca tive de tomar uma decisão tão importante na vida. Até agora, sempre houve alguém para tomar as decisões importantes para mim. É tão difícil, tão difícil! Acho que não vou conseguir!

Onde é que estarei a esta hora amanhã?

12 de abril de 1945

Agora que estou em casa [em Berlim], estou convencida de que tomei a decisão certa ao vir. Os americanos já ocuparam a maior parte da Turíngia.

A viagem para casa foi terrível. Só cheguei aqui às 11 da noite, depois de uma viagem de vinte horas. Estou feliz por ter saído a tempo. É importante que as famílias estejam juntas em momentos assim. Infelizmente, papai não está conosco, está cavando trincheiras como soldado em Riesa. Bertel está no Volkssturm [o Exército territorial alemão] e deve entrar em ação em Friedrichshagen [a leste de Berlim].

O bosque em volta daqui está cheio de trincheiras. Todas as árvores foram derrubadas, há armadilhas para tanques em todas as ruas e mal dá para passar pelos lugares. As pessoas as apelidaram de armadilhas do riso: quando os tanques russos ocuparem Berlim, vão parar diante delas e rir durante umas duas horas, até ficarem com a barriga doendo, e então vão passar por cima delas em dois minutos. Há canhões na Dahlewitzer Chaussee. Bertel está aprendendo a usar uma bazuca; parece que as garotas também estão aprendendo a usá-las. Elas supostamente seriam capazes de enfrentar qualquer tanque.

Estou feliz por estar aqui agora, embora nem sempre seja muito agradável. Geralmente temos dois blecautes de quatro horas todo dia, pois não há eletricidade suficiente, e temos de descer toda noite para o bunker, quando começam a tocar as sirenes de ataque aéreo.

É incrível como as pessoas agora expressam suas opiniões de maneira aberta e insolente, e em sua maioria elas são contra os nazistas. Ninguém mais tem medo de se pronunciar, apesar do domínio da Gestapo. Ninguém mais ousa informar sobre ninguém, temendo ser enforcado pelos russos ou americanos.

Não entendo por que o meu povo não se insurgiu há muito tempo contra a tirania do governo. Teria sido por medo da SS? Ou será que a população alemã é constituída de covardes? Acho que é. Talvez o medo dos bombardeios tenha tornado as pessoas mais teimosas. Agora, todo mundo quer que os odiados nazistas se vão, à parte uns poucos fanáticos que vão entrar na faca quando os nazistas forem derrotados. Tenho certeza de que serão todos enforcados. Estou muito feliz por nunca ter me envolvido em política.

As pessoas estão achando que os americanos e os russos tomarão Berlim. Isso não pode durar muito mais. Que eles se danem, toda essa raça de nazistas, esses criminosos de guerra e assassinos de judeus. Que foi que eles fizeram ao meu país? Eles o destruíram, e a nós também, e a tudo que um dia amamos. Como foi que trouxeram tanta morte, sofrimento e miséria ao nosso povo? Milhões de jovens alemães morreram por eles. Minha querida Frau L. sacrificou o marido por eles.

Mas não posso acreditar que seja o fim da Alemanha, ainda que seja o nosso fim.

Os últimos meses da guerra

Março-setembro de 1945

“A guerra acabou”

Em reunião realizada em fevereiro de 1945 no balneário de Yalta, no mar Negro, Stalin mais uma vez certificou Roosevelt e Churchill do seu compromisso com a realização de eleições livres no Leste europeu no pós-guerra. Embora continuasse pendente a questão de saber quem tomaria Berlim, estava em andamento uma corrida não declarada entre as tropas ocidentais e suas aliadas soviéticas em direção à capital alemã. Na primavera de 1945, enquanto as tropas anglo-americanas se preparavam para atravessar o Reno a oeste e as forças soviéticas se aproximavam de Berlim pelo leste, os comandantes alemães ordenavam a seus ressentidos soldados, assim como a milhares de menores de idade da Juventude Hitlerista e remanescentes das divisões estrangeiras pró-nazistas, que combatessem até o fim. Recusando-se a aceitar sequer a possibilidade da derrota, Hitler ameaçava com mais uma arma “supersecreta”.

Embora o esforço de criação de uma bomba atômica alemã não estivesse nem perto de chegar a termo, nos Estados Unidos os cientistas do Projeto Manhattan estavam a ponto de testar seu dispositivo, convencidos de que a bomba estaria pronta em julho, agosto ou setembro de 1945.

Naquela primavera, ferozes combates haviam prorrompido na minúscula ilha vulcânica de Iwo Jima e imediações, a primeira ilha japonesa a ser ocupada por forças americanas. A Aeronáutica americana conseguiu estabelecer numa estreita faixa de terra dessa ilha uma pista de pouso e decolagem para os seus mais recentes bombardeiros B-29, dando início a ataques aéreos periódicos contra o território japonês. Embora não fosse a primeira vez que o Japão era bombardeado, a proximidade e a capacidade dos aviões de guerra americanos fizeram com que esses ataques fossem mais pesados e devastadores que em qualquer momento anterior. Os civis japoneses receberam ordens de aprender técnicas de combate corpo a corpo, emular o código camicase de “morrer com certeza, matar com certeza” e se preparar para suicídios em massa, mas não havia muito que pudessem fazer contra os implacáveis ataques aéreos incendiários.

No oceano Pacífico, na Europa e nos Estados Unidos, os jovens redatores de diários que sobreviveram até os últimos meses da guerra estavam agora na expectativa de uma paz vitoriosa, de lutar até a última gota de sangue ou de se preparar para a derrota. Embora infelizmente não disponhamos do diário de Micheline Singer nesse período, e Vasily Baranov e Herbert Veigel tenham parado de escrever em período anterior da guerra, Brian Poole, David Kogan, Hachiro Sasaki, Klaus

Granzow, Lieselotte G., Mikiko Kato e Elvira Filippovich continuaram a registrar seus pensamentos e experiências nos últimos meses da guerra.

No dia 9 de março de 1945, a adolescente japonesa Mikiko Kato, de 16 anos, viu bombardeiros americanos sobrevoando sua cidade litorânea de Haramachi, 320 quilômetros ao norte de Tóquio. Nesse dia, cerca de 130 mil pessoas foram mortas na capital do Japão, no bombardeio aéreo mais destrutivo de toda a guerra. Embora só mais tarde fossem conhecidos detalhes da devastação de Tóquio, Mikiko já na manhã seguinte descrevia o que podia ver em sua cidade.

10 de março de 1945

Houve um ataque de B-29s na noite passada. Não jogaram bombas, mas passamos mais de uma hora no bunker, enquanto os bombardeiros roncavam acima de nossas cabeças. O barulho era igual ao dos nossos aviões. Não dava para perceber qualquer diferença. Não demorou para que o céu ficasse todo vermelho para o sul. Ficamos sabendo que a cidade de Taira foi completamente arrasada.

Os B-29s me irritaram ainda mais que os Grummans [aviões americanos]. Fiquei sabendo que alguns são pilotados por mulheres. Eles voavam lá em cima como se tivessem vindo só para zombar de mim. Eu me senti enojada, violada. Eles estão perto o suficiente para mandar os B-29s. Já não temos como relaxar à noite.

13 de março de 1945

As pessoas começaram a mandar as coisas para lugares seguros. Mamãe foi para o depósito com vovó para organizar nossas coisas. Nós jamais pensamos que veríamos os B-29s por aqui, mas eles chegaram. Podem até aterrissar perto de nós. Será mesmo? Estou ficando angustiada com isso. A gente costumava dizer que jamais veríamos aviões inimigos, e aí vieram os Grummans. Dizíamos que nunca íamos ver os B-29s, e portanto poderíamos ficar tranquilos à noite. Até que, algumas noites atrás, eles começaram a sobrevoar, passando por cima de nós no meio da noite. Esperamos que o inimigo venha em seguida por terra. Mamãe quer que eu vá para um lugar seguro em Yamagata, mas quem quer ir para lá?! Prefiro morrer a ser evacuada. Eu posso ser inútil, mas não vou ficar atrapalhando ninguém quando chegar a hora. Posso ser capaz de apagar um incêndio ou outro. Não quero ter de escrever para os soldados que eu fui evacuada. De jeito nenhum. Mas se o inimigo invadir, eu me vou. Não me importa ser morta por uma bomba, não é nada fora do comum para nós, que nascemos em tempo de guerra. Mas se houver uma invasão por terra e eles me tomarem como refém e me estuprarem, eu não aguentaria. Prefiro tomar veneno ou ir para Yamagata.

8 de abril de 1945

Hoje me pediram para cuidar de alguns dos pilotos em treinamento que chegaram. Ó, como eles são amáveis e animados! Os rapazes do ano anterior também eram legais, mas não tanto quanto estes. Todos eles também querem entrar para a Aeronáutica, mas ainda estão tão verdes!

12 de abril de 1945

[O piloto em treinamento] Kawana e alguns outros alunos foram para casa de licença. Eu dei a Kawana um leque com o sol e flores de cerejeira pintados. Eu não queria que todo mundo visse, mas ele acenou com o leque do trem em movimento. Fiquei realmente sem jeito.

As sirenes pararam por algum tempo, mas voltaram a ser acionadas à tarde. Nós vimos B-29s, mais ou menos uns dez de cada vez, provenientes do litoral norte, cinco ou seis vezes. Eles me deixaram furiosa, mas dessa vez tive tempo de vê-los direito, e pareciam mais bem-construídos que os nossos aviões. Eram realmente impressionantes.

13 de abril de 1945

Novo ataque aéreo hoje, apenas um avião desta vez, provavelmente inspecionando os danos causados ontem. “Inspecionando os danos?” Pensar na coisa dessa maneira, vê-la do ponto de vista do inimigo, é de enfurecer qualquer um.

Acabei de ouvir a notícia de que o “podre do Roos” [apelido do presidente Roosevelt] morreu subitamente. Eu gritei. Me senti tão bem. Não quer dizer que agora a gente possa vencer a guerra, é claro, mas é uma excelente notícia, muito animadora.

Foi este o último registro no diário de Mikiko. Anos depois, recordando sua decisão de parar de escrever, Mikiko consideraria que “não tinha mais espaço”, não só em seu livro de anotações, mas também na mente. Em meio a constantes ataques aéreos e à chegada de incontáveis pilotos em treinamento a fim de se preparar para missões suicidas, ela “começara a achar que não ligava mais”.

Nesse mesmo dia, Hachiro Sasaki, ex-aluno da Universidade de Tóquio, e agora, aos 22 anos, piloto de Ataques Especiais, escrevia suas últimas cartas para a família de uma base aérea perto de Okinawa.

13 de abril de 1945

Hirasawa, meu amigo,

Aqui estou eu nesta base aérea no sul do país. As cerejeiras estão florescendo. Desde ontem os aviões de caça levantam voo sem parar. Jamais retornarão. Ainda não recebemos nossas ordens, mas devemos estar prontos a qualquer momento. Aproveito então esta oportunidade para lhe escrever. Dormi muito bem a noite passada. O sol se punha por trás dos campos rosados em flor. O gramado recém-aparado na escola em que estamos instalados me lembra daqueles dias de início de verão que você e eu passamos juntos e das caminhadas que eu costumava fazer com meu irmão mais velho. O perfume do ar no crepúsculo. Fui tomado de todo tipo de emoção. Tenho uma foto em que aparecemos juntos, ele e eu, e um cacho do seu cabelo, que levarei comigo. Lá vai mais um avião. Vamos receber a ordem a qualquer minuto. Atacaremos com tudo que temos. É o verdadeiro chamado de um homem. Nem tenho palavras.

Do seu amigo Hachiro Sasaki

Hachiro também escreveu a sua família, mas essa carta não existe mais. Anos mais tarde, seu irmão mais novo, Taizo, relembrou: “Era uma carta simples. Ela dizia que a hora de concretizar seus verdadeiros desejos havia chegado, ele pediu perdão pela impiedade de morrer antes dos pais, ele

estava profundamente triste por confrontar o pai e queria desculpar-se quantas vezes fossem necessárias.” Um colega piloto lembra-se de ter visto uma versão um tanto diferente da carta.

13 de abril de 1945

Papai, adeus,

Não fui capaz de lhe retribuir por sua bondade paterna. Amanhã vou morrer pelo Japão. Pai, eu nunca mais vou vê-lo, mas estarei ao seu lado, para todo o sempre. Eu te amei muito. Jamais ousei lhe responder, mas também nunca lhe disse que o amava. Então quero dizê-lo agora, pois é a minha última oportunidade. Eu te amo, meu pai. Quando estava crescendo, você nunca se permitiu mostrar seu afeto por mim; mas eu sei que sempre me observava com amor no coração.

Do seu Hachiro

No dia seguinte, Hachiro Sasaki morreu num ataque suicida contra um navio de guerra americano.

Nas primeiras horas de 16 de abril de 1945, sessenta aviões suicidas alemães se chocaram contra pontes sobre o Oder, na região oriental da Alemanha, enquanto 3 mil tanques soviéticos começavam a atravessar o rio, no ataque final do Exército Vermelho a Berlim. Quatro dias depois, a berlinense Lieselotte G., de 16 anos, descrevia seu primeiro encontro com os russos na Friedrichshagen, no subúrbio oriental da capital.

20 de abril de 1945

Os russos chegaram!

Aconteceu tudo com incrível rapidez. Hitler se acabou. Nunca mais teremos de dizer “Heil Hitler!” de novo!

Foi chocante ver russos de verdade bem na nossa frente, com suas metralhadoras e baionetas, os cinturões de munição cruzados no peito. Naturalmente, sabemos tudo a respeito dos soviéticos, pela propaganda do governo! Eles só podiam ser assassinos e estupradores, mas todos se comportaram muito decentemente e nada fizeram contra nós, muito embora estivéssemos tremendo de medo. Eles prenderam soldados e revistaram os homens em busca de armas.

Finalmente, liberdade dos nazistas! Na noite passada, pusemos uma bandeira branca na janela e fomos para a cama, mas ainda não havia paz. O céu estava cheio de aviões alemães atacando as linhas soviéticas de abastecimento, e a artilharia russa atirava sem parar. A essa altura, estamos tão acostumados ao barulho que nos tornamos indiferentes a ele. Agora ficamos aqui sentados esperando que os soldados russos venham dar buscas e saquear. Aparentemente, eles fazem muito isso.

Alguns dias depois, o técnico Brian Poole, 22 anos e já agora mobilizado no campo de pouso da RAF em Rivenhall, Essex, transmitia suas mais recentes impressões a Trudie Lach, uma amiga muito próxima, depois de seis anos de correspondência.

24 de abril de 1945

Querida Trudie,

A essa altura seu aniversário já passou e as comemorações terão terminado. Nossa vida vai fugindo rápido demais, Trudie, e nem parece que ainda ontem eu estava tentando encontrar seu presente de aniversário de 21 anos. Fico tentando imaginar o que ambos estaríamos fazendo agora se não tivesse havido uma guerra...

Quero crer que a notícia mais emocionante é a penetração russa nos subúrbios de Berlim. Acho que eles merecem esse privilégio, por terem sofrido tanto nas mãos dos alemães. Suponho que você viu nos jornais imagens desses revoltantes e nojentos campos de extermínio que foram tomados pelas tropas aliadas. Apesar de termos sido informados dessas coisas desde 1937, parecia inacreditável, mas agora nos damos conta dos porcos desprezíveis que são esses hunos. Todo o populacho alemão é culpado por essas coisas, eles deviam saber o que acontecia nesses lugares. Terão de sofrer por essas coisas até poderem assumir seu lugar ao lado das nações respeitáveis do mundo.

O tempo agora está tipicamente britânico, maravilhosamente quente num dia e frio e cheio de vento no dia seguinte. Estou bem queimado no momento, na verdade, a pele do pescoço está descascando. Não dói nada, e portanto eu nem me preocupo. Bem que poderia cair um pouco de chuva agora — alguma coisa boa vinda do céu, em vez de foguetes. Que bom que eles pararam.

Bem, Trudie, a velha caixa do cérebro está vazia agora, e então eu vou dizer até mais, cuide-se e por favor mande lembranças para os seus.

Com amor,

Brian

Poucos dias depois do seu primeiro encontro com os soldados russos, Lieselotte descrevia os últimos dias da batalha por Berlim.

29 de abril de 1945

Nós nunca imaginamos que veríamos um dia como o último domingo! Nosso apartamento foi muito danificado quando os aviões alemães bombardearam Friedrichshagen. Com a chuva de argamassa caindo do teto, cheguei a pensar que minha hora tinha chegado. Tivemos de abandonar o apartamento às pressas e passar a noite na casa dos vizinhos. Ao escurecer, os russos chegaram, um pelotão inteiro. Fizeram um banquete com a comida no nosso apartamento, enquanto nós estávamos no porão, tremendo.

Temos ouvido intermináveis histórias sobre os russos arrastando mulheres dos porões para estuprá-las, inclusive meninas de 14 anos e velhas de 81, às vezes oito vezes seguidas. De modo que ficamos o dia inteiro no porão e passamos o ferrolho na porta sempre que ouvimos um russo entrando na casa.

Centenas de pessoas se mataram no nosso bairro no último domingo. Nosso pastor tinha se matado com um tiro, depois de matar a mulher e a filha, porque os russos invadiram o seu porão e começaram a abusar sexualmente da menina. Frau H. matou a tiros os dois filhos, para depois cortar os pulsos da filha e os seus próprios. As duas sobreviveram. Nossa professora, a srta. K., se enforcou porque era nazista. O chefe da seção local, “S.”, se matou com um tiro e Frau N. tomou veneno. Felizmente o gás está desligado, caso contrário, mais pessoas ainda teriam se matado; nós mesmos talvez o tivéssemos feito. Eu fiquei tão confusa! Não estava vendo nenhuma saída, achava que também seria tomada por um russo. Eu teria feito um aborto, não quero trazer um filho russo ao mundo.

Na sexta-feira passada, o novo prefeito fez um discurso no mercado. Trata-se de um antigo comunista que passou os anos Hitler em Moscou. A primeira coisa que ele disse foi que, daqui para a frente, éramos

todos comunistas! Quer dizer que mudamos da noite para o dia. Um dia, todo mundo é nazista, e no dia seguinte somos comunistas. Da camisa parda para a vermelha. É ridículo. Agora todo mundo quer entrar para o Partido Comunista, mas é difícil para quem não era membro antes. Foi interessante ouvir pessoas comuns conversando entre si. Elas criticavam Hitler, mas algumas também criticavam o bolchevismo. Eu vou me manter bem distante de toda essa lenga-lenga partidária. A única coisa que eu posso ser é social-democrata, como meus pais.

Nesse dia, enquanto as forças americanas liberavam os sobreviventes do campo de concentração de Dachau e as tropas soviéticas entravam em Ravensbruck, Hitler redigia seu testamento e preparava-se para o casamento com Eva Braun.

Quatro dias depois, quando Berlim já estava tomada pelo Exército Vermelho, o soldado alemão Klaus Granzow, 16 anos, combatia em Luttowitz, 64 quilômetros a leste de Dresden.

3 de maio de 1945

Estamos sob constante bombardeio. Atiramos na direção de Radibor, a 2-3 quilômetros daqui. Temos alguns regimentos de cavalaria combatendo ao nosso lado perto daqui, os ferozes cossacos com seus cavalinhos e unidades vlassovitas. Eles cavalgam suas montarias como o demônio; quando passam, dá para ver a tensão nos seus rostos. Eles estão em má situação. Estarão mortos se caírem nas mãos dos russos, mas continuam se comportando com orgulho e dignidade. Não podemos falar com eles, dar-lhes nada ou nos aproximar deles. O fogo de artilharia foi mais pesado na parte do bosque ocupada por eles. Todas as árvores foram derrubadas, havia cavalos mortos de barriga inchada por toda parte e cadáveres de alemães ou cossacos, sendo impossível distinguir uns dos outros.

Maldita guerra! Maldita!

5 de maio de 1945

Em nossa última posição ainda conseguimos viver bastante bem, pelo menos em termos de comida, pois abatemos um carneiro e um porco. Já foi acertado um armistício no oeste, a coisa está chegando ao fim e correm os boatos mais loucos. Dizem que os americanos vão libertar os prisioneiros, rearmá-los e atirá-los contra os bolchevistas, para expulsá-los da Alemanha. Nossa pátria terá de ser liberada novamente em algum momento. Há quem tenha a esperança de um outro ataque, mas a maioria de nós espera simplesmente que ele acabe. Todo mundo diz que continuaria combatendo se pudesse unir forças com os americanos contra os russos, enquanto durar a guerra.

Estamos novamente cercados, os russos nos apanharam provavelmente numa espécie de grande círculo que chega até a antiga frente ocidental.

Tanta coisa aconteceu nos últimos dias. Hitler está morto. Dizem que ele levou um tiro. Stalin também estaria morto. Em que devemos acreditar? Está tudo desmoronando.

E nós fomos criados para acreditar numa Grande Alemanha nacional-socialista, que já não existe mais.

Minha grande convicção é no cristianismo. Mas se isso também desmoronasse, como seria?

Nesse dia, Brian escreveu a Trudie da RAF, em Rivenhall.

5 de maio de 1945

Querida Trudie,

Acho que agora pode acontecer a qualquer momento. Tenho para mim que acharemos tudo natural, como aconteceu com a suspensão dos blecautes e o fim dos bombardeios aéreos. Talvez não sejam coisas muito importantes para você, mas são muito importantes para nós aqui. A vida será muito irreal por bastante tempo. Creio que muito em breve eu e os homens da minha idade seremos mandados para o Extremo Oriente. Depois que nossos equipamentos forem transportados, não acredito que o Japão possa resistir mais que 18 meses. Os homens mais velhos estão contando serem dispensados logo, mas de minha parte não creio que eu venha a ser liberado antes do fim de 1946 ou do início de 1947. Suponho que seja uma das punições por ser jovem.

Eu vi os filmes com as atrocidades em Buchenwald. É impossível para mim descrever as cenas. Os que ainda estavam vivos ficavam vagando como zumbis, ou melhor, seus ossos é que vagavam. A vida não significava absolutamente nada para eles. Espero que esse filme seja mostrado na América. É revoltante, mas muito necessário mostrá-lo a todo mundo.

Não sei se já lhe disse, mas ganhei um rádio há algumas semanas. Agora tenho um portátil de três válvulas. Mas é claro que não posso levá-lo para fora do alojamento, a menos que esteja em missão.

Como vai você no momento? Imagino que esteja tudo bem. Pelo menos, espero. Por favor dê lembranças aos seus. Até logo, por enquanto.

Com amor,

Brian

Quatro dias depois, Klaus Granzow voltava a escrever em seu diário, da Boêmia, na Tchecoslováquia, anexada pela Alemanha como parte dos Sudetos em 1938.

9 de maio de 1945

3h. A guerra acabou. Nosso comandante acaba de nos dizer. Também foi decretado um armistício no leste. Nós perdemos a guerra. Todo mundo deposita esperanças nos americanos. Nós vamos tentar chegar até a parte ocidental. Vamos deixar para trás os lançadores de foguetes e enterraremos por perto 16 cartuchos de munição.

Jogamos fora tudo o mais: máscaras de gás, disparadores e todo o resto da tralha. Não queremos ficar carregando equipamentos, para o caso de sermos capturados pelos russos. Há quem já tenha conseguido roupas civis. Consegui uma roupa de couro no depósito naval, e é o que vou vestir. Mas onde é que vamos poder desaparecer? Não sabemos que lugares foram tomados pelos russos, nem por onde podemos chegar ao ocidente.

23h. Ao sul de Tetschen-Bodenbach. Que dia! Eu estou quebrado. Mas não consigo dormir. Jamais esquecerei o dia de hoje, até o fim da vida. Nós tínhamos um plano: chegar ao Elba a pé, conseguir um barco e chegar a Hamburgo durante a noite.

Muito rapidamente nos perdemos do resto do pelotão. Depois de 20 quilômetros, encontramos alguns caras da outra unidade. Eles acharam alguns caminhões danificados num bosque e conseguiram criar uma verdadeira obra de arte — botaram um caminhão para funcionar com um monte de ferro-velho. Fomos passando por cima de raízes de árvores e pedregulhos até cairmos numa trincheira, e o caminhão virou, mas felizmente ninguém ficou ferido.

Em Böhmisch-Leipa. Encontramos um homem com um cavalo e uma carroça. Ele não disse uma palavra, acho que era tcheco, mas nos deixou subir. Quando chegamos à cidade, o caos era total! O tcheco parou a carroça e fez um gesto indicando que a gente tinha de sair correndo. Apontou para o norte, depois, para debaixo do braço, e fez um sinal, como se cortasse a garganta. Nós entendemos o que ele queria dizer: os tchecos estavam buscando soldados da SS. Eles têm o tipo sanguíneo tatuado debaixo do braço; qualquer um que tenha uma tatuagem é morto na hora. Nós saímos correndo — felizmente eu não fui obrigado a entrar para a SS no meu Campo de Prontidão Armada!

Chegamos ao Elba. Não havia nenhum barco à vista, apenas milhares de soldados em busca de um. Alguns faziam jangadas, outros saíam nadando. Muitos se afogavam. O caos era total, todo mundo queria chegar ao ocidente.

Até que chegou uma balsa, que imediatamente ficou cheia. Foi a minha sorte. Nós que estávamos de pé na margem fomos nadando até a embarcação. Não tenho a menor ideia de como consegui subir. Consegui juntar força nos braços, fui empurrado e puxado até me ver no convés. Mal tive tempo de torcer minhas roupas encharcadas, e já estávamos do outro lado.

E agora eu tenho de prosseguir sozinho, rumo ao norte, até Dresden! Encontrei meu primeiro russo, pouco antes de Tetschen. Pensei com meus botões: é agora, mas ele correu na minha direção com seu uniforme imundo, a arma pendurada no ombro, e me abraçou. Não era mais velho que eu, e ficava rindo e gritando: “A guerra acabou! A guerra acabou!” E lá fomos nós, gritando “Estou voltando para casa!”, acenando a despedida com os dois braços.

Aquele russo estava certo: nós todos deveríamos poder ir para onde quiséssemos. Ninguém deveria nos fazer prisioneiros, tinham simplesmente de permitir que cada soldado voltasse para casa!

Voltar para casa! Dá para imaginar que eu vou voltar para casa? Primeiro, preciso dormir um pouco. Estou deitado num celeiro, descansando. Prosseguirei amanhã. Querido Deus, por favor me ajude a chegar em casa.

Pouco mais de uma semana depois da tomada de Berlim pelo Exército Vermelho, a berlinense Lieselotte G., 16 anos, estava inconsolável com seu destino, humilhada por ter de obedecer a ordens dos soviéticos.

9 de maio de 1945

Por que foi que Deus nos transformou em escravos? É de cortar o coração. Que foi que aconteceu com o povo alemão? Acho que eu não vou conseguir sobreviver a isso, mas os caminhos de Deus são misteriosos. Ele decide o nosso destino; se sobrevivermos, estas páginas serão uma eterna lembrança da nossa humilhação.

Das 7h45 até as 18h ou 19h, somos obrigados a trabalhar duro, carregando pedras. Pura e simples intimidação. Há supervisores que nunca acham que estamos trabalhando em boa velocidade. Não estou acostumada com trabalho braçal, faz calor e não temos nada para comer. Recebemos meio quilo de carne por semana e um quilo de pão. De modo que dá para comer três fatias (duras) por dia. Dias atrás, os russos nos filmaram, para registrar as mulheres trabalhando duro. Fiquei tão revoltada com aqueles sorrisos deles, tão obviamente sentindo prazer de ver as mulheres alemãs atormentadas daquele jeito, forçadas a trabalhar e a suar. Onde está nossa liberdade? Estará apenas em ti, querido Deus? Mas não permites o suicídio!

E amanhã é o dia da Ascensão.

Os russos estão planejando um grande espetáculo de fogos de artifício. Comemorações da vitória.

Depois de conseguir atravessar o Elba, Klaus Granzow prosseguiu para oeste.

10 de maio de 1945

Estou novamente em Dresden, pela terceira vez em semanas. É um pesadelo. Todo mundo vive com medo. Os russos comemoram a vitória correndo atrás de mulheres e garotas. Uma família me acolheu, pois o filho deles tem a mesma idade que eu. Deram-me uma cama para passar a noite e alguma comida. Deixaram-me até tomar um banho! A mulher disse: “Outras mães vão tratar o meu filho assim também, eu sei que vão!”

Mas como foi que cheguei tão rápido a Dresden? Já era meio-dia e estava ficando muito quente quando de repente nos deparamos com um posto de controle russo. Um comissário me puxou para fora do caminhão e tirou a minha jaqueta de couro. Eu fiquei chocado, mas o russo riu e me deu em troca seu casaco de lona. Pudemos então prosseguir em nossa viagem. Assim que voltei ao caminhão, tratei rapidamente de virar minhas calças de couro pelo avesso. Se elas também fossem roubadas, eu teria de chegar em casa de cuecas.

No fim das contas, fui caminhando para Dresden com um rapaz trajando um uniforme listrado de campo de concentração. Ele me contou coisas terríveis, que me pareciam difíceis de acreditar. Ele era apenas pele e ossos. As mulheres lhe ofereciam roupas, mas ele dizia que se sentia mais seguro em seu uniforme de prisioneiro. Só pensava em chegar a Berlim.

Mas para onde eu vou agora?

Ainda muito distante de sua casa em Moscou, Elvira Filippovich, 10 anos, descrevia as comemorações da vitória na cidade ucraniana de Mariupol, na companhia da mãe, da baba e dos vizinhos.

10 de maio de 1945

A guerra acabou ontem. Na rua, os alto-falantes proclamavam a notícia, mas no nosso apartamento a gente chorava baixinho: Vera tinha nas mãos um telegrama de comunicado de morte. Masha não recebeu nenhum telegrama assim, nem nenhuma carta, há quatro meses. Minha *baba* também estava chorando e de repente começou a brigar com mamãe: “Está na hora de voltar para casa, voltar para o nosso canto!” E minha mãe dizia: “Mas não vão nos permitir voltar para lá! A casa foi ocupada! Por um oficial do NKVD!” Mas *baba* não desistia: “Nós podemos viver no corredor. E Vladik? Para onde ele vai?” Vladik é o irmão de mamãe, está desaparecido desde a primavera de 1942. Provavelmente está morto. A maioria dos voluntários morreu na época. Mas *baba* tenta convencer mamãe de que seu querido Vladik está vivo, é o que ela sente no coração. Mamãe finalmente conseguiu acalmar *baba*. Ela disse que informou aos vizinhos onde estamos, caso Vladik volte.

À noite, os vizinhos e algumas outras mulheres vieram ao nosso apartamento, um por um. Tinham o rosto coberto de lágrimas e um ar de culpa, tentando convencer *baba* a “ler as cartas”. *Baba* botou as cartas e convenceu todos eles, um após o outro, de que seu ente querido estava “vivo”, ou então que “voltaria”. Depois disso, os vizinhos se acalmaram e nos trouxeram doces. Nós fizemos chá e

começamos a nos cumprimentar pelo fim da guerra. Depois, todos entoaram canções e começaram a chorar de novo.

Vladik, o tio de Elvira, jamais retornaria; foi um dos cerca de 27 milhões de cidadãos soviéticos que morreram na guerra.

Na Grã-Bretanha, Brian compartilhava abertamente detalhes das comemorações do Dia da Vitória com sua Trudie.

12 de maio de 1945

Querida Trudie,

Está tudo acabado, agora, e a vida de tal forma voltou ao normal que eu às vezes esqueço que a guerra com a Alemanha chegou ao fim. Também estou meio na expectativa, porque, se tiver de ir para o Comando do Sudeste Asiático, prefiro ir logo, em vez de ficar perdendo tempo aqui. Agora o futuro já não parece tão assustador, pois podemos enxergar o caminho aberto para a total vitória.

Sei que você vai me contar como o Dia da Vitória foi comemorado em Miami. Eu lhe contarei o que fiz (se você não se envergonhar de mim!). Antes eu tinha decidido ir à igreja, mas resolvi comemorar com uma certa moderação, pois a guerra ainda não tinha acabado realmente. Mas na companhia dos rapazes a bebida começou a correr numa verdadeira torrente. Não dava para deixar de perceber que todas as preocupações de quase seis anos de guerra, o medo da morte iminente, tudo estava sendo deixado de lado, e havia um novo espírito no ar. Quando já estávamos todos bem alegres, encontramos alguns amigos. Uma mulher que conhecemos numa cantina que frequentamos e seu marido (preste bem atenção!) nos convidaram para ir à sua casa. A festa foi esquentando e ficando frenética. Nós bebemos, dançamos e cantamos, bebemos ainda mais e depois acendemos uma enorme fogueira na rua, dançando em volta dela até ficarmos tontos. Depois disso, eles nos levaram à casa de seus amigos, onde a coisa toda continuou. Pensando bem, Trudie, eu não bebo muito e nem chego perto de álcool, mas nessa noite bebi cerveja, uísque, gim, xerez, coquetéis e champanhe, de modo que à meia-noite estava completamente bêbado. À 1h30, caí de cara no chão, o que fez com que me levassem para a cama. Só dei conta de mim quando estava sendo acordado às 9h, com chá e muitas aspirinas. Não consegui tomar o café da manhã, pois minha cabeça parecia feita de chumbo. Mais tarde, fiquei sabendo que fizera amor violentamente com a mulher de um dos caras (uma mulher de 34 anos, com dois filhos). Não pude deixar de me ruborizar, e todo mundo caiu na gargalhada. Não me envergonho de toda essa bebedeira porque era uma ocasião especial, não é mesmo, Trudie? Por favor, diga que sim!

Fiquei feliz por você ter finalmente mandado os instantâneos. Estão absolutamente geniais. Gostei do que tem o cabelo armado e o vestido de gola alta. Há algo de extraordinário na expressão do seu rosto, tão sério, eficiente e, se assim posso dizer, tão lindo. Não entendo por que você fica se queixando da sua aparência — vai por mim, é magnífica. Você se veste com tanta elegância, Trudie, que eu daria um ano do meu salário só para ser visto saindo com você!

P.S.: Os brincos lhe caem muito bem.

Bem, amanhã vou para Londres numa licença de 48 horas. Semana que vem eu conto o que fiz. Até logo, por enquanto.

Com amor,

Brian

Em Berlim, Lieselotte G. se adaptava a sua primeira primavera de paz em seis anos.

11 de maio de 1945

Amanhã é o Aniversário Dela. Sinto perfume de lilás de novo, como sempre acontece de dois em dois anos. Tenho colhido tulipas no jardim, exatamente como fiz no ano passado, no dia em que tive minha última aula com ela. Quanta coisa mudou desde então! Ela perdeu o marido e o pai. A Alemanha caiu, ocupada. E no entanto eu ainda a amo exatamente como antes. Talvez já não seja a própria Frau L. que eu amo, talvez ela seja a encarnação de uma ideia, a ideia de tudo que é belo, bom, nobre e verdadeiro neste mundo. Ouvimos boatos de paz, mas ninguém sabe mais nada com certeza. A gente costumava ter de fazer muita força para simplesmente imaginar como seria a paz. Paz! Depois de seis anos!

17 de maio de 1945

O pequeno R. me disse hoje que quase todos os rapazes do grupo Bann 120 da Juventude Hitlerista morreram na batalha de Berlim, a maioria na rua Heer. É onde estava Bertel. Eu nem consigo acreditar. Mas Frau L. também não acreditou, e veja só o que aconteceu! Ó, Bertel! Tantos soldados deram um jeito de escapar, de fugir, mas Bertel era empolgado demais para isso. E para quê? Por Hitler? Pela Alemanha? Pobre rapaz! Você estava tão arrasado, será que tinha realmente de pagar com o próprio sangue? Por que agora, quando todo mundo sabe que é uma causa perdida, que nada pode nos salvar? Ó, Bertel! Eu nunca o entendi realmente. Você nunca se abriu. Não entendo realmente o que foi que o levou à morte. Será que eu devo ficar zangada com você por seu fanatismo cego ou respeitar o fato de ter sido tão patriota? Será que optou por morrer para não carregar a vergonha da escravidão? Será que não viu que Hitler também nos transformara em escravos? Ou será que só estava comprometido com Hitler pelo juramento que foi obrigado a fazer? Não poderia ter feito algo mais útil pela Alemanha, nossa sagrada pátria, do que buscar essa morte sem sentido? Acredito que a Alemanha voltará a ser livre e bela. Talvez nossos netos cheguem a ver esse dia.

É tudo tão terrível, e o pior é que eu começo a me dar conta, cada vez mais, de como sou má e mesquinha.

O irmão de Lieselotte, Bertel, sobreviveu à guerra, assim como ela e Klaus Granzow. Dois meses depois, em julho de 1945, a casa de Lieselotte passou para a esfera de influência soviética, em consequência dos acordos firmados em Potsdam no imediato pós-guerra. A propriedade rural da família de Klaus na Pomerânia passaria para a Polônia, sendo a família obrigada a se estabelecer mais a oeste, assim como milhões de alemães.

Em Potsdam, naquele mês de julho, enquanto os dirigentes ocidentais discutiam as notícias sobre o êxito do teste com a bomba atômica, Churchill sentiu que finalmente se apresentava uma possibilidade concreta de um “fim da guerra com um ou dois choques violentos”. No dia 24 de julho de 1945, o presidente Truman escreveu em seu diário que “a bomba será usada até o dia 10 de agosto”.

No fim daquele fatídico mês de julho, David Kogan comemorava seu 16º aniversário num acampamento de verão para adolescentes judeus no norte do estado de Nova York.

29 de julho de 1945

Hoje estou entrando no meu 16^o ano.

O pessoal do acampamento cantou: “Desejamos paz ao David no seu aniversário.” Naturalmente, foi uma falta de educação da minha parte sair com as minhas roupas sujas, esperando que eles acabassem de cantar. A administração mandou fazer um bolo em minha homenagem, e ele foi servido numa festa, com um pouco de leite e biscoitos. Fui introduzido num interessante costume adotado na Palestina judaica. Fui colocado numa cadeira e amarrado com força, e quatro rapazes fortes me levantaram 16 vezes. É uma enorme emoção. A gente se sente como se estivesse voando.

31 de julho de 1945

Hoje é um dos marcos da minha vida, pois fiz a barba pela primeira vez. Nós fomos para a casa de hóspedes, onde fiquei observando Larry se barbear e, depois que ele acabou, comecei a cobrir o rosto de espuma. Nesse momento, Bob, o motorista do acampamento, chegou e me advertiu contra o que eu estava para fazer, com a expressão sábia de um homem de 25 anos — mas não adiantou. A noite inteira eu senti a pele do rosto retesada, ressecada e incomodando, mas foi uma experiência que jamais esquecerei.

A 6 de agosto de 1945, um bombardeiro B-29 especialmente adaptado lançou uma bomba atômica na cidade japonesa de Hiroshima. Uma segunda bomba atômica seria lançada três dias depois sobre Nagasaki.

14 de agosto de 1945

Desde a entrada da bomba atômica na nossa coleção de armas, na guerra entre os Estados Unidos e o Japão, uma pergunta ansiosa não calava nos lábios de milhões de pessoas: “Até quando?” Finalmente, hoje, depois da ceia, recebemos a notícia. A GUERRA ACABOU. Eu comemorei — mas a minha vibração era vazia, pois não estou envolvido na guerra. Mais tarde, nessa mesma noite, sentado na cama, ou, por outra, deitado, fiquei pensando no significado das palavras VITÓRIA e PAZ. E me dei conta de que pela primeira vez desde 1935 todos os países do mundo, os que estão na liderança e os menos importantes, estão em paz e não tentam exterminar uns aos outros. Percebi que os povos livres haviam triunfado sobre os povos dirigidos por agressores — prevaleceu a Lei Moral de Deus. Percebi que havia muita ESPERANÇA num mundo melhor no espírito dos homens — mais esperança, talvez, que depois de 1919. Espero que possamos alcançar a paz e a prosperidade em todo o mundo.

16 de agosto de 1945

A noite passada foi declarada a “Noite da Vitória”, e foi realmente muito linda. As canções que ajudaram a América a sair vitoriosa em cinco guerras, canções como *God Bless America*, *America*, *Over There*, *When Johnny Comes Marching Home Again*, foram entoadas juntamente com as antigas e modernas canções hebraicas de paz, como *Sholom Aleichem* e outras. Depois de orações e discursos, a noite foi encerrada com as canções das Nações Vitoriosas.

Hoje foi meu dia de folga, e Mary e eu fomos para Lehighton. Viajar é muito bom — estar ao ar livre — ver o campo — conversar com pessoas diferentes. A gente se sente livre como o vento, aprende muita

coisa que não está nos livros.

Com a capitulação do Japão, a guerra finalmente chegava ao fim, tendo ceifado a vida de mais de 50 milhões de pessoas em todos os continentes, em sua vasta maioria civis.

Na Grã-Bretanha, Brian Poole escrevia a Trudie Lach, expressando suas ideias sobre o futuro.

20 de agosto de 1945

Querida Trudie,

Depois de tantas hesitações, finalmente aconteceu. Como foi um autêntico anticlímax, as pessoas não ficaram entusiasmadas do mesmo jeito que no Dia da Vitória. Acho que elas estão sendo muito prepotentes, você não? Os japas estão justificando a própria fama, mostrando-se ambíguos como serpentes, em seus atos e reações, mas eu sei que MacArthur é o homem certo para lidar com eles. Não consigo imaginá-lo dando a eles qualquer oportunidade de enganar os Aliados.

Agora podemos contemplar um período de avanço para um futuro mais brilhante. Se a América, a Rússia e nós mesmos pudermos nos manter unidos, não vejo qualquer motivo para que não haja paz para sempre. Se não o conseguirmos, o mundo estará em turbulência a qualquer momento. Devemos, então, nos dar conta de nossa responsabilidade perante o mundo. Creio que é perfeitamente sabido que, com nosso novo governo, teremos uma política externa mais objetiva, mais honesta e mais adequada para um mundo que precisa de liderança.

Que diabos vêm a ser croquetes de atum? Tenho uma vaga ideia de que o atum é um grande peixe pescado em águas tropicais.

Em resposta à sua pergunta, não vejo motivo para que vocês deixem de construir arranha-céus só porque um piloto imbecil se chocou contra o Empire State Building. Os arranha-céus têm resistido aos elementos, resolveram um problema de limitação de espaço no solo, e portanto os pilotos do futuro precisam conhecer as áreas em que esses prédios estão situados e, em consequência, voar por cima deles. Assim falou Poole!

Com amor,

Brian

Exatamente seis anos depois da invasão da Polônia pela Alemanha, o nova-iorquino David Kogan fazia mais uma anotação em seu diário.

1º de setembro de 1945

Escrevendo no fim do dia, eu ouço a transmissão radiofônica da rendição do Japão ao general MacArthur e representantes das Nações Unidas. Eles estão narrando como se fosse um jogo de beisebol. Só espero que não voltem a jogar mais o jogo da guerra.

Epílogo

Em setembro de 1939, quando sua cidade natal de Ostrów foi anexada ao Terceiro Reich, Edward Niesobski, 16 anos, decidiu entrar para a resistência. Como integrante dos Escoteiros poloneses, Edward desafiava a proibição alemã de todo e qualquer tipo de atividade cultural e linguística polonesa, montando uma escola ilegal para jovens escoteiros numa floresta próxima. Usando rádios e equipamentos roubados, ele treinou as crianças em técnicas de sobrevivência, códigos de sinalização e manejo de armas. Edward foi eleito chefe local dos escoteiros e mais adiante viria a entrar para o Exército Interno polonês como mensageiro, transportando armas e documentos entre distritos poloneses anexados ao Terceiro Reich e o resto da Polônia ocupada. Embora mantivesse um diário nesse período, ele não escrevia sobre suas atividades clandestinas, por medo de comprometer a si mesmo e aos que o cercavam. Duas vezes detido e encarcerado, Edward seria executado por um pelotão de fuzilamento alemão a 19 de julho de 1944, no campo de concentração de Żabików. Seu pai, dois irmãos menores e uma tia também foram executados como membros da resistência. Edward seria condecorado postumamente com a Cruz de Prata por sua contribuição à resistência clandestina dos Escoteiros poloneses durante a Segunda Guerra Mundial.

Ao morrer no gueto de Łódź em agosto de 1943, Dawid Sierakowiak acabara de completar 19 anos. Seus diários foram encontrados depois que os russos liberaram a cidade, em janeiro de 1945, por Waław Szkuclarek, o gentio polonês que ocupava originalmente o apartamento que viria a se tornar a casa dos Sierakowiak no gueto. Szkuclarek encontrou cinco cadernos de anotações junto a um aquecedor, podendo-se presumir que os demais foram queimados por alguém que o alimentava para se aquecer no inverno. Os dois primeiros cadernos foram publicados na Polônia em 1960, em volume organizado por Lucjan Dobroszycki, contemporâneo de Dawid que sobreviveu ao gueto.

O aviador Brian Poole foi desmobilizado da RAF em outubro de 1946, tornando-se professor secundário de geografia em Nottingham, onde conheceu sua futura mulher, Joyce. Eles se casaram em 1953, tiveram duas filhas e fixaram residência em Shropshire. Trudie Lach se casou com um advogado e se estabeleceu na Flórida. Embora ela e Brian tenham continuado a se escrever depois da guerra, nunca se encontraram. Em reconhecimento pelo apoio de Trudie a Brian ao longo dos anos, Joyce ofereceu ao marido uma passagem para se encontrar com ela pessoalmente, mas ele declinou. Os dois continuaram a se corresponder até a morte de Brian, em 1981, aos 56 anos. À morte de Trudie, as cartas de Brian retornaram à Inglaterra, estando hoje arquivadas no Imperial War Museum. As cartas de Trudie a Brian nunca foram encontradas.

Depois da guerra, Micheline Singer trabalhou como intérprete para o Exército americano, indo para a Baviera na condição de tenente do Corpo Auxiliar Feminino de voluntárias e se tornando, nas suas próprias palavras, integrante das forças de ocupação. Com seu futuro marido, o holandês Maurice Bood, ela trabalhou para o Programa Europeu de Recuperação (“Plano Marshall”) em Munique, Heidelberg e Mannheim. Na Alemanha, Micheline localizou o oficial que a deixara em

liberdade ao descobrir seu passe falsificado e lhe enviou alguns pacotes de comida. Micheline e o marido fixaram residência em Paris e tiveram um filho. Desenvolvendo atividades de jornalista e escritora, ela escreveu muitos romances, que não foram publicados. Trabalhava numa biografia de sua parenta Louise Colet, escritora, musa feminista e amante de Flaubert, quando morreu em 1980, aos 54 anos, depois de prolongada doença.

Herbert Veigel deixou a frente russa de volta à Alemanha e passou os dois últimos anos da guerra treinando jovens recrutas. Foi promovido a tenente antes da batalha de Berlim, na qual foi ferido, no momento em que terminava a guerra. Usando roupas civis, ele se fez passar por um trabalhador forçado francês e percorreu uma série de hospitais, acabando num hospital do Exército Vermelho em Varsóvia. Quando ainda se recuperava, um médico russo apresentou-lhe uma “compatriota”, uma judia francesa que sobrevivera a Auschwitz. Ela não o denunciou. Só em 1956 Herbert conseguiria localizá-la. A essa altura, ele havia se formado em odontologia, estava casado, com três filhos, e vivia perto do lugar onde havia crescido, na Floresta Negra. A possibilidade de agradecer a ela, diria Herbert mais tarde, foi um dos grandes momentos da sua vida. Ele já tinha bem mais de 70 anos quando encontrou suas cartas da época da guerra. Elas haviam sido entregues ao seu irmão pela mãe, pouco antes do ataque dos Aliados a Heilbronn em dezembro de 1944, no qual ela e o pai de Herbert foram mortos. Herbert morreu em 2008, aos 86 anos.

Mais de trinta anos depois de se separar do irmão mais velho, Yura Ryabinkin, Ira, a sobrevivente do cerco de Leningrado, agora chamada Irina Ivanovna, leu um artigo de revista em que eram citados trechos do diário dele. Durante vários anos depois da guerra, ela tentara encontrar o irmão e não tinha ideia de que ele mantinha um diário. Acorreu então à redação da revista, para perguntar se sabiam do seu paradeiro, mas os jornalistas sabiam apenas que o diário — um livro de exercícios muito danificado — tinha sido encontrado por crianças da região, que o usaram num trabalho escolar sobre o cerco de Leningrado.

O nova-iorquino David Kogan continuou a manter seu diário depois da guerra, registrando suas ideias sobre a política americana, a religião e a situação mundial, assim como detalhes de suas proezas escolares e de numerosas tentativas de encontros românticos. Concluindo o curso em primeiro lugar, ele ganhou uma bolsa de estudos para a Universidade Cornell. Com um futuro promissor pela frente, David contemplava uma carreira no jornalismo ou na advocacia, mas adoeceu logo depois de se formar. Depois de meses de diferentes tratamentos, ele foi diagnosticado com linfoma e morreu em março de 1951, com apenas 21 anos.

Quando a família de Hachiro Sasaki foi oficialmente informada de sua morte em abril de 1945, recebendo uma medalha e uma pequena quantia, seu pai foi à loja mais próxima e gastou todo o dinheiro numa grande garrafa de saquê. Bebeu em silêncio ao voltar para casa e nunca mais voltaria a trabalhar. A mãe de Hachiro sustentaria a família pelo resto da vida, aceitando inquilinos e vendendo gravatas para fechar as contas no fim do mês. O nome de Hachiro só voltaria a ser pronunciado depois da morte do pai. Não houve um funeral nem qualquer serviço religioso em sua memória, mas anos depois seu irmão menor, Taizo Sasaki, já então professor emérito de física na Universidade de Tóquio, publicou o diário de Hachiro em suas memórias.

A partisan soviética Ina Konstantinova foi enterrada na floresta onde morreu, dando cobertura à retirada de seu grupo com fogo de metralhadora. Em 1949, seus restos mortais foram exumados e transferidos para um cemitério na sua cidade natal de Kashin. A casinha de madeira de seus pais foi transformada em museu em sua memória, sendo o seu quarto preservado tal como ela o havia deixado no dia em que fugiu para se juntar aos partisans. Depois da guerra, diferentes ruas e grupos regionais de Jovens Pioneiros foram batizados com o nome de Ina, que, juntamente com milhares de outros

jovens que combateram na guerra, passou a ser considerada um exemplo de coragem e dedicação altruísta às futuras gerações de crianças soviéticas.

Klaus Granzow foi internado num campo de prisioneiros de guerra russo ao terminar a guerra, sendo libertado com tuberculose três meses depois. Voltou para a fazenda de sua família em Mützenow, na Pomerânia ocupada pelos russos, pouco antes de completar 18 anos. A família inteira sobreviveu à guerra. Ela continuou por algum tempo a cultivar suas terras, transformadas pelos soviéticos em fazenda coletiva, mas acabou partindo para a Alemanha Ocidental em 1948, quando a região foi submetida ao controle polonês. Klaus fixou residência em Hamburgo, onde veio a firmar nome como o ator e escritor que sempre sonhara se tornar. Anos depois do fim da guerra, Klaus recuperou seu diário, que havia deixado com Hanni, a filha da família com a qual se alojara, em Hainichen, em 1945. Morreu em 1986, aos 58 anos.

Vasily Baranov deixou de escrever seu diário em janeiro de 1944, mas conseguiu escondê-lo em numerosas buscas e resgatá-lo quando o quartel em que estava foi incendiado durante um ataque aéreo. Lutando pela sobrevivência com poucas rações e qualquer coisa que conseguisse para comer, ele continuou submetido a trabalhos forçados em fábricas de aviões na região oriental da Alemanha. No dia 17 de abril de 1945, Vasily foi libertado por tropas americanas, sendo repatriado em setembro para sua aldeia natal de Merinovka, no sul da Rússia. Pouco depois de voltar, se reaproximou de Olga Karpechko, jovem por quem se apaixonara antes de os dois serem levados para trabalhar na Alemanha em 1943, e com quem conseguira manter contato. Logo depois, eles se casaram, trabalhando juntos numa fazenda coletiva perto de Merinovka. Mais tarde, Vasily se tornaria professor de música, trabalhando numa escola de Briansk até se aposentar. Ainda hoje, Vasily e Olga vivem com os filhos na cidade.

Lieselotte G. entregou seu diário a dois historiadores que pesquisavam relatos autobiográficos em Berlim durante a Segunda Guerra Mundial. Ela não voltara a lê-lo desde a guerra e, ao fazê-lo em anos posteriores, declarou-se surpresa com as “coisas bobas” que havia escrito. Como os pais, Lieselotte desenvolveria ativa militância social-democrata.

Após a liberação de Varsóvia em janeiro de 1945, a família Przybylska voltou à cidade por alguns dias, para o funeral de sua querida Wanda. Depois da guerra, Jadwiga nem conseguia falar do período da revolta, pois era por demais dolorosa a lembrança da irmã morrendo em seus braços. Até a década de 1960, não se podia falar abertamente na Polônia da revolta de Varsóvia, sendo os envolvidos apresentados como inimigos do sistema comunista soviético e dos “autênticos patriotas poloneses”. Jadwiga sequer contou ao filho, Tomasz, sobre a revolta, receosa de que ele falasse a respeito na escola e gerasse problemas para a família. Quando Tomasz completou 14 anos, a mesma idade de Wanda, Jadwiga finalmente deu-lhe seu diário para ler.

As duas judias abrigadas pelos Przybylska em seu apartamento sobreviveram à guerra e permaneceram em Varsóvia. Mais tarde, alguns amigos falariam à Yad Vashem (a Direção da Memória dos Mártires e Heróis do Holocausto) sobre os atos de bravura da família, pelos quais Jadwiga, então a única sobrevivente, receberia o título de “Benfeitora das Nações”.

Um antigo morador do gueto de Łódź, Avraham Benkel, encontrou o diário do menino anônimo ao retornar à cidade em julho de 1945. A casa de Benkel estava em ruínas, e ele achou o diário, escrito nas páginas finais e nas margens do romance *Les vrais riches*, no prédio abandonado ao lado. Guardou-o consigo durante 25 anos, para finalmente entregá-lo à Yad Vashem.

A adolescente japonesa Mikiko Kato continuou cuidando de pilotos dos Ataques Especiais até julho de 1945, quando, ante a perspectiva dos desembarques aliados, foi mandada, por medida de segurança, para uma distante aldeia nas montanhas. Antes de partir, Mikiko fez amizade com o piloto

em treinamento Michiyasu Yamaki, um jovem estudante de Formosa. Dias antes do derradeiro voo de Michiyasu, que deveria partir de uma base aérea na Manchúria, chegou a notícia da rendição japonesa. Embora ele retornasse a sua base, cumprindo ordens, dois de seus colegas colidiram seus aviões num pacto suicida, por não suportarem a vergonha de voltar para casa derrotados. Em 1952, Michiyasu e Mikiko se casaram. O casal manteve uma farmácia em Haramachi até se aposentar. Mikiko Yamaki completou 80 anos em março de 2009.

Elvira Filippovich permaneceu na Ucrânia até deixar a escola em 1952. Embora concluísse o curso em primeiro lugar, ela abriu mão de sua “Medalha de Ouro por Desempenho Escolar” e, com isso, também de uma vaga garantida na universidade que escolhesse, em favor de um colega que ficara órfão em consequência dos expurgos stalinistas. De outra forma, ele não teria muita esperança de entrar para a universidade, ao passo que Elvira se sentia capaz de escolher o caminho que bem quisesse. Retornando a Moscou 11 anos depois de partir, às vésperas da guerra, ela pensou em se tornar jornalista, médica ou física, mas acabou optando pela carreira de veterinária. Sua avó considerava que ela deveria escolher uma profissão segura, com acesso fácil a alimentos, para nunca mais voltar a passar fome. Durante seus estudos, Elvira se apaixonou por um colega da República Tcheca e se casou com ele. Ao se formar, ela e Ivo deixaram a Rússia com a filha pequena, Liena, para trabalhar numa fazenda tcheca. Mais tarde, a família voltaria à União Soviética para trabalhar no desenvolvimento das “Terras Virgens” do Cazaquistão. Tendo conquistado o título de doutora e publicado dezenas de artigos acadêmicos, Elvira continua uma escritora apaixonada, escrevendo contos e até hoje mantendo um diário.

Agradecimentos

Temos muito a agradecer a algumas pessoas que nos estimularam e orientaram, muitas vezes além do cumprimento do dever: Jonathan Lewis e Martin Hitchcock por seu decidido apoio; Natasha Fairweather, nossa agente na AP Watt, constante fonte de estímulo; e a equipe da HarperCollins Publishers, sem a qual este livro não seria o que é agora: nossas editoras Claire Kingston e Louise Stanley, Denise Bates, Kirstie Addis, Susanna Abbott e Katherine Patrick, e nossa editora de texto, Katie Johnson.

As seguintes pessoas contribuíram através de suas obras ou pessoalmente chamando a nossa atenção para diários ou fornecendo informações, e por isso somos muito gratas: Martin Gilbert; Richard J. Evans; Alexandra Zapruder; Alan Adelson; Kamil Turowski; Michael H. Kater; Nicholas Stargardt; Daniil Granin e Ales Adamovich; Laurel Holliday; Ingrid Hammer e Susanne zur Nieden; Kazimiera J. Cottam; Pavel Polian; Richard Vinen; Emiko Ohnuki-Tierney; Witold Banach; Andrzej Drzycimski; Joan Beddington.

Recebemos enorme ajuda das equipes da British Library, onde passamos boa parte de nosso tempo de pesquisa, do Departamento de Documentos do Imperial War Museum, do United States Holocaust Memorial Museum, do Emanuel Ringelblum Jewish Historical Institute e da Yad Vashem, the Holocaust Martyrs' and Heroes' Remembrance Authority, que saíram de suas rotinas para nos dar assistência.

Pela paciência, os comentários inteligentes e o estímulo na leitura das primeiras versões do manuscrito, somos gratas a Paul Bernays, Natasha Fairweather, Martin Hitchcock, Will Jacob, Jonathan Lewis, John e Tamsin Slyce.

Somos profundamente gratas a Kishi Yamamoto, Małgorzata Chrobak, Klara e Wanda Kemp-Welch pelas excelentes traduções e a Stephen Sharkey pelo sutil aprimoramento das traduções. Num diapasão pessoal, um enorme agradecimento a Ben, Eleanor, Joel, Lukas, Paul, Tristan, Will e Zig, que serviram de constante apoio — e distração.

Um dos maiores prazeres na realização deste livro foi entrar em contato com os autores de diários ainda vivos e parentes dos que morreram. Eles responderam a intermináveis perguntas, forneceram fotografias e contribuíram infinitamente para nossa compreensão dos relatos: nosso muito obrigada a Elvira Filippovich, Tatiana Semionova, Mikiko Yamaki, Thomas e Ilona Veigel, Jadwiga, Tomasz e Andrew Wolf, Waltraud e Norbert Schlichting, Maurice Hendrik Bood, Christophe Bood, Nicole Singer, Joyce Poole, professor Taizo Sasaki, Jan Kahn e Dorothy Miller.

Finalmente, somos muitíssimo gratas aos 16 jovens cujos notáveis relatos constituem a base deste livro.

Autorização para reprodução de trechos:

Agradecemos a autorização para reproduzir trechos das seguintes obras (todas mencionadas na Bibliografia):

Trechos do diário do Menino Anônimo, com autorização de Yad Vashem, The Holocaust Martyrs' and Heroes' Remembrance Authority, e de Alexandra Zapruder. Trechos de Vasily Baranov, *Dnevnik Ostarbeitera* [Diário de um Ostarbeiter], com autorização de Pavel Polian; tradução de Svetlana Palmer. Trechos de Micheline Bood (*née* Singer), *Les Années Doubles: Journal d'une Lycéenne sous l'occupation* [Os anos de duplicidade: Diário de uma ginásiana durante a Ocupação], com autorização de Maurice Bood; tradução de Sarah Wallis. Trechos do diário de Elvira Filippovich: *Ot pionerki do chelnoka pensionerki* [De uma jovem pioneira a uma velha pensionista], com autorização da autora; tradução de Svetlana Palmer. Trechos do diário de Lieselotte G., in *Sehr selten habe ich geweint: Briefe und Tagebücher Aus dem Zweiten Weltkrieg von Menschen aus Berlin*, com autorização dos editores, Ingrid Hammer e Susanne zur Nieden; tradução de Sarah Wallis. Trechos de *Tagebuch eines Hitlerjungen 1943-1945* [Diário de um membro da Juventude Hitlerista], de Klaus Granzow, com autorização de Waltraud Schlichting; tradução de Sarah Wallis. Trechos de *The Diary of David S. Kogan*, editado com introdução de Meyer Levin, Beechhurst Press Inc., Nova York, 1955, com autorização da viúva de Meyer Levin, Tereska Torres. Trechos do diário de Ina Konstantinova: *Defending Leningrad: Women Behind Enemy Lines*, com autorização da editora, Kazimiera J. Cottam ph.D. Trechos do diário de Edward Niesobski: *Dziennik harcerza i 'Szarotki' (1939-1944)* [Diário de um escoteiro e sua namorada], com autorização de Andrzej Drzycimski; tradução de Małgorzata Chrobak e Svetlana Palmer. Trechos dos documentos inéditos de Brian Poole com autorização dos Trustees of the Imperial War Museum, Department of Documents, e Joyce Poole. Trechos do diário de Wanda Przybylska, com autorização de Jadwiga Wolf; tradução de Sarah Wallis. Trechos do diário de Yura Ryabinkin, publicado in *Blokadnaya Kniga* [O livro do cerco] por Daniil Granin e Ales Adamovich; tradução de Svetlana Palmer. Trechos de Hachiro Sasaki, *Seishun no Isho: Seimei ni Kaete, Kono Nikki, Ai* [Um testamento da juventude: Diário e amor, na ausência de vida], usado com autorização de Taizo Sasaki; tradução de Kishi Yamamoto. Trechos de *The Diary of Dawid Sierakowiak*, cadernos 2 e 4 dos arquivos do Emanuel Ringelblum Jewish Historical Institute de Varsóvia e cadernos 1, 3 e 5 dos arquivos do United States Holocaust Memorial Museum; tradução de Klara e Wanda Kemp-Welch. Trechos de Herbert Veigel, *Christbäume* [Chamas], com autorização de Thomas Veigel; tradução de Sarah Wallis. Trechos de Mikiko Yamaki (Kato), *Inochi — A Diary of a Girl in War*, com autorização da autora; tradução de Kishi Yamamoto. Cartas de Kukimoto Nobuhide com autorização de seu irmão, sr. Kukimoto; tradução de Kishi Yamamoto.

Foram envidados todos os esforços para entrar em contato com os detentores dos direitos antes da publicação. Nossas desculpas a algum detentor de direitos inadvertidamente omitido. Teremos o prazer de incluir as devidas menções em futuras edições.

Bibliografia

Diários e cartas:

MENINO ANÔNIMO

Łódź Ghetto: Inside a Community Under Siege, compilado e organizado por Alan Adelson e Robert Lapidés, Penguin, Nova York, 1991 (trechos); diário completo publicado sob o título *Les Vrais Riches Notizen am Rande: ein Tagebuch aus dem Ghetto Łódź*, editado por Hanno Loewy e Andrzej Bodek (*Mai bis August 1944*), Reclam, Leipzig, 1997; trechos publicados in Alexandra Zapruder, *Salvaged Pages*, tradução de Dana Keren, Yale University Press, New Haven, CT, 2004.

VASILY BARANOV

Dnevnik Ostarbeitera, editado e apresentado por Pavell Polian; revista literária *Znaniye*, edição 5/1995, Moscou, 1995; P. Polian e N. Pobol, *Nam Zapretili Bely Svet...*, Rosspen, Moscou, 2005.

MICHELINE SINGER

Micheline Bood, *Les Années Doubles: Journal d'une Lycéene sous l'occupation*, Robert Laffont, Paris, 1974.

ELVIRA FILIPPOVICH

Elvira Filippovich, *Ot pionerki do chelnoka pensionerki*, Saturn, Podolsk, 2000.

LIESELOTTE G.

Ingrid Hammer e Susanne zur Nieden (orgs.), *Sehr selten habe ich geweint: Briefe und Tagebücher aus dem Zweiten Weltkrieg von Menschen aus Berlin*, Schweizer Verlagshaus, Zúrique, 1992.

KLAUS GRANZOW

Tagebuch eines Hitlerjungen 1943-1945, Carl Schünemann Verlag, Bremen, 1965.

DAVID KOGAN

The Diary of David S. Kogan, organizado e apresentado por Meyer Levin, Beechurst Press Inc., Nova York, 1955.

INA KONSTANTINOVA

Devushka iz Kashina, Molodaya Gvardiya, Moscou, 1947; *Devushka iz Kashina: Dnevnik i Pis'ma, I. Konstantinova, Vospominaniya i Ocherki o Ney*, Moskovskiy Rabochiy, Moscou, 1974; *La Jeune Fille de Kachine*, organizado e traduzido para o francês por Elsa Triolet, Les Éditeurs Français Réunis, 1950; *Defending Leningrad: Women Behind Enemy Lines*, organizado e traduzido por Kazimiera J. Cottam ph.D., Focus Publishing, Newburyport, MA, 1998.

EDWARD NIESOBSKI

Edward Niesobski e Jadwiga Pfeiferówna, *Dziennik harcerza i 'Szarotki' (1939-44)*, Zakład Narodowy im Ossolińskich-Wydawnictwo Wrocław, Polônia, 1986.

BRIAN POOLE

Correspondência inédita, Department of Documents, Imperial War Museum, Londres.

WANDA PRZYBYLSKA

Czqstka mego Serca, Cytelnik, Varsóvia, 1969; *Una Parte del mio Cuore*, tradução de Carlo Angli e Remo Pedace, Sandron, Florença, 1963; *Journal de Wanda*, organizado e traduzido por Zofia Bobowicz, Cana, Paris, 1981; *Ein Teil Meines Herzens*, tradução de Lucie Ranft e Renate Weiss, Donat-Verlag, Bremen, 2006.

YURA RYABINKIN

Trechos publicados in *Blokadnaya Kniga* por Daniil Granin e Ales Adamovich, Sovetsky Pisatel, Moscou, 1979.

HACHIRO SASAKI

Seishun no Isho: Seimei ni Kaete, Kono Nikki, Ai, organizado por Fujishiro Hajime, Showa Shuppan, 1981.

DAWID SIERAKOWIAK

The Diary of Dawid Sierakowiak: Five Notebooks from the Łódź Ghetto, organizado por Alan Adelson, tradução de Kamil Turowski, Bloomsbury, Londres, 1996; *Dziennik Dawida Sierakowiaka*, organizado por Lucjan Dobroszycki, Iskry, Varsóvia, 1960 (Cadernos 2 e 4); Cadernos 1, 3 e 5, Art and Artifacts Archive, United States Holocaust Memorial Museum.

HERBERT VEIGEL

Christbäume, Dietz Verlag, Berlim, 1991.

MIKIKO YAMAKI

Inochi — A Diary of a Girl in War, Hakuteisha Inc., Tóquio, 1996.

Obras de referência:

Adelson, Alan e Robert Lapides (orgs.), *Łódź Ghetto: Inside a Community under Siege*, Penguin, Nova York, 1991.

Aldrich, Richard J., *Witness to War: Diaries of the Second World War in Europe and the Middle East*, Doubleday, Londres, 2004.

Ambrose, Stephen E., *Handbook on German Military Forces*, Introduction, Louisiana State University Press, Baton Rouge e Londres, 1990.

Axell, Albert e Hideaki Kase, *Kamikaze: Japan's Suicide Gods*, Longman, Londres, 2002.

Banach, Witold, *Ostrów pod znakiem pegaza* Wydawnictwo Poznańskie, Poznań-Ostrów Wielkopolski, 2005.

Barnard, Christopher, *Language, Ideology, and Japanese History Textbooks*, Routledge Curzon, Londres e Nova York, 2003.

Beevor, Antony e Artemis Cooper, *Paris after the Liberation: 1944-1949*, Penguin, Londres, 1994.

Beevor, Antony, *Berlin: the Downfall*, Viking, Londres, 2002.

Beevor, Antony, *Stalingrad*, Viking, Londres, 1998.

Berger, Joseph e Dorothy, *Small Voices, A Grownup's Treasury of Selections from the Diaries, Journals and Notebooks of Young Children*, Paul S. Eriksson, Inc., Nova York, 1966.

Breloer, Heinrich (org.), *Mein Tagebuch, Geschichten vom Überleben, 1939-47*, Verlagsgesellschaft Schulfernsehen, Colônia, 1984.

Browning, Christopher, *The Origins of the Final Solution*, Heinemann, Londres, 2004.

- Daniels, Gordon, "Japanese Domestic Radio and Cinema Propaganda, 1937-1945: an Overview", in *Film and Radio Propaganda in World War II*, organizado por K. R. M. Short, Croom Helm, Londres e Camberra, 1983.
- Davies, Norman, *Rising'44: The Battle for Warsaw*, Macmillan, Londres, 2003.
- Dobroszycki, Lucjan (org.), *The Chronicle of the Łódź Ghetto 1941-44*, tradução de Richard Lourie, Joachim Neugroschel e outros, Yale University Press, New Haven e Londres, 1984.
- Duménil, Anne, Nicolas Beaupre e Christian Ingrao, *1914-1945: L'ère de la Guerre, Nazisme, Occupations, Pratiques Génocides, Tome 2, 1939-45*, Agnès Vienot, Paris, 2004.
- Earhart, David C., *Certain Victory, Images of World War II in the Japanese Media*, M. E. Sharpe Inc., Nova York e Londres, 2008.
- Ehrenburg, Ilya, *Lyidi, Gody, Zhizn*, Khudozhestvennaya Literatura, Moscou, 1967.
- Evans, Richard J., *The Third Reich at War*, Penguin, Londres, 2008.
- Fifty Years of Japanese Broadcasting*, organizado por History Compilation Room, Radio & TV Culture Research Institute, Nippon Hoso Kyokai, Japan NHK, Tóquio, 1977.
- Filipovich, Zlata e Melanie Challenger, *Stolen Voices: Young People's War Diaries, From World War I to Iraq*, Penguin, Londres, 2006.
- Fussell, Paul, *Wartime: Understanding and Behaviour in the Second World War*, Oxford University Press, Nova York e Oxford, 1989.
- Gilbert, Martin, *Second World War*, New Edition, Phoenix Press, Londres, 2000.
- Goodwin, Doris Kearns, *No Ordinary Time, Franklin and Eleanor Roosevelt: The Home Front in World War II*, Simon & Schuster, Nova York e Londres, 1994.
- Haste, Cate, *Nazi Women*, Channel 4 Books, Londres, 2001.
- Herf, Jeffrey, *The Jewish Enemy: Nazi Propaganda during World War II and the Holocaust*, The Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge, MA, 2006.
- Hilberg, Raul, *The Destruction of the European Jews*, Yale University Press, New Haven, CT, 2003.
- Holliday, Laurel, *Children's Wartime Diaries: Secret Writings from the Holocaust and World War II*, Pocket Books, Simon & Schuster, Nova York, 1995.
- Horwitz, Gordon J., *Ghettostadt: Łódź and the Making of a Nazi City*, Harvard University Press, Cambridge, MA, 2008.
- Kater, Michael H., *Hitler Youth*, Harvard University Press, Cambridge, MA, 2004.
- Keegan, John, *The Second World War*, Hutchinson, Londres, 1989.
- Knopp, Guido, *Hitler's Children*, tradução de Angus McGeoch, Sutton Publishing, Stroud, 2002.
- Lewis, Jonathan e Ben Steele, *Hell in the Pacific: from Pearl Harbor to Hiroshima and Beyond*, Channel 4 Books, Londres, 2001.
- Lingeman, Richard R., *Don't You Know There's a War On? The American Home Front 1941-45*, G. P. Putnams, Nova York, 1976.
- Lomagin, N. A., *V tiskakh goloda. Blokada Leningrada v dokumentach germanskikh spetssluzb i NKVD*, Evropeiskii Dom, São Petersburgo, 2000.
- Longmate, Norman, *How We Lived Then: A History of Everyday Life in the Second World War*, Hutchinson, Londres, 1971.
- Nikitin V. A. (org.), *Neizvestnaya Blokada: Leningrad 1941-44*, Limbus Press, São Petersburgo, 2002.
- Ohnuki-Tierney, Emiko, *Kamikaze, Cherry Blossoms, and Nationalisms: The Militarization of Aesthetics in Japanese History*, University of Chicago Press, Chicago e Londres, 2002.
- Ohnuki-Tierney, Emiko, *Kamikaze Diaries, Reflections of Japanese Student Soldiers*, University of Chicago Press, Chicago e Londres, 2006.

- Overy, Richard, *Russia's War*, Allen Lane, Londres, 1998.
- Paulsson, dr. G. Steve, *The Holocaust*, Imperial War Museum, Londres, 2000.
- Polian, Pavel, *Zhertvy Dvukh Diktatur*, Rosspen, Moscou, 2002.
- Pryce-Jones, David, *Paris in the Third Reich 1940-44*, Holt, Rinehart & Winston, Nova York, 1981.
- Stargardt, Nicholas, *Witnesses of War: Children's Lives under the Nazis*, Jonathan Cape, Londres, 2005.
- Tuttle, William M., *Daddy's Gone to War: The Second World War in the Lives of America's Children*, Oxford University Press, Nova York e Oxford, 1993.
- Vinen, Richard, *The Unfree French: Life under the Occupation*, Allen Lane, Londres, 2006.
- Ward, Geoffrey C. e Ken Burns, *The War: An Intimate History 1941-1945*, Alfred A. Knopf, Nova York, 2007.
- Yamanouchi, Midori e Joseph L. Quinn SJ (trad.), *Listen to the Voices from the Sea (Kike Wadatsumi no Koe)*, University of Scranton Press, Scranton, PA, 2000.
- Yamashita, Samuel Hideo, *Leaves from an Autumn of Emergencies, Selections from the Wartime Diaries of Ordinary Japanese*, University of Hawaii Press, Honolulu, 2005.
- Zapruder, Alexandra, *Salvaged Pages: Young Writers' Diaries of the Holocaust*, Yale University Press, New Haven, CT, 2004.